

A obsessão
do CEO

PARTE I

JÉSSICA ROCHA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A obsessão
do CEO
PARTE I

JÉSSICA ROCHA

A obsessão
do CEO

JÉSSICA ROCHA

Capa: Giovana Martins

Revisão: Carina Barreira

Diagramação: Sandra Almeida

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ÍNDICE

NOTA DA AUTORA

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

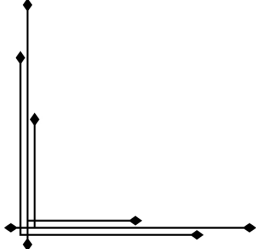
CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

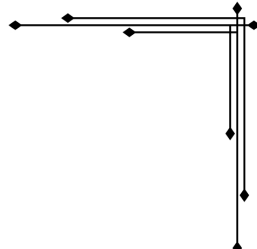
CAPÍTULO 38

AGRADECIMENTOS

SEGUIE A AUTORA NO GRUPO: WHATSAPP



Nota da Autora



NOTAS DA AUTORA

Olá, Maravilhosas.

Primeiramente sejam muito bem-vindos (as).

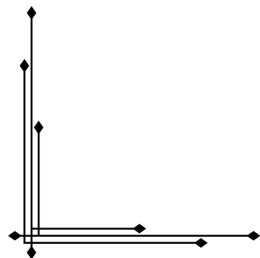
O presente livro se trata de um romance dark.

Possui algumas cenas pesadas de violência e tortura, palavras de baixo calão além de menções a estupro, então respeite seus limites de leitura.

Não concordo e não compactuo com as cenas descritas.

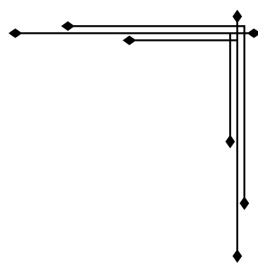
É um livro fictício e seu único intuito é o entretenimento.

Tenham uma ótima leitura.



01

Aurora Stuart



CAPÍTULO 01

4 anos antes

Hoje é meu último dia nesse lugar, passei toda a minha vida aqui por trás desses muros. Sempre que via outras meninas irem embora eu acreditava que esse dia nunca chegaria para mim, ledο engano.

Eu me chamo Aurora Stuart, bem, pelo menos foi assim que me batizaram nesse orfanato onde vivo desde sempre. O lar St. Mary Louis, no Brooklyn, subúrbio de Nova York, foi o lugar que me acolheram, alimentaram, vestiram e me ensinaram valores. Sei que tudo isso deveria ser ensinado por uma família, mas nunca soube o que era isso, nunca!

Nesse pequeno orfanato, tive momentos felizes, tristes, fiquei doente, fiquei sarada. Caí, levantei, ri e chorei. Cada cantinho desse lugar me traz memórias de muitos momentos ao longo desses 18 anos.

Lembro que quando era pequena gostava de passar horas sentada nesse banco do jardim, olhando para os grandes portões de madeira maciça do orfanato, imaginando que a qualquer momento meus pais entrariam por ali e me tirariam desse lugar.

Não dizendo que o orfanato era um lugar ruim, não, longe disso. As freirinhas sempre nos trataram com cuidado e amor. Mas sempre existe um vazio, sabe? Algo que não pode ser preenchido com o carinho de uma freirinha bondosa ou um voluntário que vem no dia das crianças ou Natal, nos presentear.

Não. Por mais que quisesse esquecer, enquanto crescia o vazio sempre estava lá. Às vezes, me perguntava o que havia feito de errado para me abandonarem? Que mal fiz aos meus pais para que eles não pudessem me dar um pouquinho só de amor?

Eu não me importaria se eles fossem mendigos, que não tivessem o que comer. Tenho certeza que seria a criança mais feliz do mundo se pudesse não ter comida, mas tivesse o abraço da minha mãe, me dizendo que tudo ficaria bem.

Ahhh, Deus! Quantas noites chorei pedindo que eles viessem me buscar, quantos natais pedi ao Papai Noel que me desse pais de presente, mesmo quando já não era tão criança e sabia que Papai Noel não existia, ainda sim, acreditava na magia do Natal e fazia sempre o mesmo pedido.

Um sorriso triste se forma em meus lábios.

Novamente estou sentada diante do portão do orfanato, mas agora é diferente, não estou esperando meus pais entrarem por ele, não, hoje completo 18 anos e esse é meu último dia aqui, o dia de sair por ele.

Agora, encarando o portão, o único sentimento que tenho é medo, meu coração está apertado, não sei o que me espera lá fora, não tenho amigos, parentes ou conhecidos.

Bufo

Eu ficarei só, e agora mais que nunca.

Sei que desde os 16 anos as freiras nos preparam para esse momento, mas por alguma razão me negava a acreditar que esse dia chegaria, talvez acreditasse em um milagre, não sei.

— Aurora?

Sou despertada dos meus devaneios pela voz da irmã Charlotte.

— Aurora, o que faz aí sentada diante desse portão, menina? — Olho para ela e logo abandono os pensamentos pesarosos, vou em sua direção tratando de colocar no rosto um pequeno sorriso que não chega nem perto do meu coração.

— Nada demais, irmã Char... Estava apenas me lembrando dos meus momentos aqui.

Olho ao redor e sinto a brisa novaiorquina tocar meu rosto.

— Minha menina, não fique triste, sei que ama esse lugar, aqui sempre foi seu lar. — Ela segura minhas mãos. — Minha filha, me ouça. Mudanças são necessárias em nossas vidas, se nos obrigarmos a ficar no mesmo lugar a vida toda por medo do que há por trás dos nossos muros protetores, nunca iremos descobrir quem somos e do que seremos capazes. Você sempre foi a mais inteligente, a mais esperta, a mais sapeca. — Sorrimos juntas. — A mais protetora, valente e doce de todas as meninas aqui, além da mais linda. — Olho para ela, surpresa.

— Irmã Char, eu não...

— Shiii, menina, apenas ouça. — Ela toca meu peito do lado do meu coração. — Ouça seu coração, ele vai te levar ao caminho que

deve seguir. — Assinto e ela me sorri pequeno. — Agora chega de tristeza, venha, a madre lhe chama.

Respiro fundo e tento me preparar para o que virá.

Caminho distraída ao lado da irmã Charlotte, estou afundada em pensamentos do que minha vida foi e o que será daqui para frente, e é quando a sinto parar em frente as portas do refeitório.

— Mas, irmã Char o escritório da Madre Superior é lá em ci... — Antes que termine, a porta se abre e um grande “SURPRESA!!!”, me assusta.

No refeitório estão todas as garotas, desde as mais novas às mais velhas, junto com todas as freiras que batem palmas. Há balões rosa e branco espalhados por todos os lados, acima da mesa há uma faixa com os dizeres “Parabéns, Aurora!”, um bolo bonito de chantili rosa repousa na mesa ao lado de outras guloseimas. Todas as garotas estão sorrindo e cantando "parabéns", enquanto sinto meus olhos marejarem e as primeiras lágrimas molharem o meu rosto.

O que se seguiu foi uma sequência de risos de crianças, brincadeiras, freirinhas correndo atrás de umas, alimentando outras, me abraçando, chorando ao me desejarem felicitações. Sei que aqui não é só a comemoração do meu aniversário, é minha festa de despedida.

Após duas horas de festa, bolo e diversão, sinto uma pequena mão em meu braço, olho para trás e vejo a Madre Mary me olhando com os seus olhinhos violetas pequenos, ela não precisa dizer nada, sei que chegou a minha hora. Com a cabeça ela faz um sinal para que a siga e o faço, estranhamente me sinto como uma condenada caminhando pelo corredor da morte. Nunca essas paredes adornadas com papeis em tons pasteis desbotados me sufocaram tanto, sinto um bolo se formar em minha garganta e reúno todas as forças que tenho para não chorar. A madre abre a porta do seu escritório e entra, indo até sua mesa de madeira escura e desgastada, ficando de pé, me encara.

— Aproxime-se, criança — ela me chama com a mão pálida e enrugada.

Eu me aproximo, mesmo sentindo meu coração bater tão forte que parece que vai sair do peito, minhas mãos suam e minhas pernas tremem, vejo a madre suspirar triste e isso intensifica meu nervosismo.

— Esse momento não é fácil para mim, menina, sempre que uma de vocês se vai, um pedaço de mim vai com cada uma. Mas com você — Ela parece se esforçar para falar. — Está sendo muito doloroso, sinto meu coração pequenininho por te deixar ir. Mesmo sabendo que é o certo, me sinto impotente. — Ela suspira triste. —

Olho para você, para a mulher linda, inteligente e forte que você se tornou e me lembro daquele pacotinho que encontrei em frente ao portão do orfanato. — A primeira lágrima rola nos olhos da mãe e não suporto mais, deixando as minhas verterem também. — Estava amanhecendo, a Aurora raiava no horizonte e quando vi seus olhinhos castanhos brilhantes não tive dúvidas em escolher seu nome. Aurora, tão linda quanto a aurora daquele amanhecer que te encontrei.

— Mãe — Busco controlar minha respiração, mas parece tão difícil. — Es-estou com medo — confesso, baixando a cabeça.

— Oh, minha menina, venha aqui. — Ela estende os braços e me apresso em abraçá-la.

Assim choramos emocionadas até nos acalmarmos, ela me afasta um pouco de seus braços, e toca o meu rosto carinhosamente.

— Não chore, minha menina linda. Não tenha medo, sei que o criador preparou uma vida linda e feliz para você atrás desses portões, mais feliz do que você já foi até hoje. Tenho certeza que logo você estará em um bom emprego, fazendo faculdade, casando com um homem bom que a ame e tendo lindos filhos. Só peço que não se esqueça dessa velha aqui. — Abro um sorriso triste.

— Nem que eu quisesse me esqueceria da senhora. — Ela sorri e me abraça.

— Agora chega! Está ficando tarde e não é bom andar pelas ruas dessa cidade sozinha, querida. Sei que você já *atingiu a maioridade*, mas precisa se cuidar, tudo bem? — Balanço a cabeça afirmativamente. — Mas antes, espere um segundo. — Observo a mãe abrir uma das gavetas de sua mesa e retirar de lá um envelope. — Aqui, pegue! — Ela põe o envelope em minhas mãos. — Não é muito, mas dará para pagar o aluguel de um lugar modesto por pelo menos 2 meses até você se estabelecer.

— Mas não posso aceitar, mãe! Eu tenho...

— Sei que tem suas economias, mas você irá precisar, um pouco de dinheiro a mais não vai te fazer mal.

— Mas...

— Mas nada, Aurora! Apenas vá, querida! Siga o caminho do seu coração e não tenha medo, porque Ele te levará ao lugar que deve chegar. — Ela me abraça forte e ao nos soltarmos a encaro por alguns segundos para guardar todos os seus traços em minha memória, até que finalmente me afasto sem dizer uma única palavra, quando abro a porta para sair ouço sua voz.

— Aurora? — Olho para trás. — Lembre-se de que você não está sozinha, e tudo que acontece na vida tem sempre um propósito maior que apenas Ele sabe o que tem reservado para nós.

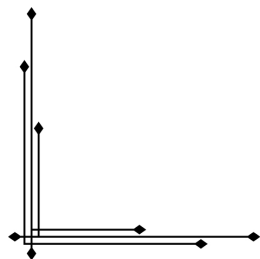
Respiro fundo e assinto, fecho a porta do escritório da madre atrás de mim e sigo com a visão turva por todo o caminho que leva ao dormitório onde divido com outras garotas, agradeço silenciosamente por estar vazio, olho para minha pequena cama de solteiro onde minha mochila florida está, pego-a e a abraço sentando no colchão, olho tudo ao redor e respiro fundo.

— Já chega, Aurora! Está na hora de seguir em frente, agora é você e Deus.

Levanto-me, dou uma última olhada no quarto que foi meu por tantos anos e sigo para fora onde todas me esperam nas escadarias do orfanato. Após muitos abraços, beijos, desejos de felicidades e boa sorte, finalmente sigo para o portão, destranco o ferrolho e olho uma última vez para trás, onde todas acenam um “*Adeus, Aurora!*”. Saio para a rua fechando o portão atrás de mim, olho para o céu onde o entardecer começa a surgir e o vento gelado sopra em meu rosto, olho para a esquerda, em seguida para a direita. Algumas pessoas caminham, crianças passam de bicicleta e sinto meu coração pesar.

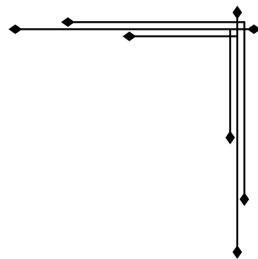
— Para onde devo ir? — Olho para um lado, depois para o outro e por fim sigo para a direita.

Deus, me guie, pois me sinto tão perdida!



02

Aurora Stuart



CAPÍTULO 02

Caminho com os pensamentos longe, memórias do passado e receios do futuro confundem minha mente quando finalmente percebo a placa indicando uma estação de metrô.

Suspiro e me encaminho para lá.

Estou esperando um metrô que irá me levar ao Bronx, uma das meninas que saiu do orfanato a uns meses atrás disse que lá era um lugar bom e barato para recomeçar, então assim que o metrô para, subo rumo ao meu destino. Observo as pessoas entrarem e se sentarem alheias umas às outras. Uma mulher senta com um bebê à minha frente, vejo que ela acaricia a cabecinha do garotinho que deve ter uns 8 meses, seu olhar parece distante, enquanto o bebê me encara dando um sorriso com dois dentinhos em baixo, sorrio de volta e logo ele começa a brincar com os cabelos loiros da mãe.

Sigo todo percurso calada e absorta em pensamentos, tão absorta que não sei quanto tempo passa, vejo o metrô parar em algumas estações, noto o embarque e desembarque das pessoas, e no fundo sei que estou com medo de descer desse vagão e encarar a realidade, mas preciso ser forte, e assim, determinada, na parada seguinte desço no meu *destino*.

Na estação há poucas pessoas, o que eu estranho, respiro fundo e subo as escadas em direção à rua, é quando lá no alto da escadaria vejo um relógio marcar 23:00 horas, e quase tenho um treco. Respiro fundo e olho para os lados, há poucas pessoas caminhando e a maioria apressada. Controlando meu nervosismo resolvo atravessar a rua e seguir pela calçada olhando ao redor e tentando reconhecer onde estou, e quando esbarro em alguém.

— Aiii!

— Wow, sua maluca, não olha por onde anda, minha filha?

Uma mulher que aparenta uns trinta anos, de cabelos vermelho berrante, um vestido justo verde canário e uma maquiagem extravagante me fulmina com os olhos. Um arrepio percorre minha coluna e me sinto encolher diante seu olhar, não sei explicar, mas há algo ruim neles, algo que nunca vi ou senti antes.

— Des-Desculpe, senhora.

— Senhora é sua avó, garota! Agora sai da minha frente, projeto de piranha!

Arregalo os olhos, surpresa pela forma como ela fala, poucas vezes ouvi alguém falando palavrões, muito menos se referindo a mim com um, ainda sem entender sua reação sussurro um “*desculpa*”, que ela ignora e passa por mim, apressada, mas de repente ela para e olha para trás, dessa vez me observando de cima a baixo e um sorriso no mínimo estranho se abre em seus lábios.

— Oh, Virgem Maria, você não é daqui, é? — Balanço a cabeça de forma negativa sem conseguir falar, tudo nela é assustador: sua voz, seus trajes e principalmente seu olhar.

— O que foi? O gato comeu sua língua, garota?

— Nã-não desculpe.

— Desculpe, desculpe você só sabe falar isso, pirralha? — Baixo meu olhar e a ouço bufar. — Para onde está indo, criatura sem sal?

— E-Eu não sei.

— Está perdida? — Ela ergue uma sobrancelha ridiculamente fina.

— Não exatamente. — Tento soar confiante e falho miseravelmente.

— Peraí! Você está ou não perdida? — ela fala impaciente.

— Sim e não. Na verdade, estou procurando um lugar modesto para passar a noite.

A mulher abre um sorriso amplo que faz todo meu corpo se arrepiar.

— Tudo bem então. Eu conheço um, se quiser posso te levar lá. — Fico surpresa com sua proposta.

Por que de repente uma pessoa tão ignorante passou a ser cordial assim, de uma hora para outra?

— Olha, garota, não tenho a noite toda, se quiser ficar no meio da rua, ótimo! Só cuidado com os ladrões e tarados que tem por aí.

— Ladrões e tarados? — Sinto meu corpo estremecer.

— Ahhh, minha nossa senhora, das piranhas idiotas! Garota, você está no Bronx, na parte mais baixa dele. O que esperava? O

príncipe encantado no cavalo branco? Aqui o máximo que vai achar — Ela se aproxima de mim, ficando a centímetros do meu rosto. — É algum bêbado imundo que vai te roubar, estuprar e espancar até a morte. — Um arrepio passa pela minha coluna e o pavor me toma. — Agora é você quem decide se fica e paga para ver ou se vem comigo?

Mas a Jane disse que aqui era bom e tranquilo.

Então, sem muitas opções apenas falo:

— E-Eu vou — falo sentindo meu corpo tremer.

— Ótimo! — Ela começa a andar e continuo congelada de medo no mesmo lugar, até ela olhar para trás e gritar.

— Oww, garota lerda, vai ficar aí parada como uma idiota? Vem logo antes que me irrite e te largue aí mesmo. — Eu me sobressalto e corro para segui-la.

Aperto as alças da minha mochila nas costas e respiro fundo.

Que Deus me proteja!

Meus pensamentos vão longe quando finalmente me dou conta que estamos em um lugar sujo, onde parece haver vários prédios abandonados. Tudo ao redor é sombrio e escuro, há fumaça saindo de alguns lugares prejudicando a visão do que vem pela frente. Um arrepio passa pela minha coluna, então respiro fundo e tomo coragem para falar com a mulher.

— Moça?

— Hmm? — Ela não me olha.

— Está perto?

— Perto de quê? — Ela olha para trás.

— Da pousada?

— Ah, sim! Está! Vamos só dobrar aquela esquina — ela aponta para uma rua a alguns passos de nós.

Apresso meus passos para acompanhá-la, sentindo um alívio me invadir ao constatar que estamos bem perto do meu local de descanso. Assim que dobramos a esquina sinto meu sorriso pequeno morrer e um arrepio de medo passar pelo meu corpo, mas não tenho tempo de processar o que acontece, porque sinto um puxão violento no meu cabelo.

— Agora quietinha, vagabunda de quinta. — Sinto algo gelado em minha garganta e meus olhos marejam. — Passa tudo que tem se não quiser morrer afogada no próprio sangue. — Ela pressiona a ponta do canivete em minha garganta.

As primeiras lágrimas começam a descer pelo meu rosto.

— Não, por favor — Sinto meu cabelo ser puxado com mais força para trás.

— Abra o bico mais uma vez e rasgo sua garganta. Agora passa a mochila. — Sem muita opção deixo a mochila escorrer pelas minhas costas e cair no chão.

— Boa, piranha! — Ela vasculha meus bolsos e não encontra nada e nem acharia, já que tudo que tenho está na minha mochila.

A sinto puxar mais meu cabelo para trás, enquanto se abaixa para pegar a mochila.

— Agora é isso, vagabunda burra — Antes que possa ter qualquer reação, sinto uma dor forte no meu estômago, fazendo me curvar para frente.

— Isso é para você parar de ser tão burra e ficar esperta da próxima. — Ela me empurra e caio ralando minha mão no chão ao tentar sustentar meu peso, e antes que possa reagir sinto um chute em minhas costelas. — E isso foi só para me despedir. — Ela se abaixa, pega meu rosto entre as mãos e um sorriso sádico brinca em seus lábios. — Espero que algum vagabundo te encontre e se divirta com você até você implorar pela morte.

— Não! Por f...

Sinto um impacto forte no meu rosto que bate com força no chão e logo sinto um gosto de ferrugem invadir minha boca.

— Morra, vadia idiota! — Ela chuta minha barriga e sai dali rebolando sobre seus saltos extravagantemente altos e vulgares.

Lágrimas começam a escorrer pelos meus olhos, enquanto tento tocar no canto da minha boca que foi atingido pelo soco daquela mulher.

— Por que, meu Deus? — Olho para o céu escuro e sem estrelas, e agora embaçado pelas minhas lágrimas. — Como pode existir gente assim tão ruim no mundo? Eu não entendo.

Tento me erguer com dificuldade e sinto meu corpo todo doer, minha testa do lado esquerdo onde bati no chão, dói muito. Levo minha mão até próximo à sobrancelha e sinto algo escorrer pelo meu rosto, só então me dou conta que estou sangrando. Me apoio em uma lixeira grande e me levanto, nesse momento ouço vozes altas, gritos de homens e risadas horrorosas, instintivamente me encolho atrás da lixeira e puxo alguns sacos de lixo para me esconder.

— Ahhh, se eu encontro uma vadia hoje. Porra, tô doido para foder uma buceta.

— Nem me fala, cara, aquelas putas do bordel do Marcão estão mais frouxas que calça sem elástico. — Todos riem.

Devem ter na faixa de uns 4 a 5 homens, de onde estou não posso vê-los direito, eles falam todos ao mesmo tempo e riem de forma perversa, tapo meus ouvidos, pois não quero ouvi-los falar essas

coisas feias.

— Eu queria uma buceta virgem, nunca comi uma, seria bom, foder uma com força.

Instintivamente me encolho e começo a rezar, peço a Deus que me proteja.

— Calem a boca, seus idiotas! — um deles grita. Acho que o líder. — Deixem de tanta babaquice e vamos atrás de alguns carros para levarmos para o desmanche, temos que levantar grana pra comprar os bagulhos de qualidade, os riquinhos estão querendo uns bagulhos mais finos e temos que providenciar. Agora vamos, seus inúteis.

Ouçó os paços deles se afastarem junto com os sons de latas sendo chutadas.

Não sei por quanto tempo permaneço aqui, só sei que quando me levanto, todo meu corpo dói e minha cabeça lateja. Saio do meu esconderijo e como forma de proteção começo a me esgueirar por entre postes e latas de lixo, não quero correr o risco de algum daqueles homens voltar e me ver.

Depois de não sei quanto tempo andando sem rumo, percebo que estou em uma rua comercial, aqui parece mais seguro. Passo por algumas lojas até que paro em frente a uma delas, sento exausta no chão, recosto minha cabeça na porta, e finalmente permito que as lágrimas que estavam presas rolem pelo meu rosto. Choro até o cansaço e o sono vencerem, me levando a um mundo onde a dor e a solidão não existem.

Não sei como dormi, mas acordei sendo levemente sacodida.

— Moça, acorda. Moça! — Uma voz masculina me desperta, abro os olhos com dificuldade e quando olho para cima, vejo um rapaz moreno, olhos castanhos, magro e definido, vestindo uma camisa preta e jeans justo e desbotado, seus cabelos são castanho claro, quase loiros, e tem um corte moderno.

Ele é bem bonito, sem dúvida.

De repente as lembranças da noite passada me vêm à mente e me encolho com medo.

— Eiii, florzinha, eu não vou te machucar. — Ele se abaixa ficando na minha altura. — O que houve com você, menina? Você não tem cara de mendiga. Você está perdida? — Olho para ele sem saber o que dizer, embora o rapaz bonito tenha um olhar doce, ainda me sinto apreensiva. — Olha, florzinha, meu nome é Gabriel, mas todos me chamam de Gabi. E seu nome, qual é? — ele pergunta cauteloso.

— Au-Aurora. Meu nome é Aurora Stuart.

— Ela sabe falar! Ainda bem, porque não sei nada de libras,

amore! — ele fala revirando os olhos e colocando a mão no peito teatralmente, me fazendo rir. — Olha só que sorriso lindo temos aqui?! — Instintivamente baixo a cabeça com vergonha e para a minha surpresa ele segura meu queixo para que o olhe nos olhos, mas seu toque me causa dor, o que me faz fazer uma careta.

— Eiii, quem fez isso com você, menina? — Olho para baixo e respondo como posso.

— Eu fui assaltada ontem, assim que cheguei aqui, uma mulher. Ela me levou a um beco escuro e roubou todos os meus pertences.

— Minha nossa! — Ele leva a mão à boca parecendo chocado. — Mas, querida, como você anda pelo Bronx à noite e sozinha? Aqui é um bairro ótimo, mas tem muita gente mau-caráter também.

— E-eu não sabia.

— Espere! Onde estão seus pais? Você no mínimo deve ter o que? Uns 16 anos? Vou levá-la a uma delegacia e eles irão encontrar...

— Eu não tenho pais! — Sinto meus olhos marejarem, porque estou exausta, machucada e nesse momento constato que não tenho ninguém para cuidar de mim e me proteger.

— Mas como?

— Eu sou órfã. Cresci em um orfanato no Brooklyn e ontem, quando completei meus 18 anos, tive que sair de lá e seguir meu caminho por conta própria. Foi assim que cheguei aqui e — Antes que me desse conta já estou soluçando, e para minha surpresa o rapaz bonito e engraçado me abraça.

— Shiii, menina. Não chora, pequena. Tadinha, tão nova e já passando por tantas coisas ruins. Não fica assim.

— E-eu não conheço ninguém. Não tenho amigos. — falo entre soluços. — Tudo o que tinha foi roubado. Deus, o que vai ser de mim? — Um soluço me escapa e me sinto fraca.

Ouço um suspiro profundo e o rapaz me fastia de seus braços.

— Bem, eu não te conheço, nem sei quem você é?! Mas sei que é uma menina boa e pura, sem maldade. Posso ver isso nos seus olhos. — Ele me olha por um instante, então suspira e fala: — Olha, não tenho muito, na verdade também sou sozinho no mundo, trabalho nesse salão de cabeleireiro — ele aponta para as portas atrás de mim — e moro em um apartamento pequeno, mas além da minha cama tem um sofá, então se você quiser ficar lá até conseguir coisa melhor, minha casa pode ser sua casa. — Eu olho para ele, espantada, meu cérebro parece querer processar tudo que esse rapaz bonito de olhar meigo está dizendo. — Menina, não me olha com essa carinha. Você mais parece um anjo. Vem, vamos logo porque moro a 5 quadras

daqui e se a megera da minha patroa chegar e o salão não estiver aberto, estou no olho da rua. Então seremos dois sem teto. — Ele gargalha e não tem como não rir junto.

Ele se ergue e me puxa fazendo minha costela doer um pouco.

— Aiiiii! — Eu me encolho.

— Jesus! Bateram feio em você! Pobre menina — ele fala, consternado. — Vem, se apoia em mim, vou te levar até meu apartamento e cuidar de você.

E assim Gabi faz!

Assim que chegamos ao apartamento dele, ele me faz tomar banho, me alimenta, faz curativo na minha testa e depois sai, mas antes que ele se vá, preciso fazer algo.

Quando ele se aproxima da porta, me dando instruções sobre o que e como fazer, eu o chamo.

— Gabi?

— Sim, bonequinha?

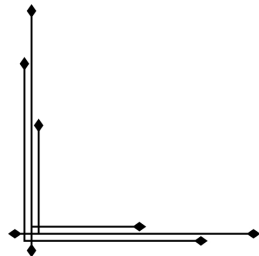
Eu me ergo com dificuldade e vou até ele, envolvo sua cintura e o abraço, a princípio ele fica sem reação, mas logo retribui.

— Obrigado. Que Deus te abençoe por tudo que você está fazendo por mim.

Ele parece ficar tenso e então quando me afasto, ele toca nos meus cabelos e sorri.

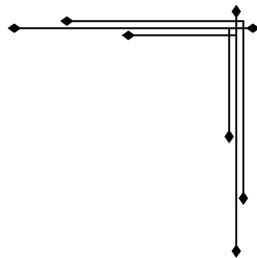
— De nada, bonequinha. Eu tenho certeza que Ele vai abençoar! A nós dois!

Dizendo isso ele me dá um beijo no rosto e se vai, me deixando sozinha nesse pequeno apartamento, mas com o coração cheio de esperança.



03

Aurora Stuart



CAPÍTULO 03

Hoje fazem 5 meses que estou morando com o Gabi e a verdade é que estou amando cada segundo dessa minha nova vida. A madre Mary tinha razão quando disse que Deus tinha algo bom para mim.

Gabi é maravilhoso, mais que um amigo, encontrei um irmão, o melhor que Deus poderia me dar. A cada dia que passa nosso vínculo afetivo se estreita mais. É incrível como às vezes antes mesmo de falar o que penso, ele fala, e quando ele sente algo pareço sentir também.

Incrível essa ligação de alma que temos.

Nossa intimidade foi crescendo e aos poucos ele foi se abrindo comigo, me contando sobre sua infância, sobre ter perdido a mãe para o câncer há dois anos e sobre perder a irmã mais nova quando ela tinha nove anos e ele apenas doze, já sobre o pai não fala muito, ele o desprezou depois de descobrir sua opção sexual. Quando ele me contou eu fiquei me perguntando como um pai pode desprezar um filho por ser gay?

Antes de conhecer o Gabi não tive contato com pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo, ele foi o primeiro e posso dizer que já o amo e gosto demais dos seus amigos. Nunca conheci pessoas tão alegres e divertidas.

Mas Gabi apesar do seu jeito brincalhão é bem reservado e tem poucos amigos, normalmente pessoas do bairro ou amigos de *guerra* como ele chama algumas *drag queens* que são suas amigas, todas gente boa e que sempre me trataram com respeito e carinho. Engraçado como aos poucos tenho conseguido me encaixar no meio de pessoas tão diferentes das que cresci perto.

Não deixei os ensinamentos da madre Mary de lado, ao

contrário, todos os domingos vou à igreja e arrasto o Gabi comigo, que no início foi um pouco resistente, mas agora já se habituou.

Meu amigo é fã de Shakira e Beyoncé *as divas dele*, e confesso que é bem engraçado vê-lo dançando as músicas delas. Nunca tinha ouvido com tanta frequência como agora, conhecia uma música ou outra, mas nada demais, e por isso ele resolveu entrar na missão de me *viciar* nessas músicas, agora toda vez que ele coloca para tocar tenho que cantar e dançar com ele, e para me convencer a isso o sabichão usa a chantagem que preciso ajudá-lo a ficar em forma para os concursos de *drag*!

Como se ele participasse sendo uma.

Rolo os olhos com a lembrança.

Na verdade, é ele quem faz as roupas das amigas *drag* dele. Apesar de trabalhar num salão de beleza, a paixão do meu amigo é a moda, ele ama criar e fazer suas roupas e agora as minhas também, já que agora sou *sua bonequinha*.

Não sei como? Porque estou longe de ser uma Barbie.

Muito pelo contrário, tenho a pele morena, olhos castanhos quase preto, redondos e bem marcados, tenho os lábios bem desenhados e os cabelos ondulados castanho que chegam aos ombros, nada muito escuro, sou baixinha, tenho 1,60m, muita bunda e seios médios, enfim, sou satisfeita com meu corpo e para Gabi sou sua bonequinha de porcelana.

Esse meu amigo é louco.

Rio enquanto passo o pano de chão no piso da pizzaria onde trabalho. A pizzaria é pequena e fica próxima ao salão onde Gabi trabalha, fiquei tão feliz quando consegui esse emprego e apesar do salário não ser lá essas coisas, agora consigo ajudá-lo com as despesas do nosso "forte" como ele chama nosso lar. Gabi não queria que eu arcasse com as despesas no começo, mas de tanto insistir ele permitiu que pagasse a água, *que é a conta mais barata*.

Rolo os olhos.

Nossa amizade é algo tão incrível que já estamos fazendo planos de fazermos faculdade juntos.

Certa vez contei do meu sonho de cursar faculdade de administração e ser CEO de uma grande empresa e ele me contou do sonho de ser estilista, então resolvemos juntar forças e correr atrás do nosso sonho. Já combinamos que ano que vem vamos prestar exames para entrarmos na faculdade, por isso passamos a juntar dinheiro e economizar, ele passou a pegar mais vestidos para concurso de *drag* para ajudar na renda. Gabi mesmo quem desenha e costura, ele é tão bom no que faz que já começamos a receber pedidos da vizinhança, e

como sou sua assistente ajudo em tudo, principalmente na parte de customizar acessórios como: colares, pulseiras, brincos dentre outros para combinar com as peças, desde me arriscando nos desenhos onde às vezes dou sugestão de detalhes e cores até a fabricação. Às vezes viramos as noites trabalhando, mas não importa, tudo isso é pelo nosso sonho e tenho certeza que vamos conseguir juntos.

— Vamos logo com isso, garota, a pizzeria já vai abrir e você ainda está nesse chão?! Vamos, comece a organizar as mesas.

Meu *querido chefe*, sr. Bartolomeu, chama minha atenção, me fazendo saltar de susto, estava tão absorta em meus pensamentos que não o ouvi se aproximar.

— Si-Sim, senhor! — Imediatamente largo o rodo e começo a organizar as mesas.

Aqui sou uma espécie de faz tudo, desde garçonete à ajudante de cozinha. Gabi diz que o senhor Bartolomeu me explora, o que não deixa de ser verdade, mas sou grata pelo salário que ganho, por isso não reclamo, e quando penso na minha faculdade logo me animo a aguentar os abusos do meu chefe.

Na pizzeria trabalhamos eu, o pizzaiolo Mike e Joanne, que é outra garçonete que chega mais tarde, porque tem outro emprego.

Respiro fundo e apresso meus movimentos, mesmo incomodada por sentir os olhos do sr. Bartolomeu em mim, respiro fundo e o ignoro, me concentrando no meu trabalho.

Hoje é sexta, um dos dias de mais movimento na pizzeria. Logo que as portas são abertas os clientes começam a chegar e a correria de anotar pedidos, servir, lavar louças, andar de um lado para outro começa. Em duas horas meus pés estão me matando e minhas costas implorando pelo meu colchãozinho, mas ainda consigo me animar quando começa a toca Little Mix, Love Me Like You.

Amo a batida dessa música.

Seguro firme meu bloquinho e começo a deslizar por entre as mesas sempre sorrindo, falando com clientes que conheço, fazendo gracinha para algumas crianças e sendo gentil com alguns idosos. Ver todos sorrindo e conversando animados com seus familiares e amigos, me instiga a querer fazer mais por essas pessoas, tornando a noite delas ainda melhor, por isso não faço questão de economizar nos sorrisos.

E sorrindo entro na cozinha para atormentar Mike com mais pedidos.

— Bombom, você vai me matar, é sério! — ele fala quando levo mais 4 pedidos.

Mike é um senhor negro, alto e forte que deve ter uns 45 anos,

costumo brincar com ele e dizer que seu tamanho é proporcional para comportar seu grande coração.

— Quem manda você ser o melhor pizzaiolo de Nova York? — pergunto dando um beijo no rosto dele.

— Ahhhh, isso é verdade! E a prova disso é que tem mais 5 pizzas para você fazer, Mike bombonzão! Três para entrega, pepperoni, moda da casa e quatro queijos. E duas para aqueles adolescentes que acabaram de me pedir em casamento, bacon e Americana — Anne fala ao entrar com duas bandejas nas mãos e empurrando a porta com o quadril.

Mike revira os olhos e nós gargalhamos.

A ajuda com as bandejas e logo que ela volta para o salão agilizo as louças, é assim, nós fazemos rodízio das louças por noite e hoje elas são minhas.

Nossa noite segue tranquila entre risos, brincadeiras e muito trabalho, mas no fim, mesmo massacrada me sinto recompensada por ter feito da noite de todas aquelas pessoas um momento especial. Quando finalmente a pizzaria fecha já passam das 01:00 da manhã e como todos os dias Gabi veio me pegar, assim que saio me despedindo e brincando com Mike e Joanne que moram quase vizinhos, vejo Gabi encostado na parede, olhando para o outro lado da rua. Não resisto e vou até ele devagarinho pedindo silêncio a Joanne e Mike, me aproximo e o assusto.

— BUUUU!

— Aiiii, VIADOOOOOOO! — Caímos na gargalhada pelo grito fino que ele dá.

— Há, há, há! Morri de rir e não achei graça! — Ele faz uma cara fechada e nós rimos mais. — Muito engraçadinha a senhora. — E para se vingar ele aperta minha cintura, me fazendo cosquinha.

— Paraaaa, chato!

Ele rola os olhos e ri.

— Quando você vai aprender a falar um palavrão de verdade, hein, anjinho? — Eu faço careta e ele ri.

— Ah, mais fácil o inferno congelar que ouvirmos essa daí falando um palavrão ou destratando alguém, Gabi. — Joanne responde rindo.

— Hahaha, muito engraçadinhos vocês. Eu sei falar palavrão sim, ok?! Só não vejo necessidade de usar um no presente momento. — Cruzo os braços me fingindo de aborrecida.

— *Taí* que essa eu pago pra ver. Aurorinha falando palavrão? Mais fácil ter um tsunami no Saara. — Mike provoca e os outros riem, me fazendo ficar vermelha de vergonha.

— Olha, não vou gastar meu vocabulário *palavronesco* com vocês. Seus... seus... seus... — Eles erguem as sobrancelhas esperando meu palavrão. — Seus... bobões!

A gargalhada dos meus amigos deve ter acordado a vizinhança toda, Mike se curva de tanto rir, Joanne bate na mão de Gabi e eles gargalham juntos, e eu? Cruzo os braços e faço bico! Meus amigos são *horríveis* quando querem.

— Vamos embora, seus chatos — falo me segurando para não rir também.

— Realmente, Aurorinha, você não deve gastar seu vocabulário *palavronesco* com a gente, porque ele é tão pobre que se você gastar vai fazer falta depois — Joanne provoca e meus amigos voltam a gargalhar, dessa vez não resisto e rio também.

Estamos tão distraídos que não percebemos quem aparece na nossa frente.

— Que bom que vocês ainda estão aqui, assim falo apenas uma vez. — A voz do senhor Bartô nos assusta e todos olhamos para ele.

— Pois não, senhor? — Mike pergunta e o sr. Bartolomeu nos encara olhando um a um, e por fim parando em mim.

— Amanhã e depois não iremos abrir — ele fala sério e frio.

— Como? — falamos todos chocados em uníssono.

— Vocês são surdos ou o quê? — Percebo que Gabi vai respondê-lo, mas lanço um olhar que implora para que ele fique quieto. — Não abriremos no fim de semana, sairei da cidade. Na segunda estaremos aqui normalmente, compreendido?

— Si-sim, senhor.

Respondemos ainda impressionados e sem entender o que se passou aqui. Veja bem, muquirana como meu chefe é, fechar a pizzeria em um fim de semana é tipo a força para ele. E do nada ele vai fazer isso?

É no mínimo estranho.

Mas não serei eu a questionar seus motivos, longe de mim.

— Ótimo, agora vão embora, que a frente da minha pizzeria não é lugar para algazaras. — Ele fecha a porta da pizzeria com brusquidão nos fazendo saltar de susto.

— Homenzinho asqueroso. Tenho vontade de fazê-lo engolir todos aqueles dentes tortos dele — Gabi fala, chateado.

— Para, Gabi, por favor. Não quero confusão, ele é um ogro, mas paga nosso salário.

— Paga uma ninharia e os explora, isso sim.

Respiro fundo buscando paciência com meu adorável

amiguinho implicante.

— Não discordo de você, amigo, mas infelizmente para quem não tem faculdade e tem uma irmã pequena e uma mãe doente para cuidar, o melhor que deu pra conseguir foi trabalhar para esse ogro — Joanne fala olhando para as portas da pizzaria, triste.

— Não fala assim, menina, sua mãe vai sair dessa e você vai conseguir fazer sua faculdade de enfermagem — Mike consola Joanne.

— Eiiii, chega de tristeza e discussão. E você, Joanne, não desanime nunca! Sei que Deus tem o melhor para quem é forte e corajosa como você. Além disso, você não está sozinha, tem a nós e não importa o quão longe estejamos, estaremos sempre prontos a te ajudar. — falo tocando sua mão.

Joanne é um ano mais velha que eu. É uma ruiva natural de olhos violetas, cabelos longos, vermelho vivo, que deve ter 1.68m de altura. Minha amiga já sofreu muito. Seu pai era alcoólatra e batia muito nela e na sua mãe, e só não batia na irmãzinha dela porque ela escondia a pequena dentro do guarda-roupa. Isso tudo durou até que em uma noite de embriaguez o pai dela foi atropelado e morreu.

Logo depois disso a mãe de Joanne foi diagnosticada com insuficiência cardíaca, necessitando urgente de um transplante, que ainda não foi feito porque não foi encontrado um doador compatível e a dona Molly definha mais a cada dia.

Os remédios são caríssimos e minha amiga faz o que pode para suprir os gastos da mãe, trabalhando durante o dia em uma loja de conveniência e à noite na pizzaria do senhor Bartolomeu.

— Passa reto, energia negativa — Gabi fala estalando os dedos e nos fazendo rir.

— Olha, está tarde, é melhor todos irmos para nossas casas — Mike fala.

— Verdade — concordo e logo olho para Joanne que parece meio aérea. — Você vai ficar bem, amiga? — falo a abraçando forte para que pelo menos um pouquinho dessa dor que vejo em seus olhos se dissipe.

Irmã Charlotte dizia que quando abraçamos alguém que precisa, nós estamos dizendo ao coração dela que estamos aqui para dividir as cargas e torná-las mais leve.

— Vou sim, Aurorinha. E como não ficar se temos um fim de semana inteiro de folga? — ela fala brincando ao me soltar.

Pronto! Minha amiga está de volta.

Assim nos despedimos e logo Gabi e eu seguimos nosso rumo. O caminho até nosso forte é feito com brincadeiras dele para me distrair, pois meus pés imploram para sair desse tênis apertado.

Trabalho de uniforme, um vestidinho verde de gola vermelha sem corte que se molda ao meu corpo, um avental branco na cintura e tênis branco.

Quando chegamos em casa meu amigo faz sanduíches com um copo de leite para jantarmos, e por fim, depois de um banho relaxante, ele me faz uma massagem nos pés até que adormeço.

O sábado amanhece radiante, principalmente depois que sonhei com meu príncipe encantado.

Sorrio boba.

Desde os meus quinze anos sonho com o mesmo homem, ele é alto, forte, de cabelos negros e voz grossa, mas nunca vejo seu rosto, embora seu cheiro pareça gravado em mim, mas não sei quem ele é. Nunca o vi, mas sei que de alguma maneira ele é especial pra mim e não nego que já orei incontáveis vezes pedindo a Deus para conhecê-lo, apesar de nem todos os sonhos que tenho com ele serem bons.

Em uns ele está triste, em outros com raiva, e em um que tive recentemente ele parecia doente e precisando de mim, lembro que gritava desesperada pra ele não me deixar, que precisava dele, que eu o amava, e foi assim que acordei, assustada e chorando, porque mesmo acordada senti uma forte angústia esmagar meu peito, sentia que tinha algo errado com ele.

Mas como ter certeza disso se ele só estava nos meus sonhos? Como poderia ser real?

Os dias foram passando e aos poucos a angústia foi diminuindo, em contrapartida os sonhos com ele ficaram cada vez mais frequentes e ele sempre parece angustiado, atormentado, e por mais que tente me aproximar, não consigo, ele sempre vai embora, me deixando só em um lugar escuro, sentindo o enorme vazio de sua falta.

No entanto, ontem foi diferente, no sonho eu estava sentada em um balanço e ao meu lado tinha uma menininha de cabelos escuros e olhos azuis incrivelmente lindos, ela me olhava sorrindo e contagiada pelo seu sorriso, lhe sorri de volta sentindo um enorme amor no peito, logo ele apareceu e começou a acenar para nós duas que retribuímos o aceno, então acordei sorrindo feliz.

E com essa empolgação de ter tido um sonho tão lindo, coloco uma música e aproveito o dia de folga para limpar o apartamento. Não que isso leve muito tempo, porque minúsculo como é, levo pouco mais de uma hora para organizar tudo. O apartamento é pequeno, tendo apenas uma sala onde há um sofá velho de 3 lugares e uma TV sobre uma mesinha de madeira, uma cozinha americana onde fica um balcão que na parte interna tem mesinha com dois lugares. Uma geladeira velha amarelada, com algumas ferrugens e um fogão de 4

bocas onde só funciona 3 e o forno. Um quarto com duas camas de solteiro, uma minha e outra de Gabi, já que depois de uma semana na casa dele, ele fez questão de comprar uma cama de solteiro de segunda mão para mim, que passei a dormir no quarto com ele.

Além das camas o quarto tem um guarda-roupa branco descascando, com 3 portas e um dos lados Gabi me cedeu, mesmo não tendo muito o que colocar ali. E por fim um banheiro pequeno com um boxe com chuveiro e uma banheira abaixo dele, uma pia pequena e um armário para colocar medicamentos e outros produtos de higiene.

Depois de tudo devidamente organizado, me sento no sofá e ligo a TV, agora que está tudo limpo decido passar o dia no sofá. Durmo, como, leio um romance desses de banca tipo: *Julia*, *Bianca*, clássicos com homens lindos poderosos e que sempre ajudam mocinhas indefesas.

— Será que um dia irei encontrar o príncipe dos meus sonhos na vida real? — falo encarando a capa do livro, onde um belo moreno sem camisa beija o pescoço de uma loira que parece se deleitar com aquele toque.

É quando ouço a porta ser aberta e vejo um Gabi saltitante entrar.

— AHHHHHH, BONEQUINHAAAAAA — Ele se joga em cima de mim e me agarra, fazendo cócegas.

— AHHHH, SEU LOUCO!!! — Ele gargalha e se levanta pulando.

— Vamos, vamos, vamos. — Ele começa a bater palmas. — Levanta já essa bunda linda e redondinha de fazer inveja as monas siliconadas desse sofá! — Fico vermelha com o modo que ele fala. — Ahhh, não senhora! Não vai ficar com vergonha de mim! Agora levanta, anda. — Ele me puxa pelo braço, me fazendo ficar de pé tirando o livro das minhas mãos.

— Isso aqui — ele sacode o livro — hoje vai ficar em casa, porque eu e você temos um compromisso, BOCA DE CONFUSÃO!

— O QUÊ? Como assim? Espera — Ele começa a me puxar para o quarto.

— É isso mesmo, bonequinha. Hoje nós vamos para nada mais nada menos que a *Mystery Night*!

— ONDE? Em que planeta fica isso, Gabi? — pergunto, confusa.

— Aiii, minha nossa senhora protetora das virgens ingênuas. Bonequinha, onde você mora, pelo amor de Deus? Numa ilha deserta? Não! E não faça bico!

Eu nem percebi que havia feito bico.

— Desculpa aí se eu não sei que negócio é esse de Mestre Night.

— É Mystery Night. E ela é simplesmente a boate mais badalada de Nova York, querida. Só a nata da sociedade e famosos frequentam. E hoje nós dois, reles mortais, estaremos lá. Lindas e poderosas desfilando! — ele fala batendo palmas.

— QUÊ? Você só pode estar louco, Gabi. Como vamos entrar em um lugar desses se não temos dinheiro.

— Uma colega minha do salão me deu as duas cortesias dela, já que ela brigou com o boy magia e preferiu ficar curtindo a fossa — ele fala dando de ombros e abrindo o guarda-roupas e espalhando todas as roupas que eu havia arrumado mais cedo.

Afundo na minha cama, frustrada pela sua bagunça.

— Olha, Gabi, legal que você vai.

— QUÊ? — Ele coloca a cabeça para fora da porta do guarda-roupa e me olha. — VOCÊ ESTÁ SURDA, AMOR? NÓS VAMOS! — Eu sento na cama.

— Gabi, eu não sei me comportar nesses lugares. Nunca estive em algo perto disso. Além do mais, mesmo que quisesse muito ir não tenho roupa adequada.

Deixo a frase morrer quando ele sai de dentro do guarda-roupa, estendendo na frente do corpo um vestido de festa lindo, preto com o busto com decote em V profundo, abaixo uma faixa dourada marcando a cintura com um caimento soltinho no quadril, perfeito em um misto de sexy e delicado.

— Uau! É-é lindo! — Acho que estou deslumbrada tamanha beleza, nunca vi algo tão fino em minha vida.

— É seu!

— COMO? — Acho que imaginei coisa agora.

— Você me disse quando nos conhecemos que seu aniversário tinha sido no dia anterior. Bem, desenhei esse modelo pensando em você e costurei escondido para te dar de presente de aniversário atrasado. Então não vejo oportunidade melhor para entregá-lo a ti.

— Mas, Gabi — Levanto e me aproximo do vestido com cuidado para não manchá-lo ou amassá-lo, ele é tão lindo que dá medo de estragá-lo. — Eu não posso aceitar, ele é lindo, você ganharia um bom dinheiro por ele.

— Não ouse repetir isso! Esse modelo é exclusivo para você. Recuso imitações. Poxa, bonequinha. — Ele se senta ao meu lado parecendo magoado. — Você não entende que é como uma irmã para mim? Você se parece tanto com minha Lis! Não que esteja tentando

substituí-la. Vocês são bem diferentes no gênio e na forma de ser, mas quando te vi na frente do salão encolhida, senti meu coração ser roubado. Sabia que não poderia deixá-la ali, que precisava cuidar de você. Por isso te trouxe para o meu apartamento e em pouco tempo você encheu tudo de cor e delicadeza. Então aceite esse vestido — Ele me estende o vestido. — Como forma de agradecimento pela sua luz iluminar minha vida antes solitária.

Não percebi que estava chorando até ele enxugar uma lágrima minha.

— Então, aceita meu humilde presente? — Sem esperar mais nada o abraço apertado.

— Sim, irmãozinho, aceito. — Beijo seu rosto e ele me abraça forte, surpreso, após alguns segundos ele salta da cama e fala:

— Agora chega de choradeira e vamos nos arrumar.

— Se não tem outro jeito. Vamos lá!

Três horas depois estamos entrando na Mystery Night.

Estou simplesmente deslumbrada com o lugar, é tudo surreal. Descemos uma escadaria que dá para uma enorme pista de dança onde milhares de pessoas dançam coladas umas às outras. Observo tudo impressionada, de um lado da boate pessoas estão ao redor de mesas sem assento, bebendo e conversando. Do outro lado há mesas com assentos estofados em vermelho e em formato circular, deixando o local íntimo, propício para casais. Acima há um camarote onde posso ver homens e mulheres muito bem vestidos, sem dúvida alguma, todos aqui têm dinheiro, o lugar transpira luxo e poder.

À frente noto um Dj tocando e levando as pessoas ao delírio.

De repente sinto um arrepio estranho passar pelo meu corpo, como se houvesse levado um choque. Olho ao redor, mas não vejo nada além de muitas pessoas dançando, se beijando, paquerando e bebendo.

— Ah, meu Deus, é o David Guetta tocandooooo! — Gabi grita no meu ouvido. — AHHHHH! — Eu me afasto dele se não ficarei surda. — É o Maluma ali em cima? — Olho para onde ele aponta e vejo um homem muito bonito agarrando uma loira e uma morena em seus braços tatuados, se é ou não o Maluma, não sei e nem tenho tempo de constatar, já que Gabi grita novamente no meu ouvido me fazendo ter certeza que terei problemas sérios de audição depois dessa noite. — Jesus! Ali é a Kendall Jenner? Ai, Jesus, vou ter um treco aqui. — Rolo os olhos.

— Ok, *senhor vai ter um treco*, vamos procurar um lugar para sentar porque não sei por quanto tempo posso ficar em cima dessa máquina de tortura que você me obrigou a usar — falo apontado para

meus saltos de uns 12 cm, nude, lindo sem dúvidas, mas uma máquina de tortura que ele me obrigou a usar. E me pergunto como tem mulher que passa o dia com um troço desses nos pés?

— O quê? Esse salto é um luxo, querida! E nem vem com essa de sentar.

— Como?

— Ahhhh, Anitta e Peso Pluma, BELLAKEO! Vamosssss!

Ele simplesmente me arrasta para o meio das pessoas, me fazendo esbarrar em algumas que parecem não se importar. De início fico sem jeito, mas logo a música começa a me envolver e quando dou por mim, estou dançando da forma como Gabi me ensinou, remexendo os quadris, tocando os cabelos, fazendo carão como meu amigo manda, e claro que caímos na risada no meio da pista de dança.

Não sei quantas músicas tocaram, mas quando finalmente me sinto exausta e meus pés imploram por descanso, resolvo chamar meu amigo para sentar.

— Gabi, vamos sentar? — grito sobre a música.

— O QUÊ? — ele grita de volta.

— Sentar! Eu quero sentar.

Só então me dou conta que ele não está prestando atenção em mim, e sim em um loiro que está dançando a alguns passos de nós, os dois não param de se olhar e me sinto constrangida de estar atrapalhando a paquera do meu amigo.

Engulo em seco.

— Gabi? — Ele finalmente me olha.

— Oi, bonequinha? — Ele parece envergonhado e rolo os olhos achando a situação engraçada.

— Olha, eu vou me sentar, meus pés estão me matando... — falo em seu ouvido.

— Tudo bem. Eh, vou com você — fala sem tirar os olhos do loiro e rio.

— Negativo! Alguém tem que tomar a iniciativa.

— Oi? O quê? — Ele me olha confuso e constrangido.

— Ah, Gabi! Vocês não param de se olhar, e tenho certeza que você está dançando para ele desde que chegamos, agora vai lá, se apresenta e deixa rolar. — Ele me olha espantado.

— Quem é você e o que fez com minha bonequinha ingênua?

Acho engraçado seu jeito de se referir a mim.

— Olha, Gabi, não vou ficar aqui segurando vela, só quero sua felicidade e pronto. Agora vai lá. — Aponto para o carinha que sorri em nossa direção.

— Para de apontar sua louca! — Rio do jeito dele. — E outra, eu não vou deixa-la sozinha, aqui está cheio de gente e...

— E nada. Olha, presta atenção, vou sentar ali naquele canto. — Aponto para o estofado vermelho redondo e moderno com uma mesa de centro, que está vazio.

— Não vou sair dali para nada, nem que quisesse iria a algum lugar, meus pés não deixariam, então quando você quiser ir embora, é só ir até lá e me chamar, tudo bem? — Ele me olha em dúvida.

— Não sei, eu não.

— Não, nada. Vai lá que o bonitão não para de te olhar, uma hora ele cansa da sua indecisão e vai trás de outro.

— Tudo bem, você me convenceu. — Ele olha para o cara que sorri para ele e ele sorri de volta. — Ok, vai lá. Vou ficar aqui olhando até que você se acomode, então eu chego nele. — Eu rolo os olhos.

— Eu não tenho 5 anos, Gabi! — Faço bico.

— Francamente, você não tem noção mesmo do quanto é bonita e o quanto os homens que estão ao nosso redor não param de te olhar com desejo? E se nenhum chegou em você ainda é porque estou aqui.

Sinto-me corar e olhando ao redor observo três rapazes me olhando de cima a baixo, olho para o outro lado e um ruivo bonito me encara de forma constrangedora, então abaixo o olhar.

— Viu? Então desida! Ou fico te observando daqui ou vou com você?

— Ah! — Ergo as mãos em rendição, dou um beijo em seu rosto desistindo de qualquer discussão e sigo por entre as pessoas, olhando para trás para ver se ele realmente está me vigiando e é óbvio que está.

Subo as escadas que dão acesso aquela área e caminho passando por algumas pessoas, ouço cantadas e assobios, mas não dou atenção, me desvio de um casal que está quase tendo relação sexual aqui e sinto meu rosto corar com a cena.

Vergonha alheia, Aurora!

Eu me aproximo do acento vazio e assim que me sento aceno para a pista de dança e Gabi me acena de volta. Sorrio e percebo ele se virar e se misturar à multidão.

Finalmente relaxo e fico observando tudo ao meu redor. Sem dúvida aqui é um lugar muito bonito, mas não posso deixar de me sentir meio deslocada.

Ao fundo começo a ouvir a batida de Sweet Dreams na versão de BLVCK.

“Sweet dreams are made of these

Who am I to disagree?

Travel the world and the seven seas

Everybody's looking for something”

“Doces sonhos são feitos disso

Quem sou eu para discordar?

Viaje pelo mundo e os sete mares

Todo mundo está procurando alguma coisa”

— Boa noite? — Um choque percorre todo meu corpo e me sinto estremecer ao som da voz rouca e sexy próximo ao meu pescoço, deixando minha pele em brasa como nunca em minha vida havia sentido antes.

Essa voz

Fecho os meus olhos por alguns segundos e tento controlar as batidas do meu coração, mas é inútil, ele parece que vai sair pela boca.

É intenso demais, real demais, forte demais.

Ergo meu olhar para seu rosto e ali tenho certeza que encontrei minha perdição.

Ele é o homem dos meus livros! O homem dos meus sonhos!

Apesar de estar escuro e apenas os *flashes* do jogo de luz me darem algum vislumbre dele, posso perceber os cabelos negros caídos na testa, olhos azuis quase cinza, queixo quadrado com uma barba bem-feita, um sorriso perfeito. Ele é muito alto, deve ter 1,90m, forte, apesar do terno aberto e da camisa preta por dentro com os primeiros botões abertos deixando seu peito um tanto exposto, sua calça escura combina perfeitamente com o terno e os sapatos caros.

Engulo em seco e me afasto tentando recuperar um pouco do meu equilíbrio.

Não viaja, Aurora! Aquilo é um sonho, esse homem é real. Ele é real, não é?

— Desculpa, não quis te assustar. — E lá está novamente a voz que povoa minhas noites fazendo meu corpo vibrar, olho para ele assustada, tentando raciocinar direito. — Posso me sentar? — Ele aponta para o espaço ao meu lado e meu olhar segue o seu dedo logo voltando para o seu rosto. Não sei o que responder, mas quando dou por mim, estou assentindo levemente. Ele senta e me observa. Imediatamente seu perfume invade minhas narinas, amadeirado e com um leve toque de pimenta me embriaga. *Esse perfume* — Você não costuma vir aqui, não é? Eu nunca a vi antes. — Balanço a cabeça afirmativamente novamente. — Você sabe falar? Entende a minha

língua?

Entender eu entendo, só não consigo formar uma frase com você assim tão perto.

Sorrio e baixo meu olhar, quando o ergo ele me olha de forma intensa e profunda, mas logo sua expressão volta a ser impassível e me pergunto se não estou enlouquecendo?!

Deixo minhas bobagens de lado, respiro fundo e o respondo:

— En-entendo sim, senhor! — respondo o mais firme que posso, mesmo sabendo que falhei miseravelmente e novamente está lá a expressão profunda e intensa, como se quisesse desnudar a minha alma, mas logo volto a achar que estou imaginando coisa, pois seu olhar assume um tom gelado que faz um arrepio percorrer meu corpo.

— Senhor? Por favor, eu não sou tão velho assim. — Realmente ele não é velho, deve ter em torno de trinta e poucos anos.

— Des-desculpe. — Ele me olha e parece me observar atentamente.

Seus olhos azuis me prendem e parece deixar o ar rarefeito. Não posso deixar de notar que seu olhar leva fogo e gelo, ódio e paixão. Está tudo ali. Sua intensidade me assusta e faz um alarme de perigo soar dentro de mim, mas não consigo me afastar.

A música toca ao fundo parecendo deixar tudo ainda mais intenso.

*“Some of them want to use you
Some of them wanna get used by you
Some of them want to abuse you
Some of them want to be abused”*

***“Alguns deles querem te usar
Alguns deles querem ser usados por você
Alguns deles querem abusar de você
Alguns deles querem ser abusados”***

Um arrepio atravessa minha pele quando sua voz intensa me chama atenção.

— Você não tem porque se desculpar. — Sua voz é profunda e ele parece querer enxergar através de mim, a forma como me olha é intensa, como se buscasse algo. Como se esperasse por algo que não sei o que é?!

— Seu namorado não deveria deixá-la sozinha — fala sem desviar seu olhar do meu.

— Meu-meu o quê? — pergunto, confusa.

— O rapaz que veio com você, vi vocês chegando juntos e depois dançando, não se separaram até agora. E eu não tirei meus

olhos de você desde que chegou, assim como cada homem dessa boate.

— Co-como? Você estava me observando? — pergunto confusa e um sorriso torto, que no mínimo diria ser deslumbrante, se abre em seu rosto, mas não chega aos seus olhos, que parecem gelo de tão frios, me fazendo desejar aquecê-los.

Novamente a batida da música ecoa em meu peito.

“I wanna use you

And abuse you

I wanna know what's inside”

“Eu quero usá-lo

E abusar de você

Eu quero saber o que está dentro”

Estou ficando louca!

— Sim, mas como o seu namorado não te largava, não pude me aproximar.

— Como? O senhor deve estar se confundindo. Eu não tenho namorado, vim com meu amigo, talvez seja o rapaz que dançava comigo que você viu. — Por alguma razão estranha me sinto impelida a explicar a ele esse fato.

— Amigo? — Ele parece processar a informação até que pergunta: — Com benefícios? — Um sorriso malicioso se forma em seus lábios e isso de alguma forma me irrita.

— Como assim? Desculpe, mas não entendo o que isso quer dizer e pela forma como o senhor me olha não deve ser algo bom. Se me der licença. — O sorriso em seu rosto se esvai ao passo que tento me levantar e me afastar desse homem que faz meu coração bater desenfreado e o sangue em minhas veias ferver, mas antes que possa sair do lugar ele segura meu braço fazendo um choque se espalhar pelo meu corpo.

Como ele faz isso? Quem é esse homem? E por que meu corpo reage de forma tão primitiva ao seu toque?

Ele se ergue me fazendo olhar para cima e encarar seus olhos azuis. É como se algo tocasse meu peito e meu coração fosse sair pela boca.

— Espere, não vá! — Sua mão ainda está em meu braço, ele a olha e me solta como se levasse um choque. — Não foi minha intenção ofendê-la, por favor, sente-se. — Olho para o acento e novamente para ele, mesmo que minha consciência grite que não, me vejo sentando. — Olha, que tal bebermos algo? Você aceita? — ele me pergunta e me olha como se minha resposta fosse realmente

importante para ele.

— Eu não bebo — respondo. — Álcool, não bebo bebida alcoólica — falo e ele parece um tanto espantado, mas logo sua expressão volta ao normal.

— Tudo bem, acho que eles servem coquetéis sem álcool aqui, vou pegar algo para nós dois, tudo bem? — Queria dizer que não, mas assinto, ele se levanta e antes que saia se inclina e fala em meu ouvido: — Espero que não fuja, pois irei atrás de você onde quer que esteja. — Ele deposita um beijo próximo ao lóbulo da minha orelha e nesse momento meu coração explode em meu peito.

Fecho meus olhos me deixando levar pela sensação gostosa que seu beijo provocou em mim, quando finalmente os abro ele não está mais aqui.

Respiro fundo.

— Se acalma, Aurora, você não pode ficar assim. E mesmo que quisesse sair daqui, como iria achar o Gabi? Deixei meu celular de segunda mão e com a bateria viciada em casa, então não tenho como achar meu amigo.

Tento justificar assim o fato de ainda não ter saído correndo.

Olho ao redor e nem sinal do meu melhor amigo.

Onde está você, Gabi?

Observo as pessoas dançarem, mas parece que tudo ao meu redor se passa em câmera lenta, só consigo sentir minhas mãos suando e meu coração acelerado. Minha razão grita para que eu fuja e meu coração desenfreado implora para que eu fique e o espere. Fecho meus olhos e tento me concentrar nas batidas do meu coração, fecho minhas mãos em punho.

Vou embora agora!

— Espero não ter demorado! — A voz rouca e profunda me assusta e o vejo sorrir. Um sorriso que faz com que eu esqueça por completo minha pouca determinação de ir para longe dele.

Sabe quando um predador tem algo que atrai sua presa a ele, e a mesma vai de encontro à sua perdição, convencida de que ali está seu paraíso? Então, é assim que me sinto.

— Você se assusta fácil — ele fala com um sorriso torto e acho que prendo minha respiração.

Como ele faz isso? Como ele consegue ser tão... tão... tão bonito?

Controle-se, Aurora!

Reúno minha pouca coragem e o respondo:

— É você que chega como um fantasma. Como quer que eu não me assuste? — Ele ergue a sobancelha e o sorriso torto brinca em

seus lábios.

— Um fantasma? — Ele parece pensar — Gostei! Talvez eu seja isso — ele fala pensativo. — Alguém morto que vaga pelas sombras. — Sinto um arrepio passar pelo meu corpo e seu olhar me queimar. — Sua bebida, anjo. — Olho para a bebida que está em uma taça vermelha sangue, com um morango cravado na borda. — Pode tomar, não *tem* álcool — ele fala me observando e sinto um tremor percorrer meu corpo por estar sob seu olhar.

A música ao fundo continua tocando, parecendo um aviso, mas não consigo entender de que.

“I’m gonna use you and abuse you

I’ve gotta know what’s inside

I’m gonna use you and abuse you

I’ve gotta know what’s inside”

“Eu vou te usar e abusar de você

Eu tenho que saber o que está dentro

Eu vou te usar e abusar de você

Eu tenho que saber o que está dentro”

Ele leva o copo da sua bebida aos lábios perfeitos, sem tirar os olhos de mim. Lentamente levo minha bebida aos meus lábios enquanto ele me observa. É boa, doce, suave, mas com um pequeno amargor no fim.

Olho para ele que parece me encarar de forma estranha, como se visse um fantasma, sua expressão está assustada e seus olhos parecem pegar fogo, ao mesmo tempo em que suas mãos estão em punho, deixando os nós dos seus dedos brancos.

— Você está bem? — pergunto receosa pela sua reação.

Ele me olha e nesse momento vejo suas narinas dilatarem, ele ofega e aperta o seu copo. Há algo além do gelo no seu olhar agora, vejo ódio cru. Um sentimento que nunca estive perto até aquela noite no Bronx, quando aquela mulher que me assaltou, ali pude ver o que era ódio, mas o que vejo em seu olhar gélido vai além disso, não posso identificar o quê, porque ele desvia os olhos piscando furiosamente ao passo que tenta esfregá-los.

Um alarme soa dentro de mim gritando ***CORREEEEE***, mas me sinto incapaz de fazer o que meu subconsciente me pede.

— Sim! Estou bem — ele responde, olha para o outro lado e parece piscar ainda mais confuso, depois entorna o restante da sua bebida de uma vez.

Sinto que devo me afastar, que chegou o momento, é loucura sentir isso por alguém que não conheço, por alguém tão frio.

Mas por que meu coração implora para não o deixar?

Quando levo um segundo gole da bebida aos lábios ele me interrompe.

— Já chega, não bebe mais isso! — Ele retira o copo da minha mão e me assusto quando ele despeja todo o conteúdo no chão!

— Quê, por-porque você fez isso? — pergunto, confusa.

— Porque mesmo sendo um demônio preciso te proteger, anjo. — Novamente sua expressão se altera, seu olhar fica vago até que novamente a sombra do ódio passa por ele, ele balança a cabeça como se quisesse afastar uma visão ruim.

Respiro fundo, já chega, por mais que deseje estar perto dele preciso me afastar, não posso continuar aqui, isso é loucura. Fecho meus olhos por segundos e quando os abro falo o que minha mente deseja e meu coração não.

— Olha, desculpa, mas tenho que ir. — Tento me levantar, mas sinto meu corpo pesar e tudo girar ao meu redor. — O quê? — Sinto braços fortes me envolverem e o medo e a segurança brigam dentro de mim, minha pele pega fogo e meu coração parece que vai sair pela minha boca.

— Vem comigo! Preciso cuidar de voc... — ele para de falar olhando nos meus olhos, mas não parece me ver de fato.

Por alguma razão não sinto que devo ir com ele, mesmo querendo do fundo da minha alma. Tento me soltar de seus braços, mas ele é muito forte e não parece se mover com meus movimentos débeis.

— Nã-não... Gabi... ele vem... Ele vem me-me buscar.

Minha língua parece pesar e tudo gira ao meu redor, as luzes machucam minha visão, não vejo mais seus olhos, pessoas rindo ao meu redor, elas estão desfocadas e monstruosas.

Estou com medo.

Não sei o que acontece, mas sinto meu corpo ser alçado, meus pés se movem trôpegos, e só não caio porque sinto seus braços fortes prenderem minha cintura, me apoio como posso nessa parede de músculos e uma sensação estranha se instala em meu peito.

Gostaria de abraçá-lo e ao mesmo tempo correr para longe dele.

Sinto pessoas esbarrarem em mim, mas não consigo desviar, o barulho da música é ensurdecador, minha cabeça gira e lateja, mas ainda assim consigo me lembrar do meu amigo.

Onde ele está? Onde Gabi está?

— Por-por favor. Gabi... — Minha voz não passa de um sussurro.

Logo a música fica distante, é como se houvessem abafado o som. Não consigo focar em nada, mas sei que não estou mais no meio da boate. A iluminação desse lugar é pouca ou minha visão está turva. O medo se instala em meu peito e sinto que devo sair daqui, mesmo sem ter consciência dos meus movimentos, minha mente me implora para reagir e ir embora.

De repente, sinto minhas costas se chocarem numa parede.

— QUEM É VOCÊ? — Sinto meu rosto ser apertado. — VOCÊ ESTÁ MORTA, MALDITA! MORTA! — ele grita ensandecido e não entendo nada.

Por que ele grita? Por que eu estou morta?

Deus, preciso sair daqui.

— PORRA, POR QUE VOLTOU?! EU TE AMEI E VOCÊ...

Sinto minha boca ser esmagada pela dele, tento afastá-lo, mas meus braços pesam e meus movimentos são débeis. O beijo é urgente, como se ele dependesse disso para viver. E eu? Dou-me conta no fundo da minha mente débil que estou tendo meu primeiro beijo roubado. Seus lábios passam a ser gentis, acariciam meus lábios e pedem passagem para ir mais fundo e como se ganhassem vida própria meus lábios se abrem e minha língua abraça a sua.

Sinto algo amargo, mas não é o sabor da bebida é o sabor da sua dor. Esse homem está me mostrando sua alma com seu beijo. Quero que ele sinta o doce do alívio, quero ser o bálsamo para sua dor. De repente, ele separa nossos lábios, e nesse momento sinto um frio invadir minha alma e o medo de antes sufocar meu coração com garras de ferro.

Deus, o que está acontecendo aqui?

— Não sabe por quantas noites desejei você, sonhei com você. Te amei de corpo e alma, mas você, maldita, me traiu, fazendo amor comigo e pensando em outro. Por quê? Por que agora você está aqui? Você voltou para mim, é isso? Eu não posso te perdoar, mas preciso te amar mais uma vez!

Não posso ver seus olhos, mas posso sentir sua voz arranhar minha pele como uma faca embevecida de dor e ódio, um arrepio percorre minha coluna e sinto sua respiração acelerada.

De repente, sinto sua mão subir devagar pela minha coxa, ao passo que esmaga meus lábios com um beijo carregado de angústia. Sua mão desliza pela lateral do meu corpo até tocar suavemente em meu seio, acariciando o bico que está intumescido, me causando arrepios, ao mesmo tempo em que seus lábios abandonam os meus e vai para o meu pescoço mordendo de leve e lambendo em vários lugares.

Quero gritar para que ele pare, que mesmo sendo delicado e intenso não é o certo, pois não sou a culpada da sua dor nem o alvo real do seu desejo, mesmo querendo no fundo da minha alma ser seu bálsamo, ser sua.

Mas não assim.

— Seu gosto está diferente... — fala sem parar de beijar meu pescoço. — Está mais doce, excitante e delicioso, tão perfeita! — Lágrimas queimam em meus olhos.

Não tenho força para mandá-lo parar, meu corpo não me obedece. Meus membros estão pesados, não consigo afastar seu corpo do meu, corpo esse que ele viola com seus toques carregados de raiva, mesmo suaves, seus toques tem veneno, eles trazem mágoa, dor, ódio e não é por mim.

EU NÃO SOU SEU VERDADEIRO ALVO!

Sinto algo pressionar em minha barriga. Tenho medo, mas algo se aquece entre minhas pernas, e como se ouvisse meus pensamentos sua mão sai da minha cintura e desce suavemente erguendo meu vestido e acariciando suavemente a minha coxa até minha intimidade, enquanto a outra continua apertando meus seios, mandando sensações gostosas pelo meu corpo. Solto um gemido involuntário quando sua mão brinca com minha intimidade sobre minha calcinha.

Minha alma está carregada de dor, mesmo meu corpo reagindo com prazer.

Eu quero isso, mas não assim. Não com a sombra do ódio e sim com amor.

Como uma espada afiada, tal constatação rasga minha alma.

Os beijos descem pelo meu pescoço encontrando meus seios, ele retira a mão da minha intimidade e meu corpo quer reivindicar seu toque, mas minha alma implora para que ele pare. Não sei o que acontece comigo, por que não rajo? Por que estou com medo, apavorada, mas meu coração implora para não deixá-lo e meu corpo o deseja, mesmo sabendo que ele está prestes a me destruir?

Antes que minha mente débil me dê qualquer resposta, sinto minha calcinha ser rasgada.

— Minha! Você é e sempre será minha! E vou te amar mais uma vez, porque nem a morte pode tirar você de mim. Você voltou por mim e mesmo te odiando preciso te amar uma última vez.

Suas palavras, o tom da sua voz e a intensidade da dor e da raiva que ele direciona a mim, fazem lágrimas correrem pelo meu rosto. Tento empurrá-lo, mas não tenho forças, me debato, mas ele é mais forte e me prende com seu peitoral.

Ouçó o som de alguma coisa, um zíper se abrindo. Sem que

espero sinto algo morno, quente e de alguma forma tosca e esdrúxula, excitante e apavorante tocar minha intimidade.

— Não posso mais esperar, preciso de você, nem que seja uma última vez, maldita! — Ele segura e ergue minha perna esquerda e instintivamente, de forma fraca prendo ao seu quadril.

E sem que eu espere, sinto algo entrando em mim, me rasgando ao meio. Ouço um grito e só após alguns instantes me dou conta que o grito era meu. Eu me debato tentando afastá-lo de mim.

Ele fez! Ele me fez dele! Ele me destruiu.

— Mas o quê? — Ele parece confuso, parece tentar olhar meu rosto, mas não consigo olhá-lo, não consigo encará-lo. — Eu... Não pode ser... — Sinto sua respiração acelerar. Ele parece fechar os olhos e de repente sua voz retorna rouca e dolorosa, ele toca meu rosto com carinho e delicadeza, quase como se eu pudesse sumir ou não fosse real. — Anjo? Anjo dos meus sonhos? Então é você? Você veio me resgatar da dor, não foi? Você veio me salvar. Não era ela, sempre foi você, meu anjo. Por favor, não me deixe! Seja minha, meu anjo, me dê seu alívio, o alívio que me toca todas as noites. — Ele beija meu pescoço e sinto uma lágrima escorrer pelos meus olhos. — Me perdoe, anjo dos meus sonhos, você não é como ela. Você é especial. Tão doce — Ele acaricia meu rosto — Não me deixe. Seja para sempre minha.

Sinto meus lábios serem tocados por um beijo doce e lento.

Meu coração dói, dói como nunca antes. Um segundo. Se a um segundo atrás ele houvesse me pedido para ser para sempre dele, eu seria, mas agora é tarde demais.

Você me quebrou!

Sinto medo, raiva, nojo e algo a mais. Meu coração, meu estúpido coração se nega a odiar meu abusador.

— Não-não... Para... po-por favor! — peço para que ele pare, minha voz não passa de um sussurro débil.

— Tudo bem, não vou parar, meu anjo! — Ele entende errado meu pedido e isso quebra mais o meu coração. — Serei seu e você será minha por toda eternidade. Não quero mais acordar, me deixe ficar aqui no mundo dos sonhos com você. Só quero te amar, meu anjo, amar e adorar você por inteiro, como só você merece. — ele fala sobre meus lábios enquanto começa a se mover dentro de mim.

Sua mão que estava na lateral do meu pescoço segurando-o delicadamente escorrega deixando uma trilha de fogo por onde passa até acariciar meu seio de forma lenta. Um suspiro de dor e de desejo, não sei, deixa meus lábios. Parte de mim grita para que isso acabe. Que não é justo comigo, que não é certo, pois ele acabou de violar meu corpo e minha alma, mas por outro lado, meu coração implora

para que ele não me deixe. Que não devo deixá-lo ir.

Como poderia curá-lo se ele acabou de me destruir?

Ele se move dentro de mim de forma lenta, dói no começo, mas depois um prazer que nunca imaginei que pudesse existir começa a tomar conta do meu corpo.

Eu quero, mas não quero sentir isso. Por que parece tão certo e tão errado ao mesmo tempo?

Eu me sinto nua, suja, exposta e desejosa.

Por que não posso odiá-lo? Por que minha alma se junta a dele de forma sedenta? Por que ele me destrói e o desejo de uma forma que não posso descrever?

Seus movimentos vão ficando cada vez mais fortes, mas ele continua carinhoso, falando coisas ternas.

— Você é tão linda, anjo dos meus sonhos. Sabia que você viria me salvar dessa agonia. Tão perfeita. Tão minha. Não vou te deixar nunca mais. Não quero acordar, anjo. Não me deixe acordar e ficar sem você. — A cada palavra sua me sinto pior, é como se minha consciência me mostrasse que o que está havendo é errado, mas meu coração não conseguisse rejeitá-lo e meu corpo não reagisse contra.

Sei que ele está me quebrando.

Ele entra em mim cada vez mais forte, me apertando contra ele, me fazendo sentir seu cheiro amadeirado, o calor do seu corpo contra o meu. Aperto seu braço cravando minha unha o mais forte que consigo.

Quero resistir, preciso resistir a esse desejo sujo.

E como se lesse meus pensamentos ele toca um ponto em minha intimidade que faz meu corpo estremecer e um prazer ainda maior tomar meu ser. Gemidos escapam dos meus lábios e não sei se são pela dor da minha alma ou pelo prazer do meu corpo. Sinto que seu toque está levando meu corpo a um limite de prazer que sinto toda minha razão calar.

Só há meus gemidos e seus rugidos.

E quando acho que não posso sentir mais prazer, me sinto levada ao paraíso e flutuar no céu, meu corpo chega a um ápice nunca sentido, é maravilhoso. Ele estremece e sinto algo quente se espalhar em meu interior.

Ele repousa a cabeça na curva do meu pescoço e permito minhas mãos, que eu não havia percebido que agarrava seu terno caro, caíam ao lado do meu corpo.

— Anjo dos meus sonhos, meu doce anjo. — Ele beija meu ombro com carinho. Eu sabia que você me salvaria outra vez. — Ouvir isso é a gota d'água.

Sinto um soluço vindo do fundo da minha alma emergir e saltar pelos meus lábios. A constatação do que acabou de acontecer atinge minha mente enevoada e me sinto imunda, suja, miserável.

Só quero a morte!

Eu queria salvá-lo, mas não posso!

Ele me destruiu.

Não posso mais salvá-lo. Não posso mais ser sua salvação, pois meu coração está em pedaços, totalmente perdido.

Ele ergue a cabeça, confuso, e o sinto sair de dentro de mim, o que faz algo internamente quebrar em milhões de pedacinhos. Um frio invade minha alma e sinto que falta uma parte de mim que nunca mais será encontrada.

— O-o que está acontecendo? Por-por que? O sonho... O anjo dos meus sonhos. — Sua voz não passa de um sussurro até que ele fala mais alto. — Cristo, o que eu fiz? — Sua voz rouca soa confusa e angustiada.

Ele se afasta como se levasse um choque e sem forças escorrego pela parede até o chão, encolho minhas pernas e sinto minhas partes íntimas doloridas, mesmo assim não me importo, me encolho o máximo que posso e os soluços vêm involuntariamente, junto com lágrimas que banham meu rosto.

Sei que ele me olha, posso sentir seu olhar sobre mim, mas não posso encarar o monstro que acabou com a minha vida. Ele me destruiu sem piedade, levou embora tudo que havia guardado para o homem dos meus sonhos.

Meu primeiro beijo, minha pureza, nada mais me restou, a única coisa que desejo nesse momento é a morte.

— NÃO! NÃO! O QUE EU FIZ? DEUS... Eu não posso ter... eu... — Sua voz é um sussurro até apenas o silêncio se ouvir.

Ouçó um rugido seguido de uma pancada, a música volta a ficar alta depois longe novamente, como se abrissem uma porta.

Agora sei que estou sozinha!

Ele se foi. Ele fugiu e me abandonou no inferno. O príncipe dos meus sonhos se tornou meu algoz.

Meu coração sangra, minha alma está rasgada, mas ainda assim, não queria que ele se fosse, pois agora mais do que nunca sei que a parte de mim que ele levou não irei mais encontrar, jamais!

Ele me deixou aqui com aminha sujeira, impureza e desgraça, com meu coração em pedaços.

— Só me leve agora, Deus...

É a última coisa que sussurro antes de cair na completa

escuridão.

(...)

— **Nossa, Que gostosa aquela morena! Você é um filho da puta sortudo, Bash!** — Lucian chapado bateu em meu ombro.

— **Sim, ela é gostosa e está comigo. Não é pro seu bico, Lucian!!!**
— falei entre dentes.

Estava chapado também, não ia negar que cheirei, mas devido ao longo tempo de uso de drogas na adolescência, ela já não fazia mais tanto efeito em mim. O que era uma verdadeira merda, pois minha intenção ao usar novamente depois de tanto tempo era esquecer. Esquecer toda a podridão que me cercava e só tinha descoberto naquele instante. E foi justamente no momento em que estava cheirando mais uma carreira de cocaína que levantei a cabeça e a vi.

O anjo dos meus sonhos.

Tão linda e perfeita. Parecia que tudo ao redor dela brilhava, não eram as luzes da boate, era a luz dela, ela irradiava pureza. Seu andar era delicado e seus gestos pareciam flutuantes, seu sorriso. Seu pequeno e tímido sorriso me fez perder o fôlego.

Enquanto ela dançava meus olhos não saiam dela, de como seu corpo se movia de forma sensual e sem vulgaridade. Como seus sorrisos não apresentavam malícia, como era alheia aos olhares de todos os homens da boate.

No início achei que estava sob o efeito da droga, não podia ser ela, o anjo dos meus sonhos, o anjo que vinha me visitar em sonhos havia anos e nos últimos tempos vinha com mais frequência. Comecei a sonhar com ela desde o início da minha adolescência, e mesmo depois de casado,

sempre me via sonhando com ela e me sentia péssimo no outro dia por trair minha esposa em sonhos.

Que idiota eu fui, ri com amargura.

Aquele anjo sempre vinha me consolar, seu toque era delicado, doce, meigo, e me trazia tanta paz, eu não via seu rosto, nunca vi, mas sabia que sua pele era morena, seus cabelos castanhos e seu cheiro. Ah, seu cheiro de jasmim. Era algo que sempre acordava em minha mente no dia seguinte.

E naquele momento estava fissurado olhando para uma garota que era a cópia real do anjo dos meus sonhos. Não era possível, só podia ser efeito da droga! Mas percebi que embora entorpecido eu ainda estava lúcido e parcialmente ciente de tudo que ocorria ao meu redor, sabia que ainda não estava absolutamente chapado.

Ela dançava com o rapaz que no início me fez desejar cometer um assassinato, porém, ao vê-lo não tirar os olhos de outro cara, saquei a dele. Porque nenhum homem hétero ficaria imune àquela beldade diante de si.

Vi minha oportunidade surgir quando ela falou algo para ele e apontou para próximo de onde eu estava sentado. Quando a vi abrindo caminho por entre as pessoas não pude resistir, me pus de pé e a segui, como um viciado segue sua droga, estava hipnotizado. Ela abria caminho entre as pessoas por um lado e eu por outro, sem tirar os olhos dela, para que não existisse a menor possibilidade de perdê-la de vista. Totalmente alheio as pessoas em quem esbarrava e resmungavam. Quando finalmente a vi sentar, apressei meus passos, pois percebi dois caras com a mesma intenção que a minha, e sem perder tempo me aproximei dela, não dando brecha para que outro o fizesse.

No entanto, meu sorriso morreu quando senti seu perfume de jasmim. Ele entrou nas minhas narinas e aqueceu algo dentro do meu obscuro coração. Foi como se uma mão invisível houvesse acendido uma vela e iluminado a escuridão que havia dentro de mim. Fechei meus olhos, inalei profundamente seu perfume que tanto me trazia paz e quando abri meus olhos, encontrei as palavras e proferi meu "boa noite", embriagado.

Não pela droga, ou pelo uísque, mas pelo seu perfume.

Sentei ao seu lado e passei a observá-la atentamente, como colocava o cabelo atrás da orelha, como mordida o lábio inferior, como mexia nervosamente em seus dedos. Tudo era tão natural, irradiava tanta luz e inocência.

Então a imagem daquela maldita me veio à mente e eu percebi que estava sendo um grande idiota. Que era loucura achar que a mulher dos meus sonhos pudesse ser real e que aquela garota era só mais uma vadia tentando se passar de pura. Tentei encontrar em sua face qualquer traço que a denunciasse, mas nada. Então joguei com ela e quando vi que estava prestes a ir e vi o brilho da mágoa no seu olhar pelo o que havia dito,

voltei atrás e percebi que não queria em hipótese alguma deixá-la. Que se ela se fosse talvez nunca mais a visse.

E se ela não viesse mais me visitar em meus sonhos?

E não sei por que maldita razão essa ideia me assombrou.

Então lhe ofereci a bebida, vi que ela estava relutante em aceitar e internamente implorei que ela aceitasse e ela aceitou, então vim pegar a bebida.

Mas estava com aquele pé no saco do Lucian (aspirador de pó) no meu pé. Aquele filho da puta colou em mim porque queria um financiador para sua noite desregrada de drogas, já que era um inútil e o pai já havia lhe deserdado, deixando tudo para o irmão e sobrinho dele.

— Uouuu, calma aí, amigo. Se tá com você hoje tudo bem, eu pego amanhã — Não o deixei terminar a frase.

Coloquei as nossas bebidas sobre o balcão do bar onde não tinha me afastado, e o segurei pela gola da camisa o fazendo sufocar.

— Acho bom você ficar longe dela se quiser continuar a ter todos os dentes na boca, filho da puta! — Ele segurou minha mão e tentou me afastar, mas o soltei antes que ele me tocasse, ele se desequilibrou e por pouco não caiu no chão, tossindo como um cachorro leproso.

— Qual é, cara? Tá maluco? — Ele se recompôs. — Vai brigar comigo que sou seu amigo há anos por uma garota que você não sabe nem o nome?

— Não vou discutir com você, Lucian. — Segurei as bebidas e tentei me afastar, mas ele segura meu braço.

— Esqueceu o que a vagabunda da sua mulher fez com você? — Acho que apertei tão forte os copos em minha mão que por pouco eles não explodiram.

Eu me virei para ele lentamente e o vi se encolher como um verme.

— Repita isso e você morre! — falei próximo ao seu rosto de forma ameaçadora, mas o bastardo sorriu, o que só fez minha vontade de esganá-lo aumentar.

— Não estou falando para magoar você, amigo, mas para adverti-lo. Não se deve confiar nas mulheres. Nunca! E você melhor que ninguém sabe disso. Tá vendo aquela garota com cara de virgem? — ele apontou para o meu anjo.

Olhei para ela parecendo alheia a tudo ao seu redor, não observava os homens que a olhavam com desejo, nem as mulheres que observavam com inveja. Seu ar era puro, não havia maldade, não havia mentira.

Fui tirado dos meus pensamentos quando a voz asquerosa de Lucian me trouxe de volta.

— Ela provavelmente já deve ter dado para metade de Nova York.

Ódio me consumiu naquele momento. Não sabia se era ódio de Lucian por me fazer enxergar a verdade, ódio dela por saber fingir, ou ódio de mim por associá-la ao anjo dos meus sonhos.

Um dia acreditei cegamente em uma mulher, mesmo quando minha razão dizia que não, meu coração me cegou, me fazendo acreditar e aquilo quase custou a minha vida. Então estava ali, chapado, e quase caindo no mesmo truque novamente.

"Você é patético, Sebastian"

A maldita voz daquele velho asqueroso reverberou em minha mente, me fazendo desejar matar ou morrer.

— Não acredita? — O maldito Lucian continuou a destilar seu veneno. — Aqui! — Ele tirou um comprimido do bolso. — Acredito que essa seja a bebida dela? — ele apontou para a taça vermelha e antes que fizesse algo, ele atirou o comprimido dentro.

— O que você está fazendo? — perguntei enquanto ele mexia o conteúdo com o canudo.

— Te ajudando a ver a verdade. Isso é só uma balinha boba. Com isso aqui logo, logo, ela vai mostrar quem ela é, e não se espante quando vocês estiverem fodendo e ela te chamar de Jonh, Will, Carlo, Peter.

— Cala a boca! — falei entre dentes.

— Ok! Não está mais aqui quem falou. Agora vai lá e desmascara aquela puta com cara de virgem, comprove que nenhuma mulher presta e volte aqui para curtirmos nossa noite.

Antes que ele terminasse de falar segui em direção a ela vendo tudo em vermelho. Imagens do passado me vinha à mente, em todos os sinais que aquela maldita me dava de que não prestava, que estava me manipulando com sua falsa inocência, com seu pseudo amor.

Eu me aproximei da garota que ainda continuava com a mesma aparência de anjo puro, mas que já sabia ser tudo uma verdadeira mentira.

Depois dali tudo passou como um borrão, o anjo dos meus sonhos, Lorena, o anjo dos meus sonhos novamente. A droga começou a fazer seu efeito em meu corpo, me deixando totalmente fora de órbita.

Precisava acertar as contas com aquela maldita, tinha que amá-la mais uma vez, tê-la mais uma vez para mim, por mais que a odiasse eu ainda a desejava.

Levei-a até a escada de emergência, eu conhecia bem aquele lugar, a coleí na parede, tomei seus lábios, seu sabor que estava diferendo do que eu lembrava. Tudo que pensava era em tê-la mais uma vez, em tocá-la e fazer desejar nunca ter sido de outro homem.

Lá estava a minha chance de tê-la uma última vez antes de me

lançar completamente no ódio que sentia por ela, a única coisa que me perturbava era seu cheiro calmante e puro que não me permitia devorá-la, marcá-la como eu queria, ao contrário, aquele cheiro me fazia desejar amar pedacinho por pedacinho do seu corpo, sua pele macia, seus lábios mais doces que o normal.

Eu não aguentava mais aquela tortura. Precisava estar dentro dela.

Meus pensamentos estavam conturbados, completamente perturbados. Algo dentro de mim implorava para que eu parasse, que ela não merecia.

Ela não tinha mais sabor de morte, mas sim de salvação. Sentia meu corpo formigar, um desejo que nunca, em todo o tempo de casado senti por ela, surgiu de forma desenfreada.

Ali estava não mais meu desejo de tê-la uma última vez apenas, mas minha salvação, meu deleite, minha paz.

Mas por que meu coração dizia para parar?

Não sei, mas aquele maldito me enganou uma vez, não me enganaria uma segunda.

Então sem pensar duas vezes eu rasguei sua calcinha e a penetrei!

— AHHHHHHHHHHH

Aquele grito mexeu com algo dentro de mim, mas não conseguia compreender o que estava errado. De repente não era mais a Lorena, era o anjo dos meus sonhos que tremia em meus braços e naquele momento eu quis protegê-la como ela fazia comigo em meus sonhos. Percebi que mais uma vez ela veio me salvar, me salvar da minha agonia, da minha dor, da minha amargura. Lá estava meu anjo em meus braços. Ali eu soube que jamais seria o mesmo, não queria mais acordar daquele sonho, não queria deixá-la, não podia deixá-la.

Ela tinha sabor de esperança, de felicidade e de algo que nunca em minha vida senti de verdade, amor.

Por outro lado, algo dentro de mim gritava para que eu parasse, pois se eu continuasse talvez não houvesse volta, mas por quê? Se ela era minha e eu era dela?!E se ela não viesse mais visitar meus sonhos e me fazer esquecer a dor e o ódio que estava sentindo? Não, não poderia, jamais a deixaria, ela veio por mim e queria ficar naquele sonho para sempre por ela.

Ali, naquele momento percebi que precisava dela, precisava como nunca precisei de algo em minha vida.

— Nã-não... Para..., po-por favor! — E em um sussurro débil ela me pediu para não parar e eu senti um enorme alívio me invadir ao ouvir seu pedido.

Sim, ela veio por mim. Ela me amava. Ela pertencia a mim como eu pertencia a ela.

— Tudo bem, não vou parar, meu anjo, serei seu e você será minha por toda eternidade. Não quero mais acordar, me deixe ficar aqui no mundo dos sonhos com você. Só quero te amar, meu anjo, amar e adorar você por inteiro, como só você merece — Prometi com meus lábios sobre os seus enquanto comecei a me mover dentro dela.

Tão quente, macia e apertada, apertada demais.

Não me permiti pensar e apenas agi.

Parte de mim gritava que estava cometendo um grande erro, que tinha que parar, mas meu coração estava desesperado por algo que só ela podia me dar, algo que não sabia o que era, algo que só como naquele momento, em que estava sonhando podia sentir.

Não queria acordar, não queria que aquele sonho acabasse, não queria voltar para o inferno de dor e ódio, só queria ficar ali, com meu anjo.

Percebi ela tensa, tremendo, por isso busquei lhe dar mais prazer, queria que ela se entregasse a mim, como estava me entregando a ela.

"Por favor, me ajude. Por favor, seja minha salvação!

Por favor, por favor, preciso de você, anjo."

Meu desejo aumentava e investia mais sobre ela, senti seus primeiros espasmos virem e ela me apertar mais, o que fez meu prazer ir a um limite. Mas não era um prazer carnal, não, aquilo eu nunca provei antes. Era único e acabava de me tornar um dependente daquilo.

Quando ela encontrou sua liberação me senti pleno, e consequentemente encontrei a minha.

— Anjo dos meus sonhos, meu doce anjo. — Beijei seu ombro com carinho querendo guardar seu sabor, para quando acordasse senti-lo em meus lábios. — Sabia que você me salvaria outra vez — falei com sinceridade desejando não acordar mais daquele sonho.

Mas o que acontece a seguir foi o pior pesadelo que pude viver, o doce anjo que havia visto, que tomei, estava destruída. Ela chorava baixinho e seus soluços chegaram a um lugar na minha alma que achei não ser possível.

Mas o quê? Senti um nó em minha garganta.

— O-o que tá acontecendo? Por-por que? O sonho. O anjo dos meus sonhos. — Estava confuso, por que o anjo dos meus sonhos chorava?

"Espera! Is-so é um sonho, não é? Ela veio me salvar novamente, não foi?"

Um barulho ao longe foi ouvido, então comecei a lembrar da boate, bebidas, luzes. Um soluço me trouxe de volta ao presente momento, olhei pra baixo e vi a silhueta pequena encolhida no chão, tremendo e senti uma angústia febril tomar conta de mim. — Cristo, o que eu fiz? — Eu não sabia o que pensar, não entendia, estava sonhando, o anjo dos meus

sonhos veio me amar e então, por que ela chorava? Aquilo não era um sonho, era real?

Fui tocado, mas manchei.

Fui amado, mas destruí.

Fui salvo, mas a condenei.

Encolhida no canto da parede como um bichinho ferido estava meu anjo.

Eu a feri.

Eu a destruí.

Eu era um mostro.

Eu era uma aberração.

— NÃO! NÃO! O QUE EU FIZ? DEUS...

(...)

Acordo suado e sentado na cama, outra vez, gritando. Outra vez o maldito pesadelo que me persegue há 4 anos.

Coloco meus pés para fora da cama e apoio o meu cotovelo nas pernas.

— Você nunca vai me deixar, não é anjo? — Passo minha mão pelo meu rosto. — Esse é meu castigo. Mereço lembrar todos os dias do quão miserável sou. Esses pesadelos serão para sempre minha maldição, os levarei para o resto da minha vida para lembrar o mal que fiz a uma inocente.

Um sorriso triste surge em meu rosto.

Quando saí da boate a deixando para trás, sozinha e abandonada, corri o máximo que pude, entrei em meu carro e acelerei para minha casa, honestamente até hoje não sei como consegui chegar, tudo não passa de um borrão. Entrei às pressas e saí atirando minhas roupas pelo quarto, necessitava de um banho, precisava tirar o cheiro dela de mim, precisava esquecê-la. Achava que assim poderia esquecer do lixo humano, do monstro que havia acabado de me tornar. Achava que a esquecendo, esqueceria a culpa que me corroía como veneno.

Ledo engano!

Foi quando entrei no box e liguei o chuveiro, que pela primeira vez olhei minhas mãos sujas de sangue. A princípio não entendi de onde vinha aquele sangue, eu não estava machucado, não havia me cortado, então uma lembrança me veio à mente.

"Tá vendo aquela garota com cara de virgem?"

"Agora vai lá e desmascara aquela puta com cara de virgem e

comprove que nenhuma mulher presta e volte aqui para curtirmos nossa noite"

— *Virgem! Não pode ser, ela era virgem? PORRA!*

Soquei a parede com toda força que tinha até que meu sangue se misturou ao dela, e ficou manchado no porcelanato do banheiro. Ao sair me deparei com minhas roupas e então vi na minha camisa, logo na barra uma pequena mancha de sangue, rasguei todas as peças como um lunático, quebrei vários objetos, destruí som, tv, espelhos, uma janela, meu quarto ficou um caos.

Deixo as poucas memórias que tenho daquele maldito dia de lado e olho para o criado mudo, ao lado da minha cama, sobre ele repousa meus comprimidos para dormir. Desde o ocorrido sofro de insônia. Então procurei um médico, mas já é a sétima vez que troco de remédio, um mais forte que o outro, mas nada resolve, nada.

Pego o frasco de comprimidos e avalio.

— Isso não é doença, maldito! E antes fosse. Isso se chama culpa e disso nem no inferno você vai se livrar — digo a mim mesmo.

Jogo o frasco sobre o criado mudo e checo o relógio, são 3:28h da madrugada. Pego meu celular e sigo para meu refúgio, meu escritório.

Até hoje não entendo o que aconteceu naquela maldita noite, por mais que eu tente lembrar eu não consigo. Eu tenho convicção que usei apenas cocaína, mas as alucinações que tive não condiziam com os efeitos dessa droga.

Que porra aconteceu para que eu perdesse o controle ao ponto de não distinguir realidade e ilusão?!

Por mais que eu pense e me esforce para lembrar, não consigo entender como as coisas chegaram naquele estágio. Como pude fazer o que eu fiz?!

Eu só queria entender como? Por quê?

As lembranças são muito vagas e confusas e isso me enlouquece.

Suspiro e passo a mão no rosto, olho para meu celular e vejo a mensagem da Foux, informando que a operação foi um sucesso.

A Foux é uma empresa de segurança privada que fundei após o último atentado do maldito contra a minha vida. No entanto, ela não é apenas a empresa de segurança mais renomado do território americano, por trás do seu nome de referência a Foux é usada como fachada para uma organização paramilitar que criei junto com meus amigos: Eduardo Colares, Brian Del Corso e Andrey Sanders, para combatermos o tráfico humano.

Essa noite eles invadiram um galpão ao sul de Nova Jersey e

resgataram diversas mulheres que haviam sido traficadas, muitas vieram atraídas com a promessa de um emprego e uma vida digna em solo americano, e ao chegarem aqui acabaram sendo obrigadas a se prostituírem.

Olho para a mensagem me sentindo satisfeito e frustrado ao mesmo tempo. Há um ano me afastei das operações em campo. Depois do ocorrido na boate e do meu colapso, resolvi reagir, larguei as drogas de vez e caí em campo em todas as operações possíveis como forma de aplacar a angústia e a dor que sentia pelo que fiz àquela garota.

Acontece que na última missão que participei, um ano atrás, foi em um prostíbulo na Tailândia, onde adolescentes vindas da Índia eram mantidas em cativeiros e abusadas por diversos homens, incluindo os da máfia tailandesa. Eu botei aquela porra toda abaixo, entretanto, não poderia prever que teria um maldito gatilho ao chegar em um dos quartos e presenciar um maldito verme abusando de uma garota de 15 anos. Foi demais, eu entrei em surto e só consegui parar a carnificina quando fui contido por Eduardo e Brian.

Depois daquilo eu não tive mais condições de permanecer em campo e por isso me ative apenas em acompanhar tudo de longe. Foi melhor assim, eu não poderia correr o risco de comprometer nossas operações, porque me tornei uma maldita bomba relógio.

Novamente olho para o celular.

— Se não posso dormir, que eu trabalhe feito o condenado que sou.

Desço as escadas silenciosamente como estou acostumado a andar. A essa hora todos os empregados estão dormindo e não faço questão da presença de ninguém.

Na verdade, a solidão e o trabalho são minhas únicas companheiras nos últimos anos. Com a exceção apenas dos meus companheiros da Foux, com quem ainda mantenho uma relativa convivência, sendo o mais próximo dele Eduardo, ele é um brasileiro naturalizado americano. Estudamos juntos na faculdade, ele cursando medicina e eu gestão empresarial. Devo minha vida a ele, se não fosse por ele a essa hora estaria ardendo no inferno.

Se bem que minha vida não fica tão longe disso.

Não gosto de pessoas de um modo geral, os únicos que ainda se aproximam de mim são: Brian, Andrey, Eduardo e Célia, minha antiga babá e hoje governanta da minha casa, além dos meus dois cachorros, Fera e Brutus, um casal de pitbull que crio há dois anos.

Entro no meu escritório e acendo as luzes, tudo está como deixei.

Meu escritório é frio e impessoal, com uma prateleira inteira de livros que vai do chão ao teto. Minha mesa de madeira rústica, ao lado uma janela que vai do chão ao teto, que me dá uma visão do jardim e da piscina. Visão essa que não faço questão de apreciar, porque as pesadas cortinas escuras, passam a maior parte do tempo fechadas. Tudo ao meu redor é frio, impessoal e sem vida, como eu.

Não dizem que uma casa mostra a personalidade do seu dono? Então, a minha casa é um grande mausoléu.

Vou até a minha adega particular e me sirvo de uísque, virando meu copo e tomando todo o conteúdo em um só gole

Desce queimando.

Não queima como a minha alma, isso eu garanto.

Sento em uma cadeira próxima a estante de livros e encho o copo de uísque novamente.

— À minha morte! Que seja lenta e dolorosa para vingar você, anjo dos meus sonhos. — Viro o conteúdo de uma vez.

Não ache que eu tenho pena de mim, ou que me sinto um pobre coitado digno de pena.

Miserável? Talvez! Mas coitado não.

Não tenho pena de mim, sei que estou pagando pouco pelo que fiz àquela garota.

Aquela garota que não sei o nome e nem lembro o rosto.

Depois da minha explosão de raiva, me embriaguei até apagar e só acordei 4 dias depois em um hospital, pois havia entrado em coma alcoólico. E no momento que abri os olhos meu primeiro pensamento foi ela, mas não conseguia me lembrar do seu rosto, e por mais que me esforçasse, a memória só parecia querer fugir mais de mim.

Com o tempo as únicas coisas que me assombram são seu choro e seu cheiro. O que não torna meus pesadelos mais amenos, ao contrário, eles parecem ter vida própria. O choro dela parece uma garra de ferro em minha garganta, me sufocando, e seu cheiro me faz sentir falta de algo que não sei o que é, mas sei que nunca tive.

É estranho essas sensações que aquela garota deixou em mim.

Depois do ocorrido tentei falar com os administradores da boate, mas eles fugiram do assunto e me garantiram que não houve nada *anormal* naquela noite, mandei investigar por conta própria, mas aparentemente ninguém sabia de nada. Até que em uma noite subornei o *barman* e ele me contou que um dos garçons havia encontrado uma garota desmaiada e sangrando nas escadas de emergência, era claro que ela havia sido estuprada, mas tudo foi abafado, pois os donos da boate não queriam manchar a imagem do

lugar.

Ali, se eu tinha alguma dúvida do que aconteceu naquela noite ou da monstruosidade que fui capaz de cometer, ela cessou, eu me senti o pior dos vermes, senti desejo de acabar com minha própria vida e por pouco não o fiz, entretanto, eu precisava pelo menos tentar reparar um pouco do mal que fiz a ela.

Por isso fui atrás do tal garçom, mas ele também não me deu muitos detalhes, só que o amigo da garota havia levado *ela*, mas ninguém sabe para onde. Depois disso nunca mais soube de nada. Contratei detetives, mas os mesmos não fizeram muita coisa.

Bando de incompetentes!

Penso com amargura.

No fim ela sumiu da mesma forma que apareceu.

Eu só queria pedir perdão, só queria me redimir, não me importaria se ela quisesse justiça, eu lhe daria, faria qualquer coisa apenas para amenizar uma gota que fosse da dor que causei a ela. Mas nunca mais a encontrei, ninguém sabia quem ela era, de onde veio ou para onde foi, vivendo hoje apenas nas minhas poucas lembranças e pesadelos.

Não sei quanto tempo passo absorto em pensamentos, mas quando olho para o relógio, o mesmo marca 05:45h da manhã.

Logo, logo os empregados estarão acordando e definitivamente não quero que Célia me veja bebendo a essa hora da manhã e nesse estado deplorável. Não que eu tenha que dar explicações a alguém, afinal, pago a salário de todos aqui, mas com Célia é diferente, ela é como uma mãe e sabe dar um sermão como ninguém, e não estou afim de um a essa hora da manhã.

Trato de deixar a garrafa sobre a mesa e sigo para o meu quarto, troco de roupa e visto um conjunto de moletom e tênis resolvendo correr por perto da minha propriedade. Termino de me vestir e desço para cumprir meu objetivo.

Assim que chego ao fim da escada, encontro Célia que vem em minha direção com um amplo sorriso. Ela é uma das poucas pessoas — se não única — que sorri ao me ver.

— Bom dia, menino.

— Bom dia, Célia — falo lhe cumprimentando.

— Vai para academia?

— Não, hoje vou correr — falo me apressando.

— Tudo bem, menino, irei preparar seu café da manhã para quando retornar da corrida. — Assinto e saio porta a fora sentindo a brisa gelada com cheiro de mar nos arredores dos Hamptons tocar meu rosto, e sem esperar mais nada inicio minha corrida, libertando

meus pensamentos, deixando-os extravasarem.

Penso em Célia, ela definitivamente é uma das poucas pessoas que considero e que ainda tenho respeito, mesmo assim depois que cresci meu relacionamento com ela foi ficando mais distante. Não por ela, pois ainda me trata com o mesmo carinho de filho de sempre. Essa descendente de brasileiros, baixinha, mulata, de olhos escuros foi mais minha mãe do que a mulher que me pôs no mundo, e mesmo com minhas grosserias e meu gênio forte. Célia não se dobra diante de mim, ao contrário, me enfrenta e sempre que acha justo, *puxa minhas orelhas*, como ela diz, mas ela é a única, os demais com um simples olhar meu, colocam o rabinho entre as pernas e negam toda sua geração.

Ultimamente eu venho fugindo dela já que resolveu insistir que eu devo encontrar uma *boa moça* para me *aquietar*, mas casar não está nos meus planos novamente, ser pai então, fora de cogitação. Primeiro porque todas que estão ao meu redor só querem o mesmo, meu dinheiro e sobrenome. Uma criança para uma dessas mulheres não seria um filho, e sim um investimento.

Além do mais, depois daquela maldita noite, mal me relaciono com outras mulheres, na verdade, demorou mais de 1 ano para que voltasse a tocar em uma, e desde então é sempre a mesma sensação.

Vazio.

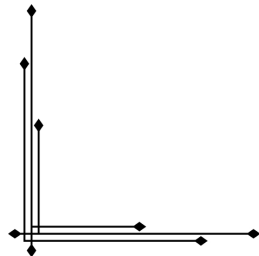
Antes e depois do orgasmo. Sexo para mim se tornou uma necessidade do meu corpo, como beber água, não faço mais por diversão ou prazer. Não porque não queira, simplesmente não consigo mais desejar nenhuma outra mulher com tamanho fervor que desejei aquele anjo. Por mais que não queira admitir, sei que busco ela nas outras, seu corpo, seu cheiro, sua voz doce *e seu perdão*.

Fecho meus olhos, respiro fundo e intensifico minha corrida, como se assim pudesse alcançá-la. Após uma hora, volto para casa, subo para o meu quarto e vou direto para o banheiro, tomo uma ducha e permito que a água quente leve meus pensamentos para longe.

Termino meu banho e entro no meu closet, escolho um conjunto 3 peças Armani azul escuro sob medida, assim como sapatos italianos. Escolho meu Rolex em ouro branco e o encaixo em meu pulso. Por último me olho no espelho e passo minhas mãos pelos meus cabelos que insistem em cair na minha testa, desisto de colocá-los para trás, pego minha pasta e desço para tomar café.

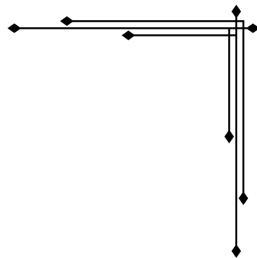
Como sempre a mesa está posta com as melhores iguarias do mundo, feitas por Célia. Tomo meu café preto, puro e sem açúcar, afundado em um profundo silêncio enquanto leio o jornal. Termino e me despeço brevemente de Célia.

E vamos a mais um dia qualquer, Sebastian Di Maccio.



05

Aurora Stuart



CAPÍTULO 05

4 anos depois

Respiro fundo.

Essa será minha última tentativa do dia, depois dessa irei para casa.

Vamos lá, Aurora! Pensamento positivo, garota.

Estou parada em frente a uma cafeteria no centro da Times Square, é um local bem-conceituado, sem dúvidas, percebe-se de cara pelos trajes das pessoas que lá dentro sentam e conversam animados, que mexem em seus aparelhos celulares ultramodernos, enquanto degustam de algo quente para um fim de tarde frio em Nova York.

Olho mais uma vez para a fachada, tomo coragem e abro a porta do local, que logo faz um barulhinho anunciando minha entrada.

Minhas mãos suam e oro internamente para que tudo dê certo.

Uma moça, que acho ser garçonne vem até mim, me olhando de cima a baixo, provavelmente avaliando meu jeans desgastado e meu casaco lilás, nada novo também.

— Em que posso ajudá-la? — ela me pergunta sem se importar de me constranger com seu olhar.

— Bem, — Ergo meu queixo e não me deixo intimidar. — Eu me chamo Aurora e vim pela vaga de garçonne. — Ela nem mesmo me deixa terminar e já me corta.

— Desculpe, mas essa vaga já foi preenchida — fala enquanto joga uma mecha do seu cabelo loiro atrás da orelha.

— Mas há uma placa na porta dizendo...

— Essa placa já deveria ter sido retirada. A vaga foi preenchida essa tarde, e me desculpe, mas se não vai consumir nada.

Ela aponta para a porta e engulo em seco, ignorando o nó que se forma em minha garganta, apenas assinto com a cabeça e saio para a rua. Caminho tentando ignorar as lágrimas fujonas que escapam pelos meus olhos, sei que não posso me dar ao luxo de fraquejar, não agora, e nem se quisesse poderia.

Sento em um banco e olho para o jornal do dia, ele está todo rasurado, praticamente andei Nova York toda atrás de emprego e são sempre as mesmas respostas.

“Desculpa você não está qualificada para o cargo.”

“Você não tem experiência.”

“A vaga já foi preenchida.”

“Você não tem o perfil que procuramos.”

Blá, Blá, Blá...

Deus, até quando?

Olho para o céu cinzento que parece contrastar com meu humor, penso com ironia, mas logo trato de afastar esse pensamento, desço meu olhar e observo mais a frente um pai brincar com a filha que deve ter uns 3 ou 4 anos. Eles estão parados diante de uma loja de brinquedos onde ela mostra uma boneca que está na vitrine, muito animada. Engulo o nó que está em minha garganta e desvio o olhar, me obrigando a levantar e seguir para casa, mas antes dou uma última olhada para onde o pai sai de mãos dadas conversando com a menina.

Ela nunca terá isso!

Viro e apresso meus passos de volta para casa. Após pegar o metrô, absorta em meus pensamentos, finalmente chego ao meu prédio no Bronx, mas antes de subir para o meu apartamento pego a correspondência com o senhor Pool, o velho e gentil porteiro, e quando finalmente abro a porta de casa é como se meu dia finalmente houvesse ganhado vida.

— MAMÃEEEEEEEEEE!

Minha pequena se levanta do chão, onde estava brincando com Gabi e corre em minha direção, se jogando em meus braços, me abaixo para pegá-la e abraçá-la forte, e nesse momento esqueço a dor nas minhas costas, a dor dos pés, a dor das rejeições e das derrotas do dia.

Agora tudo o que importa é ela, minha pequena e linda *Lisbella Maria*. Minha menina, minha boneca, a razão da minha vida. Não sei o que seria da minha vida sem esse serzinho tão lindo e precioso, algo assim só pode ser feito pelas mãos de Deus, porque não tem outra explicação.

A quatro anos atrás, depois do ocorrido naquela boate, mais ou menos 3 meses depois, descobri que estava grávida dessa

preciosidade. Quase não me lembro daquela noite, tudo o que sei, foi que acordei no dia seguinte em um hospital, onde Gabi e o amigo dele me levaram. Ainda grogue das medicações não entendi o que estava acontecendo ali, uma hora estava na boate esperando Gabi e depois não lembrava de mais nada, e só foi após alguns exames que me explicaram que algum ser perverso, me drogou e abusou de mim.

No primeiro momento não podia acreditar, fiquei desolada, me sentia tão suja, tão culpada, tão manchada, foi como se houvessem levado uma parte de mim que jamais poderei encontrar, me sentia vazia.

Depois que saí do hospital entrei em depressão, e por um mês não quis ver ninguém. Gabi contou o ocorrido ao senhor Bartolomeu e aos meus amigos da lanchonete, e para minha surpresa o sr. Bartô, não contratou ninguém no meu lugar e se dispôs a me ajudar com o necessário, assim como Mike e Joanne, mas foi Gabi minha maior força naquele momento, não sei o que teria sido de mim sem seu apoio.

Ele cuidou de mim como se eu fosse de cristal, se preocupou comigo e me protegeu, sempre que tinha pesadelos ele me acordava juntava nossas camas e me abraçava garantindo que estava tudo bem, e que nenhum mal iria me acontecer novamente. Ele me acompanhou quando fiz a denúncia, que no fim não deu em nada, já que os donos da tal boate moveram os pauzinhos e conseguiram abafar o caso.

Resultado: o caso foi arquivado. E se quer saber? Até preferi assim, mexer naquilo só me fazia mal e me fazia afundar mais em depressão.

Todos os meus amigos foram incríveis comigo e logo saí daquele estado deplorável. Voltei a trabalhar na pizzaria e a ajudar o Gabi a confeccionar os vestidos para o concurso de *drag queen* que iria acontecer, o que foi ótimo, porque me fez ocupar a mente e esquecer aquele momento terrível que passei. E foi justamente no meio desse concurso que descobri que estava grávida.

Fui com Gabi para ajudar a levar os vestidos e fazer alguns ajustes de última hora no concurso, caso fosse necessário, depois de tudo certo, da correria das amigas do Gabi dando *piti* e me fazendo morrer de rir, nós dois fomos para o meio do salão da boate assistir as apresentações, o local estava tão lotado que não cabia nem mais um alfinete ali, e foi ao estar no meio daquele monte de pessoas aglomeradas que comecei a sentir um mal-estar.

Primeiro foi o enjoo ao sentir o perfume de uma das *drags*, que me fez passar 20 minutos no banheiro botando todo o jantar para fora. Gabi ficou uma pilha, queria ir embora, me levar ao médico, mas óbvio que não deixei, afinal aquele concurso era importante para ele,

sabia que ele amava ver os modelos dele sendo expostos e aplaudidos, por isso me obriguei a me manter de pé até o fim, ignorei a tontura e o enjoo que estava cada vez pior, e na hora da premiação que a vencedora estava com um dos modelos do Gabi, ele e eu fomos à loucura.

Só que no momento da euforia, comecei a ver tudo girar, minha vista escureceu e a última coisa que ouvi foi a voz de Gabi chamando meu nome. Alguns minutos depois acordei em um ambulatório que havia ali, e ao abrir os olhos vi um Gabi bastante preocupado. Lembro como se fosse hoje, sua expressão fechada e seus olhos angustiados.

(...)

— O que houve? — perguntei com a voz fraca.

— Graças a Deus você acordou, bonequinha. Você desmaiou no meio da boate. — Levei minha mão à cabeça e na mesma hora o enjoo voltou com tudo.

— Gabi, me ajuda. — Tentei me levantar.

— Você não pode...

— Eu vou vomitar! — falei me levantando em um salto e abrindo a primeira porta que encontrei, que Graças a Deus era a porta da rua.

Coloquei tudo que ainda tinha no estômago para fora, enquanto Gabi segurava meus cabelos, e depois de expulsar até minha alma do corpo, permiti me recostar no meu amigo e deixar a brisa gelada refrescar meu rosto.

— Você está bem? — Olhei para trás e vi um médico negro alto e muito bonito com um ar preocupado. Ele devia estar na casa dos 40 anos, pois seus cabelos crespos já apresentavam alguns fios brancos.

Balancei a cabeça afirmativamente e Gabi me conduziu novamente para dentro do ambulatório.

— Deixe-me verificar sua pressão arterial.

Ele coloca o aparelho no meu braço e começou a medição. Olhei para meu amigo que parecia bem preocupado, mas vindo de Gabi aquilo não era estranho, por isso com meu outro braço estendi minha mão para ele que logo a segurou. Após auscultar minha pressão o médico retirou os aparelhos e falou:

— Bem, senhorita, sua pressão está um pouco baixa, talvez por isso você tenha desmaiado. Gostaria que você me respondesse algumas perguntas, tudo bem? — Assenti. — Você tem sentido enjoos frequentemente?

— Humm, sim. Bem, ultimamente tem acontecido, pela manhã

principalmente.

Já fazia algumas semanas que vinha acordando enjoada e vomitando, meu amigo queria me levar no médico e eu como sempre, inventava uma desculpa para não ir.

— Certo! — O médico anotou algo em sua prancheta e voltou a perguntar: — Você tem sentido fadiga, cansaço? Tem notado algo de diferente em seu corpo?

— Hãhã, sono. Ultimamente venho sentido muito sono, mas acho que isso é devido as noites que passamos em claro para fazer os vestidos do concurso e quanto ao meu corpo, não notei nada diferente. — Olho para Gabi que me olha de forma estranha e tenho a sensação que ele me esconde algo.

— Ok. Agora me responda. Qual a data da sua última menstruação?

— Ah! — Abri a boca para falar que foi semana anterior, dia 20, mas lembrei que não veio, nem no mês anterior, nem no outro, o que começou a me assustar. — E-eu acho que foi a uns 3 meses atrás. — Olhei para baixo enquanto tentava contar meu tempo de atraso.

— Acho que isso é suficiente — o médico falou ao terminar de anotar algo na sua prancheta.

— Suficiente para quê, doutor? — perguntei olhando para ele e senti Gabi apertar minha mão.

— Bem, senhorita Stuart, tenho quase certeza que a senhorita está grávida.

— Quê? — Minha voz não passava de um sussurro. Era como se ele estivesse falando de alguém bem distante de mim, não comigo. — Não pode ser.

— Bem, não tenho como afirmar 100%, mas todos os seus sintomas indicam isso, lhe recomendo buscar um ginecologista, ele vai te orientar e indicar um exame mais preciso.

Olhei para Gabi que parecia bastante angustiado, ele veio até mim e me abraçou, enquanto senti as primeiras lágrimas caírem. Saímos do ambulatório da boate e de lá seguimos os dois para casa em silêncio. Naquela noite juntamos as camas e não dormimos, cada um absorto em seus próprios pensamentos.

No dia seguinte, Gabi me arrastou logo cedo até um ginecologista e após uma conversa rápida o médico me passou um exame de gravidez que em uma hora tivemos o resultado.

Apertava a alça da minha bolsa como se minha vida dependesse daquilo. Estávamos eu e Gabi sentados em frente ao médico observando-o abrir o envelope do exame, e após passar os olhos rapidamente pelo exame, ele ergueu a cabeça com um sorriso nos lábios.

— Parabéns, senhorita Stuart, você será mamãe.

— Não! — Gabi se levantou rápido e assustou o médico.

Eu, no entanto, não conseguia me mover, ouvi vagamente o que meu amigo disse ao médico, um tanto alterado, mas na minha cabeça só tinha uma palavra.

Grávida! Grávida! Grávida!

Eu estava grávida!

— Senhorita Stuart? — Ouvi o médico chamar meu nome e só então o olhei sem conseguir esboçar reação. — Sinto muito, não sabia que essa criança, bem, que ela foi fruto de um ato brutal contra a senhorita, mas quero que saiba que se quiser retirar o feto a lei estará ao seu lado, é um direito seu.

Retirar a criança?

Matar um bebê?

Minha mente processava aquelas palavras. A parte racional queria aceitá-las e seguir em frente com aquilo, mas meu coração repudiava com fervor.

— Aurora, minha bonequinha, me ouve. — Gabi segurou meu rosto para olhá-lo. — Você ouviu o doutor, princesa? Você vai poder tirar essa... essa... Esse feto de dentro de você. — Não sei se por extinto, mas minhas mãos foram para minha barriga de forma protetora. — Aurora, ninguém vai te julgar. Esse bebê não foi planejado, ele nem se quer foi querido, você não teve culpa do que houve.

Como se uma fera despertasse dentro de mim, retirei as mãos do meu amigo do meu rosto e falei olhando em seus olhos.

— Nem ele, Gabriel! Assim como não tive culpa do que aquele maldito me fez, esse bebê tão pouco. E se há alguém realmente inocente nessa história é ele. — Aperto minha barriga e continuo. — Eu não mataria um filho meu, jamais seria capaz de tal ato, não julgo quem faz, mas seria incapaz de fazê-lo. Você esqueceu de onde vim?

— Não, Auro...

— Ótimo! Então ouça bem, eu não vou tirar meu filho! Nem que tenha que morar na rua com ele, jamais irei abandoná-lo — falei enquanto as primeiras lágrimas deixaram meus olhos.

— Eiiii! Eu seria incapaz de te abandonar nessa situação, bonequinha. Eu te levei até àquela maldita boate, contra sua vontade. Se tem um culpado aqui esse sou eu.

— Gabi — Ele ergueu a mão.

— Você tem razão, não é justo um inocente pagar pelo o que não teve culpa, e se você quer ter esse bebê saiba que tem todo meu apoio, minha bonequinha — falou me abraçando apertado.

O médico pigarreou para se fazer notado, nós nos separamos e sorrimos um para o outro.

— Srta. Aurora, tem certeza que poderá ter essa criança? Não digo só pelo lado financeiro, mas psicológico também. Você terá que conviver o resto da sua vida com a lembrança viva do que lhe aconteceu, e devo dizer que muitas mulheres que optam por ter os bebês frutos de um abuso, os abandonam logo após o nascimento. O que se a senhorita quiser fazer também terá o apoio do governo.

— Entendo o que o senhor quer dizer, doutor, mas não penso em abandonar meu filho. Cresci em um orfanato, sei o que é não ter um pai ou uma mãe para cuidar de você, proteger, ensinar os valores da vida, nunca fui infeliz, mas incompleta sim. E essa solidão que senti durante toda minha vida não desejo a ninguém, muito menos ao meu filho, e saiba que quando olhar para meu bebê vou ver meu amor nele, não a forma monstruosa com que ele foi concebido.

— Admiro sua força e seu caráter, senhorita, é raro encontrar alguém com tamanha fibra moral.

Sorri para o médico e depois dali o doutor Mitchell se tornou um bom amigo. Aquele senhor cuidou de toda a minha gravidez e parto sem cobrar nada, ele foi muito gentil e até hoje tem carinho pela Lisbella.

Você deve estar se perguntando por que Lisbella Maria?

Bem, já queria colocar o nome dela de Elizabeth em homenagem à irmã do Gabi, e também porque achava o apelido Lis, lindo. No entanto, meu amigo queria colocar o nome dela de Isabella, para chamá-la de Bella, pois segundo ele, ela seria linda como eu, bem, linda ela é sim, muito linda, *mas não como eu.*

Minha filha tem olhos azuis, o nariz pequeno arrebitado, a boca rosada a pele branquinha, que mais parece porcelana, os cabelos negros como a noite e uma carinha de anjo, mas é só a cara mesmo, porque a garota é uma verdadeira pimentinha.

Enfim, foi olhando para ela, tão linda e pequenininha em meus braços que o nome Lisbella me veio à mente. Algumas semanas antes havia visto o nome enquanto pesquisava na internet nomes e significado, e o significado de Lisbella me chamou atenção: Deus jurou.

Aquele nome ficou martelando na minha mente, porque além do significado forte era a junção perfeita de Lis de Elizabeth como eu queria e Bella de Isabella, como Gabi queria, e para completar coloquei o Maria em homenagem à mãe de Jesus.

Então no final ficou assim: Lisbella Maria Stuart. A razão da minha vida.

Que nesse exato momento enche todo meu rosto de beijos.

— Aiii, que delícia, gordinha linda da mamãe. — Aperto-lhe forte e a beijo muito.

— Ai, mamãe! Ai... — ela gargalha enquanto lhe faço cosquinha e quando paro, ela segura meu rosto, olha em meus olhos e fala: — Oiii, mamãe, é tão *biiti*.

Não tem como não se apaixonar por um serzinho que mesmo você estando *acabada* ainda lhe chama de bonita, com toda a sinceridade que só há no coração de uma criança.

— Ahhhh, desse jeito vou ficar com ciúmes, só a mamãe ganha *bezu* e é chamada de *biiti*? — Gabi faz bico e Lisbella ri, enquanto tenta descer dos meus braços.

— Não, *titi* Babi, *voxê pambém é biiti*. *Oie pá bebela oie*. — Ela puxa o rosto do Gabi que ainda está sentado no chão e beija o nariz dele e depois a bochecha.

— Ahhhhh, vou ter um treco com tanta gostosuraaaaaaaaaaaa! — Ele a agarra e lhe faz cócegas.

— Aiiiiii, mamãe Aiiiiii, titi Babi!!!!

— Gabi, chega! Ela vai ficar com soluço. — Tento repreender, o que não funciona muito, já que os dois gargalham ainda mais. — Olha aqui os dois. Parem já ou não faço macarrão com queijo para o jantar. — Os dois param imediatamente e ficam estátuas, olhando um para o outro, como se fossem cúmplices, Gabi pisca para Lis que ri, e antes que eu tenha qualquer chance de defesa sou atacada por uma enxurrada de cosquinhas. — Ahhh, vocês me pagam.

E assim começa a nossa pequena bagunça, que dura pela próxima meia hora. Depois da brincadeira, Gabi dá banho em Lis e a coloca para assistir desenho animado, vindo para a cozinha me ajudar a preparar o jantar.

— E então, como foi o dia? — ele me pergunta enquanto pica uma cebola.

— Cansativo — falo triste.

— Eiii, não desanima. Logo, logo, vai aparecer o seu emprego dos sonhos.

— Deus te ouça.

— Vai ouvir, bonequinha. Aqui a cebola. — Ele me passa a cebola picada.

— Obrigado. — Coloco na panela junto com o azeite para refogar o macarrão.

— Posso te ajudar em algo mais? — ele me pergunta.

— Não, por enquanto não — falo enquanto mexo a panela.

— Tudo bem então, mas as louças são minhas.

— Coooooooooom certeza!

— Ahhhhh! — Ele me olha com uma cara fingindo choque. — Meu Deus, até quando serei a *Isaura* dessa casa? — fala se referindo ao personagem de uma novela de época brasileira que assistimos uma vez.

— Dramática a senhora.

— Oh, vida! Oh, *life* cruel! — Ele coloca a mão na testa enquanto segue para a sala me deixando cozinhar em paz.

De todas as tarefas domésticas a que mais amo é cozinhar, desde pequena me enfiava na cozinha do orfanato e aprendi cedo a fazer o básico, e com o tempo fui usando a criatividade e incrementando os pratos mais simples com coisas pequenas, tornando-os um verdadeiro banquete dos deuses.

— O jantar está pronto — falo após alguns minutos e para a minha surpresa a única que vem correndo em seu pijama da Bipe (que é na verdade a Minnie) é Lisbella.

— Amor, onde está o tio Gabi? — pergunto enquanto a ajudo a subir na cadeira.

— Na *xala*, mamãe. Com um *pépel*. — ela fala sorrindo, pegando um macarrão com a mão e levando à boquinha fazendo uma dancinha engraçada.

Olho em direção à sala e Gabi parece extremamente compenetrado lendo uma correspondência, e como não perdi o hábito, vou até ele devagarinho e sem que ele perceba tomo o papel da mão dele.

— O que é issoooooooooo? — falo rindo enquanto corro para o outro lado do sofá.

— Eiii, me devolve! — fala meio aborrecido, o que me faz estranhar e olhar na mesma hora para o papel.

E lá está o maior sonho do meu amigo realizado. Quando começo a ler não consigo acreditar, e quando chego na última linha escrita, me dou conta que meu amigo finalmente vai realizar seu maior sonho. Uma alegria gigante surge em mim.

— AH. MEU. DEUS. GABI! AHHHHHHHHH! — Sem me conter, me atiro em seus braços. — Parabéns, parabéns, parabéns! — Saltito desajeitada, ainda abraçada a ele.

Assim que o solto espero encontrar um enorme sorriso e uma tirada louca dele sobre o fato, mas ao invés disso encontro seu semblante fechado.

— Eiiii, o que houve? Você acabou de ganhar uma bolsa integral para estudar numa das maiores escolas de design e moda do

mundo. Sendo nada mais nada menos que a La Chambre, em Paris, e está com essa cara? Tá louco, Gabi? Não! Espera! Já sei! A ficha não caiu! Gabi, você vai para Paris! Estudar onde Valentino estudou. Tem noção do quanto isso é incrível?!

— É, é incrível — ele fala desanimado enquanto pega o controle da tv e desliga.

— Espera aí, Gabi. Pode parar! O que *tá* rolando?

— Nada ué! — Ele vai até o outro lado da minúscula sala e arruma umas revistas que já estão arrumadas. Bufo e vou até ele.

— Vem. Senta aqui e me conta o que está rolando. — O arrasto até o sofá e ele afunda bufando e passando a mão pelo rosto.

— Eu não vou, ok, Aurora? — ele fala colocando os cotovelos nas pernas e olhando para um ponto invisível à sua frente. — Esquece isso — ele aponta para a folha e fico sem reação.

— Como? Eu ouvi direito? Você quer que eu esqueça que meu melhor amigo acabou de ganhar uma bolsa integral para estudar em Paris, com tudo pago para realizar o sonho dele de ser um grande estilista?

— É isso mesmo que quero que você faça — ele fala, me olhando.

— Um motivo.

— O quê? — ele me pergunta parecendo não entender.

— Um motivo para você não ir. E antes que você pense em uma boa mentira, vou avisando que não aceito menos que a verdade. E agora — falo séria e ele suspira se recostando no sofá e passando as mãos, agora nervosamente, sobre as coxas, me olha de esguelha e fala:

— É simples, Aurora! Eu não vou e pronto! — Ele se ergue e começa a andar de um lado para o outro. — Eu jamais deixaria você sozinha, desempregada e com uma criança para criar.

No fundo já sabia o motivo de ele não querer ir, ele sempre foi super protetor comigo, mas desde o ocorrido na boate ele passou a se culpar, e depois que Lisbella nasceu, ele tomou a responsabilidade de cuidar da minha filha para si, mas jamais irei permitir que ele desista do seu maior sonho por mim, pela minha filha ou por uma culpa que ele não tem. Isso jamais.

— Gabi — Ele me olha triste. — Você acha mesmo que vou permitir que você desista do seu sonho e se condene a trabalhar a vida toda naquele salão que você odeia, sobre as ordens daquela megera?

— Auro... — Ergo a mão o impedindo de continuar.

— Olha! Você adiou seu sonho de fazer faculdade de estilismo por muito tempo, mas sempre se esforçou nos pequenos cursos que faz e se destacou até na menor tarefa a ser feita. Gabi, uma chance dessas.

— mostro o papel —, não bate em nossa porta duas vezes, e se você desistir não vai estar só desistindo do seu sonho, como desapontando a mim e a Lisbella, pois quando ela for uma mocinha e entender que você desistiu de tudo por nós, ela vai se sentir culpada.

— Aurora, eu amo vocês mais que tudo — ele fala me olhando triste e posso ver a sinceridade em seu olhar.

— Nós também te amamos, Gabi. Muito! E é por isso que queremos te ver feliz.

— Como posso ser feliz sem vocês? Vocês são minha única família.

— Gabi. — Seguro suas mãos. — Nós sempre estaremos com você. Aqui! —Toco no seu peito, em cima do seu coração.

— Mas não será o mesmo! Não vou poder ouvir o riso da Lis quando chegar em casa, ou sua voz cantando Sia enquanto faz o jantar, ou ter brinquedos por todo lado, ou ver vocês dormindo e saber que tenho a irmã e a sobrinha mais lindas do mundo.

Sorrio ao ouvir seu relato da nossa rotina, então como se uma lâmpada se acendesse uma ideia me vem à mente.

Talvez essa seja a única forma de convencê-lo a realizar seu sonho.

— Tudo bem então — falo saindo de perto dele, indo até o sofá e me sentando com as pernas em cima e um sorriso no rosto.

— Tu-do bem? Quer dizer, tudo bem, assim? Você não se importa que eu não vá para Paris estudar na La Chamber?

— Quem disse que você não vai? — Ele me olha confuso. — Eu não disse que concordava que você não fosse, disse tudo bem para o fato de você não querer sair de perto de mim e da Lisbella Maria.

— Hein? — Ele coça a nuca.

— Bem, é simples, se você vai para Paris, então nós vamos para Paris com você.

— Como? — Um sorriso de choque brinca em seus lábios.

— É isso aí, amigo, vamos todos para Paris!

— Mas, isso, isso... — Ele senta ao meu lado.

— Vamos ao plano, ok, cabeça? É o seguinte, segundo esse papel aqui você só tem até... — Eu olho para o papel e tomo um susto. — AMANHÃ! PARA CONFIRMAR SUA INSCRIÇÃO!

— O QUÊ? — Ele toma o papel da minha mão e passa os olhos pelo mesmo.

— Ok! — Tomo o papel novamente e passo os olhos por ele. — Essa, é a pré-inscrição para garantir sua vaga. Certo? — Olho para ele. — Precisamos fazer sua inscrição o quanto antes. A segunda coisa a ser feita: amanhã você vai pedir demissão daquela senzala. Terceiro:

vamos comprar sua passagem porque você precisa embarcar até quinta, já que as matrículas começam na segunda da outra semana.

— Tá! Mas onde você e Lisbella se encaixam nesse plano? — Ele toma a folha e sacode. Olho para ele, respiro fundo e peço a Deus que me ajude.

— É simples, Gabi! Você vai na frente, se instala direitinho e enquanto isso eu consigo um emprego aqui, junto uma grana e já dou entrada nos trâmites do meu passaporte e da Lis.

— Mas...

— Olha, Gabi, nós não temos dinheiro suficiente para irmos os três assim. Além do mais, tem nossas coisas que estão aqui. Vou cuidar de tudo e em 5 meses estaremos os três juntos novamente em Paris. — Ele me olha desconfiado.

— Não sei não, e se você não conseguir um emprego? E se passarem alguma privação? — questiona, preocupado.

Desde que o senhor Bartolomeu fechou a pizzaria porque ficou doente, estou atrás de emprego e até agora nada. Quem tem nos mantido é o Gabi e minhas poucas economias junto com o que recebi depois que a pizzaria fechou, mas confesso que minhas economias não vão durar muito tempo, por isso preciso de um emprego urgentemente, principalmente agora que o Gabi vai embora, mas ele não precisa saber desse detalhe.

— Bobagem, Gabi! Olha, tenho minhas economias que dará para manter a mim e Lis por um tempo. Além do mais, acho que nem será preciso mexer nela.

— É mesmo? — ele me pergunta, desconfiado.

Aiiiii, Deus, me ajude, pois se tem uma coisa que não sei fazer é mentir.

— É sim! Saiba você que estou quase contratada.

— Contratada? — Ele avalia. — Como assim, Aurora?

— Bem, é uma cafeteria na Times Square, a gerente me adorou, ela pediu para voltar lá na sexta porque o chefe havia viajado, mas ela me garantiu que a vaga era minha — falo tudo em um fôlego com medo de gaguejar e ele desconfiar.

— Mas achei... E por que você não me contou? — ele pergunta realmente desconfiado.

— Simples! Fiquei com medo de criar expectativa, sei lá. — falo me levantando do sofá para não encará-lo.

— E o que mudou agora? — Ele se levanta também e cruza os braços.

Eu me aproximo da porta, porque preciso urgentemente de

uma rota de fuga, caso contrário ele vai me descobrir.

— Muda tudo. Agora tenho certeza. Porque se você vai para Paris, tenho certeza que esse emprego é meu. Coisas boas estão chegando. Anime-se, Gabi — falo sorrindo até meu rosto doer.

— Mas, Aurora.

— Mas, Aurora, nada! Vou pegar o notebook da Carmen emprestado, assim fazemos ainda hoje sua inscrição.

— Auro...

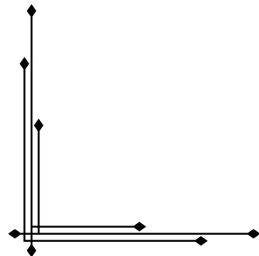
— Olha a Lisbella, vê se ela terminou de jantar. — Ele olha para a cozinha e aproveito sua distração para abrir a porta e sair.

— VOLTA AQUI, AURORA! NÃO TERMINAMOS ESSA CONVERSA!

O ouço gritar, por isso apresso os passos até o andar de cima onde nossa vizinha Carmen mora, mas antes de bater na porta do apartamento dela me encosto na parede do corredor vazio, engulo o nó que se forma em minha garganta e o medo que aperta meu coração.

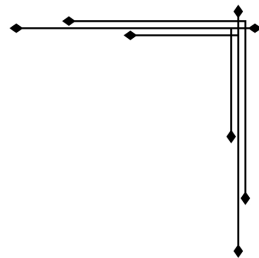
Deus, me ajude, pois sinto que sem o Gabi aqui as coisas não vão ficar bem.

Respiro fundo e seco meus olhos marejados. Ignoro o pressentimento ruim que não deve passar de coisa da minha cabeça e faço o que vim fazer.



06

Aurora Stuart



CAPÍTULO 06

Faz duas semanas desde que Gabi foi para Paris e tudo parece um caos ao meu redor. Para começar Lisbella ficou doente horas depois que o Gabi partiu. Começou com uma febre que não cedia, fiz compressa, dei banho, dei remédio e nada fazia a febre baixar. Então fiz o que tinha que fazer, peguei um táxi às 2 horas da manhã e segui com minha pequena para o hospital, e como já imaginava, Lisbella estava com febre emocional, estava triste porque Gabi tinha ido embora.

No dia anterior à sua partida, ela amanheceu tristonha, mas Gabi com seu jeito alegre e brincalhão logo lhe animou, mas depois que ele partiu não teve jeito, a febre veio e junto uma indisposição de cortar o coração.

O médico receitou um remédio que somado a consulta cobrada por ele, foi um rombo no que ainda havia das minhas economias, me preocupei, mas não me importei em gastar com a saúde da minha filha. Lisbella vem sempre em primeiro lugar na minha vida.

Assim segui minha semana, quando tudo parecia ficar bem e minha pequena já estava ficando melhor, advinha? A geladeira quebrou, o que não foi nenhuma surpresa, já que a pobre estava arquejando, e para variar o conserto foi os olhos da cara, mesmo assim não tinha como comprar outra, então o jeito foi pagar o conserto.

Depois que a geladeira foi consertada achei que poderia ficar tranquila, mas ontem pela manhã o cano da pia do banheiro explodiu no momento que estava escovando os dentes para ir a uma entrevista de emprego, que milagrosamente haviam me chamado.

Resultado: cheguei atrasada, perdi a entrevista e continuo desempregada.

— Senhora, são 10 dólares — a moça do caixa me chama atenção, me tirando dos meus devaneios.

— Ah, sim! Ok! — Abro minha bolsinha de dinheiro e olho para dentro, só tem os exatos 10 dólares e depois disso não há mais nada.

Olho para as *compras* e penso em retirar algo. A massa do mingau, o leite e a fralda da Lisbella, ou seja, nada pode ser retirado.

Suspiro, frustrada.

Me ajude, Deus! Por favor, abra uma porta, não importa qual seja, mas abra.

Entrego o dinheiro a moça do caixa, pego minhas sacolas e sigo para fora do supermercado voltando a ficar imersa em meus pensamentos.

Meu Deus, o que eu vou fazer agora? E quando esse leite, massa e fraldas acabarem? Como irei comprar outras? Preciso muito de um emprego, Senhor. Como vou...

Ouçó um grito e quando olho para o lado, em direção a outra saída do supermercado, vejo uma senhora no chão e um garoto de bicicleta se afastar e gritar.

— SAI DA FRENTE, VELHOTA!

Fico abismada com a cena.

Como pode tamanho desrespeito uma senhora idosa?

Imediatamente corro até ela que com dificuldade tenta se levantar, a pobre caiu de costas no chão.

— Meu Deus, a senhora está bem? — Eu me ajoelho ao seu lado e seguro seu braço para lhe ajudar a se erguer.

— Oh, menina, acho que estou bem — fala com dificuldade ao tentar se erguer.

— Espere. Se apoie em mim. — Ela o faz, se erguendo fazendo uma careta de dor.

— Aiii, minhas compras. — Ela olha para o chão e tenta se abaixar, mas logo solta um gemido, o que faz meu coração apertar. — Ai, ai, meu Deus, como doem minhas costas.

— Senhora, venha comigo, a senhora não deve fazer esforço.

— Mas, minhas compras. — ela aponta para os alimentos e outras coisas espalhados pelo chão.

— Não se preocupe! Eu recolho para a senhora, mas antes venha comigo.

Vejo um banco de madeira e é para lá que começo a conduzi-la, a senhorinha anda com certa dificuldade, então caminho devagar para que ela não se machuque mais.

— Aqui! Sente-se enquanto recolho suas compras.

— Oh, obrigada, menina. — Dou-lhe um pequeno sorriso e volto para o local onde ela havia caído.

Começo a recolher as compras caídas no chão e depois de juntar tudo na sacola, vou novamente até ela.

— Aqui, senhora — falo colocando suas compras sobre o banco.

— Ah, menina, muito obrigada. Se não fosse você certamente essa velha ainda estaria tentando se levantar do chão.

— Imagina! A senhora não é tão velha assim. — E realmente não é, acho que ela deve estar na casa dos 50 e poucos anos.

— Ora, mas além de linda ainda é caridosa — ela fala em tom de brincadeira e rio do seu bom humor.

— Olha, veja bem — É nesse momento que olho para sua mão direita e noto um arranhão sangrando. — Nossa! A senhora está machucada — aponto para sua mão e ela parece surpresa.

— Ora, vejam só. Não basta está descadeirada ainda tenho que estar toda rasurada. — Rio do seu jeito e me abaixo pegando sua mão com cuidado.

— Deixe-me ver isso.

— Não precisa se preocupar, menina.

— Como não? É um pequeno arranhão, mas se não for cuidado pode infeccionar. Espere um segundo.

Abro minha bolsa e tiro meu pequeno frasco de antisséptico e o pequeno potinho de algodão que sempre carrego comigo. Tenho uma filha de quase três anos que é *expert* em arrumar machucados quando vai ao parquinho, por isso depois da terceira queda que ela levou no mesmo dia, decidi andar sempre com esse frasquinho de antisséptico, um de algodão e uma caixinha de *band-aid*.

Uma mãe prevenida vale por duas.

Assim eu começo a higienizar o pequeno arranhão com cuidado e depois de higienizado aplico o *band-aid* para cobri-lo.

— Prontinho! A senhora já está pronta para a próxima — falo guardando meu pequeno kit de primeiros socorros em minha bolsa.

— Ora, menina. Deus me livre de uma próxima! Não será sempre que terei um anjinho lindo como você para cuidar de mim — ela fala acariciando meu rosto e sinto uma sensação boa, como há muito não sentia.

Instintivamente toco sua mão sobre meu rosto e lhe dou um sorriso sincero. Um nó se forma em minha garganta ao lembrar que estou sozinha no mundo e que o gesto de carinho dessa senhora vale mais que qualquer coisa.

Afasto as lágrimas que querem se formar no canto dos meus olhos e falo:

— Bem, está ficando tarde, a senhora mora próximo daqui? Posso acompanhá-la até em casa se a senhora desejar.

— Oh, não será necessário, o folgado do meu motorista está do outro lado do estacionamento — ela aponta para trás do supermercado.

— Então tudo bem. Eu lhe ajudo a chegar até ele — falo enquanto lhe estendo a mão para que ela se apoie e se levante, quando ela começa a recolher suas sacolas a impeco. — Não, não, deixe comigo, eu levo suas compras.

— Mas, menina, estão pesadas.

— Eu aguento, não se preocupe. — Tomo as sacolas, que realmente estão um pouco pesadas, seguro-as com a mão direita junto com a minha, estendo a esquerda para que ela segure e possa levantar do banco. Assim começamos a caminhar devagarinho para o outro lado do estacionamento. Puxo assuntos amenos para tentar distraí-la da dor que percebo que está sentindo.

— Ali, aquele é o carro — ela aponta para uma Mercedes preta, último modelo.

Assim que nos aproximamos a porta do motorista se abre e um rapaz que deve estar na casa dos 28 anos, loiro, alto, de olhos azuis e traços sérios, vem em nossa direção vestido em seu terno preto caro e um quepe sobre a cabeça.

— O que houve, dona Célia? — ele pergunta parecendo preocupado e tomando a mão dela do meu braço.

— Um moleque passou de bicicleta e quase me atropelou, mas por sorte fui mais rápida e me afastei, mas acabei caindo no chão — ela explica com simplicidade.

— Por onde ele foi? — ele pergunta olhando para trás de nós.

— Ah! A essa hora ele já deve estar na casa dele atormentado os pais. — Sorrio do seu senso de humor. — Não se preocupe, David, estou bem, graças a essa moça aqui. — Ela toca minha mão e me sinto corar diante do olhar que o rapaz me lança.

Ele parece não ter me notado até esse momento, seu olhar percorre meu corpo até parar em meu rosto.

— E quem é a senhorita? — ele pergunta com sua voz grave e séria.

— Ora, menino! Veja só que cabeça a minha. Meu anjo, qual o seu nome? — ela me pergunta com um sorriso.

— Aurora, senhora. Aurora Stuart.

— Lindo nome, combina perfeitamente com você. Eu me chamo Célia Bezerra e esse é David Smith.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Smith. — Estendo minha mão agora desocupada para ele que olha e a aperta em seguida, sem tirar os olhos de mim, o que me faz corar e me afastar.

— Pode me chamar de David — ele fala com a voz profunda.

— E você me chame de Célia. Agora, David, tire os olhos da garota que você a está constringendo e faça o favor de pegar as compras da mão da pobre, que já deve estar com os dedos gangrenando.

O rapaz não parece ficar sem jeito com a insinuação de Célia, ao contrário de mim, que gostaria de um buraco para enfiar minha cara.

— A senhora que manda. — Ele pega as sacolas da minha mão e com um controle abre o porta-malas do carro.

Aproveito a deixa para me despedir.

— Bem, dona Célia, agora que a senhora está entregue, eu vou indo. — Arrumo minha bolsa em meu ombro e lhe dou um breve sorriso.

— Ora, mas espere, menina, deixe-me retribuir sua gentileza. — Vejo que ela pega sua bolsa, retira algumas notas e me estende.

— Ah, não! Por favor, senhora! Não posso aceitar seu dinheiro, fiz apenas o que deveria ser feito.

— Mas, menina.

— Por favor, dona Célia. Ver que a senhora está bem e sem maiores danos já é minha recompensa. Agora realmente preciso ir, tem alguém me esperando.

— Menina, por favor! — ela fala com um olhar doce não convencida da minha recusa. — Deve, não sei! Deve ter algo que eu possa fazer por você. — Sorrio para ela e respondo:

— Bem, se a senhora tiver um emprego nessa sua bolsa mágica, eu aceitaria — brinco com um amplo sorriso e vejo a expressão dela se modificar, como se ficasse pensativa por um instante.

— Bem, na minha bolsinha não, mas na casa onde trabalho sim. — Acho que meu queixo está no chão. Abro e fecho a boca diversas vezes e não consigo formular uma única palavra. — Diante mão aviso que é um emprego simples, mas...

— Eu aceito! — falo sem pensar duas vezes. — Eu aceito, dona Célia! Não importa de quê, aceito qualquer coisa. — Seu sorriso se amplia.

— Mas, eu não disse nem o que era?!

— Não importa, na situação em que estou, se não for algo ilícito eu aceito. — Ela ri e vejo que o rapaz ri também.

— Não, não é ilícito, e você também será bem remunerada, mas aviso diante mão que não será fácil.

— Tudo bem. Eu topo. — Ela ri.

— Então o emprego é seu, querida. David, anote o endereço da casa para ela. — O rapaz abre a porta do carro e de lá tira um bloquinho e uma caneta onde escreve algo.

— Você pode estar lá amanhã às 10hs?

— Sim! — respondo sem pestanejar.

— Ótimo! Então amanhã irei te explicar suas funções e lhe direi seu salário, tudo bem?

— Tudo ótimo! — O rapaz me passa o papel com o endereço e acho que não caibo em mim de tanta alegria. — Obrigada, dona Célia, nem sei como agradecer?!

— Me agradeça fazendo um bom trabalho, menina, mas quanto a isso não me preocupo, sei que você é capaz. — Sorrio para ela e sinto meus olhos marejarem. — Bem, está tarde, melhor irmos andando, David. Você quer carona, menina? — ela me pergunta com um sorriso gentil.

— Oh, não! Moro na direção contrária a vocês, mas de qualquer forma obrigado e até amanhã. — Estendo a mão para ela que para minha surpresa me puxa para um abraço caloroso.

— Tenho certeza que encontrei a pessoa certa — ela fala em meu ouvido, então me afasto sem entender. — Até amanhã, menina Aurora.

Ela entra no carro e sorrio lhe acenando.

— Boa sorte amanhã, Aurora — David fala me lançando um sorriso que faria qualquer mulher suspirar, no entanto, apenas me sinto constrangida.

Ele entra no carro e dá partida, fico parada alguns instantes observando o papel em minha mão.

Obrigada, Deus!

CAPÍTULO 07

Desço as escadas enquanto verifico meu relógio, odeio atrasos e prezo sempre pela pontualidade.

— Filho, sua mala já está no carro. — A voz de Célia me chama a atenção, assim que chego nos últimos degraus.

— Obrigado, Célia.

De partida para Dubai, em uma viagem de negócios, estou prestes a fechar um contrato bilionário com um magnata do petróleo. Confesso que não me agrada pisar em solo árabe novamente, mas não irei deixar que meus malditos fantasmas me façam perder um contrato tão importante.

Na Holding Di Maccio, embora tenhamos vários seguimentos de negócios, nosso forte é a criação e venda de tecnologia, *softwares* e matéria prima para as maiores empresas de aparelho tecnológicos dos últimos tempos.

Temos contrato com todos os continentes Ásia, Europa, América Latina, do Sul, Central e do Norte, estamos em todas as partes do mundo e hoje iremos firmar um novo e importante contrato com os árabes, por isso essa viagem. Eles estão entrando como investidores em um novo projeto que desenvolvi, uma nova malha de carbono fundido com alguns metais raros, uma espécie de malha que pode ser utilizada para desenvolver *softwares* modernos e aparelhos eletrônicos capazes de substituir o homem facilmente.

Tenho estado dia e noite dentro do laboratório da minha empresa junto com outros engenheiros para desenvolver essa malha e agora que consegui as grandes empresas de tecnologias estão como feras esperando o momento em que irei apresentar o protótipo.

Bem, só o que tenho a dizer é: que vença o melhor.

— Menino, me esqueci de te falar.

— O quê, Célia? — pergunto voltando minha atenção para ela.

— Encontrei a nova arrumadeira.

Reviro os olhos.

— Espero que não seja tão incompetente quanto a última — falo tirando uma mecha de cabelo da testa.

— Ora, Bash, aquela foi a quinta só esse mês. Você botou a pobre para correr. A coitada saiu aos prantos.

— O que você queria, Célia? A infeliz derramou café em cima de mim e dos meus relatórios.

— E a anterior a ela? — ela me interroga com os braços cruzados.

— Ah, aquela deixou a minha cama cheia de vincos, parecia que da forma que eu deixava de manhã, encontrava quando chegava em casa à noite. Se ela é uma arrumadeira, então é paga para arrumar, o que ela não fazia.

— Ora, Bash você é muito perfeccionista!

— Nunca escondi isso de ninguém, Célia.

— Desisto. — Ela ergue as mãos para o ar e dou um pequeno sorriso.

Seu jeito dramático é a única coisa que consegue me tirar um sorriso raras vezes.

— Venha cá. — Ela arruma minha gravata que já está arrumada. — Tenho certeza que você irá gostar dessa moça, ela é um anjo de menina.

— Você sabe que não acredito em anjos, muito menos se for do sexo feminino. Para mim todas são demônios de saias. Só servem para...

— Já chega, Sebastian! — Ela me lança um olhar reprovador e suspiro.

— Você entendeu, Célia. Agora tenho que ir, você sabe que detesto atrasos.

— Tudo bem, menino. Boa viagem. Se cuide, não beba exageradamente e se alimente.

— Ok, Célia. — Dou-lhe um aceno de cabeça e sigo em direção à porta. David já me espera com a porta do carro aberta.

— Bom dia, senhor? — Aceno com a cabeça e entro no carro.

David é um dos meus homens de confiança e agente da Foux. Ele é um excelente soldado, por isso foi escolhido para ser meu motorista e segurança particular, embora eu saiba me defender muito bem, mas assim como os outros seguranças da minha equipe, também é escalado para missões internas, embora a maior parte do tempo

atuem diretamente na minha segurança.

O jatinho já estava à minha espera e lá minha secretária Marta e alguns membros da minha equipe de desenvolvimento também. Durante toda viagem para Dubai, Marta foi me passando os últimos detalhes do acordo proposto pelos árabes. Sem dúvidas os árabes são ótimos negociantes, mas eles ainda não conhecem quem é Sebastian Di Maccio.

A chegada a Dubai foi tranquila, vamos direto para o Burj Al Arab, onde irá ocorrer a reunião e também onde me hospedaria em uma das suítes exclusivas.

Entro no saguão e o empregado que havia sido encarregado de guiar a mim e minha equipe até aqui, nos leva até a sala de reuniões.

Após alguns minutos entramos no covil dos lobos e apresentamos nosso protótipo desenvolvido, e como suspeitava, eles achavam que iriam encontrar um jovem deslumbrado e desesperado para vender suas ideias e inventos.

Ledo engano.

Devo admitir que sinto um prazer sádico em ser subestimado. O prazer de ver o caçador se tornar presa em minhas mãos é impagável. Um sorriso de escárnio surge no canto dos meus lábios ao observar os homens à minha frente perdidos e assustados com minha ousadia, tanto no projeto quanto na proposta. Eles parecem não acreditar no que veem à sua frente, discutem, ponderam e por vezes me olham assustados, o que me faz querer gargalhar diante de suas caras.

Eu sou Sebastian Di Maccio e está para nascer quem será capaz de me dobrar.

E depois de quase quatro horas de negociação eles aceitam meus termos, como previ.

Dançaram a música que eu toquei.

Saio da sala em direção à minha suíte, satisfeito comigo mesmo e sentindo tanto os olhos dos árabes e da minha equipe espantada sobre mim. Mais à noite haverá uma recepção que terei que estar presente, pois meu, agora patrocinador, a organizou em minha homenagem e também para celebrar o fechamento do contrato.

Já na minha suíte fico olhando a paisagem do mar pérsio, enquanto degusto meu whisky permitindo meus pensamentos vagarem indo em direção as lembranças que desejo não ter nunca mais.

Tudo nesse lugar me lembra ela, *Lorena*.

Assim que fizemos planos de nos casar ela impôs que nossa lua de mel fosse aqui, em Dubai.

Um sorriso amargo brinca em meus lábios.

Após nos casarmos em uma cerimônia intimista apenas eu, ela, Eduardo, Célia e um casal de amigos dela, logo em seguida partimos para Dubai. Assim que chegamos, fomos direto para a suíte do hotel e lá eu fiz amor com ela, pelo menos era o que eu achava. Nunca em toda minha vida havia feito amor com uma mulher. Sexo cru, quente, sem sentimentos envolvidos, apenas desejo, mas com ela não, a ela me entreguei e achei que ela fazia o mesmo.

Ledo engano.

Aperto o copo de uísque até os nós dos meus dedos ficarem brancos.

Como pude ser tão cego? Como depois de ter vivido tudo o que vivi durante minha infância e adolescência ainda pude cair em um truque tão baixo como o de Lorena?

Devo admitir, ela era uma ótima atriz.

A conheci por acaso.

Bufo.

Até mesmo nosso primeiro encontro foi planejado, não havia erros em seu plano, tudo, ou quase tudo, saiu como ela planejou, desde nosso encontro ao casamento. Uma esposa linda, quente na cama, carinhosa e inteligente. Que homem não queria aquilo? E eu tinha, ou achava que tinha. Onde chegava, Lorena era o centro das atenções, começando pela sua cor, uma negra de longos cabelos cacheados e um corpo com curvas exuberantes. Era a mulher mais linda que já havia visto.

Ela sabia se sobressair em qualquer ambiente, fosse como uma mulher de negócios ou uma dama da alta sociedade, assim era Lorena, mas só Deus sabia que tudo aquilo não passava de uma linda carcaça, por dentro ela era puro ódio e veneno.

Quantas vezes fez intriga entre mim e Eduardo? Ou me pôs contra Célia? E eu cego como era, sempre consenti seus desejos, não importando quais fossem. Passar a lua de mel em Dubai, foi apenas um deles. Segundo ela estava cansada da Europa que tinha requinte, mas o que ela queria naquele momento era viver o luxo puro e cru de Dubai, queria se sentir uma rainha. E Deus sabe que foi isso que fiz dela, minha rainha, minha dona, o centro da minha vida. Teria dado toda a minha fortuna para que Lorena houvesse me amado pelo menos um pouco, só um pouco. Mas no lugar de seu amor, recebia pequenas doses do seu ódio e sem que sentisse estava sendo envenenado na alma, até o dia em que fui envenenado no corpo e soube quem era a mulher por quem me apaixonei com loucura.

Sinto o copo explodir em minha mão, me trazendo à realidade, solto os cacos no chão e olho para minha mão. Um pequeno corte,

apenas superficial.

— Incrível como mesmo depois de morta você consegue me machucar, maldita! — Enrolo um lenço em minha mão e encaro o horizonte. — Por sua culpa fui condenado ao inferno na terra. Por sua culpa machuquei uma inocente, e por sua culpa viverei o resto da minha vida atormentado. POR SUA CULPA! — Viro a mesa que estava próxima à janela onde estou parado e quebro algumas peças que lá estavam. Minha respiração é ofegante, sinto que estou sufocando. Solto o nó da minha gravata, retiro meu terno e atiro no chão, retiro minhas abotoaduras de ouro branco e enrolo as mangas da minha camisa, vou até o bar, pego a garrafa de uísque e bebo um longo gole, permitindo o ardor da bebida incendiar minha garganta.

Me atiro na poltrona próximo à janela e lá permaneço por não sei quanto tempo imerso em pensamentos e em uma fúria silenciosa. Quando dou por mim percebo que já escureceu e que a essa hora já deveria estar no salão de festas.

— Merda! — Eu levanto e me sinto um pouco tonto, devido ao álcool e também por não ter me alimentado direito hoje.

Um banho gelado e estou novo.

E é o que faço, tomo um banho gelado e permito a água levar para longe meus fantasmas. Meia hora depois entro no grande salão já sendo cumprimentado pelo anfitrião, o Sheik Hassan Moramed Abdai El-Safy e outros magnatas do petróleo.

A festa está um tédio, como sempre ocorre nesse tipo de evento, eles se interessam por saber mais do projeto e como já estou cansado das mesmas perguntas permito que Alexander, meu assistente de laboratório responda, para que possa me afastar e tomar um ar.

Estou observando um tapete milenar, que está ornamentado na parede norte do salão, sem realmente vê-lo, quando sinto uma mão deslizar com sensualidade pelo meu braço.

— Boa noite, querido.

— Boa noite, Tamara — falo ainda sem olhá-la.

— Estava com saudades de você. Mês que vem estarei indo desfilar em Nova York e estava pensando em visitá-lo, mas veja só como é o destino, tratou de nos unir antes — ela fala alisando discretamente a minha mão onde seguro meu uísque.

— Destino? — Bufo.

Tamara Carter é filha de um magnata do aço, o homem é dono de muitos empreendimentos em Dubai, Abu-Dabi, parte da Europa e nos Estados Unidos. A mãe dela, uma socialite tão artificial quanto a filha, conseguiu fisgar o velho que é pelo menos 30 anos mais velho que ela, e dessa união saiu Tamara, que é uma modelo graças ao

patrocínio do papai a grandes marcas. Ela é filha única e o velho faz tudo o que ela quer, mas nem tudo ela tem. eu, por exemplo, sou a exceção. Essa loira de olhos verdes vivos, e corpo reto devido a muita dieta é obcecada por mim. Vive no meu pé e sempre que nos encontramos em eventos ela dá um jeito de ser a minha foda da noite.

Nós nos conhecemos em um evento beneficente quando ainda era casado, e nos reencontramos algum tempo depois em um jantar de negócios em Washington, e de lá para cá sempre que encontro Tamara, ela é o que se propõe a ser, minha foda da noite. E até agora ela tem, aparentemente, se conformado com isso, mas ela não me engana, sei bem o que ela quer.

Meu sobrenome e todas a regalias que terá com ele.

Ela já tem um sobrenome poderoso, mas se juntarmos isso ao meu, ela seria quase uma rainha. Não é me gabando, mas sei que sou o homem que muitas mulheres desejam. Afinal, tudo o que elas veem é um cara alto, de olhos azuis, gostoso, e exorbitantemente rico. O que mais uma mulher quer?

Amor?

Faça-me o favor!

Substitua o amor por um colar de diamante e uma noite de sexo quente, e pronto, está tudo certo.

Uma vez fui idiota de acreditar que as mulheres queriam mais que isso, queriam um coração, alguém que lhes cuidasse e pudesse ser cuidado, mas me enganei, e feio. Por isso hoje sou simples e prático.

— Me encontre em 5 minutos no banheiro do corredor sul, tranque a porta e só abra quando ouvir duas batidas seguidas — falo sem me dar ao trabalho de olhá-la, mas sei que sorri satisfeita.

Ela se afasta e vai para onde ordenei, fico onde estou e passo a observar as pessoas ao meu redor, todos tão vazios e superficiais. Sinto desejo de sair correndo e fugir de tudo isso, mas em vez disso sigo para o corredor sul. Enquanto atravesso o salão, recebo alguns cumprimentos que retribuo no automático.

Assim que chego ao corredor sul avisto o banheiro feminino, dou dois toques na porta que se abre imediatamente.

— Por que demorou tanto, querido? — ela fala com uma vozinha irritante, fazendo bico.

Eu me contenho para não rolar os olhos e despachá-la.

Já que estou aqui não darei viagem perdida.

Por tanto, deixo claro quem manda nessa porra.

— Não tenho que te dar explicações, Tamara. Vamos ao que interessa.

A ergo do chão e ela enrola as pernas em minha cintura, ataco sua boca sem piedade, aperto sua bunda e ela geme, encosto minha semi-ereção em sua entrada e ela rebola descaradamente em cima do meu pau, ainda coberto pela minha calça.

Sento-a sobre a bancada da pia e derrubo alguns utensílios, ela continua a se esfregar em mim, ao mesmo tempo em que tenta afrouxar minha gravata, mas sou mais rápido e seguro suas mãos.

— Eu mando e você obedece. Entendido? — Mordo seu lábio e ela geme safada.

— Sim!

Aperto seus seios enquanto mordo e sopro seu pescoço, logo meus dedos pressionam seus mamilos sensíveis fazendo-a gemer alto e rebolar sobre meu pau. Desço meu rosto pelo seu pescoço até chegar no vale entre seus seios, tomo o esquerdo em meus lábios e brinco com ele até tê-la agarrando meus cabelos e implorando por mais. Desço minha mão até sua intimidade e ainda sob a calcinha a sinto encharcada. Um sorriso de escárnio nasce em meus lábios. Desço-a da bancada e a viro de costas para mim e de frente para o espelho, ela já está vermelha e ofegante.

— Estenda as mãos para frente e empine a bunda. — Ela balança a cabeça em afirmação.

Subo seu vestido vermelho lentamente, acariciando suas longas pernas fazendo-a estremecer, assim que chego à sua calcinha seguro o elástico do fio dental e rasgo, deixando-a em pedaços em minha mão.

Abro o zíper da minha calça e coloco meu membro para fora, retiro um preservativo que estava em minha carteira e visto, o acaricio enquanto toco a bunda dela e lhe dou um tapa, fazendo-a gritar de tesão.

— Agora você terá de mim o que veio buscar.

Primeiro a penetro com um dedo testando sua lubrificação e ela geme mais alto.

Vadia!

Retiro o dedo e ela protesta, volto a colocar, mas dessa vez dois que escorregam com facilidade, soco atingindo seu ponto de prazer até que os retiro e antes que ela proteste a penetro com meu membro, vendo-a ofegar.

Seus gemidos são sonoros, enquanto invisto mais forte, apenas me deixo levar pela sensação de um orgasmo que se forma e deixo a mente em branco. Tenho a plena consciência do ato carnal e cru que estou fazendo, tão vazio, que chega a gelar minha alma, se é que ainda tenho uma.

Tamara logo goza apertando meu pau, então a seguro pela cintura e invisto mais três vezes dentro dela até que gozo. Após sentir o último jato sair de mim, saio de dentro dela, retiro a camisinha, dou um nó e jogo no vaso sanitário dando descarga.

Tamara se arruma como pode e se vira ficando de frente para mim com um sorriso satisfeito no rosto, me recomponho e me olho no espelho arrumando minha gravata que está um pouco torta.

— Estava pensando que poderíamos prolongar nossa noite. Você está hospedado aqui e... — Eu me seguro para não rolar os olhos.

Ela não cansa de tentar.

— Ah, Tamara querida — Seguro seu queixo e olho em seus astutos olhos verdes. — Você já teve o que queria, uma foda dura e prazerosa. Agora você pode continuar sua noite com quem você quiser, mas de mim você não terá mais que isso. Nunca, não esqueça, você é, e enquanto eu desejar será uma foda minha. Mas é isso e apenas isso, nada mais. Agora se não está contente, procure outro que lhe dê seu sobrenome e seu império, porque os meus você não terá. — Solto seu queixo e sorrio com escárnio.

Vejo seus olhos arderem em ódio, mas sou totalmente imune a esse sentimento, uma vez que tive mais dele na vida do que qualquer outra coisa.

— Você vai se arrepender disso! — Estalo a língua.

— Quem deve se arrepender de se rastejar para ser fodida por mim é você. Mas vamos deixar de cena, esse papel de vítima não lhe cai bem. Tenha uma boa noite, Tamara. — Abro a porta do banheiro e saio, ainda ouço algo quebrar lá dentro, mas não dou atenção.

Sigo pelos corredores que estão vazios e vou direto para minha suíte, a noite já deu o que tinha que dar.

No dia seguinte resolvo os últimos detalhes das negociações e finalmente embarco com minha equipe de volta para Nova York. Já em solo americano sigo direto para minha casa, estou esgotado e o fuso horário não ajuda muito.

Assim que chego na mansão estranho não ter Célia me esperando.

Dou de ombros.

— Ela deve ter saído.

Subo as escadas e vou em direção ao meu quarto, entro no corredor principal que dá acesso à minha suíte e assim que coloco meus pés no corredor, um som melodioso invade meus ouvidos fazendo um estranho calor tocar meu coração. Um arrepio passa por mim, e meus pés criam vida própria seguindo em direção a voz que vem do meu quarto.

Sinto-me hipnotizado por ela, é como se houvessem anjos em minha casa, como se tudo ao meu redor se tornasse surreal, como se passasse em câmera lenta.

Continuo seguindo, sentindo meu coração bater cada vez mais forte na proporção que a voz se eleva em um cantarolar suave. Aproximo-me da porta do meu quarto que está entreaberta e uma luz sai por ela como se a transformasse em um portal para o céu, sinto meus dedos formigarem quando a empurro e adentro o ambiente, onde a luz do sol ilumina tudo ao redor e parece me cegar.

Ergo minha mão direita e coloco sobre meus olhos permitindo minha visão se acostumar com a claridade. É quando me deparo com uma silhueta pequena, que parece estar suspensa em um banco, segurando na sua pequena mão um pano, que com movimentos delicados, limpa o vidro da janela que vai do chão ao teto.

Sua voz continua a reverberar por todo o quarto e parece aquecer meu coração, sinto a sensação de gelo derretendo, sinto que posso finalmente ter o perdão pelo meu pecado, sinto que minha vida foi tocada por uma luz, uma luz intensa, que parece despir minha alma.

De onde estou, parado, estático na soleira da porta, posso ver seus cabelos longos que vão até o fim de suas costas balançarem suavemente.

Deus, há um anjo em meu quarto.

Sua voz agora assume uma nova língua, a princípio penso ser a língua dos anjos, mas consigo compreender seu perfeito francês. Fico ali, absorto, ouvindo a música que parece direcionada a mim, ao perdão que busco para minha alma, um perdão que só pode ser dado pelo anjo dos meus sonhos.

Quando a canção chega na última estrofe, sinto-me leve, entorpecido, como se tudo ao meu redor fosse surreal. Sinto luz invadir cada poro meu, uma luz capaz de destruir toda e qualquer escuridão da minha alma.

Respiro fundo e pela primeira vez minha respiração é livre, não há angústia ou pressão em meu peito ao respirar.

Sinto que posso tocar o céu.

Encaro o anjo à minha frente e ela está na ponta dos pés, pés esses pequenos e delicados, suas panturrilhas morenas são bem torneadas, assim como suas coxas, ela veste uma roupa que logo reconheço ser das *minhas empregadas*. Seu cabelo é longos, castanho ondulado e brilha na luz do sol, seus braços são curtos e as mãos pequenas e delicadas.

Tudo nela é lindo. É puro.

Como se criassem vida própria meus pés vão em direção a ela, tento estender minha mão para tocá-la, mas tenho medo que ela suma, por isso abaixo o braço e apenas a observo.

É impossível ignorar essa sensação de completude e paz.

— Quem é você? — Minha voz sai em um sussurro rouco.

Então tudo acontece muito rápido. Ela se assusta e se desequilibra, o banco treme e vira para a direita e ela impulsiona seu corpo para a esquerda, onde há uma mesa de vidro, e em um movimento rápido a seguro pela cintura trazendo seu corpo sobre mim. Ela é leve, mas ainda assim acabo me desequilibrando e juntos caímos no chão.

Ela fica sobre meu peito e seus cabelos caem em cascata ao meu redor.

Seu cheiro de jasmim invade minhas narinas, me fazendo querer sair correndo, ao mesmo tempo em que desejo intensamente agarrá-la e não deixar que ela saia jamais dos meus braços. Seus olhos castanhos escuros estão assustados e presos aos meus, olhos esses que me revelam com clareza sua alma *Pureza. Inocência. Bondade.*

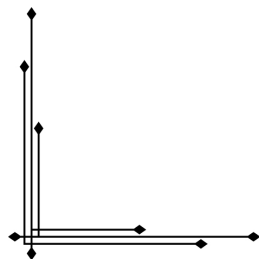
Meu coração parece querer sair do meu peito, nunca senti isso antes, nunca em toda minha vida senti meu coração vibrar dessa maneira.

O que é isso?

Por que esses sentimentos?

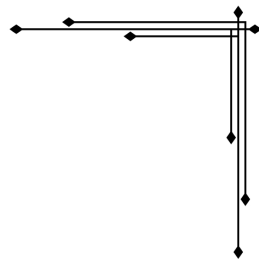
Por que essas sensações?

Deus, de onde saiu essa garota?



08

Aurora Stuart



CAPÍTULO 08

Faz três dias que eu trabalho nessa mansão e não poderia estar mais feliz. Quando Célia me disse que me daria o emprego simples, achei que fosse ser empregada de uma casa luxuosa de gente metida, mas não imaginava que seria algo tão grande e suntuoso.

E quanto a parte do *gente metida*, ainda não sei por que, não conheci meu chefe, mas pelo que ouvi falar dele, o melhor pra mim é adiar ao máximo esse encontro. Dizem que o homem é um ogro, que sou a sexta arrumadeira só esse mês, já que as outras ele dispensou sem o menor remorso.

Quando cheguei aqui a primeira vez, olhei diversas vezes para o papel que Célia me deu para conferir se era o endereço correto, e só quando os seguranças da entrada me anunciaram e tive permissão para entrar, foi que a ficha caiu.

Logo que cheguei, Célia foi me apresentando aos demais empregados e a primeira foi Valery, a cozinheira. Uma senhora magra de uns 45 anos, com alguns cabelos brancos, um nariz grande, que usava uma roupa de chefe de cozinha e parecia que queria cozinhar meu fígado. Depois foi a vez de Jamie, o jardineiro, um senhor pequenininho com uma cabeça calva, que aparenta ter uns sessenta e poucos anos, muito simpático.

Manfred, o chefe da segurança, é um negro alto, forte e com a cara fechada, no início fiquei intimidada pelo seu tamanho, mas isso durou pouco, porque sua máscara logo foi retirada e sua simpatia revelada.

David também estava lá e descobri que ele não é só o motorista, mas também segurança particular do senhor Di Maccio. E por fim, Célia me disse que uma vez por semana uma diarista vem me ajudar.

Hoje estou no andar de cima e seguindo as instruções de Célia, começo pelo quarto do patrão, já que ele chega hoje.

Depois de arrumar e limpar o banheiro e o closet, finalmente vou para a enorme cama que estava parcialmente desarrumada. Começo retirando o lençol para jogá-lo no cesto de roupas suja quando sinto uma sensação estranha, como um choque que atravessa meu corpo e como se atraída por um ímã, pego o lençol e levo ao nariz inalando aquele perfume que parece me embriagar.

Sinto que já o senti antes, mas onde?

Ao me dar conta da minha loucura, coloco-o no cesto de roupas sujas e volto a fazer o que devo, me sentindo ainda um tanto perturbada por aquele perfume.

Finalmente depois de arrumar a cama vou para as pesadas cortinas que adornam as janelas. Agarro firme uma delas, e puxo para o lado, cubro o meu rosto pela intensidade da luz do sol que parece finalmente iluminar esse lugar sombrio.

Vou até o outro lado do quarto onde pego o banquinho que uso para subir quando os móveis são altos, pego também o balde com água e uma solução para vidro, um pano e com tudo em mãos inicio meu trabalho.

Imediatamente a canção *I forgive you* da Sia me vem à mente.

Começo a cantarolar e quando dou por mim, minha voz sai livre e logo me sinto puxada por uma nuvem de torpor, como se tudo ao meu redor sumisse, como se eu gritasse a plenos pulmões que poderia perdoar.

*“Você me pediu perdão
Eu recusei (recusei)
Eu queria que você entendesse
Que eu sofri (eu sofri)
Mas você deixou seu cheiro
Nos lençóis (nos lençóis)
Vou dar tudo para estar
Em seus braços (em seus braços)”*
*“Tu m'as demandé pardon
Je t'ai repoussé (repoussé)
Je voulais que tu comprennes
Que je souffrais (je souffrais)
Mais t'as laissé ton odeur
Sur les draps (sur les draps)
Je donnerai tout pour être*

Dans tes bras (dans tes bras)”

Sinto minha alma presa a um evento doloroso clamar por liberdade.

“E eu tentei te odiar mas a raiva foi embora

As boas memórias superam

O ódio e o rancor”

“Et j'ai tenté d'te haïr mais la colère est partie

Les bons souvenirs l'emportent

Sur la haine et la rancœur”

Sei que por mais doloroso que seja o passado eu preciso seguir em frente, tanta raiva e ódio sufocam minha alma como erva daninha.

“Eu te perdoo, você não sabe o que fez

Ohh eu, eu te perdoo

Agora é hora de eu seguir em frente

Ohh eu, eu te perdoo

Você não distinguiu o certo do errado

Ohh eu, e eu te amo

Você vai viver sempre no meu coração

Você vai viver nele, você vai viver nele”

“I forgive you, you know not what you have done

Ohh I, I forgive you

Now it's time for me to move on

Ohh I, I forgive you

You did not see right from wrong

Ohh I, and I love you,

Always in my heart you'll live on

You'll live on, you'll live on”

Seguir em frente nem sempre é fácil, porém necessário, existe uma lacuna de memória e sentimentos que talvez nunca se preencha, mas ainda assim preciso seguir em frente.

“Nos cruzamos sem

Trocar um olhar (um olhar)

Eu não sei o que dizer quando

Nos olhamos (olhamos)

As pessoas ao nosso redor tentam achar uma razão (razão)

Eu acho que é hora de nos reencontrar (reencontrar)”

“On se croise sans

Se lancer un regard (un regard)

Je n'sais quoi dire quand

On m'fait la remarque (la remarque)

Notre entourage tente de nous raisonner (raisonner)

Je pense qu'il est temps de se retrouver (retrouver)"

Quando chego na última estrofe da canção sinto um arrepio percorrer todo meu corpo.

— Quem é você? — Uma voz grave e baixa fala atrás de mim e sinto meu corpo gelar, um alarme soa dentro de mim exigindo que eu corra.

Então tudo acontece muito rápido.

O banco em que estou em cima treme devido ao susto que levo, ele vira para o lado e tento me apoiar em algo, mas minhas mãos apenas tocam o ar, vejo que irei cair sobre uma mesa de vidro e fecho os olhos esperando o impacto, é nesse momento que sinto minha cintura ser envolvida. Um calor invade meu ser, junto com uma sensação de lar, de estar segura e ao mesmo tempo em perigo.

Sinto meu corpo se chocar em uma parede de músculos e juntos vamos ao chão, quando finalmente abro meus olhos, me dou conta que estou diante do homem mais lindo que já vi na vida.

Meu rosto está a centímetros do seu, observo seu queixo quadrado, seus lábios vermelhos, e estão entreabertos fazendo sua respiração com cheiro de hortelã me acariciar, seu nariz retilíneo e seus olhos são de um azul quase cinza hipnóticos.

Meu olhar fica preso no seu e é como se eu pudesse ver sua alma.

Dor. Desespero. Desesperança. Arrependimento. Medo.

Sinto-me em uma espécie de *déjàvu*.

Onde? Onde vi esses olhos antes?

Lentamente sua mão que estava em minha cintura vai em direção ao meu rosto, seu toque é quente e delicado. Por um segundo fecho meus olhos e me deixo levar, até que como um soco a lembrança da única vez que permiti um homem me tocar vem à minha mente.

Ele me destruiu.

E o toque antes quente e aconchegante, agora se torna gelado e asqueroso. Um frio invade minha alma e a sensação de pânico me toma, abro meus olhos e dou de cara com seus olhos cinza, me avaliando como se estivessem hipnotizados.

E em um rápido segundo a imagem de um par de olhos vermelhos e frios passam pela minha mente, assustada, empurro seu peito e saio de cima dele.

Surpreso com minha atitude e como se estivesse saído de um transe, ele se apoia em seus cotovelos e vejo o momento que seus olhos passam de surpresos a frios e cortantes.

Ele se ergue rápido e me encolho no canto próximo ao banco virado.

— Quem. É. Você? — Sua voz sai sombria e pausada.

Já a minha voz parece que sumiu, não consigo respondê-lo e minha mente está em pânico.

Ele me encara sério e começa a se irritar com meu silêncio.

— Você é surda ou o quê, garota? QUEM É VOCÊ? E O QUE DIABOS FAZ NO MEU QUARTO? — ele grita alterado, me fazendo saltar e pôr minha mão sobre meu peito.

Memórias ou devaneios, não sei, invadem minha mente como se já houvesse ouvido aqueles gritos antes.

— Não vou perguntar de novo. Quem é você e o que faz no meu quarto, sua estúpida? — Sua voz agora é baixa e fria, me trazendo de volta à realidade e é aí que me obrigo a respondê-lo.

— E-e-eu so-sou a-a no-va em-pre-pre-ga-da, senhor — gaguejo, nervosa.

Só então me dou conta que ele se refere ao *seu quarto*, o que significa que esse homem à minha frente é meu chefe.

Aí meu Deus! Eu tô muito encrencada.

— A nova arrumadeira? — Ele me olha de cima enquanto continuo sentada no chão onde apenas abaixo minha cabeça e afirmo sua pergunta.

O ouço bufar.

— E pelo o que vejo tão incompetente como as outras que passaram por aqui.

— Se-senhor...

— Caralho! Olha só a porra da bagunça que você fez no meu quarto.

É nesse momento que olho ao meu redor e percebo que além do banco virado, o balde também virou derramando toda a água no piso, o pequeno rodo da janela assim como a esponja e o pano estão espalhados, além de alguns objetos na mesa de vidro estarem virados porque o banco bateu nela quando virou, e assim me dou conta que ele tem razão.

Deus.

Uma lembrança invade minha mente de repente.

— Mamãe, meu vessalio está petinho, né? A Libeinha vai tê uma fétinha biíti como a da Lalinha?

— Claro que vai, meu amor. Agora a mamãe vai poder fazer uma festa biíte para você.

— Pomete, mamãezinha?

— Prometo, princesa linda.

Assim beijei seu rostinho antes dela se aconchegar em meus braços e cair no sono.

(...)

Então me dou conta de algo muito importante:

Se perder esse emprego não poderei cumprir a promessa que fiz à minha pequena Lisbella.

Sinto meus olhos arderem com lágrimas que ameaçam cair, então sem pensar duas vezes me coloco de joelhos e olho nos olhos desse homem cruel.

— Por favor, por favor! Não faz isso. Eu imploro. Não me demita. — Mal percebo que minhas mãos estão juntas em forma de oração. — Eu lhe imploro, senhor, irei limpar tudo e em alguns minutos seu quarto estará perfeito. Mas, por favor, não me demita.

Olho para ele e uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Seus olhos frios agora parecem angustiados, como se ele me olhasse, mas não me visse, vejo dor passar por eles.

A porta do quarto é aberta e a voz de Célia nos interrompe, ele vira o rosto para o lado como se não quisesse me olhar.

— Mas o que significa isso, Bash? O que você fez? — Célia vem até mim e segura meu braço. — Levante-se, menina. Levante-se. Onde já se viu isso? O que significa isso, Bash? Por que Aurora está ajoelhada diante de você?

Ele olha para Célia e parece furioso, mas ela não se abala e vejo que mesmo com raiva ele demonstra respeito, seu maxilar está cerrado e ele continua sem me olhar.

— Pergunte a ela. — Ele vira e sai andando a passos largos, mas ao chegar na porta ele para e sem olhar para trás fala: — Você tem 10 minutos para deixar meu quarto impecável, caso contrário, rua. — E saí batendo a porta fazendo um enorme barulho, assustando a mim e a Célia.

Sinto que meu coração vai sair pela boca.

— Você está bem, querida? — Célia fala me avaliando, então busco forças dentro de mim e lhe dou um sorriso amarelo.

— Sim, Célia, estou bem.

— O que meu menino fez com você? — ela pergunta me olhando séria.

— Ele não fez nada. Mas já eu — falo em uma tentativa de soar brincalhona e aponto para o balde de água virado.

— Oh, Deus. Você caiu? — ela fala apontando para o banco.

Então a lembrança da minha quase queda e de quem me salvou vem à mente, me fazendo ficar vermelha e para que Célia não note meu constrangimento, me afasto dela e começo a recolher o balde e as outras coisas.

— Não foi bem uma queda — falo recolhendo o rodo. — Eu me desequilibrei e... — Lembro da forma como o senhor Di Maccio me pegou e sinto meu rosto em chamas, por isso me volto para a janela e começo a passar o pano limpando onde havia ficado um pouco de espuma. — E o balde virou.

Sinto o olhar de Célia em minhas costas, mas não me atrevo a virar na sua direção.

— Bem, se você diz. Vou te ajudar a limpar essa bagunça — ela fala e começa a se abaixar, mas novamente noto sua dificuldade.

Esses três dias que estou aqui me apeguei muito à Célia. Vejo que ela é quase de ferro, pelo menos essa é a imagem que ela tenta passar para todos aqui e que todos parecem bem convencidos disso. No entanto, percebo que ela não está tão forte quanto aparenta estar, vejo sua dificuldade para subir as escadas, ou como às vezes se esforça para caminhar normalmente.

Notei também que suas pernas estão bem inchadas o que sinceramente me preocupa. Apesar do pouco tempo aqui, já gosto demais dessa senhora que me trata como uma filha querida.

— Opa, opa, opa. Pode parar aí, dona Célia. — Tomo o pano da mão dela.

— Mas o quê? Ora, menina, deixe de bobagem. Posso muito bem limpar esse chão.

— Poder a senhora até poderia, se não estivesse com tanta dor nas articulações. — Ela me olha, surpresa. Suspiro, me aproximo dela e toco sua mão. — Tenho notado sua dificuldade para caminhar ou subir as escadas e o copo que você derrubou ontem.

— Ora, menina, não foi nada. Ele apenas escorregou.

— Escorregou depois que você sentiu uma fisgada na mão que fez você perder as forças e soltá-lo. — Ela abaixa a cabeça. — Célia, senta aqui. — A conduzo até a poltrona que fica ao lado da janela.

Ela senta e olha para o jardim lá embaixo.

— Como você notou?

— Minha vizinha, uma senhora de quem gosto muito, tem problema de reumatismo e sente dores insuportáveis nas articulações, por isso consigo reconhecer os sintomas — falo me abaixando para ficar na altura dela.

— Não sei se tenho reumatismo.

— Espera. Você ainda não foi ao médico? — falo, espantada.

— Ora, menina. E como iria? Essa casa vira um caos sem mim, todos ficam mais perdidos que cegos em tiroteio. — Não tem como não rir dos seus jargões

— Mas você tem que ir ao médico antes que se agrave e evolua para uma artrite ou artrose — Ela faz um sinal de descaso com a mão.

— Irei marcar o médico, está bem? Agora você precisa terminar de limpar isso antes que Bash suba e veja tudo do mesmo jeito, aí nem eu vou poder interceder por você — ela fala séria e eu me sobressalto.

— Você tem razão, Celinha, mas essa conversa não terminou aqui — aviso, saio de perto dela e começo a secar o chão com panos secos que trouxe no meu carrinho de limpeza.

— Tem uma coisa que ainda não entendi?! — ela fala enquanto estou de quatro, limpando o chão.

— Hum? — respondo distraída.

— Se Sebastian *não fez nada* com você, por que você estava de joelhos implorando para não ser demitida? — Imediatamente me empertigo. — Responda, Aurora. Ele lhe ofendeu ou lhe maltratou?

Suspiro e respondo sem olhá-la, afinal nunca fui boa com mentiras.

— Não, Célia, ele não me fez nada, apenas implorei pelo meu emprego, por-que todos aqui dizem que ele não perdoa erros, e bem, ele chegou e viu a bagunça, então antes que ele me demitisse eu implorei. — Volto a limpar o chão com mais vigor. — Sei lá, talvez tenha sido medo.

— Aurora? — ela me chama, mas continuo a esfregar o chão que já está mais que seco. — Aurora? Aurora, venha aqui — ela me chama séria e não tenho como me esquivar.

Suspiro, me ergo e vou até ela que me olha enquanto me abaixo para ficar na altura dos seus olhos.

Ela toca meu rosto e sorri.

— Você é boa demais, menina. Sei que meu menino lhe ofendeu, conheço Bash melhor que ninguém e sei que ele foi duro com você, só não entendo o porquê de você defendê-lo?

— Não o estou defendendo. — Baixo meu olhar. — Ele não me

fez nada. — A sinto tocar meu queixo e me faz olhá-la.

— Por que continua a defendê-lo, Aurora? — ela me pergunta e nem eu sei a resposta, só não quero que ela se aborreça com ele.

— Você não deve se aborrecer com ele, Célia. — Olho para o jardim e percebo de onde estou, uma rosa perto de desabrochar. — Talvez... Talvez ele só esteja machucado e tudo que ele precisa não é de julgamento, mas apenas de cuidado.

Quando olho para ela vejo que uma lágrima escorre dos seus olhos.

— O que houve, Célia? Eu disse algo errado? — Ela funga e balança a cabeça negativamente.

— Não, menina. Apenas ninguém nunca viu Bash como ele é de verdade. — Ela toca meu rosto e me sinto corar.

Desvio meu olhar do dela e me ergo, meio constrangida.

— Bem, Célia, terminei aqui. Vamos descer? Ainda tenho que limpar a sala, fora que não quero estar aqui quando o senhor Di Maccio voltar. Então melhor descermos logo. — Ela me olha de forma estranha e por fim abre um pequeno sorriso.

Ajudo Célia a levantar, tomo meus objetos de limpeza e descemos juntas conversando amenidades.

Graças a Deus não vi mais o senhor Di Maccio.

Nem nos dias que se seguiram.

CAPÍTULO 09

Faz um mês desde que aquela garota chegou em minha casa, um mês que ela persegue meus sonhos e observá-la de longe se tornou minha obsessão.

Até agora não sei o que ela tem de tão especial para prender minha atenção assim?!

Em apenas um mês ela ganhou a afeição de todos aqui e em especial de Célia, que a trata como se ela fosse sua filha.

Falando em Célia, essa parece quase adorar a garota, sempre que vem falar comigo ela dá um jeito de pronunciar o nome da Aurora em nossas conversas, me finjo de desinteressado, mas a verdade é que tudo com relação a ela me interessa.

Desde o dia que a vi, simplesmente não consigo tirar meus olhos dela, hora pelas câmeras da minha casa, hora pela janela do meu escritório, mas sempre dou um jeito de vê-la. Por algum motivo estranho, vê-la sorrindo mesmo que não seja para mim, faz o meu dia ser suportável, o que antes era excruciante agora se tornou tolerável, tudo porque o sorriso dela está ali. E mesmo atraído por ela como um inseto pela luz, não me atrevi a me aproximar novamente, não depois de ouvir o que ouvi após nosso primeiro encontro.

Havia saído do quarto furioso pela forma como agi perto dela, simplesmente não podia me reconhecer.

Quando ela se ajoelhou e implorou pelo emprego, me senti um verdadeiro bastardo miserável. Com qualquer outra pessoa eu simplesmente teria mandando embora e ponto.

Mas ela não.

Então Célia chegou e me acusou de maltratá-la, o que não deixou de ser verdade, mas em meio ao meu descontrole não consegui raciocinar, e por tanto, fiz a única coisa que me restava: sair de perto

delas. Mas foi quando cheguei as escadas que notei o que estava fazendo.

Tendo misericórdia de alguém, coisa que jurei nunca mais ter por ninguém. Então resolvi voltar e acabar com aquela palhaçada de uma vez.

Foi quando toquei a maçaneta para abrir a porta e expulsá-la dali, ouvi a conversa delas.

(...)

De onde estava pude ver Aurora limpando o chão e Célia sentada próximo a ela.

— *Se Sebastian "não fez nada" com você, por que você estava de joelhos implorando para não ser demitida?* — Célia questionou e imediatamente ela empertigou as costas. — *Responda, Aurora. Ele te ofendeu ou te maltratou?*

Célia exigiu que ela falasse a verdade e vi Aurora olhar para frente, suspirar e fechar os olhos. Esperei o momento em que ela ia choramingar e começar a se queixar do patrão monstruoso que lhe ofendeu, mas em vez disso.

— *Não, Célia, ele não me fez nada, apenas implorei pelo meu emprego, por-porque todos aqui dizem que ele não perdoa erros e bem, ele chegou e viu a bagunça, então antes que ele me demitisse eu implorei. Sei lá, talvez tenha sido medo — Fui pego de surpresa com o que a garota falou.*

Engoli em seco e voltei a observar a garota que voltou a limpar o chão com mais vigor.

— *Aurora?* — Célia lhe chamou, mas ela continuou a esfregar o chão que já estava seco. — *Aurora? Aurora, venha aqui.*

Célia sabe como impor a vontade dela como ninguém.

Vi uma Aurora vacilante ir em direção à Célia. Não foi difícil supor que aquela garota era uma péssima mentirosa.

Mentirosa.

Ela não contou a verdade por medo de ser demitida, pois talvez soubesse que Célia gosta muito de mim.

Cerrei meus punhos. Por um segundo, achei que ela fosse diferente, mas ela é como todos, só pensa em si.

Preparei-me para invadir o quarto e mandá-la embora de uma vez, mas a vi abaixar e ficar na altura dos olhos de Célia que ingenuamente lhe olhou com ternura.

— *Você é boa demais, menina. Sei que meu menino lhe ofendeu, conheço Bash melhor que ninguém e sei que ele foi duro com você, só não*

entendo o porquê de você defendê-lo?

Continuei ouvindo para saber até onde ela ia.

— Não o estou defendendo. Ele não me fez nada.

Senti-me realmente intrigado com sua insistência em não falar a verdade para Célia.

— Por que continua a defendê-lo, Aurora? — Minha atenção foi para Célia que tocou o queixo da garota com ternura.

Apertei minhas mãos até os nós dos meus dedos ficarem brancos, então sua voz me acertou como um raio.

— Você não deve se aborrecer com ele, Célia.

Então esperei pelo momento que sua máscara iria cair e as lamúrias iriam começar.

A vi olhar para o jardim, não me permitindo ver seus olhos.

— Talvez... Talvez ele só esteja machucado e tudo que ele precisa não é de julgamentos, mas apenas de cuidados.

Dei um passo para trás como se tivesse levado um soco no peito, encarei a porta à minha frente e um nó se formou em minha garganta, engoli em seco e balancei a cabeça tentando expulsar suas palavras da minha mente.

Dei mais três passos para trás e segui apressado em direção à minha garagem, entrei no meu Porsche preto e saí cantando pneu estrada a fora.

Naquela noite voltei para casa de madrugada.

(...)

Balanço a cabeça para afastar a lembrança da minha bebedeira idiota por conta da minha nova empregada. Agora estou em meu escritório, olhando para um monte de relatórios que tenho que ler para a reunião que terei amanhã à tarde com os coreanos.

Optei por trabalhar em casa hoje, já que estava sufocando no escritório da Holding.

A quem você está querendo enganar, Bash?

No fundo minha real intenção é ficar perto dela, mesmo que ela não saiba e nem se aproxime de mim.

Ouçou uma batida na porta e imagino ser Célia com meu café.

— Entre — falo olhando para a minha pilha de relatórios.

Imediatamente sinto um arrepio percorrer meu corpo e então ouço sua voz suave.

— Com licença, senhor? Trouxe seu café.

Meus olhos voam da pilha de papeis em direção a ela. Observo

ávido cada detalhe seu, como o cabelo que está preso em um rabo-de-cavalo no alto da cabeça e algumas mechas escapam dele, ela veste seu pequeno uniforme azul claro, que cola absurdamente nas curvas do seu corpo e deixa suas pernas torneadas à mostra. Devagar, vem caminhando até mim, parecendo incerta. Vejo um rubor em sua face e noto suas mãos tremerem, e isso me incomoda.

Ela tem medo de mim.

E constatar isso me irrita profundamente.

— Onde posso colocar o seu café, se-senhor? — pergunta se aproximando da minha mesa.

— Em cima da minha mesa, óbvio. Onde mais seria, garota? — Meu tom é arrogante e irritado.

— Des-desculpe. — Ela o coloca sobre a mesa e se afasta como se houvesse tocado em espinhos.

Observo como ela retira a bandeja e como coloca uma mecha do cabelo atrás da orelha, olhando para baixo sem nunca me encarar.

Para todos ela sorri e a mim ela nega até o direito de ver seu olhar?!

Cerro minhas mãos.

— O senhor deseja mais alguma coisa? — pergunta baixinho.

Sim. Quero que você me olhe e que me dê um de seus sorrisos. Apenas um.

— Não. Saia já da minha frente. — Volto a olhar para o relatório que na verdade nem vejo, já que me sinto colérico.

Percebo seus passos se afastando, mas para a minha surpresa ouço sua voz novamente.

— Senhor?

Ergo meu olhar e vejo que ela me olha ansiosa, nossos olhares se encontram por alguns segundos até ela os desviar novamente, o que só faz minha irritação aumentar.

— O que você quer, garota? Não vê que estou ocupado? — A vejo engolir em seco, aperta a bandeja, respira fundo e caminha novamente em minha direção, o que me surpreende.

Aguardo sua aproximação e falar o que deseja.

— Eu preciso falar algo!

— Espero que seja importante, caso contrário, considere-se no olho da rua — falo rude sem conseguir controlar meu mau gênio.

Ela respira fundo novamente, empina o nariz e fala me olhando nos meus olhos.

— Se o senhor quiser me demitir tudo bem, não me importo. Desde que o senhor me ouça e faça algo.

— O que... — Tento perguntar, mas para meu assombro ela me corta.

— É a Célia, senhor. O senhor precisa cuidar dela. — Não entendo do que ela fala e pergunto confuso.

— A Célia? Cuidar dela? Como assim? Do que...

— Do que estou falando? Francamente. A Célia trabalha para o senhor desde que o senhor nem era gente. A vida dela gira em torno de você, senhor Di Maccio. Ela te ama como uma mãe ama um filho e o mínimo que o senhor pode fazer por alguém que te ama tanto é sair da sua bolha de ocupação e notar que essa mulher não está bem. O senhor não tem notado como ela anda com dificuldade, mesmo fingindo estar tudo bem? Porque aquela ali, vou te contar, merece o Oscar de melhor performance de como fingir estar bem quando não está. Agora, por exemplo, ela não veio deixar seu café porque derrubou outro copo na cozinha e não foi porque ele deslizou como ela disse para a Valery, foi porque ela sentiu dor na mão, o que a fez perder as forças e derrubar o copo, na verdade, o segundo esse mês. Fora que suas pernas andam bem inchadas e ultimamente ela vem subindo as escadas com bastante dificuldade. Enfim, senhor Di Maccio, o senhor é o único que pode convencê-la a ir ao médico, caso contrário ela não irá, e temo que seu estado só piore, e o que pode ser algo simples possa se tornar algo grave, que Deus nos livre. — Ela faz o sinal na cruz.

Simplemente a encaro.

Tirando a Célia e o Eduardo, ninguém ousa me dar ordens ou me dizer o que fazer, na verdade, meus empregados não falam mais do que bom dia ou boa noite para mim. E essa garota baixinha que me enfrenta para falar do bem-estar da minha ex-babá?

Posso entender porque Célia a admira tanto. Acho que ela percebe que falou demais, pois a vejo me encarar e seu rosto ruborizar encantadoramente. Ela olha para o chão e um pequeno sorriso sincero se abre no canto dos meus lábios.

— Desculpe se falei demais, senhor Di Maccio, às vezes eu faço isso. Desembesto a falar sem parar e... Ai meu Deus do céu, aqui estou eu falando muito de novo. — Ela bate na testa e agora um riso sincero escapa dos meus lábios.

Ela me olha espantada e seu olhar me deixa sem jeito, por isso volto à minha máscara de seriedade.

Pigarreio e falo:

— Então deixa eu ver se entendi. Você acha que Célia está doente?

— Eu não acho, tenho certeza. — Ergo a minha sobrancelha

em sinal à sua interrupção. — Ops! Desculpe, senhor. — Mordo meu lábio para não rir do seu rubor.

— O que te faz pensar que Célia me ouviria e iria ao médico se eu pedisse? Você conhece Célia há pouco tempo e não deve saber o quanto ela é cabeça dura. Ela não vai querer ir ao médico nem se eu ordenar.

Falo a verdade, Célia é bastante cabeça dura e ela não se deixa ser coagida por mim, nunca se deixou, se eu exigir que ela vá ao médico é capaz de quebrar um cabo de vassoura na minha cabeça. Se tem uma coisa que Célia odeia é se sentir coagida.

Tenho meus pensamentos interrompidos novamente pela Aurora.

— Bem, sr. Di Maccio, primeiro: o que me faz pensar que você seria a única pessoa que ela ouviria, é porque você é a pessoa que ela mais ama no mundo. — Assinto afirmativamente para ela, sentindo se agitar em meu peito. Sei que Célia me ama e sou grato porque graças ao seu amor e seus cuidados não sucumbi por completo, mas acho que nunca parei para analisar a dimensão desse amor e devoção — Segundo, — Aurora continua me chamando atenção —, você não precisa exigir que ela vá ao médico com o senhor, pode convidá-la para um passeio, que por acaso fica perto do hospital onde vocês vão dar uma passada rápida, porque o senhor tem que ver seu amigo médico e assim, como quem não quer nada, sugere que ela faça logo seus exames periódicos, enquanto você conversa com seu *amigo*. — Ela faz aspas com as mãos de maneira engraçada, mas a verdade é que estou chocado demais com sua criatividade para rir. Encaro a garota à minha frente falando e gesticulando como se estivesse divagando, e admiro sua doçura e beleza.

— Hã, acho que falei demais de novo. — Ela coloca a mão nos lábios, o que me faz olhar com mais atenção para sua pequena e linda boca.

Foco, Bash.

Respiro fundo e procuro minha voz.

— Espera um segundo! Você está *sugerindo* que eu engane a Célia e a leve ao médico com uma mentira? E quem te disse que eu tenho um *amigo médico*? — Ergo minhas sobrancelhas e ela ruboriza.

— Ninguém me disse nada, senhor, mas suponho que o senhor conheça muitos médicos, já que é alguém influente e sinceramente, senhor Di Maccio. — ela olha para baixo, mas não deixo de notar a pequena tristeza que nubla seu olhar —, não peço que o senhor minta para ela, mas se eu tivesse alguém que me amasse e cuidasse de mim como Célia ama e cuida do senhor, faria o possível e o impossível para mantê-la bem e o maior tempo possível ao meu lado. Afinal, nada é

para sempre e um dia as pessoas que mais amamos irão nos deixar, por isso se o senhor tem a bênção de ter uma Célia ao seu lado, não desperdice isso. E bem, no fim, depois dos exames, realmente a leve para um passeio. Sei que você sabe do que ela gosta e não será difícil agradá-la, uma vez que o senhor estará lá e isso é o que realmente a fará feliz.

Sinto um nó se formar em minha garganta e assinto.

Sei que ela está certa e não posso ignorar tudo o que me disse, mas nesse momento me sinto sufocar com sua presença. Eu me dou conta que Aurora é alguém boa demais, que só de estar perto sinto que posso contaminar com minha sujeira.

Respiro fundo, seguro um relatório olhando para ele sem enxergá-lo e falo:

— Verei o que farei, srta. Stuart. Agora pode sair, tenho muito que fazer. — Não a olho.

Sinto-a vacilar, mas por fim ouço seus passos se afastarem e a maçaneta ser girada, mas em vez de ouvir a porta bater, novamente ouço sua voz.

— Senhor? — ela me chama e contra minha vontade ergo meu olhar em sua direção.

— O que quer, senhorita? — falo em um tom de voz duro que a faz estremecer e engolir em seco.

— Eu-eu-eu estou demitida?

Quê?

Então lembro que falei que se ela não me falasse algo importante a demitiria.

Seguro a gargalhada que ameaça romper pela minha garganta, e reunindo todo meu autocontrole a respondo:

— Ainda não, senhorita. — Ela engole em seco, balança a cabeça afirmativamente, olha para mim e por fim um lindo e pequeno sorriso se abre em seus lábios antes de sair.

Ela sorriu para mim? Um sorriso pequeno, mas meu.

Rio tendo em meu peito uma sensação de leveza.

— Aurora, quem é você, menina?

Olho para a porta por onde ela saiu e penso em Célia. Havia notado que ela andava mais cansada ultimamente, mas infelizmente não dei a devida importância.

— Você é um bastardo, Sebastian. Não cuida nem da mulher que cuidou de você a vida toda?! Precisa vir *alguém* e te mostrar que você ainda pode fazer algo de bom por alguém que vale a pena nessa sua porcaria de vida?

Pego meu celular e verifico um número que há alguns dias não entrava em contato. Disco e no terceiro toque ele atende.

— *Ora, ora, quem é vivo sempre aparece* — Eduardo brinca do outro lado da linha.

— Cada um com seu conceito de vivo. — O ouço rir.

— *O que você quer, Bash?*

— Como o que eu quero? Qual é brasileiro? Por acaso está insinuando que só te ligo para pedir favores?

— *Sim, Yankee.*

— Cara, você é um filho da mãe descarado — ele gargalha.

— *Posso saber que bicho te mordeu para você está de tão bom humor hoje? OWW... OWW... OWW... Espera um pouco! Quem é você e o que fez com meu amigo? Olha, vou logo avisando que se for cobrar resgate por ele eu pago! Eu pago pra você nunca mais devolver* — ele gargalha e rio junto da sua idiotice.

Faz anos que não me sinto assim, tão leve.

— *Caralho. Eu vou pedir essa ligação para a minha operadora. É sério que ouvi você gargalhar, Bash?* — ele fala realmente parecendo surpreso e me sinto um tanto desconfortável.

— Eu também sei rir, Colares — falo e pigarreio mudando de assunto. — Bem, mas não liguei pra ficar ouvindo suas gracinhas no telefone. Você realmente acertou, preciso de um favor seu.

— *Manda, cara* — ele fala descontraído.

— Preciso que você me indique um bom médico reumatologista para atender a Célia.

— *O que houve com ela? Ela está bem?*

— É isso que quero descobrir — explico a situação contando o que Aurora me contou, ele fica preocupado, já que também tem muito carinho pela minha ex-babá, e por fim pergunto: — O que você acha, Eduardo?

— *Bem, cara, essa não é minha especialidade, não vou negar, realmente estou preocupado, mas prefiro não dar um diagnóstico precipitado. Amanhã você vem com ela e vou apresentá-los a um médico reumatologista amigo meu que é muito bom.*

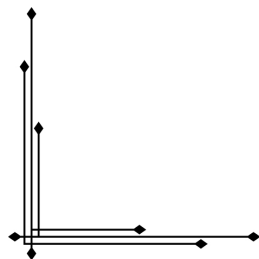
— Combinado. Então nos vemos amanhã.

— *Ok, irmão. Até mais.*

Ele desliga e fico olhando pro celular.

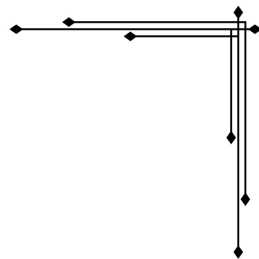
Que Célia não tenha nada demais.

O sorriso de Aurora me vem à mente e isso me acalma.



10

Aurora Stuart



CAPÍTULO 10

Fecho a porta do escritório atrás de mim em um misto de alívio e alegria. Alívio por não ter sido demitida e alegria por Célia que vai ficar bem, e por *tê-lo visto outra vez*.

Admita Aurora, desde aquele dia você passou a contar os segundos para vê-lo, mesmo dizendo para si mesma que o melhor era passar longe dele. Por mais louco que fosse eu queria sim encontrá-lo novamente.

Mas durante o último mês eu não o vi, pelo menos pessoalmente, já que desde o nosso fatídico primeiro encontro ele habita meus sonhos. Tento ignorar a sensação de frio na barriga quando vejo seu carro estacionado diante da mansão, mas é inútil, volta e meia estou pensando nele e fico relembando o momento que estive em seus braços.

Balanço a cabeça tentando reorganizar os pensamentos e encosto-me a parede no corredor, longe do escritório, meu coração ainda está acelerado, a sensação de choque devido sua presença ainda está em mim, assim como minha respiração ofegante.

Tomei a decisão de falar com ele essa manhã depois que fui entrando na cozinha e vi Célia novamente derrubar outro copo no chão, e mesmo ela se fazendo de desentendida, percebi que não estava bem, por isso quando ela pegou a bandeja, trêmula para levar o café dele, me ofereci. Na hora, movida pelo impulso de ajudar essa senhora que está fazendo tanto por mim, achei uma boa ideia falar com o *sr. Gray Wolf*, no entanto, quando me vi diante daqueles olhos azuis quase cinza, tive certeza da loucura que estava fazendo, mas já estava lá e não podia voltar atrás, precisava enfrentá-lo, por Célia.

E o fiz.

Sorrio e levo minha mão ao peito.

Então lembro que por um instante aquele homem sisudo deixou a máscara cair e pude ver seu sorriso de dentes perfeitos que me tirou o fôlego.

Um riso bobo deixa meus lábios e balanço a cabeça negativamente.

— Aurora, você acabou de bancar a palhaça na frente do chefe. — Rio de mim mesma e continuo a divagar. — Mas que sorriso lindo tem o senhor Di Maccio! — Mordo o lábio. — Deus, realmente o Senhor tem seus preferidos, viu. — Olho para cima e suspiro. — Lá estou eu falando sozinha de novo. — Saio de onde estou e resolvo voltar para a cozinha onde Valery, Margaret, a diarista, e o senhor Jamie conversam.

— Olá, olá, olá. — falo anunciando minha chegada.

— Olha só, ela voltou sem lágrimas e parece que continua empregada. — Valery solta e todos rimos.

Apesar de ranzinza Valery é uma boa pessoa e eu já me acostumei com seus comentários azedos que por vezes são bem engraçados.

— Sim. Um feito e tanto hein, minha gente?! — Todos rimos.

— Pelo jeito o humor dele está bom hoje, porque o menino Sebastian sabe ser duro quando quer. — Jamie fala e sorrio para ele enquanto sento ao seu lado e pego um dos *cookies* que Valery fez.

— E onde está Célia? — pergunto mudando de assunto.

— Ah, sr. *Gray Wolf* a chamou — Margaret fala enquanto descasca umas batatas.

Todos aqui costumam chamar o senhor Di Maccio de sr. *Gray Wolf*, acho engraçado esse apelido e talvez seja adequado para ele, um homem reservado, com um gênio selvagem e indomável. Um homem que transpira masculinidade, com seu porte de rei e sua áurea de poder que parece controlar tudo e todos ao seu redor.

Um lobo cinza poderoso e temido.

— Owwww, terra chamando Aurora. — Valery estala os dedos em frente ao meu rosto e pisco olhando para todos que parecem rir de mim. — Hmm parece que o Lobo não a demitiu, mas a hipnotizou com seus enormes olhos cinzas — Valery comenta maliciosa e todos riam, o que me deixa vermelha como um tomate.

— Quê? Tá louca, Valery?! — falo enquanto me levanto.

— Louca nada. Não era eu que estava com o olhar brilhando e suspirando para todos ouvirem, querida.

— Isso é verdade, lindinha — Margaret confirma.

Nesse momento quero um buraco para enfiar minha cara.

— E-eu não sei do que vocês estão falando. E-e também não importa, de qualquer modo já estou de saída. — Levanto-me de um salto.

— Vai lá encontrar seu gato, só não se esquece de avisar a ele que tem um lobo cinza na parada.

— Valery! — falo de olhos arregalados.

— Deixa a garota, Valery. — Jamie me defende. — Vá com Deus, menina, seu namorado é um rapaz de sorte.

Não respondo nada, apenas sorrio e saio da cozinha o mais rápido que posso, indo trocar de roupa para ir embora.

— Ai, ai, está cada vez mais complicado esconder sobre minha pequena Lisbella. — Suspiro, retiro meu uniforme e guardo na bolsa para lavar em casa.

Aqui ninguém sabe que tenho uma filha, nem mesmo Célia, preferi não contar, não queria que não me dessem o emprego porque tenho uma filha. Já fui rejeitada em outros lugares por tê-la e não podia perder essa chance, sendo assim todos que trabalham aqui *supõem* que saio apressada todos os dias para encontrar meu namorado, mas a realidade não poderia ser mais diferente, já que saio com pressa para dar tempo de chegar em casa e pegar minha bebê acordada.

Por morar longe da mansão, sempre chego tarde em casa, o que resulta em muitas vezes encontrar Lisbella dormindo, e isso às vezes me faz questionar se estou sendo uma boa mãe. Se não estou sendo ausente ou negligenciando o crescimento da minha filha? Embora no fundo saiba que tenho me esforçado para dar meu melhor, por isso me vejo diariamente correndo contra o tempo para aproveitar qualquer momentinho com minha bebê.

Deixo minha filha com a senhora Sullivan, uma senhora um pouco mais velha que Célia, que se ofereceu generosamente para cuidar da minha pequena Lisbella e sem ter alternativa, deixei minha menina com ela que é viúva, sem filhos ou parentes.

O caminho até em casa é tranquilo, quando finalmente chego ao meu apartamento e abro a porta recebo a melhor recepção do mundo.

— MAMÃEEEEEEEEEEEE

— Princesaaaaaaaa! — Ela se joga em meus braços e a seguro firme inalando o perfume de morango do seu cabelo.

— Mamãe! — Ela agarra meu rosto. — A mamãe é *biúti*, fofa e *teozí*. — Ela me beija e eu gargalho.

— Você também é bonita, fofa e cheirosa, meu amor. — Beijo seu rosto e lhe faço cosquinhas, me deliciando ao som de sua

gargalhada.

— Ela passou o dia perguntando por você, Aurorinha. — Sorrio para a sra. Sullivan e olho para minha filha que mexe em meu cabelo.

— Ela sente sua falta.

— E eu a dela, dona Su. — Beijo o rosto da minha bonequinha.

— Ohhhiiii, *bíti*, mamãe — ela fala admirando meu cabelo como se fosse a primeira vez que o vê, o que nos faz rir do seu jeitinho carinhoso.

— Bem, menina, eu vou indo, está na hora do meu remédio e você sabe que não posso passar do horário.

— Claro, sra. Sullivan. Aliás, como está o remédio? Acredito que vou receber amanhã meu primeiro salário, assim já posso comprar seu remédio e lhe dar o que combinamos por você ficar com minha bonequinha. — Coloco Lisbella no chão que se esperneia para descer.

— Ora, menina, não combinamos nada. Você que insisti nessa bobagem. Ficar com a Lis me faz sentir útil e revigorada. Essa pequena tem o poder de iluminar tudo ao seu redor — ela fala com admiração olhando para minha pequena que está de cócoras no meio da sala parecendo procurar algo em meio aos seus papéis de desenho.

— É verdade, minha bonequinha é a luz da minha vida. Bem, mas já que você não quer aceitar meu dinheiro, aceite que eu compre seus remédios pelo menos? — Ela suspira e fala:

— Tudo bem, menina, mas só porque eles darão por apenas mais um ou dois dias e só recebo minha aposentadoria no fim da próxima semana. — Sorrio para ela.

— Pode deixar.

— Agora vou indo. Boa noite, querida. — Ela beija meu rosto.

— Filha, a vovó Su já vai. — Lisbella fica de pé e se vira rápido.

— *Fau* vovó Xu. *Bôoti*. — Ela beija a mão e sopra o beijo para a senhora Sullivan.

— Tchau, minha princesa. Boa noite para você também e até amanhã.

Assim a senhora Sullivan se vai, aproveito o resto da noite com minha bonequinha, brincamos um pouco, lhe dou seu jantar, banho e cama. Depois de colocá-la para dormir, colocar as roupas na máquina de lavar e organizar o apartamento, finalmente tenho meu merecido descanso.

Chego na mansão cedinho e sigo para meu quarto, onde troco

de roupa e saio para a cozinha para cumprimentar a todos.

— Bom dia. — falo ao entrar encontrando apenas Jamie e Valery.

— Bom dia menina, Aurora.

— Bom dia — Valery responde sem me olhar enquanto sova uma massa na bancada.

Vou até a cafeteira e encho uma xícara de café, tomo um pequeno gole e então lembro de Célia, que sempre está aqui comendo alguma fruta a essa hora.

— Ué? Onde está Célia?

— Ah, aquela ali saiu cedo com o Gray Wolf e não me pergunte para onde porque eu não faço a menor ideia — Valery fala, concentrada na massa.

— Ela parecia bem contente quando saiu — Jamie comenta enquanto mastiga um pedaço de bolo.

Sorrio amplamente.

Ele me ouviu. Ele levou a Célia ao médico!

— E esse sorriso, Aurora? — Sou trazida de volta pela voz de Valery que me olha com a sobrancelha erguida. — Você sabe de algo que não sabemos? — Engulo em seco.

— E-eu? Eu não. Eu não sei de nada. — Coloco a xícara na pia e viro de costas para os dois. — Bem, melhor começar meu serviço que hoje o dia promete.

— Mas...

Deixo Valery resmungando e sigo para a dispensa de limpeza, onde pego meus materiais e rumo para o andar de cima, hoje tenho que limpar todos os quartos de hóspede e o do patrão.

E assim início meu trabalho, canto, danço e nem me dou conta das horas passando, só paro quando ouço a voz de Célia gritar por mim.

— AURORA? AURORA? ONDE VOCÊ ESTÁ, MENINA? — Sorrio e vou até a porta.

— ESTOU AQUI, NO QUINTO QUARTO NO CORREDOR DIREITO. — Fico esperando-a aparecer na ponta do corredor, o que não demora muito.

Ela caminha até mim com a cara séria, o que me faz temer.

Será que estou encrocada?

— Entre! — ela ordena e o faço prontamente.

— Célia.

— Posso saber quem lhe deu o direito de fazer fofoca ao meu respeito para o Sebastian? — Engulo em seco.

— Célia, eu só... — Ela ergue a mão para que eu não a interrompa.

— Não lhe dei o direito de fazer isso. — Ela leva as mãos à cintura e me olha séria. — Ele me levou a um hospital com uma desculpa esfarrapada de um *passeio*. Eu tive que fazer uma bateria de exames, aturei bode velho metido a médico, por fim — Ela me encara brava. — Tive a melhor manhã em muitos anos ao lado do meu menino. — Seu sorriso se amplia e ela abre os braços. — Vem aqui, menina, deixa eu te dar um beijo.

Ainda em choque vou até ela e lhe abraço apertado, logo ela me solta e beija meu rosto, a olho assustada e pergunto:

— Então você não está brava comigo? — Ela me olha com um lindo sorriso nos lábios e olhos transbordando ternura.

— Ora, menina. Nem se eu quisesse poderia ficar chateada com você. Você foi a melhor coisa que nos aconteceu em muito tempo. — Ela me olha e parece refletir. — Há anos meu menino não se aproximava de mim, não conversava mais comigo e hoje pude ter um pouquinho do meu pequeno Sebastian de volta para mim, e tudo isso graças a você — ela fala, emocionada, e uma lágrima escorre de seus olhos.

— Eiii, não chore — Toco seu rosto.

— É de alegria, menina. É de alegria. Obrigada, Aurora. Obrigada, filha. — Ela beija minha mão e sinto uma alegria sem tamanho tomar conta do meu ser.

— Você não tem porque me agradecer, eu... — Meu celular toca me interrompendo, penso em ignorar, mas Célia me pede que atenda.

— Atenda, filha. Pode ser importante. — Balanço a cabeça afirmativamente e pego meu velho aparelho.

Estranho por ser um número desconhecido no identificador, franzo o cenho e atendo.

— Alô?

— *Senhorita Aurora Stuart?* — uma voz feminina e educada fala do outro lado.

— Sim, é ela.

— *Aqui é a doutora Louise Houston, eu falo do New York Hospital, onde nesse momento sua filha e a babá dela se encontram.* — Perco meu chão quando ouço essas duas palavras na mesma frase: *"hospital e minha filha"*.

— COMO? O QUE ACONTECEU? ONDE ESTÁ MINHA FILHA? AÍ MEU DEUS. ONDE ESTÁ MINHA FILHA? — Começo a tremer e gritar sem me dar conta da cara espantada de Célia à minha frente.

— *Senhora, se acalme. Houve um incêndio em seu apartamento e sua filha e a babá foram trazidas para cá.*

— O quê? — Minha voz sai como um sussurro e minha alma gela — Incêndio?

— *Senhora, acalme-se. Eu preciso que a senhora venha imediatamente até aqui para...*

— Estou indo — falo de pronto sem pensar em mais nada.

— *Ótimo! Assim que chegar aqui me procure, doutora Kelly Houston.*

Desligo o telefone e sinto como se houvesse um peso de concreto sobre meu coração, minhas pernas pesam e sinto tudo em câmera lenta ao meu redor.

Deus, minha filha.

— Aurora, Aurora, filha? — A voz de Célia me traz de volta à realidade. — Aurora, pelo amor de Deus, o que houve?

— Minha filha... — Encaro o vazio e por fim olho para a senhora que agora parece angustiada à minha frente.

— Filha? Você tem uma filha, Aurora? — Só balanço a cabeça afirmativamente.

— Sim, Célia, eu tenho uma filha — falo confessando a verdade e com dificuldade continuo. — Houve um incêndio no meu apartamento e minha bebê está no hospital. E-eu tenho que ir até ela. Ela precisa de mim. — Tento me afastar e sair, mas Célia me segura.

— Olha para mim, Aurora. — Olho já com a visão embaçada pelas lágrimas que caem. — Você precisa se acalmar.

— Eu não posso, Célia. Minha filha...

— Eu sei, mas me ouça. Pedirei ao David que a leve até o hospital, mas você precisa se acalmar, sua filha precisa de você. — Balanço a cabeça afirmativamente e assim seguimos para o andar de baixo.

Tudo se passa como um *flash*.

Quando David estaciona em frente ao hospital, salto do carro e corro para dentro sem esperar nada nem ninguém, chego na recepção e pergunto pela tal doutora e logo me indicam o local onde ela está. Sigo até ela que se encontra dando instruções a uma enfermeira.

— Doutora Houston? — pergunto.

— Sim. — Ela me olha.

— Sou Aurora Stuart.

— Claro, a mãe da — ela olha em sua prancheta — Lisbella Maria.

— Como está minha filha, doutora? Por favor.

— Venha comigo, senhora, vou levá-la até ela. — Ela caminha e a sigo com o coração na mão.

Acho que nunca senti uma angústia tão grande em minha vida. Saber que algo de ruim pode ter acontecido com Lisbella, me faz querer voltar no tempo e mantê-la aquele dia inteiro ao meu lado, talvez assim nada de ruim lhe acontecesse.

Estou tão absorta em pensamentos que quando percebo a doutora para em frente a uma porta que logo ela abre e as lágrimas que estava segurando quando entrei ali, finalmente rolam.

De onde estou, vejo minha pequena brincando com vários blocos de lego, seu vestidinho rosa está manchado de cinzas, seu cabelinho preto solto cai ao lado do seu rosto, seus olhinhos azuis quase cinzas estão concentrados na sua montagem, até que ela os ergue e me vê e ouço ela falar “*mamãe*” e nunca fiquei tão feliz em ouvir essa palavra.

Sem me conter corro em direção à minha bonequinha.

— MAMÃEEEEEEEEEEEEEE...

Eu lhe abraço forte e sinto meu coração voltar a bater, a beijo desesperadamente em todos os locais possíveis, até que a afasto um pouquinho e avalio todo seu corpinho aliviada por não ver um arranhão e ver seu riso doce e receber de volta seus beijinhos molhados.

— Como você pode ver, sua filha está bem, senhora Stuart. — Só então me dou conta que a doutora ainda está ali.

— Mas o que houve, doutora? Não entendo.

— Lisbella, meu anjinho, volta lá para sua obra de arte que a tia Kelly precisa falar com a mamãe.

— Não é *oba di ati*. É um *bobô biíti* fofo. — A doutora me olha buscando a tradução e sorrio.

— Ok, filha, vai lá terminar seu robô bonito e fofo. — A doutora ri.

— *Xim*, mamãe. — Ela volta e senta na cadeirinha, pegando uma nova peça e encaixando no *robô*.

Eu e a doutora nos afastamos um pouco, então ela fala:

— Bem, srta Stuart. A senhora que toma conta da sua filha sofreu um infarto. — Coloco a mão na boca, assustada.

— Não pode ser.

— Infelizmente é a verdade, mas antes deve ter colocado uma panela no fogo e ao que parece havia algo inflamável perto, o que ocasionou o incêndio em seu apartamento. Por sorte você tem uma filha muito esperta. Segundo relatos dos vizinhos, Lisbella subiu em

um banco, abriu a porta e avisou a vizinha mais próxima sobre a babá e o fogo, o que permitiu um vizinho acionar os bombeiros.

Estou tentando absorver tudo, parece surreal. Eu havia saído pela manhã e tudo estava bem em minha casa e com a senhora Sullivan, mas agora.

— E a senhora Sullivan? Como ela está? — A doutora me olha e suspira.

— Eu lamento, senhorita Stuart, mas a senhora Sullivan não resistiu, ela já chegou sem vida aqui.

— Não pode ser — Não consigo processar a informação corretamente.

— Infelizmente os paramédicos tentaram reanimá-la, mas não obtiveram sucesso e ela veio a óbito. — Sinto meu corpo gelar e meu coração sangrar. — A senhora conhece algum familiar que deva ser avisado? — A voz da doutora me desperta e após processar sua pergunta, nego com a cabeça, sentindo minhas lágrimas rolarem.

— Não. Ela era sozinha.

— Entendo, então acredito que a senhora que irá tomar a frente dos procedimentos fúnebres?

Apenas assinto, incapaz de falar qualquer coisa.

— A senhora pode se dirigir à recepção para iniciar os preparativos. Quanto à Lisbella, ela já foi examinada e está bem e liberada. — Olho para minha pequena concentrada em seu invento e sorrio.

— Obrigada, doutora.

— Não por isso, precisando estou à disposição. — Ela se despede de Lis que lhe acena e sorrindo a doutora se vai, me deixando aqui, totalmente perdida.

Sou tirada dos meus devaneios pela vozinha da minha filha.

— *Vamuh*, mamãe?

— Sim, meu amor. — Abaixo e pego-a no colo.

Sigo para a recepção onde preencho toda a papelada para a liberação do corpo da senhora Sullivan, que só ocorrerá no dia seguinte. O serviço funerário contratado foi o que o hospital me indicou, então eles cuidaram de tudo e me indicaram apenas o horário que o corpo estará no cemitério, optei por não haver velório.

Depois de tudo resolvido sigo com minha bebê para fora do hospital, ela me pergunta pela vovó Su e delicadamente digo que ela virou estrelinha e foi para o céu, Lis fica quietinha e apenas deita a cabeça no meu ombro, minha bebê sente o fato de que não irá ver a senhorinha novamente e eu procuro acalenta-la como posso. Quando

chegamos na saída para pegar um táxi me surpreendo ao ver David parado, encostado na Mercedes preta que viemos.

Ele me vê e logo vem até mim.

— Aurora? Então, está tudo bem? — Só então ele parece notar minha bonequinha. — E quem é essa princesa?

— Oi, eu sou a Libelinha. — Minha filha levanta a cabeça do meu ombro e estende a mãozinha que ele pega, surpreso.

Lisbella sendo Lisbella.

— Filha, esse é o David, o amigo da mamãe — explico a ela.

— Filha? — A cara de David é de completo choque.

— Sim, David, Lisbella é minha filha — falo sorrindo para minha filha que olha para o outro lado da calçada, onde uma mulher passeia com um cachorro da raça São Bernardo e Lisbella passa a chamar o cachorro com a mãozinha.

— Espera, quantos anos você tem 18-19? — ele pergunta, chocado, me fazendo voltar minha atenção para ele.

— Tenho 21.

— Ok, por essa eu não esperava — ele fala coçando a cabeça e franzo o cenho.

— Por quê? Algum problema? — falo séria.

— Não. Não. De jeito algum. Eh, bem, pra onde vamos agora?

Penso seriamente em pedir um táxi, mas lembro que estou com pouco dinheiro na bolsa, já que deixei quase tudo no hospital e ainda fiquei devendo a maior parte.

— Para o meu apartamento, ou melhor, o que sobrou dele. — Suspiro e caminho em direção ao carro que ele se apressa para abrir a porta.

Para meu alívio o caminho até meu apartamento é feito entre o som do riso e da voz de Lisbella, que graças a Deus parece mais animada. David logo conquistou a minha filha e foi conquistado por ela, pois logo os dois já não paravam de tagarelar e mesmo não entendendo tudo que ela fala, David faz questão de fingir que entende, o que é bem engraçado.

Quando finalmente paramos em frente ao prédio, sinto um aperto no peito. De onde estou já posso ver a janela do meu apartamento escura devido as chamas.

Desço do carro com David e Lisbella ao meu lado, minha filha olha para a janela escura do apartamento e nada fala, mas percebo seus olhinhos tristes, o que me angustia. Subimos as escadas e assim que paramos em frente a porta, que agora tem uma faixa amarela com preto de *bloqueio*, sinto meus olhos marejarem.

David retira a faixa e me dá passagem para entrar, seguro a mão da minha filha e sigo em frente. A primeira coisa que percebo é a sala toda coberta de cinzas e parcialmente queimada, já a cozinha está completamente destruída.

Lisbella solta minha mão e corre até o cantinho próximo à tv que foi queimada.

— Bia! — ela fala pegando a bonequinha de pano que Gabi havia feito para ela.

Ela olha para mim e vem correndo em minha direção, se agarra em minhas pernas enterrando o rosto nelas e chorando.

— O *cofu quemô o bêbeu* da Bia, mamãe. Ôi — Ela me mostra a boneca com os cabelos queimados.

David se abaixa e fala com ela:

— Não fica assim, princesa, a gente pode comprar uma boneca nova para você.

— Não *quêu*. Não *quêu*, mamãe. — Eu a pego em meu colo e acaricio seus cabelos negros.

— Tudo bem, filha. A gente pode fazer novos cabelos para ela, talvez não fiquem tão bonitos como os que o tio Gabi fez, mas tenho certeza que ela vai ficar muito *búti*, não é Bia? — Seguro a bonequinha e imito sua voz. — É *xim*, Lisbelinha. Eu vou fica *búti* fofa com o *bêbeu* que a mamãe vai fazer para eu. — Faço a bonequinha beijá-la e ela se encolhi rindo.

— *Cetu*, mamãe. — Ela me beija e vai para o chão brincar com a boneca.

Olho para tudo ao meu redor sem conseguir acreditar no que vejo.

Minha casa, meu forte, agora não passa de cinzas.

— E agora? O que vou fazer? — Penso em voz alta sem me dar conta.

— Bem, primeiro vocês têm que sair daqui — David fala olhando ao redor e depois me olhando.

— E ir para onde, David? Essa era nossa casa. Eu não tenho para onde ir — falo indo até um porta-retratos parcialmente queimado com uma foto minha, de Lisbella e Gabi.

— Claro que tem. — Olho para ele sem entender.

— Como? David...

— A mansão do senhor Di Maccio — ele fala dando de ombros.

— O QUÊ? VOCÊ TÁ LOUCO? Além de perder minha casa, você quer que eu perca o emprego também? — pergunto, incrédula.

— De forma alguma. Mas veja bem, vocês não podem ficar

aqui e também não tem para onde ir. Além do mais, aquela casa é gigante e o senhor Di Maccio é ocupado demais prestando atenção no próprio umbigo pra notar seus empregados ou o filho de um deles naquela mansão. — Não gosto da forma como ele se refere ao sr. Di Maccio, mas prefiro ignorar e ele continua. — E por fim, duvido que Célia permita que ele te demita. Você ganhou a afeição dela, se vê de longe que ela nutre um enorme carinho por você. Ela não deixaria Sebastian Di Maccio te demitir sem você ter para onde ir com uma criança nos braços, e se tem alguém que aquele homem tem alguma consideração, esse alguém é a Célia. — O que ele fala faz algum sentindo, mas ainda assim eu não sei se tenho coragem de me arriscar.

— Mesmo assim não poderia abusar da bondade da Célia e muito menos ser motivo de desavença entre ela e o senhor Di Maccio — falo sincera.

— Aurora, sinto muito, mas você não tem muitas opções. Além do mais, você tem que pensar primeiro na sua filha e no bem-estar dela.

Olho para Lisbella que conversa com sua boneca, alheia a tudo que se passa ao seu redor. David tem razão, meu mundo é Lisbella, se algo lhe acontecesse jamais me perdoaria. Eu não tenho para onde ir e nem com quem deixar minha menina, e nesse momento a última coisa que desejo é me afastar dela.

— Pensa, Aurora. Pelo menos até você encontrar outro lugar ou conseguir arrumar isso aqui — ele aponta ao nosso redor.

Não tenho outra saída.

Abaixo minha cabeça e falo:

— Você tem razão. — O vejo sorrir. — Eu irei, mas só até conseguir consertar pelo menos um pouco as coisas por aqui.

— Sábia decisão. — Seu sorriso é amplo demais e isso me incomoda, mas o ignoro e sigo para o quarto.

Depois de pegar algumas coisas para mim e para Lisbella e constatar que o quarto foi o local que menos teve dano, nós seguimos para a mansão Di Maccio. Assim que atravessamos os frondosos portões já é noite e sinto um frio se instalar na minha barriga.

E se o senhor Di Maccio me demitir? E se me expulsar com minha filha?

Ai, Deus, me ajude.

Quando David para o carro, sinto o frio na minha barriga apertar ainda mais, ele abre a porta e desço primeiro, enquanto Lisbella brinca distraída com sua boneca no banco do carro.

Olho para a entrada da mansão e Célia vem saindo.

— Aurora. — Sorrio para Célia, pois vê-la me tranquiliza.

— Mamãe? — Lisbella puxa minha mão então a tiro do carro.

Pego minha pequena no colo e ela envolve meu pescoço com seus bracinhos, viro e vejo Célia vindo em minha direção, nesse momento Lisbella vira também e olha para a mansão e de repente vejo Célia estancar no lugar. Ela para com os olhos arregalados, como se visse um fantasma, segundos se passam até que aos poucos ela começa a se mover, vindo em nossa direção com os olhos fixos em Lisbella. Quando chega perto de nós, estende a mão para tocá-la como se de alguma maneira minha filha pudesse sumir no ar.

Lisbella sorri para ela e Célia fica estática, parecendo observar cada detalhe da minha bonequinha com uma expressão em um misto de surpresa e alegria.

— Es-essa é sua-sua filha, Aurora? — Franzo o cenho, confusa pela sua reação, mas ela não tira os olhos de Lisbella.

— Sim, Célia, essa é Lisbella, minha filha.

Ela parece hipnotizada por Lisbella.

— Ela é linda! — A senhora toca o rosto da minha filha que agora sorri amplo para ela.

— Você também é *bûiti*, vovó. — Para minha surpresa Lisbella vai para frente, beija o rosto de Célia e lhe abraça.

— Oh, meu Deus. Você me chamou de vovó? — ela fala segurando o rostinho de Lisbella que acena com a cabeça.

Minha filha tem esse hábito de chamar pessoas mais velhas de vovô ou vovó. Acho que por ela não ter essas referências, acaba dando-as para quem vê de cabelos brancos.

— Sua filha é linda, Aurora. — Ela me olha com um brilho diferente nos olhos que não entendo.

Sorri amplo e só então olha para as duas bolsas que David tira do carro.

— Que bolsas são essas? — Abaixo meu olhar, envergonhada, respiro fundo, olho para ela e respondo:

— Meu apartamento pegou fogo, Célia, e eu não tenho para onde ir com minha filha. — Olho para minha pequena que brinca com a boneca de cabelos queimados.

— É claro que você tem para onde ir. — Olho para ela sem entender. — A partir de agora essa casa também é de vocês.

Sorrio em misto de gratidão e alívio, mas um pensamento me vem à mente e faz meu sorriso morrer.

— Mas, Célia e o senhor Di Maccio?

— Do Bash cuido eu. Agora vamos entrar e você me conta tudo o que aconteceu, também aposto que esse anjinho deve estar com

fome.

— Libelinha com *fon*, mamãe. — E para confirmar o que Célia acabou de dizer minha pequena reclama de fome.

— Suponho que isso seja um sim. — Aceno com a cabeça e ela sorri. — Então vamos entrar de uma vez. David, leve essas bolsas para o quarto da Aurora.

David acena e leva minhas coisas.

E seja o que Deus quiser.

Depois de chegar às 2:00h da madrugada em casa, esperava acordar mais tarde.

Bufo.

Faz muitos anos que não sei o que é dormir uma noite completa e muito menos acordar tarde. Ontem a reunião com os coreanos foi maçante, no fim eles aceitaram os meus termos, afinal *Sebastian Di Maccio nunca se dobra*. No fim mais um contrato milionário foi fechado e a empresa tem as ações em alta na bolsa de valores.

Termino meu banho, saio do box, troco de roupa, optando por uma calça jeans e uma camisa polo preta. Olho o relógio e são pouco mais de 7:00h da manhã, sei que a essa hora Célia já deve ter posto a mesa do café, por isso saio do quarto e sigo para a sala de jantar, desço as escadas, distraído.

Será que verei Aurora hoje?

Balanço a cabeça e me repreendo por essa obsessão idiota. Quando chego aos últimos degraus da escada o barulho de algo quebrando me chama a atenção, imediatamente mudo meu curso em direção a sala de estar e assim que entro, paraliso.

O vaso da dinastia Ming que vale pelo menos dois milhões de dólares e foi arrematado em um leilão por Lorena, está em pedaços no chão, mas o que faz meu coração bater forte não é o vaso estilhaçado, e sim o pequeno ser que me olha com os olhinhos arregalados, segurando uma pequena boneca maltrapilha em uma mãozinha e a outra na boca.

Ela é linda.

Seu cabelo é escuro como a noite, seus olhos são de um azul quase cinza, sua pele é branquinha, suas bochechas são rosadas e seus

pequenos lábios são vermelhos.

Ela mais parece uma boneca de porcelana.

Ela continua me encarando assustada e não desvia seu olhar do meu, assim como não posso tirar meus olhos dela. Uma sensação de reconhecimento me invade, mas não sou capaz de compreendê-la.

Eu nunca tive contato próximo com crianças, com a exceção das que resgatamos nas operações da Foux que são cuidadas e devolvidas às suas famílias ou levadas para lares com estrutura para dar-lhes um futuro, mas ainda assim eu não tenho convívio com elas.

Espera. O que uma criança faz parada no meio da minha sala?

— Lisbella! — Olho para trás e vejo Aurora colocar a mão na boca e uma expressão de assombro no rosto.

— Mamãe. — A menina olha para ela parecendo sem jeito.

Mamãe? O quê? Aurora tem uma filha?

— Filha, o que você fez? — Ela passa por mim e se abaixa na frente da garota. — Você se machucou? — Ela avalia a menina para constatar que ela está realmente bem.

Observo tudo sem conseguir me mover, a forma como a garota olha para a mãe, a forma como Aurora parece proteger a filha...

Meu Deus, ela tem uma filha.

Isso significa que essa menina tem um pai e que Aurora tem alguém? Que ela tem uma família?

Algo que jamais terei ou poderei dar a alguém.

Cerro meus punhos com o pensamento idiota e sinto meu humor ir para o inferno.

— Senhor Di Maccio, por favor, perdoe minha filha, e-ela não fez por mal. — A voz de Aurora me faz encará-la e só então me dou conta que ela fala do vaso.

Irritado, respondo-a com agressividade.

— Desculpar? Desculpar? — Eu me aproximo delas, mas não muito, e aponto para o vaso. — Você sabe quanto custou esse vaso, garota? — A vejo se encolher e a menina me encara.

Olho para baixo e é a pior coisa que poderia ter feito, a menina tem os olhos marejados e se vira agarrando as pernas da mãe, mas não há grito ou escândalo, ela apenas esconde o rosto e me sinto péssimo por isso.

Desvio meu olhar da garota e olho para o lado, me obrigando a lembrar que ela é só uma criança qualquer.

Ela é apenas a filha da minha empregada.

— Bash, já chega! — Olho para trás e vejo Célia vindo em nossa direção. — O que aconteceu aqui? — ela pergunta olhando de

mim para Aurora.

— Nada. Apenas a filha da empregada que destruiu um vaso de mais de 2 milhões de dólares. — Vejo Aurora arregalar os olhos, assustada.

— Ai meu Deus! — Sua voz sai trêmula, o que me faz olhar para ela. — Se-senhor e-eu... Me desculpe... O senhor pode descontar no meu salário.

— Ah, mas não tenha dúvidas que farei isso — falo entre dentes olhando frio para ela, tentando ignorar a sensação estranha que estou sentindo por ter novamente o olhar da garotinha sobre mim.

— Bash, já chega! Não foi pra tanto, a menina... — Célia fala fazendo pouco caso com um gesto de mão.

— Não foi pra tanto? Como não foi pra tanto? A garota destrói um vaso de milhões e não foi pra tanto? — Célia me olha com reprovação, então volta seu olhar para Aurora.

— Querida, leve nossa princesinha para comer as frutinhas dela e o cereal com leite. — Célia se abaixa e toca o rosto da menina. — A vovó também fez bolo de chocolate com cobertura de morango para você, meu amor.

O quê? Bolo de chocolate com cobertura de morango? Mas esse é MEU bolo favorito.

— *Obigadi*, vovó Cêinha... — a menina fala sorrindo e Célia se abaixa para ser beijada por ela que faz minha ex-babá se derreter.

Eu por outro lado tento controlar meu coração que falhou uma batida ao ver esse sorrisinho de dentes pequenos e branquinhos, e duas covinhas nas bochechas. Novamente desvio meu olhar da menininha que mexe comigo de forma estranha.

— Vá, Aurora. — Celia fala, mas quando Aurora vai saindo eu seguro seu braço, o que a faz olhar para onde minha mão está e em seguida para os meus olhos, seu olhar é assustado, mas está fixado ao meu.

Meu corpo reage a maciez da sua pele de forma fulminante, sinto um choque me percorrer e uma vontade louca de acariciar essa pele morena e macia.

Foco, Sebastian.

Largo seu braço e falo olhando para Célia:

— Você leva a garota até a cozinha, Célia, e eu vou ter uma conversinha com minha empregada. — Noto Aurora engolir em seco.

— Bash... — Célia começa.

— Sem Bash, Célia. Isso — aponto para os cacos do vaso — é responsabilidade da Aurora e por tanto será com ela que irei tratar.

Venha comigo, senhorita Stuart.

Sigo sem olhar para trás, mas ouço quando ela fala com a menina e por pura curiosidade paro e as observo conversarem.

— Meu amor, obedeça a vovó Célia e coma todas as frutinhas, a mamãe já volta.

— *Cêtu*, mamãe. *Diculpi* pelo *quebô*. O *lobo mau* vai *bigá*, mamãe.

— Tudo bem, filha, ele não vai brigar não, ele é um lobo bonzinho.

Novamente ela me defendendo.

Qual é a dessa garota? Por que simplesmente ela não mostra quem é? Por que tem que agir assim? Por que tem que ser sempre boa e gentil? Por que parece querer fazer tudo ao seu redor parecer bom e agradável?

Dou as costas e sigo para meu escritório.

Um lobo bonzinho.

Bufo.

Sei que meus empregados me chamam de *Grey Wolf*, pela minha fama de selvagem e impiedoso, e sinceramente nunca me importei, mas ouvir a garotinha me chamando de *lobo mau* me incomodou.

Que caralho tá acontecendo comigo?

Ouçó uma batida na porta e imediatamente sinto um choque percorrer meu corpo. Sigo para minha adega e me sirvo de uma dose pura de whisky. Ouço a porta se abrir e não preciso virar para saber que é ela, a reação do meu corpo ao seu perfume me avisa.

— Senhor...

— Cale-se. Não lhe mandei abrir a boca. — Tomo o whisky em um só gole e me sirvo de outra dose.

Seguro o copo e viro para me deparar com ela parada no meio do escritório de cabeça baixa e com as mãos na frente do corpo. Sigo em sua direção e fico atrás dela, inalo o seu perfume de jasmim que tanto me perturba e atrai.

Esse cheiro é único e sinto que já o senti antes, mas onde?

Aproximo-me do seu ouvido, internamente desejando beijar seu pequeno lóbulo, acariciar seu pescoço delgado com meus lábios, no entanto faço o contrário.

— O que te faz pensar que tem qualquer autoridade para trazer uma criança para dentro da minha casa? — Minha voz soa fria e vejo sua pele se arrepiar.

— Senhor...

— Ainda não terminei — falo ainda próximo ao seu ouvido. —

O fato de tê-la ouvido uma vez não significa que você tenha qualquer privilégio, aqui você é uma empregada como qualquer outra que posso mandá-la para o olho da rua a qualquer momento.

Ela vira de repente e seu corpo se choca com o meu, por instinto envolvo sua cintura fina, trazendo seu corpo mais para mim, seus olhos estão nos meus, posso sentir seu coração acelerado, observo lábios vermelhos e carnudos entreabertos, me implorando para serem beijados e sinto um desejo avassalador correr pelas minhas veias.

De repente tudo que existe é apenas eu e ela, nada mais.

Ela é tudo que eu quero. Minha deliciosa obsessão.

Sim, estou malditamente obcecado por Aurora Stuart e desejo prová-la, saborear seus lábios, correr minhas mãos pelas suas curvas perfeitas e ouvi-la suspirar enquanto eu a devoro.

Foda-se se ela tem alguém! Nada pode me parar quando me torno obsessivo por algo. Eu me transformo em um maldito perseguidor incansável. A questão aqui é: até que ponto quero levar essa obsessão adiante?

Sua mão está em meu peito e sei que ela pode sentir as batidas aceleradas do meu coração por ela, e é aí onde mora o perigo. Esse maldito órgão não pode voltar a vida, da ultima vez ele quase me levou à morte. Não serei idiota de cair na mesma cilada outra vez.

De repente constato que novamente estou me deixando envolver, e mesmo que seja ridículo admitir, Aurora mexe muito comigo, mais do que gostaria de admitir.

A solto e me afasto, noto que ela parece confusa e trêmula, mas seu olhar me alcança e sua voz sai como um sussurro.

— Por favor, não me demita.

— Demitir? — Uma risada cruel e sem humor deixa meus lábios.

Preciso mantê-la longe de mim, levar esse desejo adiante é loucura. Eu me conheço, já admiti para mim que Aurora Stuart se tornou desde o momento que pus meus olhos nela o objeto da minha obsessão, se eu não parar agora, não irei descansar enquanto não tê-la em minha cama, ofegante e saciada, depois de eu tê-la devorado de todas as formas possíveis.

O grande problema é que tenho a sensação que uma vez que eu prová-la, nunca mais estarei completamente saciado. E me tornar rendido ao desejo por uma única mulher é algo que jurei nunca mais fazer.

Então faço o que tenho que fazer para escapar dessa maldita armadilha. Visto minha máscara de frieza e falo:

— Sua filhinha quebrou um vaso de dois milhões de dólares,

Aurora. E você, querida, terá que pagar. — Olho para ela de cima abaixo, demonstrando uma lascívia que estou longe de sentir. Não dessa maneira.

Um nojo de mim mesmo brota no meu ser, mas continuo meu jogo sujo e cruel, é isso ou me render a essa maldita obsessão e isso eu não vou.

— Você pagará, Aurora — olho seu corpo mais uma vez e volto para seus olhos —, de uma forma ou de outra.

Ela se afasta de mim como se eu desse choque e seus olhos estão assustados, além do normal, uma sombra do nojo e do pânico passa pela sua face e por um instante vejo sua luz se apagar, só restando o medo e a dor em seus lindos olhos castanhos. Uma lágrima escorre solitária pela sua bochecha direita, e me sinto um filho da puta bastardo por machucá-la assim, mas não posso retroceder.

Então ela passa correndo por mim em direção à porta e a deixo ir, quando ouço a porta bater, sinto o ódio e a repulsa tomarem conta de mim e atiro o copo que estava em minha mão com toda força na parede fazendo ele se estilhaçar.

— Você é um maldito, Sebastian. Um maldito! — Agarro meus cabelos com força e me jogo na poltrona próxima à janela que dá para o jardim. — Foi melhor assim, ela precisa ficar longe do monstro Di Maccio.

Afundo-me em pensamentos e as lembranças da minha infância me veem à mente. Ver a forma como Aurora tratou a filha me fez lembrar da minha mãe.

Aquela maldita.

Ela parecia se esconder todas as vezes que meu *pai* me surrava, sempre fugia para não ouvir meus gritos por socorro, nunca impediu que ele me espancasse e muitas vezes até eu perder a consciência. Ou quando ele me trancava no sótão por dias sem comida ela nunca apareceu nem na porta para dizer que estava ali por mim. Se não fosse por Célia, que fez uma pequena dispensa no sótão para eu não passar fome, e sempre ficava do outro lado da porta me contando histórias até eu pegar no sono, não sei o que teria sido de mim.

Não sei quanto tempo se passou absorto nessas lembranças amargas, mas volto à realidade quando o som de risos me desperta, e confuso procuro saber de onde vem.

Veja bem, minha casa mais parece um mausoléu, o som de risos definitivamente não é algo comum nesse lugar.

Então ouço um "*mamãe*", vindo do jardim, me levanto de um salto e vou em direção à janela, afasto a cortina e me deparo com uma cena *encantadora*.

A garotinha corre pelo jardim rindo alto, enquanto Aurora corre atrás dela.

— Volta aqui, Lisbella Maria. Você tem que tomar banho, sua porquinha.

A garota gargalha e continua correndo pelo jardim com Aurora tentando pegá-la, e sem que me dê conta rio da travessura da garota. Quando Aurora finalmente a alcança, a menina vira e acaba derrubando a mãe indo as duas ao chão as gargalhadas.

— Agora a senhora vai me pagar, pequena travessa! — Aurora grita e começa a apertar a barriga da filha fazendo a garota se contorcer de cócegas.

— *Pali*, mamãe! *Pali*... — ela pede para a mãe parar, mas Aurora agora investe com seu rosto no pescoço da menina fazendo seu cabelo se espalhar sobre a barriga da garota.

Quando me dou conta estou sorrindo feito um bobo da cena, então me lembro o que fiz com Aurora agora pouco. Olhando para as duas e vendo a forma como ela ama e cuida da filha, me dou conta do quão miserável eu fui.

Ignoro o pensamento, fecho a cortina e me afasto da janela, me atiro atrás da minha mesa e resolvo trabalhar, talvez assim eu me distraia e não pense mais nessas duas.

Eu preciso e vou esquecer essa maldita obsessão!

CAPÍTULO 12

Um mês se passou desde que aquela garota pestinha chegou à minha casa. A menina só tem dois anos, mas apronta todas e parece ter domínio sobre tudo e todos aqui, já perdi as contas de quantas vezes chamei atenção da Aurora e da Célia.

Logo na primeira semana que chegou, além de quebrar um vaso de milhões, quase me fez cair da escada e quebrar o pescoço, tudo graças a um brinquedo de borracha que a pestinha deixou no meio da escada que acabei pisando e fez um barulho infernal. No fim, todos os documentos para minha reunião estavam espalhados por todo lado e eu sentado feito um pateta nos degraus, agarrado ao corrimão.

Claro que arranquei o coró da Célia e da Aurora.

Mas não parou por aí, na semana seguinte cheguei cedo da empresa e iria trabalhar do escritório aqui de casa, mas assim coloquei meus pés dentro de casa, ouvi um barulho de cavalaria e ao olhar para trás, lá estava Jamie correndo atrás da pestinha que vinha gritando, correndo atrás dos meus cachorros que assim como ela estavam cobertos de espuma, e não satisfeitos pularam em cima do sofá fazendo a maior sujeira.

Não basta invadir minha casa, ainda tem a petulância de transformar meus cães de guarda em bichinhos de pelúcia.

Bufo.

Essa fedelha vai me deixar maluco, não sei por que ainda não coloquei ela e a mãe no olho da rua?

Talvez seja pela Célia que as defende com unhas e dentes, ou talvez seja porque a ideia de mantê-las realmente longe me incomode.

Minha cabeça está um verdadeiro caos quando o assunto é aquelas duas, por isso evitei estar em casa no mês que passou. E quando estou me tranco em meu escritório, mas ainda assim é

impossível não ouvir o riso da pestinha ou da Aurora, ou mesmo dos empregados.

Desde que ela chegou sempre pego os empregados rindo ou contando alguma gracinha da menina.

Outro dia ouvi Jamie comentar com um dos seguranças que enquanto Ron, meu segurança mais sério, estava dormindo, a garota pintou o rosto dele com um batom que Valery havia dado a ela. Na hora, fingi não dar importância, mas quando me vi sozinho e imaginei a cena, não tive como não rir. A menina ainda não tem três anos e já é um gênio da traquinagem.

Confesso que lhe acho bastante inteligente para sua idade, mesmo não tendo contato direto e vendo-a apenas de longe.

Não basta ser obcecado pela mãe, a pirralha também parece querer se infiltrar em mim roubando uma parte dessa fascinação estranha para ela.

Lisbella Maria, essa pestinha me dá medo, porque mesmo tentando ignorá-la e ficando puto com suas travessuras, não posso negar que ela tem algo especial que me cativa e isso faz todos os meus alarmes soarem.

Há algumas semanas atrás permiti a curiosidade me vencer e resolvi observá-la pelas câmeras, sempre que olhava ela já estava no colo de alguém ou brincando. Até meus seguranças parecem um bando de idiotas perto da pestinha, mas não posso negar que passei a rir muito de suas travessuras.

Muito mais do que já sorri em toda a minha vida.

Penso amargamente.

Há alguns dias atrás estava na empresa revisando alguns relatórios, bastante estressado, já havia demitido dois da minha equipe por incompetência e não queria ver ninguém, até que olhei para o celular e lembrei das câmeras de segurança da minha casa, e movido pela curiosidade fui em busca delas.

Primeiro encontrei Aurora regando algumas plantas do meu jardim, ela estava absorta em sua tarefa e parecia cantar, foi quando me lembrei de Lisbella. Mudei as câmeras e depois da terceira a encontrei, e para meu completo choque ela estava em pé em um banquinho pintando o rosto de Carlo, o segurança da guarita da mansão, com canetinha colorida enquanto ele dormia sentado em seu posto. O cara babava e a garota pintava o rosto dele com toda a concentração do universo.

Alguns minutos depois, quando ela finalmente finalizou sua obra de arte, três outros seguranças chegaram e viram à cena, foi o suficiente para acordarem Carlo e tirarem o maior sarro da cara do

coitado que tinha um coração desenhado na bochecha, cílios que iam até a testa e uma boca amarela.

Depois disso a pestinha convenceu um dos seguranças a colocá-la em seus ombros para ela pegar uma flor e dar a Carlo, que de bravo passou a sorrir feito bobo para a pirralha, e após esse episódio, passei o dia rindo por não tirar a cena da cabeça.

Foi aí que me dei conta que a garota estava ganhando um espaço em minha vida e em meu coração que eu não poderia dar a ninguém, percebi que por vezes cheguei a sentir ciúmes do carinho que a menina tinha com meus empregados, senti inveja do sorriso que ela dava a eles.

E foi assim que notei minha obsessão ganhar um segundo foco, e isso tem me desestabilizado, por essa razão tenho evitado vê-las, tanto mãe quanto filha pelas câmeras.

Aurora.

Descobri através de Célia, no mesmo dia que a destratei, que ela estava em minha casa há dois dias porque seu apartamento havia pegado fogo e a babá da pequena infelizmente veio a óbito, e ela não tinha para onde ir com a filha.

O que só fez eu me sentir ainda pior.

Suspiro me sentindo frustrado e cansado de lutar contra esse sentimento que me puxa para as duas como um maldito ímã.

Faz uma semana que não vejo Aurora e nem Lisbella pelas câmeras ou pessoalmente, e confesso que evitá-las está me perturbando demasiadamente, me sinto cada vez mais estressado e irritado por não poder alimentar essa maldita obsessão. Os únicos que ainda se atrevem a chegar perto de mim são Célia e meus cachorros, Brutus e Fera, um casal de pitbull que tenho há três anos.

Falando neles, os dois agora estão me fazendo companhia aqui no escritório, enquanto verifico alguns relatórios que tenho que levar assinados amanhã para a empresa. É a liberação para a compra de matéria prima para meu novo projeto, e é nesses relatórios que contém toda a seleção de gastos e valores a serem avaliados e dado o aceite.

— Droga! Onde está o relatório sobre a fibra de ouro maciço?
— Procuro esse relatório e percebo que ele ficou com alguns outros dentro da minha pasta, no meu quarto.

Bufo.

— Vocês dois não saiam daqui, eu já volto — falo para meus

cachorros que me olham com cara de tédio.

Bem, pelo menos para mim eles são assim, mas quem vê esses dois quietinhos não sabem do que eles são capazes, os únicos além de mim que se aproximam deles são Jamie e Célia. Embora adestrados, eles só recebem comandos específicos meus, de Célia, de Jamie e de Manfred, meu chefe de segurança que não é muito fã de chegar perto deles.

Sigo para meu quarto e observo que a casa se encontra em total silêncio, nem sinal de Aurora ou de Lisbella, e eu deveria me sentir aliviado por isso, correto? Errado. Isso me incomoda pra caralho.

Quando foi que o silêncio e a paz deixaram de ser algo bem-vindo na minha casa? Ah, já sei. Desde que aquelas duas chegaram aqui e viraram tudo de cabeça para baixo.

Subo os degraus de dois em dois e logo estou no meu quarto, procuro a minha pasta e verifico se os relatórios estão mesmo lá.

— Aqui está. — Fecho a pasta e resolvo levar tudo para o escritório.

Desço as escadas e nem sinal de ninguém, sigo de volta para o escritório e assim que entro, noto que Brutus e Fera estão de pé fuçando próximo à cortina e abanando o rabo, felizes. Franzo o cenho estranhando a reação deles, coloco a pasta sobre a mesa e os chamo com assobio.

— Venham cá, seus grandalhões. — Acaricio os pelos deles que sobem em mim, querendo mais atenção.

Então, me lembro dos meus relatórios.

— Ok, grandões. Agora fiquem quietos que eu preciso trabalhar. — Eles pulam animados. — Wow, sentados.

Eles sentam e ficam batendo o rabo no chão, dou a volta na minha mesa e sento, pego o ultimo relatório que estava vendo para voltar a avaliar e é quando meu queixo despenca.

Olho para os demais e penso que vou ter uma síncope, simplesmente metade dos meus relatórios estão pintados de canetinha ou lápis colorido. Olho relatório por relatório sem acreditar no que vejo, paro em um que parece ter um boneco com raiva desenhado e respiro fundo contando até dez, já sabendo quem fez isso.

Só pode ter sido a...

— Lisbella! — falo em voz alta, é quando ouço um barulho vindo da cortina próximo à janela, estreito meus olhos e percebo algo se mover.

Devagar, me levanto e vou lentamente até lá, antes mesmo de chegar me deparo com dois pezinhos minúsculos para fora.

Juro que quero ficar bravo, fechar a cara, chamar atenção dela, mas o que acontece é um sorriso idiota brotar nos meus lábios.

Pestinha.

Seguro a cortina com uma das mãos e conto mentalmente até 3.

1... 2... 3...

Puxo a cortina e um par de olhos azuis arregalados, assim como uma boquinha em formato de O me surpreende e é surpreendida.

— Hã! — Ela arfa de susto.

E para a minha total diversão ela me encara e tapa os olhinhos com as duas mãos. Mordo o lábio para não gargalhar da sua reação. Devagar, me abaixo ficando na altura dela, e sentindo meu coração dar um solavanco, levo minhas mãos até as dela e retiro lentamente do seu rosto. Ela me olha fazendo uma caretinha linda que eu suponho ser de medo. Lisbella é ainda mais linda assim de pertinho.

Observo mais detalhadamente seu rosto e constato que ela não parece tanto fisicamente com Aurora, mas a doçura, a delicadeza e a luz estão lá, iguais as da mãe.

— Lisbella, não é? — pergunto e ela me olha desconfiada, mas assente. Tento ficar sério, mas é inútil, ela parece uma bonequinha de tão delicada. — Foi você que desenhou nos meus relatórios? — Ela me olha como se ponderasse a resposta, olha em direção à minha mesa e então *rouba uma parte do meu quase inexistente coração* quando sorri amplamente mostrando seus lindos dentinhos brancos.

— *Xim. Voxê gotí? Ficô muiiti biíti.* — Tento entender o que ela fala e acho que consigo traduzir seu dialeto infantil.

— Humhum, sim. Ficou muito bonito, Lisbella. — Por alguma razão que desconheço não consigo brigar com ela ou repreender por ter colorido meus relatórios.

Eu tô muito ferrado, entregue nas mãos de uma garotinha de dois anos de idade, só posso estar maluco.

— *Fizi pouquê voxê tá tixti* e mamãe *dixi* que *pintá dexe* ela *fíiz...*

— Estou triste? Quem disse isso a você? — pergunto curioso.

— Ahhh, a Libeinha viu — ela coloca o dedinho no olho me fazendo ri — *voxê axim oh.*

Para meu espanto ela coloca a mão na testa como se estivesse coçando de preocupação, uma mania que tenho quando estou realmente preocupado com algo, mas claro que devido seu tamanho e idade o gesto ficou bem engraçado.

— Então você fez os desenhos para me deixar feliz?

— *Xim, oh.* — Para meu espanto ela pega minha mão e me leva até minha mesa. — *Senti ati, senti*— Ela bate no acento da minha cadeira e faço o que ela manda, eu sento.

Ela fica na ponta do pé olhando por cima da mesa enquanto mexe, ou melhor, bagunça meus relatórios agora pintados.

— *Ati. Exe é o Xol, muiiti biiti. Ati tomi.* — Ela coloca um rabisco amarelo nas minhas mãos e observo o que deveria ser um círculo ou um sol. — *Cadê? Exi não...* — Ela parece procurar algum desenho específico e quando vejo seu esforço para alcançar as folhas mais distantes, resolvo me arriscar e colocá-la no meu colo.

Não deve ser tão difícil assim colocar uma criança no colo, né?

— Hmm, Lisbella, vem cá. Senta aqui. — A seguro e a coloco em meu colo.

No começo fico meio desajeitado, mas ela logo se acomoda em minha coxa. Sinto meu coração acelerado por ter essa coisinha pequena tão perto de mim, sem medo, sem segundas intenções, com tanta doçura, amor e pureza, que uma paz estranha que nunca senti antes inunda meu peito.

A observo procurando o desenho e a certeza de que ela está onde deveria estar, me atinge como um raio.

Se estou surtando não sei, mas há algo novo e único surgindo dentro de mim, não me pergunte o que é, pois eu não saberia denominar, apenas tenho certeza que é algo realmente bom.

— *Ati. Açei. Ói é voxê bavu* mamãe. — Ela me mostra o desenho do que deveria ser um boneco zangado.

Olho para o rabisco e sinto meu peito apertar.

Aurora não merecia tanta grosseria da minha parte.

— Por que você acha que fiquei bravo com sua mãe? — pergunto olhando-a.

Ela pegou uma caneta e está riscando outras folhas do meu relatório, mas de repente para, e para minha surpresa encosta as costas no meu peito e eu a seguro mais firme para ela não escorregar. Inalo o cheirinho de morango em seu cabelo e o gesto parece tão natural, como se eu houvesse feito isso a vida toda.

— Ela *choô*. Libeinha *dixe*: *Xói* não mamãe. Ela *choô*.

Um nó se forma em minha garganta.

Eu fui o causador das lágrimas de Aurora e Lis com toda a sua inocência deixa isso em maior evidência

Porra, eu sou um maldito!

— Ela chorou? — pergunto para confirmar e minha voz sai rouca e baixa.

Lisbella se move em meu colo e vira para me olhar.

— *Xim. Bigui cum* ela não, *Bashinho*. — Ela toca meu rosto e sinto como se uma luz acabasse de se acender dissipando as trevas que existe ao meu redor. — *Bigá dexti* papai *xéu tixte*, num *podí bigá*.

A inocência, a pureza e a doçura da Lisbella me quebram por inteiro, não há palavras para definir tudo que essa pequena está causando dentro de mim.

Sem que me dê conta, ergo minha mão e toco seu rostinho pequeno, a pele pálida e macia, os cabelos lisos e escuros, desço pelo seu bracinho pequeno até tocar sua mãozinha que fica minúscula dentro da minha, pego-a e levo aos meus lábios beijando com carinho, inalo seu cheirinho de bebê. Meu coração bate diferente, não sinto mais o veneno do ódio correr pelas minhas veias, o que sinto agora é único, não sei se existe palavra para definir esse sentimento.

— *Fiqi tixti* não *Bashinho*, a *Libeinha tá ati*. — Ela acaricia meu rosto e eu sorrio do seu gesto doce. — *Shiiii, fiqi tixti* não. — Para minha total surpresa ela fica de joelhos em meu colo, me abraça dando batidinhas em minhas costas para me consolar, o que me faz sorrir. — *Não podi fica tixti* não. — Ela me solta e agarra meu rosto. — Você *tá gógoi*? Onde? — FRANZO o cenho sem entender, até que ela me olha como se buscasse algo e aí percebo o que ela quis dizer e sorrio.

— Sim, Lisbella, eu estou *dodói*, mas acho que acabei de encontrar o melhor remédio do mundo para esse *dodói*.

Ela franze o cenho e me olha.

— É? E *qí nonon* é? Mamãe dá *nonon* de *baão*.

Dessa vez ela me pegou, só entendi até a parte de que *nonon* supponho ser remédio.

— *Exi nonon é gotozí*? — ela me pergunta e eu rio.

— Ahhh, sim esse *nonon* é muito bom e sabe o nome dele? — Ela balança a cabeça fazendo seus cachinhos escuros balançarem lindamente, mas com sinceridade a repondo: — O nome do meu *nonon* é — Ela me olha com expectativa e lembrando a forma como Aurora fez cosquinha nela, não resisto e faço o mesmo. — Lisbella!

Agarro sua barriguinha e inicio uma sessão de cócegas, não sei quem ri mais se ela ou eu. A verdade é que nunca em toda a minha vida senti emoção tão forte, felicidade tão grande, isso está além das palavras.

Rimos até que paro para tomarmos fôlego é quando vejo a porta do escritório se abrir e Célia estancar olhando de mim para Lisbella. Com certeza ela está surpresa por me ver sorrindo e com uma criança no colo. Não me sinto envergonhado ou chateado por me verem com a pequena. Olho para Lisbella e mesmo sem entender,

sinto que ela já faz parte de mim, que é um pouco minha e vendo seu sorriso descubro que seria capaz de qualquer coisa para vê-la sorrindo assim para sempre.

— Bash? — Volto meu olhar para Célia que ainda tem uma expressão surpresa no rosto.

Sorrio para ela e lhe repondo:

— Sim, Bá? — Tenho noção que há anos não lhe chamava assim, acho desde meus oito anos na verdade.

Vejo seus olhos brilharem e seu sorriso se alargar.

— Oi, vovó. — Lisbella fala acenando com a mão para Célia que amplia o sorriso.

— Ora, sua pequena travessa, sua mãe e todos estão loucos atrás de você. — Célia se aproxima com a mão na cintura e apesar da tentativa de parecer séria, sua falha é miserável, o que faz Lisbella pôr as mãozinhas na boca e gargalhar, nos fazendo rir com ela. — Eu posso saber o que a senhorita está fazendo aqui? — Célia pergunta e Lisbella me olha em busca de socorro, e com um sorriso enorme no rosto ergo uma das folhas dos meus relatórios que ela destruiu.

— Nada mais nada menos que me presenteando com seus incríveis desenhos, feitos nas folhas do relatório que preciso analisar para liberar uma verba de um milhão e meio de dólares amanhã de manhã. — Célia arregala os olhos e rio da sua cara.

— Misericórdia! Bash. Filho, ela não fez por mal. — Ergo a mão e olho para Célia e depois para a bonequinha em meu colo que me olha com aqueles olhos azuis acinzentados inocentes.

— Sinceramente, Célia, esses desenhos estão muito mais legais que esse monte de números e observações que tenho que ler, então atrasar a liberação dessa verba não significa nada perto disso. — Ergo um desenho de dois bonequinhos que suponho estar de mãos dadas.

— Se você diz, quem sou eu pra discordar? — Célia ri e balança a cabeça.

Lisbella balança a cabeça e seus cachinhos se mexem, acaricio-os e sorrio sentindo o olhar avaliador de Célia sobre mim, olho para ela e vejo algo estranho passar pelo seu olhar, mas não sei dizer o quê.

— Ok, ok, ok. A farra está ótima, mas na cozinha tem uma mãe preocupada com uma certa bolinha de olhos azuis e um bolo de chocolate com morango esperando por essa mesma bolinha.

— *Ebiíiii bôu baão.* — E nesse momento descubro o que é *baão*. Lisbella bate palminhas e se agita em meu colo. — *Bóu, Bashinho, bóu? Memê bôu baão?* — Ela se agita para descer do meu colo e a coloco no chão. — *Andi, Bashinho, andi.* — Ela tenta me puxar e eu sorrio.

— Princesa? Princesa? — chamo sua atenção pra mim.

— Oi? — Ela me olha com seus lindos olhos azuis brilhantes em expectativa.

— Vamos fazer assim. Você vai com a vovó Célia e come seu bolo, depois a vovó traz um pedaço pra mim, tudo bem? — Ela faz um bico, solta minha mão e cruza os bracinhos de forma engraçada.

— Não, Libeinha *quê memê* mais Bashinho, *bôu baão*.

Olho para Célia e ela me olha com um olhar que diz: *você está encrencado*.

Suspiro e me abaixo para ficar na altura dela.

— Princesa, eu preciso trabalhar, se não os homens chatos vão brigar comigo. — Vejo Célia erguer a sobrancelha e dou de ombros voltando minha atenção pra bonequinha à minha frente. — Você quer que briguem comigo?

— Não, não *queo* que *bigui cum voxê*, Beshinho. — Ela me abraça pelo pescoço, envolvo seu corpinho, fecho os olhos, inalo seu cheirinho até que ela me solta. — *Tá baum*, Basinho, vai *pabaiá*, mas *voxê binca* Libeinha *dpoix*? — Ela me olha com aqueles olhinhos que tenho certeza, jamais vou dizer não a ela.

— Sim. Eu prometo que ao terminar voltamos a brincar.

Olho para Célia que parece surpresa com minha atitude, na verdade até eu estou, mas Lisbella tem algo que me liga a ela e não posso simplesmente ignorar isso que estou sentindo. Sinceramente, estou cansado de tentar ignorar, e no momento prefiro não pensar em tudo que estou sentindo por essa pequena, apenas *quero sentir*.

— Onde está Aurora, Célia? — A pergunta sai sem que controle meus lábios.

Vejo Célia sorrir e eu fico sem jeito.

— Acho que na cozinha. Por que, filho?

— Nada. Por nada. — Levanto-me e mexo em alguns papéis sem olhar para Célia que sei que me avalia.

— Tudo bem então. Vamos Lis? — Ela estende a mão para Lisbella.

— *Ximmmm* — Ela corre até Célia e lhe dá a mão.

— Vamos então. — As duas vão saindo, até que quando chegam na porta Lisbella faz uma expressão de susto e volta correndo e para minha surpresa agarra minhas pernas.

Afasto-a e me abaixo.

— O que houve, princesa?

Ela segura meu rosto e beija minha bochecha.

— *Queci dá beijin.* — Assim ela volta correndo, pega na mão de Célia e as duas saem.

Eu me afundo em minha cadeira e Brutus e Fera que até então estavam quietos, vem até mim e lambem minha mão.

Sorrio para eles.

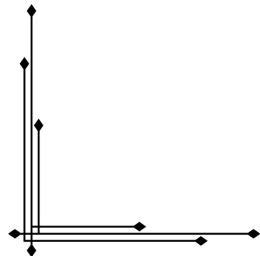
— O que essa garotinha fez com a gente, hein, seus bobões?

Brinco um pouco com meus cachorros e só então volto a me concentrar em meus relatórios, ou no que sobrou deles. Os que estavam com desenhos eu guardei em minha gaveta e os demais voltei a estudar.

Agora me sentindo muito mais leve, mais feliz.

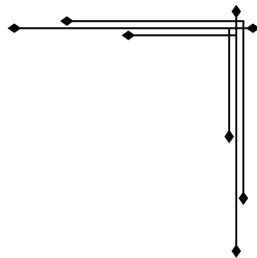
Prefiro não pensar e tentar achar sentido para o que houve aqui esta tarde. Tudo o que vivi com Lisbella foi tão intenso e puro que tenho até medo de perder essa lembrança. Por mais difícil que seja admitir, essa garotinha foi a melhor coisa que me aconteceu em anos.

E talvez eu não queira perder isso.



13

Aurora Stuart



CAPÍTULO 13

Sinto algo molhado e macio tocar meu rosto e instintivamente um sorriso se abre em meus lábios antes mesmo dos meus olhos se abrirem para mais uma manhã.

Quem não iria sorrir com um beijo desses?

— *Bôdia*, mamãe *lindí!* — Abro os olhos e dou de cara com lindos olhinhos azuis e um sorriso encantador de dentinhos pequenos e branquinhos.

— Bom dia, meu amor! — Eu lhe abraço e beijo seu o rosto, fazendo-a rir, já aproveitando para lhe fazer cosquinhas.

— Aiiiii, mamãe, *pali*.

— Não vou parar enquanto não ganhar muitos beijinhos. — Ela se contorce e gargalha alto me fazendo rir junto.

Em alguns minutos somos uma montanha de cabelos, risos, lençóis e travesseiros. Após nosso momento juntas observo o relógio e vejo que estou no horário do meu trabalho, não quero me atrasar por estar morando na casa do meu patrão, não posso abusar da sua boa vontade e *muito menos contribuir para sua má vontade*.

A verdade é que a cada dia que passa esse homem me intriga mais. Primeiro ele me olha como se pudesse ver minha alma, depois como se eu fosse uma leprosa que devesse se manter o mais longe possível dele.

Sinceramente, o senhor Sebastian Di Maccio é uma incógnita para mim, principalmente depois que Célia me contou onde Lisbella se escondeu há alguns dias atrás. Nunca imaginei que minha filha pudesse estar em seu escritório, não porque ela tenha medo dele, porque estranhamente Lisbella não parece temê-lo, mesmo com todos falando coisas desagradáveis sobre ele o tempo todo, mas o que me espantou foi o fato de ele permitir minha filha se aproximar.

Achei que ele a detestasse, já que Lisbella havia aprontado mais que o saudável para minha saúde mental, com ele.

Perdi as contas de quantas vezes eu e Célia fomos chamadas atenção no último mês, e do nada descubro que ele e minha filha estavam no mesmo espaço amigavelmente? Célia não me contou detalhe do que houve, mas Lisbella sim. Disse que ela havia pintado para ele e que ele tinha gostado e que brincou com ela e fez *carinho*, fiquei sem saber o que pensar. Depois daquele dia Lisbella não o viu mais, mas ela pergunta por ele diariamente, todos se surpreenderam no início com suas perguntas sobre o *senhô Lobo bonzinho*, como Lisbella passou a chamá-lo.

Sorrio.

Ouçõ meu celular tocar, olho para o visor e sorrio vendo o número do meu amigo em uma chamada de vídeo é assim, todos os dias faça chuva faça sol nos falamos.

— *Bom dia, bonequinha mãe, onde está a bonequinha filha?*

— Bom dia, Gabi. Lis está no banho. — Mostro minha filha brincando na banheira.

— *E como estão as coisas por aí?* — pergunta.

Gabi ficou muito preocupado depois que contei do incêndio no nosso apartamento e a morte da senhora Sullivan que ele lamentou muito, por muito pouco meu amigo não largou tudo na França e voltou para cá, o que lhe acalmou foi o fato de eu estar trabalhando e meu patrão *ter me deixado ficar aqui com Lis*. Além disso, ele conseguiu um ótimo estagio lá em Paris e combinamos de aos poucos irmos reformando o apartamento para alugarmos quando eu e Lis formos para Paris.

— Estão bem, amigo. Graças a Deus está tudo na santa paz. E suas aulas como estão?

— *Um porre! Não vejo a hora de você e Lis virem para cá para alegrar meus dias.*

Sorrio, mas por dentro não me sinto tão animada em ir para Paris, mas logo trato de disfarçar e mudar de assunto.

— E os *boys* franceses?

— *Ah, Aurorinha, acho que minha perfeição assusta a todos.*

Rio de suas bobagens e conversamos um pouco mais até que preciso desligar para tirar Lis da banheira. E fico pensando no que meu amigo me falou sobre ir morar na França, estranhamente não me sinto mais animada como antes, eu gosto daqui e apesar dos pesares, meu trabalho é muito bom, sou cercada de pessoas incríveis e ganho o suficiente para me manter e manter minha filha, embora os últimos eventos tenham me deixado no vermelho, sei que logo vou me

recuper...

A voz da minha filha interrompe meus pensamentos.

— É, mamãe? — A voz da minha pequena me chama atenção. Estou penteando seus cabelinhos tão absorta que não me atentei ao que ela dizia.

— É o que, filha? — pergunto.

Logo começo a arrumá-la, visto seu vestidinho lilás com pequenas flores, calço seu sapatinho e arrumo seu cabelinho em duas marias chiquinhas.

De repente Lisbella vira para mim, segura meu rosto e fala.

— *Dizi*, mamãe. *Vessádio* meu — ela aponta pro seu peito — é só *maã*?

Imediatamente sinto um nó se instalar em minha garganta.

— Si-sim, meu amor. — Baixo meus olhos sem conseguir encará-la.

— E vai *tê boou de cocó cum baão*?. EHHHHHHHHH *Pabens, Pabens!* — Ela começa a bater palmas e a dançar pelo quarto cantando o que parece ser “Parabéns para você”. — Lis para como se lembrasse de algo, vem até mim e pergunta: — Mamãe a *biqueti de cõni panbém*?

Sinto meu coração ficar pequeno e meus olhos marejarem.

Há meses Lisbella viu uma bicicleta com adesivos de unicórnios em uma loja, isso antes mesmo de eu trabalhar para o senhor Di Maccio, acontece que naquela época eu e Gabi prometemos que daríamos a ela no aniversário dela, mas agora eu não tenho um tostão, nem para fazer seu bolo e menos ainda para comprar sua bicicleta.

Infelizmente gastei tudo o que ganhei com as despesas hospitalares de Lis e da senhora Sullivan, além de todos os gastos funerários, ainda tive que arcar com alguns danos que o fogo causou aos apartamentos de dois dos meus vizinhos. Resumo da ópera, zerei e não tenho um tostão nem para comprar uma casquinha para minha filha, imagina fazer uma festa e comprar uma bicicleta.

— Filha. — Olho para ela que me encara com aqueles lindos olhos azuis e eu simplesmente não tenho forças para dizer não, então a única coisa que faço é balançar minha cabeça de forma afirmativa.

— *Lhau*, mamãe. — ela diz obrigado e me abraça, retribuo apertando-a forte.

Seguimos para a cozinha, onde dou-lhe seu café da manhã e logo ela vai para o jardim ficar com o senhor Jamie, suas rosas e os cachorros.

Falo com todos no automático e apenas belisco o café, a verdade é que não tenho apetite nenhum.

Amanhã de manhã como vai ser? Como vou dizer à minha bonequinha que não terá bolo e nem sua bicicleta?

Suspiro e enxugo uma lágrima enquanto passo a cera no chão da sala.

— Aurora, o que você faz aí, menina? — Ouço a voz de Célia e me assusto, limpo meu rosto e levanto do chão.

— Encerando o chão, Célia — falo apontando para o chão.

— Mas você fez isso ontem. Hoje você deveria limpar o escritório do Bash. — Olho para o chão com os olhos arregalados e bato em minha testa.

— Droga! Desculpa, Célia, prometo que isso não vai se repetir, eu vou passar o produto para tirar o excesso.

— Ei, o que está havendo, Aurora? — Célia segura minha mão e retira o pano dela e baixo meu rosto.

— Não foi nada, Célia, eu... — Ela segura meu queixo delicadamente e ergue meu rosto para que a encare.

— Você estava chorando. — Não foi uma pergunta. — O que houve, Aurora? Por que você estava chorando?

— Célia

— Nada de Célia. Eu não aceito nada menos que a verdade, menina. — Conheço Célia há pouco tempo, mas tempo suficiente para saber que ela não se dobra fácil.

Suspiro e abaixo a cabeça para ela não ver as lágrimas que ameaçam ruir.

— Amanhã — Meu queixo treme. — Amanhã é aniversário da Lisbella. Ela faz três aninhos.

— Amanhã? — Olho para Célia que parece surpresa.

— Sim, amanhã, Célia, por quê?

— Nada, menina — Ela me olha de forma estranha. — Mas por que você está chorando se amanhã deverá ser um dia especial?

Sorrio triste.

— Deveria ser, Célia.

— Mas?

— Não tenho dinheiro para fazer um bolo para Lisbella e muito menos comprar a bicicleta de unicórnio que ela tanto deseja e me pede a mais de 6 meses. Não tenho um tostão no bolso, gastei tudo com as despesas médicas, o funeral da senhora Sullivan e o reparo nos apartamentos dos meus vizinhos, ou seja, zerei. — Quando termino as lágrimas correm livres.

— Aurora.

— Eu não poderei dar um aniversário à minha filha, nem sua bicicleta. Talvez muitos pensem que é uma bobagem, mas não é, Célia. Cresci em um orfanato, sei o que é não ter uma festa de aniversário, o que é todos os anos sonhar com uma boneca nova ou uma bicicleta e não ganhar nada, e se ganhasse seria uma boneca velha ou uma roupa usada. Não que esteja reclamando, ao contrário, sou muito agradecida às freirinhas, mas jurei para mim mesma que minha filha jamais passaria por isso e agora estou prestes quebrar minha promessa. Aprendi muito cedo a ter os sonhos destruídos, Célia, não quero isso para minha filha.

No fim, acabo soluçando e Célia me confortando. Ela me leva até a cozinha me falando coisas doces, e quando vamos passando próximo a escada eu poderia jurar que vi algo se mexer próximo a ela, mas deve ter sido imaginação minha.

Sigo para a cozinha onde graças a Deus e por milagre está vazia. Célia me conforta e depois volto as minhas tarefas.

E que Deus proteja a mim e Lis amanhã.

CAPÍTULO 14

Fecho a porta do escritório e me direciono à minha mesa onde deposito minha pasta, sento em minha cadeira e repasso intrigado o final da conversa que acabei de ouvir. *"Eu aprendi muito cedo a ter os sonhos destruídos, Célia, não quero isso para minha filha."* Ouvir da boca da Aurora essas palavras me incomodou muito.

Acabei escutando essa conversa por acaso, já havia saído para ir à empresa quando lembrei que havia deixado um contrato da filial de Boston sobre a minha mesa no escritório, por isso pedi ao David que retornasse à mansão, foi quando entrei e as vozes me chamaram atenção, segui o som e foi quando a ouvi falando aquilo.

Agora estou me perguntando: *o que aconteceu na vida da Aurora? De onde vem? Quem são seus pais? Quem é o pai de Lisbella? Onde ele está?*

São questões que ainda parecem uma grande incógnita para mim, e que pretendo descobrir de um jeito ou de outro, mas por enquanto preciso me concentrar no motivo que a está entristecendo. Pelo o que pude perceber o motivo tem a ver com Lisbella, caso contrário ela não teria dito que não queria aquilo para a menina.

Aurora, o que está acontecendo com você?

A porta do escritório se abre e vejo Célia vir até mim com um semblante triste.

— Menino, David me disse que você tinha voltado, aconteceu algo? — ela me pergunta, preocupada.

— Comigo não, mas parece que com Aurora sim. — A vejo ficar surpresa e depois abaixar a cabeça triste.

— Ah, menino! — Ela parece relutante em falar, por isso saio da cadeira e vou até ela ficando à sua frente, toco seu queixo e faço-a

me olhar.

— O que houve com a Aurora, Célia? — pergunto sério sem deixar brechas para contestação.

Ela suspira e fala:

— Amanhã é aniversário da Lisbella.

— Amanhã? — falo realmente surpreso.

De todos os dias do ano a garota tinha que fazer aniversário justo no mesmo dia que eu?

— Sim. Assim como você, filho, Lisbella faz aniversário amanhã. — Ela toca meu rosto com carinho e depois segura minhas mãos. — Aurora está arrasada, ela havia prometido à Lisbella uma festinha e uma bicicleta de unicórnio que a menina viu em uma loja na Times Square. — Ela sorri triste. — Mas infelizmente Aurora gastou todo seu salário com as despesas médicas, o funeral da ex-babá de Lisbella e o reparo no apartamento dos vizinhos que foi danificado pelo fogo, e agora Lisbella não fala em outra coisa além da sua festinha e da bicicleta de unicórnio que a mãe não tem como dar. — Célia abaixa a cabeça e sinto um aperto no meu peito.

Agora entendo o que ela quis dizer.

Imagens do meu passado me vêm à mente.

Eu nunca tive uma festa de aniversário, meu maldito *pai* nunca permitiu, no entanto me fazia ir à festa de aniversário de garotos da minha idade, sempre com o propósito de mostrar que eu nunca teria aquilo.

Certa vez, quando fiz 8 anos de idade, ele disse que tinha um presente de aniversário muito especial para me entregar. Fiquei tão feliz porque parecia que pela primeira vez ele havia me visto como alguém e não como um inseto a ser pisado, ele então disse que se eu quisesse teria que pegar o presente com ele e inocente, claro que fui.

Lembro do olhar angustiado de Célia quando entrei no carro ao lado daquele homem e seu motorista.

(...)

Seguimos viagem por uma estrada que parecia levar para fora da cidade, volta e meia sentia o olhar dele sobre mim, o que me fazia encolher e começar a sentir calafrios. Após o que pareceu uma eternidade, ele finalmente parou no meio de uma estrada de terra e falou:

— Desce, garoto. — Tremendo abri a porta do carro e descii.

— Vai ficar aí parado, seu inútil? — ele falou após andar alguns passos por uma pequena vereda de terra.

O segui olhando tudo ao meu redor, desde as grandes árvores até o

céu que parecia gritar que algo ruim chegaria, e após andar por mais alguns minutos mata a dentro, paramos em frente a uma cabana que estava caindo aos pedaços.

Lembro-me de ingenuamente ter perguntado:

— Papai, onde está me-meu prese... — Uma bofetada foi desferida em meu rosto, me fazendo cair no chão e lágrimas começaram a queimar em meus olhos.

— O que falei sobre me chamar de pai quando estivermos a sós? Jamais repita isso, seu sangue ruim.

— Mas... — Tentei falar.

Mas ele segurou a gola da minha camisa e me ergueu, me arrastando para dentro daquela maldita cabana e lá ele me surrou até a inconsciência. Acordei não sei quanto tempo depois sentindo a chuva em meu rosto, o local estava escuro e sombrio, tentei me erguer e meu corpo todo doía, consegui chegar até a porta só para constatar que ela estava trancada, não havia janelas, nada. Apenas os buracos do teto que permitia a chuva me molhar, me encolhi em um canto entre um armário velho e uma cadeira quebrada e tentei abraçar meus pequenos joelhos, mas minhas costelas doíam muito.

Então estiquei minhas pernas e chorei, a madrugada foi se estendendo e quando finalmente o cansaço estava me vencendo e o sono chegando, senti uma dor insuportável em meu braço e ao sacudir vi um escorpião, tentei me erguer enquanto ele corria para longe de mim, mas a dor era tanta que caí a alguns metros, me contorcendo e depois disso não me lembro de mais nada.

(...)

Pelo que soube mais tarde, Célia se ajoelhou aos pés do meu pai, para que ele contasse o que havia feito comigo, pois já fazia dois dias sem notícias minhas. Após a minha babá implorar ele contou onde me encontraria e ela foi e me resgatou, me levou para casa, cuidou de mim e graças a ela estou vivo.

Célia chamou o doutor Roger que era um grande amigo do meu tio, para cuidar de mim. Estava desidratado, com uma infecção no braço, que por pouco não o perdi, e o início de uma pneumonia. Eles queriam me levar ao hospital, mas o desgraçado não permitiu, portanto Célia e o doutor Roger fizeram tudo para que eu ficasse bem e depois de quase um mês de tratamento fiquei curado para o ódio daquele maldito que não parou com suas tentativas de destruir a minha vida.

— Filho? — A voz e o toque de Célia em meu rosto me trazem de volta à realidade.

Olho para ela e me afasto, indo em direção à janela que dá para o jardim, meu coração pesa e sinto uma angústia e um ódio queimarem em meu peito, é quando olho para frente e no imenso jardim vejo a cena que faz todo ódio e angústia que queimavam em mim se arrefecer até se dissipar totalmente.

Lisbella abraça Brutos, o enorme pit bull marrom, que mais parece um ursinho de pelúcia agora, ela abraça e beija o cachorro que retribui lambendo seu pequeno rosto, fazendo-a gargalhar. Seu sorriso acende uma luz na escuridão que há em meu coração, um nó se forma em minha garganta e instintivamente o desejo de jamais permitir que aquela pequena passe por algo semelhante ao que passei, toma conta de mim.

Ela merece tudo. Tudo que nem eu ou a mãe dela pudemos ter.

Fera, minha cadela pitbull, se aproxima da garota e a lambe, ela parece pedir para a cadela parar, mas falha miseravelmente. A cadela vira no chão com as patas para cima e Lisbella rindo, começa a fazer carinho na barriga dela, o que a deixa muito satisfeita, e Brutus, enciumado, deita na mesma posição e Fera e Lisbella se dividem em dar carinho aos dois, enquanto conversa com eles como se eles a entendesse.

Sorrio da cena.

— Célia? — Sei que ela está parada no mesmo lugar e sem olhá-la falo: — Faça o que for necessário para que Lisbella tenha sua festa.

— O quê?

Sei que ela está bastante surpresa com o que digo e eu entendo o porquê. Desde que aquela maldita morreu nunca mais houve qualquer tipo de comemoração nessa casa. Lorena amava dar festas, jantares e recepções ostentosas, então quando ela morreu eu fechei definitivamente as portas dessa mansão para essas futilidades.

Mas agora é diferente, não é sobre mostrar poder ou riqueza, é sobre fazer aquele sorriso lindo continuar a iluminar tudo ao seu redor.

— Lisbella terá o que eu não pude ter, Célia. — Desvio meu olhar da garotinha e encontro o olhar triste da minha Bá, por isso mudo o foco do assunto. — Agora acho que você tem muito que aprontar, já que amanhã teremos festa nessa casa.

Célia abre e fecha a boca, então um sorriso lindo se abre em seu rosto e ela vem até mim, me abraça e beija meu rosto rindo e me fazendo rir também.

— Você não sabe o quanto estou feliz, filho. Obrigado, obrigado!

— Não me agradeça, Célia. — Olho para o jardim onde Lisbella gargalha ao ser cheirada por Brutus. — Ela merece. — Célia segue meu olhar, depois volta para mim de forma estranha, olho para ela que logo desfaz a expressão do rosto e sorri.

— Essa bonequinha merece isso e muito mais, tanto ela quanto a mãe dela. — Ela pisca para mim e sorrio vendo-a se afastar, mas antes que ela chegue até a porta falo:

— Célia?

— Sim, menino? — Ela me olha.

— Não conte a Aurora que foi eu quem mandou fazer a festa da Lisbella. — Célia franze o cenho e sei que ela não gostou do que ouviu.

— E posso saber por quê? — Sua mão agora está na cintura.

— Apenas não conte, Célia, caso alguém pergunte foi tudo ideia sua. — Ela balança a cabeça e abre a boca para falar, mas novamente lhe interrompo. — E mais uma coisa. Não economize, gaste com tudo que for ou não necessário, quero que Lisbella tenha a festa mais linda da sua vida até então.

Célia balança a cabeça e fala:

— Alguém um dia ainda vai descobrir esse seu coração, Sebastian Di Maccio, e quando isso acontecer não vai ter volta, ele terá apenas uma dona e será para todo sempre — dizendo isso ela se afasta.

Duvido muito que um dia alguém possa sequer encontrar um coração dentro de mim, isso é um artigo que já perdi a muitos anos atrás.

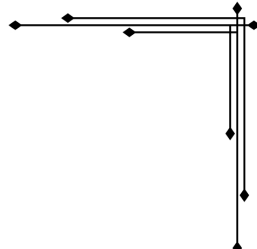
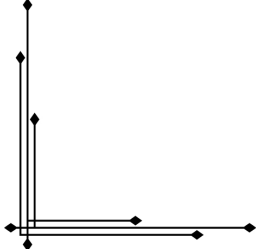
Ouçõ gargalhadas e viro para a janela.

Agora é Aurora que enche Lisbella de beijos e cócegas, logo a mãe para e a garota que estava em seu colo se vira e lhe abraça, em seguida olha nos olhos, acaricia o rosto e os cabelos da mãe e fala algo que não consigo ouvir, no entanto, o sorriso de Aurora é lindo e seus olhos brilham de tanto amor.

Imagino por um segundo como seria ter as duas em meu abraço, sentir o calor de ambas, os perfumes que emanam delas e esse amor que parece capaz de iluminar tudo e curar qualquer ferida.

Balanço a cabeça afastando o pensamento idiota. Algo assim não é para mim, por tanto me contento em apenas observá-las de longe e fazer o possível para o bem-estar de ambas.

Aurora beija o rosto da filha e se levanta estendendo a mão para a menina que a pega sorrindo e ambas vão em direção à cozinha.



15

Aurora Stuart

CAPÍTULO 15

Ontem estava chorando e hoje estou aqui no meio da sala do senhor Di Maccio enchendo balões rosa e branco, enquanto David e Ron, sob as ordens de Célia, posicionam a mesa onde ficará o bolo de Lisbella que por sinal está toda serelepe correndo de um lado para outro, jogando balões para o ar, indo até a cozinha e colocando o dedinho no recheio do bolo de chocolate com morangos que Valery está fazendo e a todo momento faz perguntas sobre *os parabéns*.

Eu nem acredito em tudo isso, parece um sonho.

Em um momento estava tentando descobrir uma forma de falar para minha pequena que ela não teria uma festinha e no seguinte lá estava Célia dando ordens a todos e me *comunicando* que Lisbella teria uma festa sim. Na hora fiquei em choque, sem reação, enquanto todos começaram a se agitar alegres.

Valery já foi escolhendo na Internet o tipo de bolo e perguntando a Lisbella de que personagem ela queria, e minha filha escolheu um bolo de uma boneca parecida com a Bia, a boneca que o Gabi fez para ela. Os empregados estão em polvorosos, todos querendo uma função, algo para ajudar, Célia queria contratar uma equipe especializada, mas não achei necessário e todos logo se prontificaram a ajudar no que fosse preciso, e aqui estamos nós. Só o que não entendi até agora foi o porquê o sr. Di Maccio permitiu que fizéssemos uma festa em sua residência, se segundo os empregados faz anos que festas são proibidas aqui.

— Ali, Jamie, coloque essas flores daquele lado, ficarão próximas a mesa de doces. — Margaret, a diarista, me tira dos meus questionamentos, ela também ficou animada ao chegar essa manhã e saber sobre a festinha de Lis e logo se pôs a ajudar. — Eu nem acredito que teremos uma festa nessa casa e que nós seremos os convidados —

fala enquanto organiza o vaso.

Sorrio.

Segundo Célia, ela pediu autorização ao senhor Di Maccio para fazermos essa *festinha* para Lisbella e ele deixou.

Simples assim.

Bem, talvez ele goste de Lisbella, assim como todos aqui.

Será que ele virá à festinha?

Bufo.

Acorda, Aurora. Ele ter cedido o espaço da casa dele para a festa da sua filha, não significa que ele queira participar da festa dela.

— Está ficando tudo muito lindo, não é menina? — Célia fala chegando perto de mim.

— Sim, está ficando tudo perfeito, Célia. — Olho ao redor e fico realmente deslumbrada. — Jamais poderia dar algo assim à minha filha. — Penso em voz alta.

— Mas você está dando, querida. — Célia toca a minha mão. — Isso tudo — ela aponta para nosso redor — é fruto do que você plantou na vida e no seu trabalho, e hoje a pessoa que você mais ama está colhendo ao seu lado.

Olhamos para Lisbella que conversa animada com Jamie sobre sua festinha e um sorriso se abre em nossos lábios.

— Célia, e isso fica onde? — Keller pergunta.

— Ah, coloque ali no canto, próximo à janela, mais para a esquerda. Ai, menino, eu disse esquerda e não direita! — Rio do jeito de Célia que vai até Keller explicar como quer o arranjo de flores comestíveis.

O dia passa voando, tudo entre risos, brincadeiras e muita bagunça, mas no fim o resultado é o que temos aqui diante de nós.

A sala da mansão Di Maccio parece outra, há balões de coração nas cores rosa e branco por todo lado, um lindo arco com rosas cor-de-rosa, na entrada da sala deixando-a com um ar de jardim encantado.

No canto esquerdo há uma mesa de doces, todos preparados por Valery, um mais lindo e gostoso que o outro, no canto direito há uma mesa com muitos mimos e em formato de boneca. No centro a mesa do bolo de três andares que Valery fez, ele ficou super delicado e incrivelmente lindo, suas cores são do rosa clarinho com pequenos bordados e um laço em tom pastel e no topo uma boneca parecida com a *Bia*.

Observo agora as pessoas sorrindo e brincando, minha filha rindo e correndo por todos os lados em seu vestidinho de festa, esse foi Gabi que fez para que ela fosse ao casamento da nossa vizinha, ele

é em rosa clarinho com um delicado laço atrás e as mangas bufantes com um decote quadrado. Minha filha parece uma boneca com seus cabelos soltos e a tiara de pedrinhas brilhantes que Margaret deu a ela ornamentando seus cachinhos delicados.

Gabi mais cedo ligou para dar os parabéns para minha princesa, que chorou por saber que ele não viria à sua festinha, mas como sempre meu amigo soube como acalmá-la, prometendo que logo irá vir para vê-la e lhe trará um lindo vestido, ele foi descrevendo o vestido e logo vi os olhinhos da minha filha brilharem em alegria e pronto, ela já estava animada novamente. Depois conversamos um pouco e ele me fez prometer bater muitas fotos e filmar tudo para lhe enviar, coisa que eu já comecei a fazer.

— Acho que está na hora de batermos os parabéns? Eu não vejo a hora de comer esse bolo — fala David e todos riem, mas Lisbella olha para ele e fecha a cara.

— É verdade, já está bastante tarde, vamos bater os parabéns da Lisbella, Aurora? — Valery fala sorrindo.

Todos que estamos na sala somos trabalhadores da mansão, em torno de 20 pessoas aqui, fora os seguranças que estão de prontidão, chamei meus amigos da lanchonete, mas infelizmente tanto Joanne quanto Mike estão trabalhando e não puderam vir.

— Então vamos bater os parabéns, Aurora? — Célia fala, mas vejo uma ponta de decepção em seu olhar e sei bem o porquê.

Estou nesse exato momento sentindo o mesmo, passei praticamente a noite toda olhando para a porta esperando o momento que ele chegaria e se juntaria a nós, mas no fundo sei que não passa de uma esperança boba, uma vez que o fato de ele ter cedido a sala da sua mansão para o aniversário da *filha da empregada*, já foi caridade demais para ele. Sebastian Di Maccio jamais se juntaria aos seus empregados para comemorar o aniversário de uma criança.

Mas por que mantive essa esperança viva até agora?

Olho para a porta uma última vez na esperança que ele pudesse irromper por ela, mas nada acontece.

Suspiro e falo:

— Tudo bem.

— Não! — Todos olham para minha filha que agora sai pisando duro, sobe desajeitada no sofá e senta com os braços cruzados e um bico nos lábios.

Suspiro e vou até ela, me abaixando para ficar na sua altura.

— Filha, o que houve? Você não quer bater parabéns, cortar seu bolinho e abrir seus presentes? — falo acariciando seus cabelinhos.

— *Quêô, mamãe. Maji não agoua. O senhor Lobo bonzinho não côuou.* — Todos ficamos surpresos com a atitude de Lisbella.

— Filha — olho para Célia e procuro uma desculpa —, o senhor Di Maccio é um homem muito ocupado, ele-ele não veio à sua festa po-por que teve uma reunião e...

Vejo as primeiras lágrimas brilharem nos olhos da minha filha e sinto meu coração se apertar.

— Eiii, Lis. — David se abaixa e tenta falar com ela. — Olha, o senhor Di Maccio é um bobão por não vir à sua festa, mas isso não importa. O que importa é que todas as pessoas que gostam de você estão aqui.

Ouvir David chamando o senhor Di Maccio de bobão não me agrada em nada, Lisbella é muito pequena e a última coisa que quero é que ela aprenda a menosprezar ou guardar rancor das pessoas.

— O seu Lobo não é *banbão*, ele é *bûiti*, *teozí* e *gotí muii dei* — minha filha repreende David. — Mamãe, não quer mais *pabens*! — ela fala enxugando uma pequena lágrima que fugiu.

— E posso saber por que você não quer mais os parabéns, Lisbella? — Uma voz que eu reconheceria até na mais densa escuridão invade a sala.

Todos olham para a porta e lá está ele, lindo com seu terno Armani impecável, os cabelos bagunçados e seu olhar sério.

— Bashhhhhhhhhinho — Lisbella salta do sofá quase derrubando David e corre para os braços do sr. Di Maccio, que agora tem um sorriso lindo nos lábios enquanto abaixa e segura minha filha que se atira em seus braços e lhe enche de beijos, fazendo-o gargalhar.

Vejo todos na sala, estáticos e espantados, como se estivessem vendo um ser de outro mundo ou uma assombração.

— *Xabia voxê via.* — Lis segura o rosto do sr. Di Maccio que sorri e tem sua total atenção voltada para minha filha. — *Xabia que voxê né banbão.*

— Ah, que bom que não sou um bobão, né Lis? — Ele olha para sala e encontra o olhar de David que baixa a cabeça e Lis ri. — Bem, eu não poderia perder seu aniversário e nem deixar de te entregar o seu presente — ele fala voltando a olhá-la.

— *Pesente?* — Lisbella abre bem os olhos surpresa e só então noto que há algo atrás do sr. Di Maccio. — Cadê meu *pesente*?

— Feche os olhos — ele pede e logo ela coloca as mãozinhas nos olhos, fazendo todos rirem.

Sr. Di Maccio coloca Lisbella no chão de frente para a bicicleta que não é qualquer bicicleta. É a bicicleta de unicórnio que eu e Gabi prometemos a ela. Sinto meus olhos marejarem e uma alegria sem

tamanho tomar conta de mim. Lembro do meu aniversário de 5 anos, que desejei do fundo do meu coração de criança uma bicicleta, bicicleta essa que nunca chegou, chorei escondida por muitos dias até entender que aquele era um presente dado por um pai e/ou uma mãe, e eu não tinha nenhum deles.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto ao ver minha filha rir enquanto olha e toca a bicicleta, todos na sala estão sorrindo pela alegria dela, até que sinto seu olhar sobre mim, olho para ele que está agachado, segurando o guidom da bicicleta onde minha filha está sentada e conversa animada com Célia que está ao seu lado. Um pequeno sorriso involuntário surge no canto dos meus lábios e sussurro um *obrigado* mudo, e ele assente me dando um pequeno sorriso que faz meu coração falhar uma batida.

— Oie, mamãe, oie. Minha *biqueti linda*.

Rio e vou até minha filha ficando ao lado dele que agora está de pé.

— Sua bicicleta é linda sim, filha.

— *Xim*. Tem o *coninho*. — Ela passa a mão sobre um dos unicórnios da bicicleta.

Depois disso começa uma verdadeira farra onde todos riem e se divertem tentando ensinar Lisbella a andar de bicicleta no meio da sala. No início o clima ficou um pouco tenso, pois os empregados pareciam não saber como se portar na frente do imponente Sebastian Di Maccio, que até tentou fugir, pois também pareceu se sentir deslocado, mas quem disse que Lisbella o deixou ir à algum lugar? Ela não desgrudou um segundo dele e o resultado foi que aos poucos ele e todos foram se soltando. E agora ele gargalha ao lado de Manfred, chefe da segurança e do sr. Jamie. Acho que ele sente que estou lhe olhando, pois seu olhar se volta para mim, me fazendo corar violentamente e derramar o refrigerante que estava colocando para servir a Valery, ele sorri levando um copo de refrigerante aos lábios para esconder o risinho.

Bobão!

— E então esse parabéns sai hoje ou não? — Margaret pergunta para que todos ouçam.

— *Ximmmm, pabens!* — Lisbella solta o guidom da bicicleta onde estava e é segurada por Célia, que lhe ajuda a descer. — Vamos, Bashinho, *vamuh* bater nosso *pabens*. — Ela agarra a mão de Sebastian e o puxa em direção à mesa do bolo.

— Não, Lisbella. — ele fala relutante e nesse momento a campanha toca, fazendo todos se olharem e Sebastian suspirar por ter sido salvo pelo gongo.

Rio da sua cara e ele percebe, pois cerra os olhos e eu mordo o lábio tentando prender o riso.

— Ué? Você está esperando alguém, filho? — Célia pergunta a ele.

— Eu não, Célia. Será algum convidado seu, Aurora? — ele me pergunta e acho que meu coração vai sair pela boca.

Meu nome fica incrivelmente lindo em seus lábios.

— Nã-não, senhor Di Maccio, meus amigos não puderam vir.

— Tudo bem, então.

— Eu irei ver quem é, — Célia se apressa em sair da sala, alguns segundos se passam em expectativa até que ouvimos vozes e ela é a primeira a aparecer e falar: —Ora, mas vejam só que surpresa maravilhosa temos aqui.

Nesse momento três homens e incrivelmente bonitos irrompem atrás de Célia.

O primeiro é alto, moreno de olhos castanho claro, cabelo castanho, queixo quadrado com um furinho no meio, vestindo um terno Armani azul escuro sob medida e sapatos italianos. Já o segundo é loiro de cabelos em corte militar, tão alto quanto o primeiro, olhos verde, nariz aristocrático e porte atlético, ele já veste uma camisa gola V preta, jaqueta de couro, jeans e coturno. O terceiro, que parece ser o mais jovem deles, é também o mais despojado, um ruivo de barba estilo lenhador, cabelo vermelhos em um topete moderno, seus olhos são cor de mel, o nariz reto, ombros largos que são adornados por uma camisa dos Lakers^[1], calça jeans e tênis Nike branco.

Dizer que eles são lindos é eufemismo, os três são verdadeiros deuses gregos.

E quebrando minha análise o moreno fala:

— Ora, ora, mas que bastardo ingrato é você, Di Maccio, dando uma festa e nem para convidar os amigos?

— Mesmo sem convite devo confessar, adorei a decoração combinando com seus olhos — o ruivo fala e pisca para ele.

— Verdade, que amigo mais sacana você é, Di Maccio. Mas podemos te perdoar, afinal tem bolo.

O loiro aponta para a mesa e o sr. Di Maccio rola os olhos e um sorriso torto brinca em seus lábios.

— Lamento informá-los, mas a festa não é minha, por tanto vocês são todos penetras — Sebastian rebate.

— E de quem é, posso saber? — o ruivo pergunta.

— É meu! — Lisbella sai de trás do sr. Di Maccio com um sorriso.

Vejo a cara de espanto dos homens, que olham com expressões assustadas e confusas do sr. Di Maccio e para minha filha, repetidas vezes.

— Es-essa menina. Ela, ela é-é... — O loiro parece não encontrar palavras e eu franzo o cenho sem entender, mas respondo:

— Minha filha, senhor — falo e me aproximo da Lisbella.

— Ora, mais que bando de mal-educados nós somos, permita nos apresentar senhorita. Eduardo Colares, amigo desse bastardo, às suas ordens. — ele fala vindo até mim, me estendendo a mão que iria apertar se em um gesto rápido ele não tivesse a beijado, me fazendo corar.

— Já pode parar com as gracinhas, Eduardo. — Sr. Di Maccio interrompe, parecendo irritado.

— Agora é minha vez. — O ruivo ignora Sebastian. — Eu sou Andrey Sanders, também amigo desse grande rabugento. — Ele pisca e aperta minha mão, mas logo se abaixa e estende a mão para minha filha. — E você, princesinha, quantos aninhos?

— Tês! — Ela mostra os dedinhos para ele, risonha.

— Nossa, mas já está se tornando uma pequena grande princesa. — Lis sorri para ele que aperta seu nariz.

— Agora é minha vez. — O loiro se aproxima. — Já que esse bastardo não nos apresentou como tem que ser, sou Brian Del Corso, um dos poucos remanescentes que atura esse babaca aí. — Eu rio e Lis também.

Já o sr. Di Maccio bufa ao nosso lado, mas posso ver que está se divertindo.

— Você tem uma *amiga* muito bonita — o moreno que se chama Eduardo fala agora me olhando com um sorriso travesso e me sinto corar, mas não há malícia em seu olhar, mais parece que ele se diverte com a irritação do sr. Di Maccio.

— Ela não é minha amiga. — No momento que o sr. Di Maccio fala isso sinto meu coração pesar e me dou conta da minha posição aqui, por isso trato logo de me colocar em meu lugar.

— Sim, sr. Colares, senhores, sou apenas a empregada do sr. Di Maccio e ele generosamente cedeu sua sala para comemorarmos o aniversário da Lisbella, minha filha. — Eles olham para o meu chefe de forma estranha e eles parecem conversar pelo olhar.

Eduardo logo quebra o contato e olha para minha filha, se abaixa ficando na altura dela.

— Então o nome dessa bonequinha é Lisbella? — Ele toca o rostinho da minha filha que sorri. — Se soubéssemos que você fazia aniversário no mesmo dia que meu amigo aqui, teríamos trazido

presentes para você também, lindinha — ele fala no nome dos três que assentem concordando.

Caramba, hoje também é aniversário do senhor Di Maccio?

Acho que só eu fico chocada aqui, pois todos parecem saber, então Lisbella faz aniversário no mesmo dia que ele? *Uau, que coincidência!*

— Tudi bem. O Bashinho *tôssi* o legal *pesente biíti* fofo pá Libeinha. Vem, *vamuh* bate *pabens* que eu te dô *bôinho* de coco. *Vamuh*, Bashinho, bate *pabens*, Vamuh mamãe, *vamuh*.

Minha filha segura a mão do ruivo e do sr. Di Maccio e sai puxando os dois enquanto chama os outros dois, eles riem dela e logo todos a seguimos sendo toda tensão anterior esquecida.

Assim, após Lisbella exigir, o sr. Di Maccio bate os parabéns ao lado dela, já que ela decidiu que a festa é dos dois. Depois disso, tudo se torna em uma verdadeira bagunça de risos e brincadeiras, meu chefe e os amigos logo se misturaram e passam a conversar com todos. Em determinado momento enquanto eu parto o bolo de Lisbella e do sr. Di Maccio, Valery vem até mim e fala:

— Quem é você e o que fez com meu patrão? — Sem querer deixo a espátula cair da minha mão.

— Como? — pergunto sem jeito e Valery ri.

— Se você não tivesse crescido em um orfanato de freiras, eu diria que você jogou um feitiço no lobo mau do meu chefe e agora o transformou em um lindo e amável príncipe encantado. — Olho para onde ela está olhando e o vejo com Lisbella no colo, que está quase pegando no sono, ele fala algo para ela que se aconchega em seu colo enquanto o ruivo que está com um pratinho de bolo na mão acaricia seu cabelinho e ela sorri para ele.

— Menina o olimpo baixou nessa sala viu. — Margaret se próxima cochichando. — Bendita Lisbella Maria.

— Nem fala, menina do céu, é um mais bonito que o outro — Valery responde desviando a atenção da *minha relação* com o senhor Di Maccio para meu alívio.

— Bando de velhas assanhadas — Célia fala comendo um docinho.

— Quê? Panela velha que faz comida boa, Celinha. — Valery responde e gargalhamos.

— Bem, é melhor eu levar Lisbella para o quarto — falo tentando fugir da loucura das três.

— Claro, vai sim, menina, nós cuidamos dessa bagunça aqui. — Sorrio para elas e me despeço com um beijo de todas.

Assim me direciono até onde o senhor Di Maccio está, e

quando me aproximo, é impossível não sentir meu coração acelerar e as borboletas no estômago.

— Senhor — Ele me olha e sinto um arrepio passar pelo meu corpo. — E-Eu vou levá-la para dormir no quarto — falo apontando para minha filha que já ressona em seu colo.

— Ah, claro! — Ele parece relutante, mas por fim me entrega Lisbella.

Despeço-me dele e dos seus amigos agradecendo a presença deles e dos demais, e sigo para meu quarto sentindo seu olhar até sumir do seu campo de visão

Agora estou aqui, observando minha filha dormir como um anjinho, ela ressona tranquila e em seus lábios há um pequeno sorriso.

— Tenha lindos sonhos, minha princesa. — Beijo sua cabecinha e lhe cubro melhor.

Quando vou me direcionar à minha cama, olho para o canto onde a bicicleta de unicórnio que o sr. Di Maccio deu a ela repousa e então um pensamento me vêm à mente.

— Hoje também é aniversário dele.

Meu olhar vai em direção à minha penteadeira onde o pequeno porta-joias repousa, vou até ele e abro sua tampinha de porcelana quadrada retirando de dentro o que estava procurando.

— Será que ele ainda está acordado? — pergunto-me sentindo um frio na barriga. — Não custa tentar.

Sigo em direção ao seu escritório, já que ele fica a maior parte do tempo lá. Chego diante das imponentes portas e penso seriamente em dar meia volta, mas lembro dessa noite e respiro fundo, tomando coragem e batendo na porta. Espero um tempinho e logo sua voz rouca e grossa se ouve me mandando entrar. Assim que atravesso as portas vejo que ele está de costas para mim, admirando o céu onde a lua brilha imponente, ele retirou o terno e agora só se encontra com o colete e as outras peças.

— Desculpa se atrapalho, senhor. — Com rapidez ele vira para mim.

— Aurora? Está tudo bem com a Lisbella? — Vejo genuína preocupação em seus olhos.

— Sim, sim, Lisbella está bem, senhor, dormindo como um anjinho — falo e é impossível não sorrir ao falar da minha pequena.

— Fico feliz. Mas o que você faz aqui a essa hora? — ele me pergunta e vejo que me olha de cima a baixo.

Só então me dou conta que estou apenas de robe e uma fina camisola de algodão por baixo, e constatar isso me faz corar violentamente. Seu riso me traz a realidade e só então percebo que ele

está a centímetros de mim e toca meu rosto, fazendo milhões de borboletas voarem em meu estômago.

— Você é tão linda, Aurora — Ele me olha de forma intensa.

— Se-senhor — Fecho os olhos permitindo-me sentir seu toque, é quando um pequeno lampejo de realidade me mostra o porquê de estar aqui e me afasto, vejo que ele parece relutante, mas não se aproxima novamente.

— E-Eu vim trazer algo para o senhor.

— Para mim? — Ele ergue a sobrancelha, desconfiado.

— Sim. Hoje também é seu aniversário e depois de tudo que você fez pela minha filha, é o mínimo.

— Foi só uma bicicleta, Aurora — ele fala dando de ombros e se escora na sua mesa.

— Não, não foi só a bicicleta. Foi a bicicleta, a festa, a decoração, a permissão de ser na sua casa.

— A festa? — ele pergunta. — Ma-Mas — Eu o interrompo.

— Ouvi Célia contando a Jamie que você mandou que ela fizesse tudo, mas não contasse que foi você.

— Droga! Célia não sabe manter a boca fechada.

— Não brigue com ela. Não foi por mal — defendo Célia e um silêncio recai sobre nós, então suspirando o quebro. — Olha, só, obrigado. O que você fez pela minha filha eu jamais poderia ter feito. — Sinto meus olhos marejarem e então acaricio o pequeno objeto em minhas mãos. — Sabe, isso não é nada de muito caro, na verdade, comprei em um antiquário pouco antes de Lisbella nascer. Aqui, toma. Agora é seu. — Estendo o objeto para ele que o olha e por um segundo imagino que vai recusá-lo, mas ele estende a mão e o toma para si, não sem antes seus dedos tocarem os meus e eu sentir um choque percorrer todo meu corpo.

Ele avalia o objeto.

— Isso é um relicário? — ele me pergunta e sorrio.

— Sim. — Eu me aproximo dele e abro o relicário onde uma foto de Lisbella com apenas 1 mês de vida, dando seu primeiro sorriso banguela, repousa e ele fica calado, apenas encarando a foto.

Será que fiz algo errado?

— Desculpa, sr. Di Maccio, não é nada valioso. Eu só queria que você tivesse algo para lembrar-se de Lisbella.

— É perfeito — ele fala tocando a foto da minha filha. — Ela era uma bebê linda. — Seus olhos estão emocionados e sorrio olhando a foto.

— Sim, ela é linda — concordo como uma boa mãe coruja.

E sem que eu espere sou surpreendida por um abraço apertado, fico estática por um instante até que envolvo sua cintura, inalo seu cheiro que me embriaga, me deixo ser envolvida pelo calor do seu corpo e suspirando falo:

— Feliz aniversário — sussurro.

Devagar, ele se afasta, mas não me solta, olha em meus olhos, toca o meu rosto como se quisesse guarda cada detalhe na memória.

— Esse foi o melhor aniversário de toda a minha vida. — A sinceridade de suas palavras me emociona, e sem me controlar deixo minhas mãos tocarem seu rosto, ele beija minha mão e minha pele pega fogo, seus olhos se abrem e lá está o brilho selvagem que me mantém cativa dele.

— Aurora. — Sua voz sai rouca e carregada.

— Senhor Di Maccio — Minha voz não passa de um sussurro.

Aos poucos ele aproxima seu rosto do meu, sua respiração toca minha pele e sinto borboletas em meu estômago, fecho meus olhos e me deixo levar sem qualquer resistência, até que sinto seus lábios roçarem os meus.

— Ah, minha doce Aurora. Eu não posso mais resistir, preciso beijá-la, sentir o sabor dos teus lábios, me diga sim e acabe com essa agonia, meu anjo. — Ele me olha esperando uma resposta, simplesmente não consigo mais resistir, por isso apenas assinto e ele entende meu aval.

Lentamente ele se aproxima de mim, sua mão que estava em meu rosto agora agarra minha nuca se emaranhando em meus cabelos, e toma meus lábios. O beijo começa suave, como se ele quisesse provar meu sabor, sua mão aperta minha cintura, me fazendo arfar, minha mão vai para sua nuca e arranho-a delicadamente.

O beijo outrora suave começa a se tornar sedento, é como se nossos corpos quisessem se fundir.

— Sebastian — sussurro quando ele deixa meus lábios e passa a beijar meu pescoço, deixando pequenas mordidas e chupadas.

Suspiro e ofego até que nossas bocas se encontram e nossas línguas fazem uma dança única, sinto algo se aquecer entre minhas pernas e meus seios pesarem e em busca de alívio, colo mais meu corpo ao seu. Ouço seu grunhido, e ele morde meu lábio e eu faço o mesmo com ele.

Sebastian me encosta na mesa e posso sentir algo duro tocar minha barriga, só então me dou conta do quão excitado ele está, e isso me acende um alarme interno, eu sei que não estou pronta para isso e acho que ele percebe o mesmo, pois o beijo profundo vai dando espaço a carícias doces e sutis, pequenos selinhos são depositados em

meus lábios, até encostar sua testa na minha e assim ficamos até nossas respirações normalizarem.

— Isso é loucura! — Sou a primeira a quebrar o silêncio.

— Então estou louco — ele fala rindo, mas não faço o mesmo.

A realidade me atinge e a última coisa que desejo na vida é me enganar, por isso lentamente me afasto dele, mesmo sentindo meu coração sangrar pela distância, o que se intensifica ao ver a surpresa e decepção em seu olhar.

— O que houve, Aurora? — ele me pergunta e um sorriso triste surge em meus lábios.

— O que não poderia ter acontecido.

— Aurora

— Não, sr. Di Maccio, eu sou só sua empregada, apenas isso, não sou o tipo de mulher que o senhor está acostumado, de boa família, refinada e de classe, e acima de tudo, não nasci para ser brinquedo de ninguém.

— Aurora...

— Por favor, sr. Di Maccio, entenda. Nada pode acontecer entre nós, eu jamais serei uma opção ou uma diversão para o senhor. Desculpe, boa noite.

Sem lhe dar chance de falar saio do escritório com o coração na mão e as lágrimas embaçam minha visão.

Definitivamente essa foi uma das noites mais difíceis da minha vida.

Meu travesseiro molhado pelas lágrimas que o diga.

CAPÍTULO 16

Enquanto caminho em direção à pracinha que tem próximo à mansão, observo o fluxo de pessoas e a quantidade de famílias reunidas no local. Mais à frente um homem que tem aparentemente minha idade está com um bebê loirinho que parece insistir em dar seus primeiros passos, instintivamente minha mão vai para o relicário que Aurora me deu e me pego pensando em como deve ter sido quando Lisbella deu seus primeiros passos? Quem estava ao lado de Aurora naquele momento? Que emoção ela deve ter sentido? Se estivesse lá acho que estaria sorrindo bobo como o homem à minha frente.

Balanço a cabeça e dou um sorriso bobo com o pensamento, quando meu olhar é atraído para a morena baixinha de cabelos castanhos, vestida em um vestido floral que parece insistir para uma pequena princesa montar em sua bicicleta. Meu coração se aquece e sigo para onde elas estão, Aurora está abaixada e fala algo para Lisbella que parece aborrecida.

— Filha, você precisa tentar, se não nunca vai aprender a andar na sua bicicleta, meu amor — Aurora fala de forma branda.

— *Maizi tô cum medi*, mamãe. — Lisbella faz bico enquanto segura no guidom da bicicleta.

— E eu posso saber de quê que a senhorita está com medo? — falo surpreendendo as duas que olham para trás ao mesmo tempo.

— Bashiiiiiiinhooo — Lis solta a bicicleta e eu me abaixo permitindo que ela se atire em meus braços, sinto o olhar de Aurora sobre nós e o meu encontra o seu, a observo corar violentamente.

— Bom dia, Aurora? — falo com um sorriso divertido nos lábios por ver o rubor em sua face, ela engole em seco e responde:

— Bom dia, sr. Di Maccio. — Acho que prefiro ouvi-la me chamar pelo meu primeiro nome, principalmente se ela estiver tão excitada quanto ontem à noite.

— Sebastian ou apenas Bash, Aurora — falo resoluto.

— Olha, Sen...

— Bash, eu *tein medi da biúqueti*. Eu caio e *maçuca* — Lisbella fala chamando minha atenção e interrompendo a mãe.

— Filha, já falei que você não vai cair, a mamãe vai segurar você — Aurora fala de forma doce com Lis que tem o dedinho na boca e o olhar desconfiado para a mãe, então resolvo intervir.

— Lis, olha pra mim. — Ela me olha. — Você não queria a bicicleta de unicórnio? — Ela balança a cabeça de forma afirmativa. — Então agora você precisa levar os unicórnios para passear, se não eles vão ficar tristes. — Ela arregala os olhinhos, assustada.

— Nãooooo, Bashinho, o *coninho* não *podì fica tixti* não — ela fala olhando para a bicicleta.

— Então vamos lá, você precisa levá-los para passear. — A coloco na bicicleta que ela sobe sem protestar. — Olha, vou estar aqui com você e não te deixarei cair, então vamos lá levar seus unicórnios para passear, sim?!

— *Tá maix* eu *caí* não? — Ela me olha com os olhinhos em dúvida, e agora tenho a certeza que jamais deixarei nada machucá-la.

— Claro que não! Eu vou estar o tempo todo ao seu lado. — Olho para ela e sinto que essas palavras vão para além desse momento.

— *Cetú* eu *voi* — A ajudo a posicionar os pezinhos no pedal da bicicleta, mas antes de impulsioná-la, olho para Aurora e pisco para ela, vendo-a corar ainda mais, rio e começo a impulsionar Lisbella.

Em algum momento Aurora sentou-se embaixo de uma árvore apenas nos assistindo, ela gritou e aplaudiu quando finalmente soltei a bicicleta e Lisbella andou sozinha, claro, com o apoio das rodinhas, eu assobieie e gritei empolgado pela coragem da minha pequena princesa.

— É isso aí, Lis...

— Isso, filha, muito bem! — Aurora aplaude e sorri e eu me permito admirar sua beleza, tendo a certeza que essa mulher está começando a se infiltrar de forma perigosa em mim.

Depois de toda a agitação estamos os três sentados comendo embaixo de uma árvore sobre uma toalha de mesa quadriculada, Aurora trouxe algumas coisas para um piquenique e assim entre mordidas em sanduíches e goles no suco começamos a conversar.

Fico impressionado com Aurora, ela é muito inteligente, sabe se expressar e defender seus pontos de vista, mesmo tendo apenas o

ensino médio. Descobri também que ela cresceu em um orfanato, noto como ela fala com carinho das freirinhas e do seu tempo na instituição. No entanto, quando o tema mudou para *o pai de Lisbella*, ela me corta e pede para mudar de assunto, o que me intriga, mas resolvo não insistir.

Agora estou contando de um a três para correr atrás das duas.

Depois de comermos e descansarmos um pouco, a pilha de Lisbella que eu achei que tivesse acabado com o tanto que ela andou de bicicleta, voltou a carregar e agora ela inventou de brincarmos de pique-pegas e eu serei o *jogo*, como a Aurora me explicou.

— Não vale marcação — Aurora grita um pouco afastada enquanto segura a mão de Lis.

— Mas eu não saí do lugar ainda — grito de volta e elas riem.

— Vem, filha. — Aurora puxa Lisbella.

— Lá vou eu, hein... — Elas correm para mais longe e já começo a rir — 1... — Eu me posiciono como um corredor... — 2... —, me movo como se já fosse correr — 3... — e saio em disparada atrás delas.

Lisbella grita e solta a mão da mãe correndo para um lado enquanto Aurora não sabe se corre para o outro ou segura a filha, por fim ela corre para o outro lado, mas sem sair de perto de Lis, corro em direção a Lis primeiro que corre gritando e me fazendo gargalhar do meu desespero, como sou bem maior eu a agarro com facilidade, a fazendo soltar um gritinho fino. Seguro Lis e começo a perseguir Aurora que tenta se desviar de mim, ela consegue por duas vezes, mas na terceira sou mais rápido e a agarro pela cintura, a fazendo gritar e rir alto, e já sem forças caímos os três na grama, Lis está sobre meu peito e Aurora sobre meu braço direito.

— Aiii, Bash, *voxê pegô* eu. — Lisbella coloca a mão na boquinha e ri e eu e Aurora a acompanhamos.

— Eu peguei você e a sua mamãe. — Começo a fazer cócegas nas duas.

— Ahhhh, para! Bash, para! — Aurora gargalha e não deixa de notar que ela me chamou pela primeira vez pelo meu apelido e isso é maravilhoso. E sem resistir continuo com as cócegas nas duas.

— Não vou parar não!

— Pariiii, bashinho, aiii *meu baiguihaaaaa* — Lisbella gargalha e paro porque não quero machucá-la.

— Ok, ok, parei! Pronto.

— Queo fovete! — Lis se coloca de pé e aponta para um trailer de sorvete que tem aqui perto.

— Lisbella!

— Sim senhora! — Eu e Aurora falamos ao mesmo tempo e olhamos um para a cara do outro. — São dois contra um — falo me levantando e estendendo a mão para ajudá-la a levantar e ela pega minha mão revirando os olhos.

— Apenas hoje! — Lis saltita e vira de costas, aproveito a deixa e puxo Aurora com força fazendo seu corpo colar do meu e sem resistir lhe dou um selinho.

— Sebastian! — ela me repreende, mas eu ignoro.

— Vamos comprar sorvete — falo com um sorrisinho de lado, vendo-a balançar a cabeça.

Após comprarmos os sorvetes resolvemos voltar para casa, o que descobri depois ter sido uma péssima ideia.

CAPÍTULO 17

Seguimos em um clima bem animado para a mansão, estou com Lisbella no colo enquanto ela está agarrada a um sorvete de morango, Aurora carrega a bicicleta de Lis em uma mão e com a outra finaliza seu sorvete de castanha, que descobri ser seu sabor favorito desde a gravidez de Lisbella.

Quando Aurora termina seu sorvete olha para nós e então nota o estado da minha camisa que está toda lambuzada pelo sorvete de Lis.

— Meu Deus! Olha o que você está fazendo na camisa do sr. Di Maccio, Lis. Vem aqui — Aurora tenta pegá-la, mas ela se recusa.

— Não, *mamainhê*, quer Beshinho.

— Deixa, Aurora, não tem problema, já estamos chegando. — Ela me olha sem jeito e pisco fazendo-a corar.

Quando chegamos coloco Lisbella no chão e abro a porta vendo-a passar por mim e correr em disparada para dentro de casa, gritando por Célia, nos fazendo rir.

— Eiii, mocinha — Aurora tenta repreender Lis, mas antes que ela termine a frase fecho a porta atrás de nós e a puxo pelo braço.

— Enfim sós. — Ela arfa surpresa e sorrio de lado.

— Sebastian... — E lá está novamente meu nome em seus lábios, me fazendo acreditar que descobri uma nova melodia.

— Sei que você quer isso tanto quanto eu, Aurora. — Enlaço sua cintura com uma mão e a outra embrenho em seus cabelos macios para que ela não escape de mim, mas no momento em que meus lábios roçam nos seus e estou prestes a matar a vontade que me consumiu durante toda madrugada, ouvimos um grito agudo que faz meu coração gelar.

Reconheceria esse grito histérico em qualquer maldito lugar.

Em uma rapidez absurda Aurora sai dos meus braços e corre em direção ao grito, acho que paralisei por uns 3 segundos, mas logo desperto e sigo em direção à sala, e assim que entro me deparo com uma cena no mínimo inusitada, Aurora está entre Lisbella e Tamara segurando a mão da loira que parece estar pronta para desferir um tapa.

— Encoste na minha filha e eu arranco seus cabelos — Aurora fala entre dentes olhando nos olhos de Tamara.

Nunca imaginei ouvir Aurora falar com alguém dessa maneira, ela é sempre tão doce, tão delicada, mas a mulher que vejo aqui é uma fera pronta para defender a filha com unhas e dentes, e não deixo de perceber como é discrepante a diferença de altura entre as duas mulheres, Tamara com seus 1,83m e Aurora com seus 1,60m de altura não parece se importar que a outra seja muito maior que ela, pois ao que parece, para defender a filha seu tamanho não é um documento.

— Ora, quem você pensa que é sua coisinha insignificante? — Tamara rosna entre dentes tentando se desvencilhar das mãos de Aurora, e me apresso em interferir na situação.

— Mas o que está acontecendo aqui? — pergunto olhando diretamente para Tamara, e Lisbella corre aos prantos para os meus braços, partindo meu coração ao ver seu rostinho banhado de lágrimas.

— Essa mulher é uma louca, não está vendo que ela está agredindo sua namorada, Sebastian? — Tamara fala com uma voz de falsa inocência, mas é o olhar de Aurora com um misto de surpresa e decepção que prende minha atenção, logo a surpresa é substituída por uma máscara de frieza e ela empina o nariz vindo até mim e tirando Lisbella dos meus braços.

— Perdão, sr. Di Maccio, mas jamais permitiria que alguém tocasse em um fio de cabelo da minha filha, nem mesmo essa mulher sendo sua *namorada*. — A última palavra parece sair de forma dura de seus lábios.

— O quê? Como assim, Auro...

— Peça sua namorada que lhe explique o ocorrido, sou apenas a *empregada* e estou à sua disposição para que o senhor decidir

Quê? O que ela pensa que vou fazer?

— Empregada? — Tamara bufa e olha com desprezo para Aurora. — Então, sua serviçal, trate de arrumar suas trouxas e dessa pirralha imunda que o olho da rua é seu próximo ende...

— JÁ CHEGA, TAMARA! — A mulher se encolhe, Aurora se sobressalta e Lisbella se assusta chorando mais. — Aurora, tire a Lis daqui, e você Tamara não toma decisão nenhuma a respeito dos meus

empregados, nem de porra nenhuma da minha vida.

Sinto o olhar de Aurora sobre mim, olho para ela e vejo a decepção e mágoa claramente em seu olhar quando ela sai com Lisbella soluçando em seus braços.

Quero ir atrás das duas, dizer que tudo não passou de um mal-entendido, mas em vez disso desvio meu olhar para a víbora à minha frente que me observa atentamente até que muda a expressão colocando um sorriso mais falso que nota de 3 dólares na cara e se joga em meus braços.

Não sinto absolutamente nada com seu toque além de asco, por isso retiro seus braços do entorno do meu pescoço e a afasto de mim.

— Ah, querido senti tanto sua falta — ela fala com o mesmo ar falso de sempre.

— O que você pensa que está fazendo na minha casa, Tamara? — Sua expressão é de surpresa, seguida de falso desentendimento.

— Como assim, querido? Vim deixar seu presente de aniversário. — Ela se afasta de mim e vai até o sofá, pegando uma caixinha preta de veludo com um laço vermelho em cima e a traz até a mim. — Abra, vamos. — Ela coloca o embrulho em minhas mãos e não sinto o menor interesse nele, percebendo isso ela o pega de volta. — Se você não abre, eu faço. Mande fazer especialmente para você em Dubai. — Ela abre a caixa e vejo duas abotoaduras de diamante talhadas à mão, realmente uma peça ímpar, mas apenas mais do mesmo. — Vamos, veja que linda. — Lembro da cena que presenciei e por isso a inquiri, ignorando sua ladainha sobre as malditas abotoaduras.

— Já chega, Tamara. O que você estava pensando em fazer com Lisbella no momento em que Aurora entrou nessa sala? — Sua cara vai de espanto à raiva.

— Ora, o que eu estava pensando em fazer, Sebastian? Olha só meu Dior exclusivo! Olha o estado dele! — ela aponta para uma pequena mancha de sorvete na barra do vestido, nada que não possa ser lavado, o que me faz bufar. — Se quer saber, só não dei uma boa palmada naquela pirralha imunda, porque... — Ouvir o que essa desequilibrada fala faz meu sangue ferver e o pouco de paciência que ainda me restava ir pelos ares.

— VOCÊ FICOU LOUCA? — Rapidamente me aproximo, ficando com o rosto rente ao seu. — Nunca mais se refira à Lisbella assim. Nunca. Mais. Ou você vai se arrepender. — Vejo medo e ódio em seus olhos, mas não me importo.

Jamais permitirei que alguém machuque Lisbella, jamais! Ela é pura, inocente e intocável.

— Saia da minha casa agora. — Afasto-me antes que faça uma besteira.

— O quê? — Sua expressão agora é de choque.

— Você está surda ou quê?

— Isso não vai ficar assim! — O ódio queima em seu olhar e eu o sustento. Ela se afasta de mim, pega a sua bolsa e sai pisando duro, mas antes de sumir pela porta, olha pra trás e fala: — Isso não acabou aqui, Sebastian. — E finalmente sai.

Respiro fundo e tento ignorar a sensação ruim que as palavras dessa mulher me causam.

Se Aurora não tivesse chegado a tempo. Aurora!

Preciso falar com ela, lhe explicar tudo e falar a verdade, ela não pode acreditar nas mentiras da Tamara.

Assim que adentro a cozinha encontro apenas Valery entretida em uma panela.

— Valery, onde está Aurora e Lisbella? — Ela se sobressalta e me olha assustada, mas logo se recompõe.

— Se-senhor Di Maccio — a mulher gagueja e fico impaciente com sua demora de falar o que preciso. — A-a Lisbella foi com Célia tomar banho e Aurora foi até o jardim chamar o...

— Certo. — Saio sem deixá-la terminar a frase.

Vou em busca de Aurora primeiro, preciso conversar com ela e depois vou ver como Lis está.

Estou perdido em meio a pensamentos quando ouço risadas, ergo o olhar e me deparo com a cena que faz meu sangue gelar. David está segurando Aurora pela cintura como se fosse beijá-la romanticamente e os dois riem abertamente como um casal de namorados. Sinto o gelo se transformar em raiva e queimar em minhas veias, me aproximo dos dois, talvez para ter a certeza que isso não passa de um pesadelo.

— Atrapalho? — Minha voz sai fria e cortante.

Instantaneamente o sorriso dos dois some e Aurora apressadamente sai dos braços de David.

— Não, senhor — ele fala com um meio sorriso prepotente nos lábios enquanto Aurora parece assustada.

— Bem, sr. Smith, você está aqui a mais tempo e sabe bem que não admito demonstração de afeto entre meus empregados no horário do expediente então se quiserem se pegar, que seja longe da minha casa.

Aurora arregala os olhos e abre a boca na tentativa de falar algo, mas sou mais rápido, dou as costas e saio sem esperar

explicações, depois do que vi não preciso ouvir mais nada. Vou em direção à minha garagem, pego meu Porsche preto e acelero, para longe dali.

Achei que Aurora fosse diferente, mas na primeira oportunidade já estava nos braços de outro.

Um sorriso amargo surge em meus lábios.

— É uma maldita como todas as outras. — Aperto o volante até os nós dos dedos ficarem brancos e acelero mais não vendo nada ao meu redor.

CAPÍTULO 18

Inferno. Hoje está um dia de cão.

Cheguei cedo à empresa, pois não suportava um segundo mais em minha casa. Ontem depois que vi aquela cena deplorável me dirigi ao bar mais próximo e enchi a cara.

Agora estou aqui, com uma puta enxaqueca depois de demitir dois incompetentes que me fizeram perder alguns milhares de dólares, e para completar, não tiro aquela maldita da minha cabeça.

Esfrego as têmporas na esperança de que a dor lancinante se esvaia, é quando ouço uma discussão do lado de fora da minha sala, seguido da abertura brusca da porta.

— Mas senhorita...

— Cala a boca, morta de fome, eu disse que ia entrar e...

— MAS O QUE SIGNIFICA ISSO? — Soco minha mesa enquanto levanto com ódio.

— Se-senhor, eu dis-disse à senhorita que ela não podia entrar, mas...

— Mas eu entrei, Sebastian, e não saio daqui até conversarmos.
— Tamara cruza os braços e me olha desafiadora.

Putá merda. Agora mais essa pra acabar de foder com meu dia.

Eu sei que se não falar com essa víbora ela não vai me deixar em paz, por isso resolvo me livrar o quanto antes dela.

— Sai, Marta, e nos deixe a sós. — Vejo um sorriso se abrir no canto dos lábios de Tamara.

— Traga um chá adoçado com mel para mim, por favor.

— Não traga nada, Marta, a srta. Carter não vai ficar tempo suficiente para tomar chá. — Marta assente e sai nervosa, volto para minha mesa me largando na cadeira e olhando para Tamara com cara

de tédio.

— Desembucha, Tamara. O que você quer? — pergunto impaciente e ela me olha como se me avaliasse, e por fim fala:

— Você está horrível, querido. — A ignoro e ela vem para trás da minha cadeira e inicia uma massagem, suas mãos sobre mim não me agradam, mas não faço esforço para tirá-las do lugar.

— O que você quer, Tamara? — falo novamente com voz de tédio.

— Nada demais. Não posso mais visitá-lo? Aliás, que tal jantarmos juntos essa noite?

— Não — falo curto e seco, e a sinto ficar tensa, provavelmente me fulminando pelas costas.

— Tudo bem. Mas se quer saber minha opinião.

— Não, Tamara, eu não quero saber sua opinião. — A corto.

— Mesmo assim, vou dá-la.

Oh, mulherzinha irritante, essa cobra não sabe a hora de parar.

— Pelo o que soube você anda tendo problemas com seus funcionários, e sinceramente acho que você está amolecendo, Bash, se tornando alguém fraco, basta ver como aquela pirralha remelenta te manipulou ontem com duas lágrimas.

— JÁ CHEGA, TAMARA! — Levanto rapidamente e a encaro. — Você não é ninguém para opinar sobre minha vida, meus empregados ou minha casa. Faça o favor a si mesma e tenha mais dignidade. Pare de correr atrás de mim e entenda de uma vez por todas que eu não vou ser o idiota que vai casar com uma cobra ambiciosa como você.

— Ora, seu bastar... — Antes que ela desfira um tapa em meu rosto, seguro seu pulso e o puxo fazendo seu rosto ficar a centímetros do meu.

— Nem tente, Tamara, ou você vai se arrepender. — Ela puxa o pulso do meu aperto e dispara.

— Você que irá se arrepender amargamente dessas palavras. Escreve o que te digo, Sebastian, você ainda vai rastejar aos meus pés. — Sem que possa me controlar uma gargalhada histérica sai dos meus lábios e quando finalmente tomo um fôlego, falo:

— Quando acho que você não pode ser mais ridícula, você consegue se superar, Tamara. — Volto a rir.

— Desgraçado! Se você não for meu, Sebastian, não será de ninguém.

— O que é isso? Uma ameaça? — Abro os braços em tom de zombaria. — Meu Deus, estou tremendo de medo. — Gargalho.

— Não, seu imbecil, não estou ameaçando, estou afirmando um fato óbvio, afinal quem além de mim suportaria um troglodita, odioso e asqueroso como você? Você pode ter um rosto bonito, Sebastian, mas por dentro é podre, e por isso nenhuma mulher nunca — Ela se aproxima de mim e a encaro, sério. — Nunca será capaz de te amar, suportar talvez, e é o que estou disposta a fazer, mas te amar? Gente como nós jamais saberá o que é isso, querido. Ódio, ambição, ganância, mas amor? Isso é para os fracos e pobres. Então fica a dica. Você sabe onde me encontrar — dizendo isso ela sai.

Fico encarando a porta por onde ela saiu até que saio do meu transe, vou até a adega e viro uma garrafa de uísque em meus lábios. O líquido desce rasgando, mas não me importa.

Tamara acabou de me lembrar algo muito importante, alguém como eu nunca será amado, um verme, um estuprador desgraçado.

Esse último pensamento faz com que toda a frustração acumulada ao longo das últimas horas exploda. Em um ataque de fúria saio quebrando tudo ao meu redor e em algum momento minha secretária entra na sala e isso me deixa puto.

— SAI DAQUI! SAI, MALDITA! — A mulher sai correndo como se tivesse visto o próprio diabo, mas eu não me importo.

Depois de pôr tudo abaixo, ofegante, apoio a testa na janela de vidro que vai do teto ao chão, observo o trânsito lá embaixo, imagino que a essa hora todos já estejam em suas casas felizes com suas famílias enquanto eu *estarei eternamente condenado a solidão.*

CAPÍTULO 19

Finalmente paro meu Porsche em frente à mansão, olho para dentro e tudo parece normalmente calmo.

Onde será que elas estão?

A pergunta surge em minha cabeça inevitavelmente.

Durante os dias anteriores sempre que chegava em casa era recebido por Lisbella e alguma travessura sua, ou esbarrava com Aurora e recebia um sorriso seu que fazia meu coração se aquecer. Instantaneamente a lembrança dela nos braços de David me vem à mente, a forma como sorriam juntos, a cumplicidade, como ele a segurava.

— Maldita! — Soco o volante e olho para casa. — E eu achando que ela pudesse ser diferente. — Bufo e saio do carro e rumo para a mansão, entro e não vejo ninguém.

Ótimo, não quero ver a cara de nenhum incompetente no momento.

Sigo para meu escritório, mas quando me aproximo da porta e estou prestes a entrar em meu refúgio, ouço a voz que faz meu coração estremecer.

— Bashinho, *ocê couou*. — Eu me sinto congelar.

Não vou olhar para trás, não vou conseguir olhá-la.

E como um lembrete as palavras que Tamara disse mais cedo me atingem como um soco.

"Sinceramente acho que você está amolecendo, Bash, se tornando alguém fraco. Basta ver como aquela pirralha remelenta te manipulou ontem com duas lágrimas"

Meu sangue ferve e imagens de Aurora nos braços de David me atingem como socos, fazendo minha cabeça latejar, sinto de repente o abraço de Lisbella em minhas pernas e em um ato impulsivo, retiro

com brusquidão seus bracinhos de mim, seguro-os, olho em seus olhos cinza e esbravejo:

— O que você faz aqui, pirralha? Volta para a cozinha e nunca mais cruza meu caminho, ouviu? — A sacolejo de leve e falo entre dentes. — Volta para a cozinha, porque lá é o lugar da filha da empregada.

Vejo o olhar magoado e a primeira lágrima escorrer silenciosa, junto com seu pequeno queixo que treme parecendo querer sustentar a torrente de lágrimas que virá, e sinto meu peito ser rasgado ao tomar consciência da brutalidade das minhas palavras.

— Lisbella! — Aurora grita e ergo meu olhar vendo ela e Célia me encarando.

Não sei qual o olhar traz mais decepção e dor, sinto Lisbella tremer em minhas mãos e quando olho para baixo, lágrimas grossas seguidas de um choro sofrido irrompem dos seus lábios. A menina é puxada dos meus braços e tenho meu peito empurrado, me fazendo dar um passo para trás para me equilibrar.

— NUNCA MAIS CHEGA PERTO DA MINHA FILHA, SEU MONSTRO!

Aurora agora derrama suas primeiras lágrimas que ela tenta enxugar ferozmente enquanto segura Lisbella e tenta acalotá-la.

— E não se preocupe, a partir de hoje minha filha vai ficar no lugar dela, mas eu juro, sr. Di Maccio, vou pagar até o último centavo que lhe devo com meu trabalho e depois disso espero nunca mais olhar na cara de um ser tão asqueroso quanto o senhor!

Dizendo isso ela sai correndo com Lisbella que chora copiosamente em seus braços. Fico parado vendo-as sumirem e quando finalmente olho para Célia, que se encontra no mesmo lugar me encarando, sinto meu peito afundar. Seu olhar é uma mistura de dor e decepção, mas ela não diz nada, apenas vira e segue para onde Aurora e Lisbella foram. Engolindo o nó em minha garganta, entro no escritório, sentindo um vazio e uma dor tão profundos que não consigo explicar, o choro de Lisbella ecoa em meus ouvidos, seu rostinho banhado em lágrimas não sai da minha mente.

Jogo-me em minha cadeira, puxo minha gravata, passo a mão no rosto e bagunço meus cabelos sentindo meus olhos arderem.

Porra, o que eu fiz? Como eu fui capaz? Era Lisbella, porra!

A dor que sinto no peito é tão excruciante que parece que vou sufocar. Sinto-me o pior dos monstros.

Uma lágrima teimosa foge e enxugo meus olhos ao passo que tenho a mente inundada por lembranças de todos os momentos que vivi até aqui com Lisbella, como sua presença encheu minha vida de

alegria e minha casa de cor, de como passei a sorrir mais e a me sentir mais leve e feliz a maior parte do tempo, e agora eu temo ter destruído tudo isso. Eu não tinha o direito de machucá-la, não ela, minha linda bonequinha.

Não sei quanto tempo permaneço aqui, mas desperto dos meus devaneios quando sinto uma fresta de sol tocar meu rosto e só então percebo que o dia já amanheceu.

Ouçoo duas batidas na porta.

— Entre — respondo piscando e tentando me concentrar no momento presente.

Célia passa pela porta vindo até mim, não há sorriso em seus lábios, sua aparência é cansada, com olheiras visíveis como se não tivesse dormido à noite, ela não me olha nos olhos, apenas deposita a bandeja com café em minha frente e me encara, mas seu olhar está longe de ser doce e carinhoso como sempre, agora ele é frio e indiferente, e isso me causa um arrepio.

— O senhor deseja algo mais?

Putá merda.

Nunca nos meus 34 anos de idade Célia me chamou de *senhor*, então não preciso ser gênio para saber que ela está muito puta comigo.

Sinto minhas mãos tremerem de ansiedade como um garotinho assustado que aprontou e está prestes a ser repreendido, por isso tomo uma respiração e decido testar o terreno.

— Célia — Sinto minha garganta apertar. — Po-por que você está agindo assim?

— Assim como, senhor? — Seu tom é frio e impessoal, e isso me deixa ainda mais nervoso, me levanto apressado e vou em sua direção, seguro em seus braços de forma delicada para que ela possa me encarar.

— Célia, olha, eu sei que... — Começo nervoso, mas ela me corta.

— Sabe? — Finalmente ela explode. — Sabe, Sebastian? Você não tem noção do que fez! Eu sempre relevei seu mau humor, você tratar todos ao seu redor mal, seus atos impensados. Sempre soube compreender seus rompantes de raiva, sempre estive ao seu lado para tudo e te amei como uma mãe ama a um filho. Mas dessa vez, Sebastian, você passou de todos os limites. Dizer o que você disse a Lisbella? Aquilo foi de uma crueldade imperdoável.

— Célia.

— JÁ CHEGA, SEBASTIAN DI MACCIO. CHEGA! Eu achei que aí — ela aponta para meu peito —, em algum lugar aí dentro ainda

havia algo do menino bondoso e amável que eu criei, mas agora percebo que não. Que aquele menino morreu junto com aquela mulher maldita e aquele ser asqueroso que você um dia chamou de pai. Quer descontar seu ódio do mundo? Faça em alguém do seu tamanho. Mas a Lisbella, Sebastian? A Lisbella é um bebê.

— Célia, eu não sei o que me deu?! Eu não queria ter feito aquilo.

— Mas fez, Sebastian. E o que está feito, feito está. Você não tem limites e nunca dosa as consequências dos seus atos.

— Consequências? — questiono confuso e ela solta um riso sem humor.

— É Sebastian, consequências! Graças à sua maldade, Lisbella passou a noite inteira com febre emocional chamando por você. — Sinto como se tivessem enfiado uma adaga em meu peito, mas nem tenho tempo de reação porque ela continua — Inexplicavelmente aquela criança te ama e muito, pude ver isso essa noite, mas como sempre tudo o que você toca você destrói. — Ouvir Célia falar assim é o pior dos golpes. — Agora se você me dá licença, vou voltar para o meu lugar, a cozinha, que é o local das empregadas.

— Célia.

— E mais uma coisa, sr. Di Maccio, desconte do meu salário também o que Aurora lhe deve por aquele vaso horroroso. — Porra eu nem lembrava mais daquele maldito vaso. — E quando a dívida for inteiramente paga, sairei desta casa junto com ela e com Lisbella. — Dito isso vejo ela se afastar até que fecha a porta com um baque, me fazendo sobressaltar.

— Ótimo! Acabei de perder a Célia também.

Mas o pensamento de que minha pequena Lisbella passou a noite com febre emocional por minha culpa, me atinge fazendo um buraco ainda maior se abrir em meu peito.

Deus, que espécie de monstro me tornei?

As palavras de Célia rondam minha mente “*Tudo que você toca você destrói!*”. Sem controle minha mente me leva para o anjo da boate e sinto uma lágrima escapar pela minha bochecha.

Até quanto eu serei essa erva daninha? Até quando farei mal a quem só quer me fazer bem?

Minha vontade é de ir até Aurora, Célia, e principalmente à minha Lis, pedir perdão pelas merdas que disse, mas não tenho coragem, me sinto absurdamente envergonhado, eu ultrapassei todos os limites do perdoável.

Bufo, Sebastian Di Maccio, o homem que nunca se dobra agora está se segurando para não sair correndo e pedir perdão de joelhos

àquelas três.

Foda-se, eu preciso do perdão delas.

No final das contas só tenho uma certeza, preciso encontrar um jeito de consertar o meu erro. Respiro fundo e resolvo tomar um banho enquanto penso no que vou fazer para ser perdoado por aquelas três.

Saio do escritório e o silêncio da casa é angustiante, subo as escadas e sigo para o meu quarto, ao chegar na porta estanco colocando a mão no peito sentindo um aperto sufocante me deixar tonto, me apoio nela respirando com dificuldade, sentindo todos os pelos do meu corpo se arrepiarem e meus instintos ficarem em alerta. Entro no quarto e observo tudo ao meu redor, aparentemente não há nada de errado.

Confie nos seus instintos, irmãozinho.

Respiro fundo e calo a minha mente, e é quando o latido insistente dos meus cachorros me chama atenção.

Aproximo-me da janela e abro a cortina, a princípio a luz incomoda minha visão, por isso pisco algumas vezes até me acostumar com a claridade, então como ímã meu olhar vai para baixo, onde vejo Brutus e Fera latindo extremamente agitados ao redor da piscina, não entendo sua atitude até que fixo meus olhos em um ponto escuro que parece se debater e sinto minha alma gelar.

— Lisbella! — O pensamento é instantâneo e quando dou por mim, estou correndo pelos corredores — LISBELA — Desço as escadas como um louco e antes de alcançar os últimos degraus salto o corrimão correndo em direção à cozinha, já que ali é o caminho mais rápido para a área da piscina, vejo Célia vir em minha direção.

— O QUE É ISSO, SEBAS... — Passo por ela e entro na cozinha, quando Aurora me olha assustada, paro um segundo e pergunto na esperança de estar errado:

— ONDE ESTÁ LISBELLA? — Aurora me olha parecendo confusa, já que sua boca abre e fecha algumas vezes, e sem esperar sua resposta continuo seguindo apressado para a área da piscina, o que a faz acompanhar meus passos.

— O que está acontec.. — ela pergunta confusa tentando acompanhar meus passos.

— ONDE ELA ESTÁ? — a corto sentindo meu peito arder.

— NO JAR... — Antes que ela termine a frase volto a correr como se minha vida dependesse disso.

E depende!

Ouçó os latidos desesperados dos meus cachorros e assim que me aproximo da piscina me jogo nela, onde já consigo ver Lisbella

quase no fundo, o desespero toma conta de mim e nado com todas as minhas forças, quando finalmente a alcanço, nado de volta a superfície e quando emergo sinto o ar invadir meus pulmões e começo a ouvir os gritos de desespero de todos. Já na borda entrego Lisbella para David que segura a menina desfalecida, saio da água e tomo-a em meus braços.

— Filha, minha filha, meu Deus. Fala comigo, meu amor. — Aurora bate no rosto de Lisbella, mas a menina não reage. Coloco Lisbella na borda da piscina e abro sua boca e sopro ar fortemente para dentro iniciando massagens cardíacas, Aurora está ao meu lado chorando copiosamente. — Meu Deus, ela não reage, Sebastian — fala desesperada.

— Ela vai reagir, ela tem que reagir — falo para tranquilizá-la, mas estou começando a me desesperar também, Lisbella não reage, seus lábios estão roxos e os sinais vitais muito fracos.

Deus, eu sei que há muito deixei de acreditar em você, mas se você existe mesmo não me tira minha pequena, por favor!

— Vamos, bonequinha. Vamos, reaja.

— Já acionei a ambulância. — Manfred fala, mas não presto atenção.

— Vamos, princesa — falo continuando as compressões e respiração boca a boca.

— Lis, volta para a mamãe, filha. — Aurora chora desesperada.

Estou quase entrando em desespero com sua falta de reação, mas me obrigo a continuar focado em trazê-la de volta.

— Vamos, Lisbella, você não pode me deixar — falo sentindo as lágrimas embaçando meus olhos.

— Vamos, filha, reage — Aurora implora enquanto continuo a soprar ar dentro da boca de Lis.

— Vamos, vamos, Deus, por favor. Vamos, Lisbella. Meu Deus, por favor, por favor! POR FAVOR, DEUS! — grito desesperado, no exato momento Lisbella reage colocando uma grande quantidade de água para fora, tossindo vigorosamente.

Ouçoo os gritos de alívio e agradecimentos a Deus, enquanto sento na borda da piscina sentindo um enorme peso sair do meu peito, me deixando quase letárgico, passo as mãos nos cabelos em sinal de alívio, olho para o céu e agradeço.

Obrigado, Deus, obrigado por trazê-la de volta pra mim.

Observo Aurora agarrar a filha e beijá-la desesperadamente, a cena faz meu coração apertar, meus olhos se encontram com os de Lisbella e ficamos assim, presos um no olhar do outro, até que ouço sua vozinha e tenho a sensação que meu peito foi atingido por um

tiro.

— Papai? — ela fala baixinho e estende a mão me chamando, olho para sua mãozinha e para seus olhos e me dou conta que é a mim que ela chama de *papai*?

Não consigo descrever a sensação que sinto agora, é tudo tão confuso e intenso que não sei como reagir, sinto o olhar de espanto de Aurora sobre mim, mas ao olhar pra Lis e ver que sua mãozinha ainda está estendida em minha direção, ignoro a pressão em meu peito e me aproximo.

— Estou aqui, pequena, para sempre estarei aqui. — É verdade, por ela estarei sempre aqui. Beijo sua mãozinha pequena e gelada, sentindo o olhar de todos sobre nós.

De repente o barulho da sirene de ambulância enche o lugar e logo o jardim é invadido pelos paramédicos que colocam Lisbella em uma maca e fazem as primeiras verificações, me afasto um pouco para permitir que os paramédicos façam seu trabalho. Lis começa a chorar assustada, e sinto meu coração apertar, Aurora tenta acalmá-la, mas ela fica cada vez mais agitada e quando a ouço *me chamar*, não me contendo e vou para o seu lado.

— Papai

— Tô aqui, princesinha. — respondo no automático, sem pensar muito nas implicações dessa palavra. Seguro sua mãozinha e seu chorinho começa a diminuir.

— Quem vai na ambulância com ela? — pergunta a paramédica.

— Nós dois — falo enfático me referindo a mim e a Aurora que não questiona.

— Tudo bem, venham — a paramédica assente.

Ajudo Aurora a subir na ambulância e subo atrás dela, ficamos juntos, lado a lado, ela segura a mão de Lis e fala coisas carinhosas para que ela não se assuste com os procedimentos médicos.

— Vou precisar tirar a roupinha dela — A paramédica sinaliza com uma tesoura na mão. — A distraiam enquanto corto as roupas molhadas, certo?

— Sim, doutora. — Olho para minha pequena que tem os olhinhos fixos em mim. — Ei, minha bonequinha, que aventura, hein? — Beijo sua mãozinha. — Mas poxa, podia pegar leve, você me deu o maior sustão. — Bato a mão no peito dramaticamente e Lis ri, fazendo todos nós rirmos juntos.

A doutora sorri e começa a cortar a blusa do pijama de Lis, retirando-a e depois repete o mesmo processo com a calça, deixando a pequena apenas de calcinha, olho para Lis para me certificar que não

há nenhum machucado em seu corpinho, começo pelo rostinho, descendo pelo tronco até as perninhas, e é nesse momento que sinto meu corpo gelar e meu sorriso morrer nos lábios ao fixar meu olhar na coxa esquerda de Lisbella.

Engulo em seco.

Não, não. Isso. Essa marca.

Imagens do presente e do passado se misturam.

"Moleque desgraçado. Eu vou te matar."

"Essa marca, seu infeliz, só prova de que escória você foi gerado"

"Bastardo desgraçado, ainda vem marcado para zombar de mim!"

Lembrança das vezes que fui espancado pela mesma marca que agora vejo na coxa de Lisbella me faz sentir como se o chão faltasse em baixo dos meus pés.

Mas como? Como isso é possível? Essa marca, essa marca é...

Então como ímãs, meus olhos vão para Aurora.

A pele morena, Lisbella é branquinha.

O cabelo castanho, Lisbella tem os cabelos negros.

Aurora tem os olhos escuros, Lisbella tem os olhos azuis acinzentados.

Aurora.

Flashes da garota da boate me vem à mente.

Seu sorriso.

Aurora sorri para Lisbella.

Seu jeito de pôr o cabelo atrás da orelha.

Ela faz isso nesse exato momento.

A doçura no modo de falar.

Não, não, não, não pode ser, Deus. Isso só pode ser alguma coincidência bizarra, não pode ser, Aurora não pode ser ela!

Lembro que durante nosso passeio ao parque sempre que perguntava sobre o pai de Lisbella ela se desviava do assunto.

— Chegamos — ouço a médica falar ao longe.

— Sebastian. — Aurora toca minha mão, olho para o gesto e depois para seu rosto e sinto que estou tendo um *dêja vú*.

Era ela. Foi ela.

Deus, estou ficando maluco. Não pode ter sido ela, pode?

— Sebastian, você está bem? — ela fala agora visivelmente preocupada, enquanto encaro seu rosto como se tivesse vendo uma assombração, pisco algumas vezes e só então me lembro de Lisbella.

— Si-Sim. Eu... Éhhh vou descer. — Desço da ambulância e

fico ao lado da maca que é encaminhada para dentro do hospital.

Olho para Lisbella, procurando algo que possa me dizer que estou louco e que tudo não passa de alucinação da minha cabeça, mas a cada detalhe dela a certeza parece gritar na minha cara.

Seus olhos são como os meus, a cor da pele, o cabelo, o sorriso, a forma como ela acabou de tirar o cabelinho da testa. Puta merda! Isso é loucura! Não pode ser real.

— Bem, daqui em diante só um poderá acompanhar a menina — a enfermeira fala.

— Sebastian, eu vou, tudo bem? — Olho para Aurora, perdido, e apenas assinto.

— Cla-claro. Aurora. Vai, vai sim, e-eu vou ficar aqui esperando notícias.

— Certo. — Ela assente e sai junto com Lis.

Quando elas somem por entre duas portas brancas, sento em uma das cadeiras, que graças a Deus estão próximas, pois não sinto mais minhas pernas.

Não pode ser! Isso é loucura!

Aquela garota não pode ter sido a Aurora e Lisbella, ela não pode ser mi-minha filha?!

Mas como não, se aquela marca desgraçada é uma característica única da descendência dos Di Maccio?! Além disso, tenho quase certeza que não usei preservativo naquela maldita noite na boate.

Mentalmente começo a fazer as contas desde o ocorrido na boate até hoje e as datas coincidem, me levanto como se a cadeira estivesse pegando fogo e começo a andar de um lado para o outro tendo a certeza que vou acabar fazendo um buraco no chão do hospital.

— Bash? O que você faz aqui?

Olho para quem fez a pergunta e tenho a certeza que encontrei a pessoa que vai me ajudar a descobrir de uma vez por todas a verdade.

— **Eduardo.** — Sinto um enorme alívio me invadir quando vejo meu amigo.

— Bash, o que você faz aqui, cara? E todo molhado? — Ele me avalia.

— Eduardo, Lisbella caiu na piscina... — falo rápido e ele me interrompe.

— O quê? Lisbella o quê? — Ele parece confuso.

— Isso mesmo, cara, Lis caiu na piscina, eu a vi por sorte, mais um pouco e teria acontecido uma tragédia. — Sinto um arrepio percorrer meu corpo e espanto o pensamento agourento da minha mente.

— Porra, e como ela está? — ele fala visivelmente preocupado.

— É exatamente isso que gostaria saber. A levaram lá para dentro e Aurora entrou junto, mas essa falta de notícias está me matando. — Ele assente.

— Cara, espera aqui um instante que eu vou até a ala pediátrica checar a situação de Lis e já volto pra te deixar a par.

— Certo cara, valeu. — Ele sai apressado e some por entre as portas brancas de vai e vem.

Olho para os lados e vejo uma placa indicando o banheiro, me dirijo até lá e por sorte está vazio, paro em frente ao espelho e miro meu reflexo, meus olhos cinza agora têm visíveis olheiras ao seu redor, minha barba está um pouco crescida, estou molhado, mas o frio que me incomoda não é o do corpo, e sim da alma. O brilho da corrente dourada em volta do meu pescoço me chama atenção, puxo o relicário delicado que Aurora me deu e abro-o, vendo a foto da minha princesa com apenas 1 mês de vida, olho para o meu reflexo e para a foto novamente.

— Algo tão perfeito e puro não pode ter saído de um monstro como eu. Isso é loucura, a marca, seus olhos, sua aparência, tudo não passa de uma coincidência. Lisbella não pode ser minha filha. — Fecho o relicário e me apoio na pia.

Deus, se for verdade ela é fruto de um ato monstruoso!

Não, isso é tudo um grande mal-entendido. Aquela garota não pode ser Aurora!

Respiro fundo.

— Calma Sebastian, uma coisa de cada vez, agora o mais importante é a saúde de Lisbella. Mas e se? E se por uma maldita brincadeira do destino aquela garota tiver sido Aurora e Lis for minha. — Passo a mão pelos cabelos, impaciente. — Preciso ter certeza ou vou enlouquecer. — Coloco novamente o relicário dentro da camisa e sigo para fora no exato momento que Eduardo volta.

— Ei, cara — ele fala

— E como ela está? — pergunto, ansioso.

— Graças a Deus bem. Ao que parece ela não teve nenhuma sequela, está respondendo bem aos reflexos e falando normalmente, nossa preocupação era que ela pudesse ter uma hipóxia, que é uma diminuição da taxa de oxigênio no cérebro, no sangue arterial ou de tecidos, mas os exames deram pouca alteração, ainda assim ela vai precisar passar a noite em observação, apenas por precaução.

— Graças a Deus! — Respiro aliviado. — Então posso vê-la? — Encaminho-me para o corredor de onde ele veio, mas sou impedido.

— Ainda não, estão finalizando os exames, mas acredito que daqui a meia hora já seja possível. Enquanto isso vou monitorá-la de perto. — Ouço vagamente o que Eduardo fala, pois no momento que ele diz que Lisbella está passando por *exames* uma ideia me ocorre. — Eu não sou pediatra, mas posso ajudar se necessário e...

— Eduardo, eu preciso sim da sua ajuda. — Ele me olha, espantado.

— Ops! Não gostei desse tom! É sinal que não vem coisa boa por aí.

— Preciso de um enorme favor seu, mas é algo que só pode ficar entre nós dois — falo sério.

— Sebastian, cara, você está me assustando.

Respiro fundo e sei que meu amigo vai me achar um louco, ele não sabe do que fiz no passado, na noite que tudo ocorreu na boate, Eduardo estava de plantão e nunca contei o que aconteceu a ninguém, nem mesmo a ele.

— Bash, o que você está pensan...

— Preciso que você faça um exame de paternidade entre mim e Lisbella.

— O QUÊ?

— XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, fala baixo! — o repreendo.

— Você tá louco, Sebastian? — ele fala em um sussurro esganiçado.

— Não, Eduardo, não estou louco — falo sério e enfático.

— Como não? Se você acaba de pedir pra fazer um exame de paternidade com uma garotinha que você conheceu há alguns meses. — Ele me olha como se realmente estivesse enlouquecido. — Cara, eu sei que você gosta da Lis, mas...

— Eduardo, eu sei o que estou te pedindo. — Olho no fundo dos seus olhos castanhos. — Você vai ou não me ajudar?

— Sebastian, esse procedimento precisa da autorização da Aurora.

— Aurora não pode saber, Eduardo — o corto.

— O quê? Cara, como assim? Se você for o pai, ela é a mãe e...

— Sim, sim, sim. Eduardo me escuta. Preciso que você confie em mim, juro que independente do resultado desse exame, vou te contar a verdade. — Baixo meu olhar porque não posso encarar meu amigo. — Eu só preciso que você faça o exame.

— Você sabe que eu posso perder minha licença médica caso isso seja descoberto, não sabe? — Ele me olha sério e eu aceno com a cabeça.

— Eu não pediria isso a mais ninguém, Colares. — Ele respira fundo, me olha e por fim fala:

— Daqui a pouco venho para te levar para coleta de sangue, irei providenciar agora a da Lisbella. — Respiro aliviado e a sombra de um sorriso aparece em meus lábios, mas Eduardo continua sério. — Espero saber a razão por trás desse pedido muito em breve, Di Maccio — dizendo isso ele sai.

Sei que quando chegar a hora terei que contar a verdade ao meu amigo e espero sinceramente possamos continuar nossa amizade. Estou imerso em meio a pensamentos quando ouço uma voz que aquece meu coração.

— Bash?!

— Célia. — Levanto-me e a abraço.

— Ela está bem, Bá, foi só um susto — falo segurando seu rosto e depositando um beijo em sua bochecha.

— Graças a Deus, menino. Eu posso vê-la? — Célia olha para trás.

— Ainda não, Eduardo disse que ela ainda está fazendo alguns exames, mas logo será possível.

— Ah, que bom! — ela fala aliviada. — Bem, agora só nos resta esperar. — ela fala distraída até que me olha mais atentamente. — Mas vejam só o seu estado, Bash!

— Tudo bem, Bá.

— Tudo bem, nada. Aqui, eu trouxe uma roupa para você — ela me entrega uma muda de roupas que tira de uma bolsa — e outra para Aurora também, e umas coisinhas para Lisbella porque imaginei que ela pudesse ficar internada.

— E acertou, Bá.

— Oh, não me diga?! — Ela fica alarmada.

— Calma, calma, ela vai ficar apenas em observação, mas amanhã já estará novamente em casa.

— Graças a Deus! Aquela casa sem Lisbella se torna uma tristeza só. — Baixo meus olhos.

Célia tem razão, desde que Lisbella e Aurora chegaram a casa tem vida e tudo ficou mais bonito depois delas.

— Em que você está pensando, Bash?

— Só que você tem razão, aquela casa não será a mesma sem elas.

— Filho.

— Vou trocar de roupa e já volto — falo saindo apressado, o pensamento de perder Lisbella e Aurora me sufoca e não quero imaginar nem por um segundo essa possibilidade.

Depois de trocar de roupa, retorno à recepção e vejo Eduardo conversando animadamente com Célia, noto que quando ele me vê sua expressão muda, mas de maneira quase imperceptível.

— Olha só, Bash, o Eduzinho veio avisar que já podemos ver a nossa Lis.

— Ah, que bom, então vamos. — Sinto que meu coração vai saltar pela boca de felicidade e ansiedade por ver a pequena.

— Bem, só pode entrar um de cada vez. — Eduardo me corta. — Então, Celinha, vai na frente e você vem comigo, Bash, precisamos resolver algumas coisas.

— Que coisas? — Célia pergunta, desconfiada, mas Eduardo trata logo de tranquilizá-la.

— Nada demais, Célia, só a parte burocrática da internação da Lis, não quero tirar Aurora de perto dela e sei que Sebastian pode resolver.

— Ah, claro! — ela fala convencida. — Então vão lá e não

demorem, aposto que Lis quer muito ver você, filho. — Ela toca meu rosto e sinto uma pontada em meu peito.

Será mesmo que ela quer me ver depois de tudo o que eu disse a ela?

E como se lesse meus pensamentos Célia fala:

— O coraçãozinho de Lisbella é puro, Bash, não há espaço para sentimentos ruins como a mágoa e o rancor. — Aceno com a cabeça e ela sorri, acolhedora. — Vou lá dar um beijo na minha princesinha. Até já, Edu.

— Até, Célia. — Ela sai e Eduardo me olha.

— O que ela quis dizer com aquilo? — Olho para o lado.

— Outra hora eu conto, Colares.

— Certo. Vamos logo colher sua amostra de sangue, a de Lis já foi colhida.

Seguimos para a sala de exames e todo procedimento é feito com agilidade, logo Eduardo me informa que o resultado sai em 2 dias. Depois do procedimento, sigo para o quarto de Lisbella, enquanto meu amigo tem que atender uma emergência.

Sinto minhas mãos suarem e acho que meu coração vai sair pela boca. Quando finalmente paro em frente à porta branca, respiro fundo e penso se devo ou não entrar.

Depois de tudo, será que Lisbella vai continuar gostando de mim e será que Aurora vai me perdoar?

Engulo o nó que se forma em minha garganta e devagar abro a porta.

O riso de Lisbella enche o quarto, quando entro noto Aurora e Célia de frente para ela que está agarrada a um coelhinho de pelúcia, até que ela me vê e para minha surpresa seu sorriso se amplia.

— Bashinho! — Acho que meu coração vai explodir de tanta felicidade.

Percebo que Aurora parece desconfortável, mas me dá espaço para que eu me aproxime de Lis, que me puxa para um beijo estalado que aquece meu coração. A partir desse momento não saio um só segundo do lado dela.

Depois de um tempo Célia vai embora e fico com Aurora para ajudar a cuidar de Lis. Durante a madrugada ela tem um pouco de febre e ficamos preocupados, mas logo ela é examinada e medicada, e a febre cede, então Aurora finalmente deixa o sono vencê-la e acaba dormindo no sofá.

Eu não consigo dormir, por isso fico em frente à janela assistindo o nascer do sol, em determinado momento olho para trás e fico hipnotizado com a imagem de Aurora dormindo no sofá, me aproximo dela devagar e me agacho. Observo seu semblante sereno, a pele morena e aveludada, os cabelos castanhos ondulados.

Ah, Aurora, não pode ter sido você.

Toco com carinho e delicadeza para não acordá-la.

Que não tenha sido você, Aurora, pois eu jamais poderei me perdoar.

Flashes da garota da boate me vêm à mente e retiro minha mão do rosto como se houvesse levado um choque, fico distraído em meio a uma confusão de pensamentos, até que ouço sua voz doce.

— Sr. de Di Maccio? — Olho para ela e por um instante vejo os olhos da garota na noite da boate. — *Tá tudo bem? Você está pálido.*

— Desperto do meu transe, me ergo e dou alguns passos para trás.

— Si-sim, e-eu estou bem. — Volto para a janela ficando de costas para ela.

— Te-tem certeza? — Sinto sua mão em meu ombro e o calor irradiar pelo meu corpo, fecho meus olhos e me deixo levar pela sensação de conforto que seu toque me causa, então me lembro dela e David juntos, o que me faz virar e ela se afasta, assustada.

— Por que David estava te agarrando? Vocês estão juntos? — Disparo assim, à queima roupa.

Porra, eu não posso ficar com essa dúvida, principalmente agora que agora que suspeito que ela pode ser a garota daquela noite.

Aurora me olha, assustada, pisca algumas vezes parecendo confusa, até que vejo-a fechar a cara, empinar o narizinho pequeno e cruzar os braços.

— Não que seja da sua conta, sr. Di Maccio, mas David não estava me *agarrando* — ela faz aspas com as mãos. — Ele apenas me livrou de cair de cara no chão, já que tropecei, e estávamos rindo porque ele brincou dizendo que tenho dois pés esquerdos, foi isso o que aconteceu antes de você chegar.

— Ah! — é tudo o que falo me sentindo um completo idiota.

Porra, Sebastian, você não acerta uma.

— E quanto à sua namorada? Espero que tenha se resolvido com ela — ela dispara e eu franzo o cenho, e só então me lembro de Tamara e respondo:

— Eu não tenho namorada, Aurora — falo sério e quando ela vai retrucar, Lis desperta.

— Mamãe? — Aurora vai até ela esquecendo nossa pequena discussão.

— A mamãe está aqui, meu amor. — Lis sorri para ela, então seus olhos encontram os meus e seu sorriso se amplia fazendo meu coração retumbar de ternura.

Após o café da manhã vamos brincar no parquinho do hospital onde Lisbella faz vários coleguinhas e volta e meia me chama de *papai*. Estaria mentindo se dissesse que essa palavrinha não tem mexido comigo. Nunca estive nos meus planos ser pai e agora estou aqui, olhando para essa pequena imaginando o que farei se minhas suspeitas se confirmarem?!

Notei também que Aurora pareceu desconfortável ao ouvir Lis me chamar de *papai*, finjo não me importar com sua reação e foco na pequena, deixando de lado as suspeitas e preocupações.

No início da tarde a médica examina Lis e finalmente libera a alta, assim voltamos para casa em um clima ameno, mas por dentro sou

pura confusão.

Como será daqui para frente? Será que Aurora vai me perdoar pelo que disse à Lis? E o resultado do exame? Quando sair, como vai ser se der positivo ou negativo?

Minha cabeça está a mil e só sou tirado dos meus pensamentos ao ouvir o grito dos meus empregados de “SURPRESA”, eles fizeram uma festa de boas-vindas para Lis que agora está contente, de braço em braço.

No final da comemoração ajudo Aurora a levar a bonequinha para o quarto, me despeço delas e vou para o meu escritório me refugiar. Minha mente está tão cheia de dúvidas e medos, que chegam a me sufocar.

— Inferno! — Soco minha mesa. — Odeio me sentir impotente diante de uma situação.

Esfrego minhas mãos no rosto, cansado, sentindo a cabeça latejar, é quando ouço uma batida na porta.

Suspiro e murmuro um “entre”, imagino ser Célia, mas para minha total surpresa é Aurora, que vem linda em minha direção, observo o vestido rodado na altura do joelho que lhe dá um ar todo delicado e os cabelos longos soltos.

Pisco me sentindo hipnotizado, só então lembro de Lis e levanto espantado.

— Aurora, aconteceu algo com a Lis? — pergunto nervoso, já pronto para irmos para o hospital novamente.

— Não, não, sr. Di Maccio, Lis está dormindo como um anjinho — respiro aliviado, mas logo olho para ela franzindo o cenho.

— Então o que você faz aqui, Aurora? Já deveria estar dormindo, você mal dormiu a noite passada. — Ela sorri de leve e me responde:

— Eu pelo menos descansei, o senhor passou a noite inteira em claro. — Sorrio e coço a cabeça.

— Realmente não consegui pregar o olho — confirmo, então um silêncio incômodo se instala entre nós e Aurora é a primeira a quebrá-lo.

— Eu gostaria de agradece-lo senhor Di Maccio por ter salvado Lisbella. Se o senhor não a tivesse visto na piscina eu nem sei. — A voz dela quebra e me aproxima.

— Ei, não há nada para agradecer. E não pensa mais nisso, o que importa é que ela está conosco sã e salva. — Ela balança a cabeça e uma lágrima desce pela sua bochecha e imediatamente seco e a puxo para meus braços, desejando protegê-la de tudo. Inalo o cheiro de jasmim de seus cabelos e percebo que tê-la assim me dá uma sensação

de paz, conforto e *lar*, coisa que nunca senti isso antes.

Fecho meus olhos me deixando envolver pelo seu cheiro e o calor do seu corpo.

— Sou eu que preciso te pedir perdão, Aurora, se eu não tivesse dito aquelas monstruosidades talvez nada disso tivesse ocorrido. — Ela ergue a cabeça e me olha nos olhos.

— Realmente, sr. Di Maccio, as coisas que você disse foram cruéis. — Desvio meu olhar do seu me sentindo extremamente envergonhado. — Mas você salvou a vida da minha filha, você cuidou dela, não saiu um só segundo do seu lado. Lisbella ama você, sr. Di Maccio, e se você está arrependido, quem sou eu para não perdoar se até Lis já o fez? — Ela sorri de forma meiga para mim e sinto meu coração aquecer, mas noto que seu olhar vai para um ponto em meu peito, quando olho, vejo que ela observa o relicário com a foto de Lisbella, toco-o e falo:

— Foi o presente mais lindo que já ganhei. — Ela me encara por alguns instantes, se afasta um pouco e fala:

— Lisbella nunca havia chamado ninguém de papai. — Fico surpreso com a informação. — Nem mesmo Gabi, ela sempre o chamou de tio.

— Gabi? — Só então lembro que no dia que fomos à pracinha ela falou do melhor amigo que a acolheu quando ela mais precisou.

— Sim, meu melhor amigo, acho que lhe falei dele. — Assinto e sem que possa me conter, pergunto o que vem me incomodando há tempos:

— E onde está o pai de Lisbella, Aurora? — Posso ver em seus olhos o pavor.

— Is-isso não importa, sr. Di Maccio — responde tentando se afastar mais, mas eu a seguro.

— Para mim importa — falo olhando em seus olhos.

— Não me leve a mal, sr. Di Maccio, mas esse assunto não é da sua conta — diz enfática, mas não me dou por vencido.

— É aí onde você se engana, tudo o que diz respeito a você e a Lisbella é da minha conta sim. — Sua expressão agora é de puro choque.

— Ora, faça-me o favor. — Ela tenta se afastar e novamente a seguro, estou decidido a saber a verdade, e ela não sairá daqui até falar, por isso resolvo jogar com ela.

— O que há, Aurora? Ele te abandonou grávida, te trocou por outra e você ainda está magoada, ou...

— Lisbella é fruto de um estupro — ela fala com a voz embargada e a solto como se houvesse levado um choque, preciso me

apoiar na mesa para não cair.

Aurora se afasta de mim e não parece perceber meu estado, ela vai até a janela e de onde estou posso ver seus ombros tremerem e ouço seus soluços enquanto chora, ela não me olha, mas ainda assim começa a falar.

— Era a minha primeira vez em uma boate, fomos a Mystery Night, Gabi estava eufórico, ele havia ganhado as entradas de uma amiga, eu não queria ir, mas ele insistiu tanto que acabei cedendo. Depois de um tempo que havíamos chegado, ele começou a paquerar com um carinha e foi aí que eu fiquei sozinha, o deixei para que ele pudesse conhecer melhor o rapaz, só não podia imaginar o que iria acontecer. — Encontro-me estático, sentindo meu coração afundar e o chão se abrir embaixo dos meus pés a cada palavra dita por ela. — Eu não me lembro de muita coisa, o homem me drogou, me levou até a escada de emergência e abusou de mim, não me lembro do seu rosto, nem seu nome, mas a sensação das mãos nojentas dele em mim ainda está viva em minha mente. — Ela vira para mim e vejo as lágrimas banharem seu rosto. — No dia seguinte acordei no hospital e me contaram o que aconteceu, fiquei tão destruída que acabei entrando em depressão e fiquei assim durante um mês, até que decidi que tinha que seguir em frente e graças a Deus e a ajuda dos meus amigos eu consegui. Mas — Ela sorri, triste. — Três meses depois uma nova bomba caía na minha cabeça. Não bastava ter sido estuprada — ela fala com os dentes trincados —, não bastava ele ter tirado meu primeiro beijo e minha virgindade de maneira tão suja, advinha? Eu descobri que estava esperando um bebê. — Ela se cala e seus ombros tremem pelo choro que ela tenta controlar.

Eu quero fugir. Não quero ouvir mais nada. Quero acordar e ver que isso não passa de mais um maldito pesadelo.

Mas em vez disso me vejo perguntando:

— Você não pensou em tirar o bebê? — Minha voz sai rouca e quase inaudível. — Aurora ergue o olhar e com um sorriso triste me responde:

— Nem por um segundo eu pensei em tirar a vida da minha filha. Ela não teve culpa de nada, ela não tem culpa do pai ser um monstro, ela não pediu para vir ao mundo. Eu cresci sem pai e sem mãe, sr. Di Maccio, e jurei para mim mesma que no dia que tivesse um filho iria amá-lo e protegê-lo com toda a minha vida. Lisbella não foi concebida como sonhei, em um casamento, em um ato de amor, com alguém que eu amava, mas ela veio, e hoje minha filha é a razão da minha vida, ela é tudo para mim e não me arrependo um só segundo por tê-la tido. — Não consigo olhar para Aurora, não tenho coragem de encará-la, sinto vergonha de mim, nojo, me sinto sujo, imundo, um

monstro como ela mesmo disse. E se eu tinha alguma dúvida sobre aquela noite ela acabou nesse exato momento.

Aurora foi a garota que abusei, e Lisbella... Lisbella é minha filha.

Seguro-me com mais força na mesa até os nós dos meus dedos ficarem brancos.

— Sr. Di Maccio, você está bem? — Ela tenta se aproximar de mim e ergo a mão para que ela não se aproxime mais, eu não me sinto digno de tocá-la.

— Aurora, você pode me deixar sozinho, por favor? — falo de cabeça baixa.

— Mas...

— Por favor, Aurora. E-eu só preciso ficar sozinho. — Sei que ela está confusa, mas não me sinto digno de estar perto dela.

— Tudo bem. qualquer coisa é só chamar — Percebo que minha atitude a magoa, mas eu não consigo evitar, preciso que ela se afaste ou do contrário irei sucumbir à sua frente e ela não merece continuar no mesmo ambiente que o monstro que tirou tanto dela.

Deus, como queria voltar a trás e mudar aquele maldito dia!

Ouçõ seus passos se afastarem, em seguida a batida da porta sinalizando que Aurora havia saído, ergo meu olhar e encaro a porta, meu corpo está letárgico e sinto o peso das minhas pernas ceder, me fazendo sentar no chão e escorar na mesa.

— Eu abusei de Aurora e Lisbella é minha filha. — Coloco as mãos na cabeça que parece que irá explodir.

Não há qualquer indício de reação do meu corpo, meu cérebro travou e acho que estou em choque, apenas encarando o vazio, não sei quanto tempo permaneço assim, apenas ouço ao longe batidas na porta do escritório e acho que ela é aberta, mas não olho para saber quem está entrando.

— Bash? — Ouço a voz de Eduardo, mas não consigo encará-lo. — Cara, o que houve? — Ele bate no meu rosto algumas vezes. — Porra, você tá gelado. Reage, Sebastian, ou vou ter que chamar uma ambulância para você. — Ouço vagamente o que meu amigo fala, mas não consigo reagir, sinto minha mente nublada e as palavras de Aurora continuam a girar em minha cabeça, até que ele fala algo que me chama atenção. — Cara, eu trouxe o resultado do teste de DNA.

Só então minha mente desperta vagamente. *O teste que fiz entre mim e Lisbella.* Pisco algumas vezes e então me ergo depressa, quase derrubando Eduardo.

— Ei, cara!

Sinto todos os meus músculos doerem e tudo rodar ao meu redor e preciso me apoiar na mesa para não cair e Eduardo me ajuda.

— Cara, me deixa te examinar?! — Sinto Eduardo se aproximar e falo:

— Estou bem.

— Cara você está estranho, está pálido, gelado e quando cheguei aqui parecia em choque.

Pisco algumas vezes e me sentindo mais equilibrado, me afasto do meu amigo e vou em direção à janela panorâmica do meu escritório que me dá vista para o jardim.

— Está tudo bem, de verdade eu só preciso, descansar talvez. — Nem eu sei o que preciso, sumir, morrer, reparar um erro monstruoso. Caralho, por onde começo?

— Tudo bem, se você não quer ser examinado. — Meu amigo suspira se dando por vencido. — Bem eu trouxe o resultado do exame.

— Eu não preciso de resultado algum, Eduardo, eu já sei o que tem aí. — Coloco minhas mãos em meus bolsos.

— Éh, Einstein, e o que...

— Lisbella é minha filha — falo sem paciência para brincadeiras.

— Bash, cara, eu sei que você gosta...

— Abra o exame e veja por si mesmo, Eduardo. — Viro para ele e o encaro.

Ele me olha sério e então encara o envelope que tem nas mãos, abre e lê o resultado em silêncio, até que me olha novamente espantado.

— Positivo?! — Viro para a janela e vejo Lisbella ir em direção a Fera. Um sorriso brinca em meus lábios e sinto meu coração aquecer, *minha filha*.

— Sua filha? Lisbella é sua filha, mas como? Você já conhecia Aurora? Como ela veio trabalhar na sua casa? Ela te contou sobre sua paternidade?

— Eu abusei da Aurora 4 anos atrás, Eduardo.

— Você o quê?! — Não consigo encará-lo, apenas continuo observando Lisbella brincar com Fera e Brutos.

Então como prometi começo a contar o que aconteceu naquela maldita noite — ou pelo menos tudo que lembro, já que o que tenho são apenas *flashes* — até a descoberta do dia anterior. Quando finalmente termino o silêncio recaí pesado sobre nós, respiro fundo e sei que terei que encarar meu amigo, viro lentamente e de onde estou posso ver que Eduardo tem a cabeça baixa, quando ele ergue sinto a mescla de decepção e compaixão em seu olhar.

— Então foi isso o que aconteceu para ter te deixado naquele

estado? Você entrou na porra de um coma alcoólico após... — Ele se cala. Eduardo me atendeu quando entrei em coma alcoólico após me dar conta, pelo menos em parte, do que tinha rolado na boate. Então apenas assinto. — Como você foi capaz de uma monstruosidade dessas contra uma menina inocente como Aurora, Sebastian? — Abaixo a cabeça sentindo uma vergonha absurda de mim. — Você tem noção do que o seu ódio desmedido fez a uma garota inocente? A uma não, a duas!. Porque sua filha também pagou o preço ao nascer sem um pai, passar por privações e tudo por culpa do seu ódio sem limites por aqueles malditos, que espero que estejam queimando no inferno a essa hora.

— Eduardo, não há justificativa para o meu ato, mas eu juro que não sabia o que estava fazendo. Estava muito chapado, tendo alucinações, sem qualquer noção da realidade ao meu redor. — Passo a mão pelo rosto, impaciente, tentando espantar os *flashes* desconexos daquela noite.

— Eu sei, cara, te conheço o suficiente para saber que você jamais cometeria uma ato tão bárbaro de forma deliberada. — Ele me olha com intensidade e posso ver que ele acredita em mim e me sinto ainda pior, pois não sou digno de sua compreensão.

— Não, não faria. — falo por fim.

— Ainda assim, foram muitos erros cometidos em uma única noite, o e primeiro deles foi que você escolheu se drogar, ela não. Você deixou que drogassem a garota, Sebastian, pelo amor de Deus, que merda você foi fazer? — Ele passa a mão nos cabelos em um gesto de nervosismo e anda de um lado para o outro.

— Caralho, eu me condeno por isso até hoje, por ter caído na pilha daquele rato. Quando tentei voltar atrás já era tarde demais e depois tudo não passa de borrões desconexos para mim. — Eduardo balança a cabeça, coloca a mão na cintura e pergunta:

— E como vai ser agora? Você vai contar a verdade para ela? Porque ela não sabe que você é o pai de Lisbella.

— Eu não sei. — Passo as mãos pelos cabelos. — Eu não sei o que fazer, Eduardo. Não sei por onde começar a arrumar essa bagunça do caralho. A única certeza que tenho é que não quero perder Lisbella e nem Aurora.

Ele franze o cenho e então fala:

— Cara, eu sei que você se sente culpado, mas você pode contar a verdade para Aurora e...

— E ela nunca vai me perdoar, Eduardo — falo sentindo um nó na minha garganta, olho para a janela e vejo que Aurora se juntou à *nossa filha* e rir de algo que ela fala e o medo de perdê-las invade a

minha alma.

— Mesmo assim, você ainda é pai da Lisbella e tem direito de estar perto da menina.

— Você não entende, Eduardo, eu não quero perder nenhuma das duas — falo convicto de algo que há muito tempo venho tentando negar para mim mesmo.

— Como? — Ele parece confuso. — Vamos lá...

— Estou apaixonado por Aurora, Eduardo. — Jogo sobre ele de uma vez aquilo que estava entalado em meu peito.

Para que mentir? Se desde que coloquei meus olhos sobre ela soube que seria minha, mesmo drogado, alucinando, sonhando, ainda assim, o sentimento de posse estava ali e ele só se intensificou depois que a reencontrei. O que parecia uma obsessão era na verdade uma paixão reprimida há anos. Aurora me pertence como eu pertenço a ela.

Nunca acreditei nessas coisas de amor à primeira vista, até ver Aurora a primeira vez e depois ao reencontra-la, senti aqui dentro do peito o reconhecimento e a sensação que o vazio finalmente estava indo embora e o sentimento de completude me preencher.

— O quê? — Eduardo parece não acreditar. — Olha, cara, acho que você está confundindo culpa com outro sentimento.

— Não estou, Eduardo. Eu me apaixonei por Aurora muito antes de saber quem ela era, na verdade, me apaixonei por ela desde que a vi entrando naquela maldita boate — falo sincero e respiro fundo.

— Cara. — Ele parece finalmente me entender.

— Eu não vou desistir dela, Eduardo. Nem dela nem da minha filha — falo convicto.

— Mas você vai contar a verdade? — Eduardo me olha sério e sustento seu olhar.

— Sim. Mas no momento certo, antes preciso conquistá-la, conquistar o seu amor e confiança e então contarei toda a verdade.

— Sebastian, eu acho um plano arriscado. E se você magoá-la mais?

— Eu preciso arriscar, caso contrário, nunca terei essa mulher para mim.

— Espero que Aurora possa te perdoar, meu amigo, e que finalmente você encontre paz para seus tormentos.

Após algum tempo, Eduardo vai embora e sei que meu amigo está decepcionado comigo, mas ainda assim, não deixou de me dar seu apoio, e como sempre está ao meu lado.

Olho para minha filha brincando no jardim e hoje tenho a certeza que sou capaz de qualquer coisa para fazer ela e sua mãe feliz.

CAPÍTULO 22

Faz um mês que descobri a realidade sobre a paternidade de Lisbella e minha vida literalmente virou de cabeça para baixo, em um dia eu era apenas o cara sem rumo, cheio de traumas e angústias, sobrevivendo um dia de cada vez, tentando escapar do meu inferno interior, e do nada acordo e *tenho uma filha*.

Sim, eu tenho uma filha de três anos que é linda, inteligente, carismática, arteira, carinhosa e que transformou meu universo cinza em cor-de-rosa, literalmente.

Lisbella é a razão do meu sorriso ao acordar e ao dormir, minha casa se tornou meu lugar favorito, conto os segundos para voltar para lá e acompanhar de perto seu crescimento e descobertas da minha pequena, afinal, já perdi muita coisa dos seus primeiros anos e me sinto péssimo por isso, seus primeiros passos, seu primeiro dentinho, o primeiro resfriado, seu primeiro sorriso, muitas coisas importantes na vida de um bebê e eu não estive lá.

Desde que soube desse novo título fui em busca de informação, queria estar preparado para o que viria e por isso comprei um manual de “*Dicas para pais de primeira viagem*” — sim, eu tenho o bendito manual dentro da minha gaveta no escritório. Tenho lido histórias infantis, aprendi tudo sobre princesas da Disney, assisto desenho animado como *Barbie* e *Dora Aventureira*, brinco de boneca e de comidinha.

Porque sim, Lisbella me fez brincar de boneca com ela e tomar *chá com sua filha*, e se quer saber? Eu amo esses momentos, desde que eu tenha como presente o sorriso da minha filha, sou capaz de qualquer coisa. Serei palhaço, tomarei chá com suas bonecas, serei maquiado e penteado como uma drag queen atropelada pelo caminhão do frango, porque tudo isso vale a pena, tudo isso só para

ver o sorriso da minha menina, tudo isso para dar à minha filha a melhor infância possível, longe de medos, traumas e temores, *uma infância completamente diferente da minha*, penso amargo.

Nunca tinha cogitado a ideia de ser pai, essa palavra sempre teve um peso amargo em minha vida e não há uma lembrança boa sequer associada a ela.

Não vou ser hipócrita e dizer que encarei a novidade de ser pai numa boa assim, do dia para noite, a realidade é que nos três primeiros dias depois de descobrir minha paternidade, entrei em pânico, afinal, uma coisa era eu amar Lis — porque Deus sabe que essa pestinha me conquistou desde o dia que pus meus olhos nela. — Mas descobrir que sou pai dela?! Essa verdade teve um efeito aterrorizante em mim.

Pensa comigo, em um dia sou apenas o patrão da mãe de Lis — mãe essa por quem eu tenho um verdadeiro tombo. — E lhe tenho um enorme carinho, carinho não, amor, porque a garota despertou amor em mim desde que a conheci, mas até ali não fazia ideia do que estava sentindo — ou me fazia de doido para não admitir que já a amava. — E de repente descubro que, na verdade, Lisbella é minha filha e agora aquele serzinho pequenininho, de olhinhos doces, frágil e indefesa é um pedacinho meu e totalmente dependente de mim, minha cabeça girou 360° graus.

Caramba, eu não sabia nem cuidar de mim, minha vida era uma bagunça emocional, por fora eu era o cara sério, frio e centrado, por dentro vivo um verdadeiro inferno, e de repente cai em meu colo esse pedacinho de céu, de mãos gordinhas, olhinhos azuis acinzentados brilhantes e sorriso de covinhas me chamando de *papai*, é ou não é para surtar?

No entanto, depois do pânico inicial percebi que Lisbella é minha segunda chance, minha oportunidade de fazer tudo certo, de acertar como homem, como ser humano e como *pai*. Quando percebi isso, uma paz invadiu meu coração e entendi que não poderia ter recebido presente maior que esse, *ser pai de Lisbella Maria*.

Uma das coisas que descobri sobre ser pai é que o amor e o medo podem se elevar em potência máxima. Hoje minha filha é o centro de toda e qualquer decisão que tomo, seu bem-estar, sua proteção e sua saúde, vem sempre em primeiro lugar, pois eu a amo acima de tudo.

Acredite, há pouco tempo atrás essa palavra não estava no meu vocabulário.

Amar? Ser amado? Isso era utopia para Sebastian Di Maccio.

Mais dois furacões entraram na minha vida e viraram tudo de cabeça para baixo, meu passado por mais sujo e negro que tenha sido

parece não mais surtir efeito em meus dias, é como se uma nuvem negra houvesse sido afastada da minha cabeça por dois sóis lindos que invadiram minha vida.

Bem, pelo menos quanto a Lisbella já tenho meio caminho andado, já que minha filha parece se apegar a mim cada dia mais, já a mãe dela. Caralho, não imaginava o quão difícil seria me aproximar de Aurora, ela parece decidida a se afastar de mim. *Oh, mulherzinha tnhosa.*

Sempre dá um jeito de fugir de mim, de se esconder, de me fazer correr atrás, embora venha agindo com cautela, mesmo que minha vontade seja jogá-la no ombro, trancá-la no meu quarto, beijar aquela boquinha nervosa e a fazer entender que sou louco por ela, mas não, me contemho e a bandida maltrata fugindo sempre que tento me aproximar. Em contrapartida tenho uma forte aliada na batalha de ter Aurora perto de mim, Lisbella, que com seu jeitinho meigo sempre dá um jeito de aproximar sua mãe de mim, o que me deixa encantado com a astúcia da minha filha.

Olho para a foto de Lisbella na proteção de tela do meu celular, onde ela sorri agarrada a Brutus e Fera.

— Minha filha tem o dom de fazer qualquer monstro se transformar no mais manso cordeirinho. — Rio de mim mesmo.

Não vejo a hora de chegar em casa para ver ela e sua mãe, estou apenas esperando alguns relatórios para serem assinados e logo estarei a caminho de casa para ver minha pequena bonequinha.

Sorrio ao me lembrar do que aconteceu há uma semana atrás. Eu havia chegado na mansão muito tarde , fiquei preso em uma reunião para tratar da fusão da Xspace, uma empresa canadense que irá desenvolver projetos com Ciarelle, uma das nossas empresas de tecnologia. Estava cansado e estressado porque não veria minha filha naquele dia, até fiquei tentado a ir ao quarto da mãe dela para vê-la, mas já estava tarde e não queria acordá-las, por isso resignado segui para o andar de cima.

Entrei no meu quarto e resolvi tomar uma ducha rápida, mas quando sai do banheiro com uma toalha enrolada no meu quadril tomei o maior susto ao me deparar com um pequeno anjinho de cachinhos escuros caídos ao redor do rosto, coçando os olhinhos, agarrada com o seu ursinho.

O sorriso que surgiu no meu rosto foi inevitável.

(...)

— *Eiiii, princesa, o que você faz aqui a essa hora?*

Como Lisbella veio parar aqui? Foi inevitável não questionar.

Ela finalmente notou minha presença e sorriu largamente ficando em pé na cama e vindo em minha direção um pouco sem equilíbrio, por isso me apressei em ir até ela com medo que ela caísse e se machucasse a segurei em meus braços e sorri.

— Bachinho, tava com dodade... — ela falou fazendo um lindo biquinho que me fez sorrir, beijar seu rostinho e inalar seu cheirinho de bebê.

— Papai também tava com saudade de você, princesa.

Ela me olhou, tocou meu rosto me fazendo um carinho e colocou a cabecinha em meu ombro me deixando sentir seus cachinhos macios. Nunca embalei uma criança na minha vida, mas instintivamente coloquei minha mão em suas costas e comecei a cantarolar uma canção que Célia cantava quando eu era criança. Deixei o cheiro de Lisbella invadir meus sentidos e naquele momento soube que seria capaz de dar a minha vida por aquele serzinho minúsculo, logo senti sua respiração suave e a ouvi ressonar.

Sorri.

— Te amo tanto, filha, sinto tanto pelo o que fiz a você e à sua mãe. Você não deveria ter sido concebida assim... — Suspiro triste. — Só espero ter a chance de ser alguém melhor do que fui no passado, por você e pela sua mãe. Eu não tinha uma razão pra não ser quem eu costumava ser, até vocês aparecerem na minha vida.

Observo o biquinho que Lisbella faz em meu ombro e, devagar me aproximo da cama, a deposito com carinho e cuidado, dou um beijo em sua testa e vou em direção ao closet, visto uma calça de moletom e uma camisa branca, voltando para o quarto admirando minha filha abraçada com seu ursinho, suspiro indo até ela e cobrindo-a com meu edredom.

— Sua mãe vai me matar, mas... ficar um pouquinho do seu lado não faz mal né? Antes de ela despertar eu te levo de volta.

Retiro a coberta e me deito ao lado da minha filha, me aproximando do seu corpinho, abraçando-a com cuidado para não machucá-la, e assim adormeci sentindo o seu perfume gostoso, mas em algum momento, guiado pelo extinto, despertei assustado, e quando dei por mim estava segurando o pulso de Aurora que me olhava assustada, aos poucos me dei conta do que estava acontecendo, ela estava com os cabelos soltos caindo ao lado do rosto, seus lábios estavam entreabertos e sua respiração saía pesada, meu desejo ali foi de puxá-la para mim e beijá-la até perder o fôlego, mas fui desperto pelo pequeno movimento ao meu lado, olhei para o lado e Lisbella virou ainda dormindo agarrando meu pescoço, continuei segurando um pulso de Aurora, que também olhava para Lisbella, voltando em seguida seu olhar pra mim, ela falou.

— Será que você pode me soltar? — Olhei para seu pulso e soltei lentamente sem tirar meus olhos dela. — É melhor eu levá-la de volta ao

nosso quarto. — Minha vontade foi pedir que ela ficasse ali conosco, mas apenas assenti antes de perguntar:

— Que horas já são? — perguntei afastando o bracinho de Lis do meu pescoço e ficando de pé em frente à Aurora, ficamos nos olhando até que por fim ela respondeu:

— Quatro horas da manhã.

— Caramba, não sabia que tinha dormido tanto. — Cocei o pescoço meio sem jeito. — O plano era levar Lisbella para o quarto antes que Aurora se desse conta, mas acho que fui pego em flagrante, olhei pra ela sem jeito e ela me olhou de volta, e como se adivinhasse meus pensamentos falou:

— Despertei e me assustei quando não vi Lis ao meu lado. Fiquei apavorada — Ela olhou pra Lis com um sorriso lindo nos lábios. — Mas lembrei que ela passou o dia perguntando por você e a que horas você chegaria? Antes de dormir ela disse que não conseguia dormir sem te dar um beijinho. — Seu sorriso se ampliou, até que ela me olhou. — Então imaginei que ela só poderia ter vindo atrás de você e não me enganei, não foi? — Ela olhou para Lis que dormia como um anjo, segurando seu ursinho.

Minha vontade era de aninhar Aurora em meus braços, sentir seu perfume e o calor do seu corpo contra o meu, mas sabia que tinha que ir com calma, depois de tudo que eu havia feito com ela no passado, não poderia me dar ao luxo de errar outra vez, por isso apenas a admirei em silêncio.

— Vou levá-la para o nosso quarto, Sr. Di Maccio, desculpe por Lis ter atrapalhado seu sono. — Ela me olhou sem jeito com o rosto corado.

Porra, estava fodidamente apaixonado por essa mulher. Seria capaz de qualquer coisa para ter seus sorrisos direcionados a mim para sempre.

— Lisbella jamais me atrapalha, Aurora. Na verdade, nenhuma de vocês duas. — Sem me conter, levei meus dedos ao seu rosto e o toquei, ela corou, mas não me afastou. — Sempre que vocês precisarem estarei aqui para as duas. — Ela fechou os olhos sentindo meu toque, então os abriu, e ao se dar conta do nosso momento, baixou minha mão com delicadeza.

— Obrigado de verdade por tudo que tem feito por nós, sr. Di Maccio. — Devo admitir que não gosto quando ela me chama pelo meu sobrenome, fica distante demais.

— É melhor levar Lis agora, senhor...

Sem esperar a interrompo, não queria sair de perto de Lisbella, era a primeira vez que dormia ao lado da minha filha e não queria perder aquele momento, queria vê-la acordar com os cabelinhos bagunçados e os olhinhos sonolentos, ainda existia tantas coisas que eu não vivi ou

desconhecia sobre minha filha.

— Pode deixá-la aí, Aurora, não há problema algum nisso, ela é muito tranquila enquanto dorme. — Aurora me olhou e riu balançando a cabeça.

— Essa tranquilidade não continuará por muito tempo, daqui a alguns minutos ela vai acordar choramingando pela mamadeira e se não encontrar, o senhor vai ver o show que Lis é capaz de dar às 5h da manhã. — Inevitavelmente sorri para ela e cocei a cabeça com vergonha ao me dar conta que não conhecia esse detalhe sobre Lis.

— Eu não sabia que ela tomava mamadeira nesse horário.

— Sim, desde que mamava ela sempre acordava esse horário atrás de mama e depois que desmamei tive que substituir pela mamadeira. — Ela sorri olhando a filha.

Mais um momento que perdi, Aurora amamentando Lisbella, deve ter sido um momento mágico, gostaria de ter estado lá para viver isso ao lado delas, me angustia notar quantas coisas perdi dos primeiros anos de vida da minha filha.

— Tudo bem, sr. Di Maccio? — Ela me olha com preocupação e suspiro me dando por vencido.

— Tudo sim, Aurora. Eu levo Lisbella até o quarto de vocês. — Ela parece querer protestar, mas sou incisivo. — Sem mais, Aurora.

Falei sério virando para Lisbella, peguei-a com delicadeza e ela se mexeu um pouco e se aconchegou mais a mim, sorri e percebi que Aurora nos observava.

Deus, que ela não reparasse com a nossa semelhança.

Para retirar sua atenção de mim e Lis, pedi que ela fosse na frente.

— Melhor você ir na frente. — Ela assentiu e caminhou sem falar nada.

O caminho foi feito todo em silêncio e ao chegar à área dos quartos dos empregados, notei que o de Aurora e Lisbella é o último do corredor. O menor, merda!

Aurora abriu a porta do quarto e entrei parando e observando tudo com Lisbella ainda em meus braços. O quarto é menor do que me lembrava, limpo e muito bem organizado, mas não deixa de ser minúsculo, cabendo apenas a cama de Lis de um lado a de Aurora do outro, um pequeno criado mudo entre elas e uma cômoda velha onde deveriam ser guardadas as coisas das duas, e só naquele momento observei como as duas possuíam poucas coisas. Lisbella tinha poucas roupas, poucos brinquedos, percebi porque vi em um canto a bicicleta que eu havia dado de presente de aniversário e uma pequena caixa com alguns brinquedos, que estavam longe de serem brinquedos de qualidade, e meu coração pesou.

Aquele não era lugar para minha filha. Lisbella é uma Di Maccio, ela deveria estar no melhor quarto dessa casa, cercada de conforto, tendo um closet só para suas roupas e brinquedos a perder de vista, e um direito dela como minha filha.

— *Pode colocá-la aqui, sr. Di Maccio* — *Aurora fala de forma inocente apontando para a cama de Lis.*

Olho para a pequena cama, limpa, mas longe de ser uma cama realmente confortável e mais uma vez senti meu coração se apertar. Não queria nenhuma das duas naquele quatinho.

Minha vontade era voltar para o meu quarto e deixar minha filha dormir tranquila em minha cama, ou de fazer a mãe dela subir e ocupar um dos quartos de hóspede, mas sabia que Aurora jamais aceitaria.

Com receio me aproximei da cama, depusitei Lis com todo carinho nela e antes de me afastar beijei sua testa fazendo uma promessa silenciosa. Eu ainda não sabia como, mas iria tirar as duas desse quarto e levá-las para o lugar que elas merecem.

Afastei-me perdido em pensamentos, indo em direção à porta quando ouvi a voz de Aurora.

— *Obrigado, Sebastian* — *ela falou meu nome com um pequeno sorriso que retribuí saindo sem dizer nada.*

Se eu ficasse naquele quarto mais um segundo as arrastaria à força de volta para o meu.

Suspirei e caminhei em direção ao meu quarto. Eu ainda não sabia como, mas faria Aurora e Lisbella ocuparem um dos quartos superiores. Elas devem ficar no lugar que lhes é de direito.

(...)

Tenho meus pensamentos interrompidos por uma batida na porta, imagino ser os relatórios que estou esperando, mas para minha decepção minha secretária informa que um dos meus sócios na fusão com Xspace quer falar comigo.

— *Mande-o entrar* — *falo sentindo a impaciência tomar conta de mim.*

Olavo Lewis entra parecendo sério e sei que não vem coisa boa por aí.

— *Temos um problema na fusão com a Xspace.*

— *Droga!* — *Bato na minha mesa com frustração, por mais uma noite sem ver Lisbella e Aurora.*

CAPÍTULO 23

A cada dia que passa as atitudes de Sebastian Di Maccio me confundem, encantam e surpreendem. Primeiro ele é o monstro grosseiro, depois um homem distante, e agora um homem doce que faz tudo para agradar a mim e minha filha.

O relacionamento dele com Lisbella é incrível! Há uma ligação entre eles que nem eu mesma entendo. Lisbella sente quando ele está para chegar em casa, ele também parece sentir quando ela precisa de algo.

E enquanto tento fugir da presença devastadora do senhor Di Maccio, minha filha parece fazer tudo para estar ao lado dele.

Depois do último selinho na praça nada mais aconteceu, mas a realidade é que toda vez que estou próxima dele sinto meu coração acelerar, fico como uma adolescente boba, apaixonada pelo garoto mais popular da escola

Apaixonada.

O que estou sentindo por Sebastian Di Maccio eu nunca senti por homem algum, isso é um fato que por mais que tente negar, me consome dia após dia. O sentimento só cresce, mesmo eu tentando sufocar com todas as minhas forças. A verdade é que sempre me pego pensando nele, suspirando por ele, como agora. Estou em seu quarto, arrumando-o e tenho em minhas mãos uma camisa sua. Inalo seu perfume e deixo meus pensamentos divagarem para o momento do nosso beijo no escritório.

Meu primeiro beijo de verdade. Ainda posso sentir a sensação de seus lábios nos meus, como me senti única, como fui assaltada por sensações que nunca havia sentido antes. Então como um *flash* a lembrança de quando lhe contei a verdade sobre Lisbella me atinge. Só então me dou conta da bobagem que estou fazendo.

Sebastian Di Maccio jamais olharia para mim como mulher. Não mais. Não depois de saber que sou suja. Sinto meus olhos arderem e tento afastar a lágrima furtiva que escapa deles. Pego a camisa de Sebastian e a jogo no cesto de roupas sujas.

Eh, Aurora, está na hora de acordar. Contos de fadas não existem e você está longe de ser uma princesa.

O dia passa tranquilo, mesmo sentindo meu coração inquieto por entender que jamais serei uma mulher completa. Por entender que Sebastian jamais olhará para mim.

Arrumo a casa, limpo os cômodos, ajudo Célia no jardim, ajudo Valery na cozinha e assim vou indo. Preciso esquecer definitivamente esses pensamentos idiotas, não posso olhar Sebastian Di Maccio como homem. O que eu tô achando? Eu sou apenas a empregada e ele meu patrão. Talvez eu só me sinta assim por ele ser bom com Lisbella, minha filha nunca teve uma imagem masculina que pudesse chamar de pai, e ela encontrou isso no senhor Di Maccio, o que é um problema, porque eu não posso alimentar essa ilusão nela. Um homem como Sebastian jamais teria um filho com uma mulher como eu, penso triste.

— Mamãe, *puquê voxê tá tixte*? — Lis fala pegando no meu rosto.

Já havia dado seu jantar e agora estou preparando-a para dormir, depois do seu banho.

— A mamãe não está triste, filha. Quem disse isso?

— Mamãe, não *dixe*, mas *tá axim oh*. — Ela imita uma carinha triste o que me faz gargalhar.

— A senhorita anda muito espertinha para o meu gosto. — Faço cócegas e ela ri, se encolhendo.

Permito que ela respire até que falo:

— Mamãe não está triste, amor, só está pensativa. Mas não é nada demais. O que importa é que eu te amo — beijo seu rosto de surpresa — e você me ama — a beijo novamente e ela ri mais.

— E ama o Bashinho — quando ela fala isso eu congelo, olhando-a assustada. Ela me olha de volta e vira a cabecinha de lado. — *Voxê ama o Bashinho né, mamãe*? — Ela fica esperando minha resposta e sinto meu rosto queimar.

Sei que minha filha fez uma pergunta inocente, mas ela não imagina o quão pesada pode ser essa resposta. Então tento mudar de assunto.

— Filha, vamos vestir o pijama que já está tarde. Aqui, pega seu ursinho. — Entrego seu ursinho.

— Tito. — Ela pega o ursinho enquanto eu a visto e parece esquecer da pergunta, o que me deixa aliviada.

A troco, penteio seus cabelos, por fim a coloco na cama e conto-lhe uma história. Quando percebo que ela está cochilando, me levanto devagar e a cubro com o edredom.

— Mamãe? — Ela me chama sonolenta.

— Sim, meu amor?

— O papai não chegou do *tabaio*? *Quilia* dar um *beizinho neie*. — Suspiro pesado e sento ao seu lado.

— Filha, já conversamos sobre isso. O senhor Di Maccio não é seu papai.

— E onde está meu papai? — Sinto meu corpo gelar.

Lisbella nunca havia me feito essa pergunta, ela nunca se interessou por um pai, mas eu sabia que esse dia iria chegar, só não pensei que fosse hoje. Agora.

Suspiro e sinto meu coração pesar.

— Seu pai... seu papai está no céu, filha.

— No *féu*? — Ela parece pensar. — E quando ele vem ver eu? — Sinto lágrimas ameaçarem cair.

Não poderia falar para minha filha que queria que o pai dela tivesse no inferno, que é o lugar de monstros. Por isso me contive e falei o mais calma que pude.

— Ele não vem, filhinha. Ele... ele não pode. Ele virou uma estrela... — minto sentindo que posso desabar a qualquer momento.

Lis fica pensativa e por fim fala:

— Não *quilia* ter um papai *estlela*. *Quiliia* que meu papai fosse o Bashinho. Eu amo *vecê* mamãe, amo o Tito, amo a vovó Ceinha, amo o tio Gaby e amo *muiti muiti* o *Bechinho*. *Eie* ser meu papai.

Sinto que não vou segurar as lágrimas por muito tempo, por isso me levanto e tento fugir do assunto.

— Já está muito tarde, mocinha. É hora de criança estar dormindo. — Beijo sua testa. — A mamãe também te ama muito...

— E ama o Bashinho *pambém*? — Ela me olha atenta e sei que não vai desistir da resposta. Então sem saída me vejo respondendo a Lisbella o que me recusava a responder para mim mesma desde o momento que o vi.

— Sim, filha, eu amo o Sebastian também. — Lisbella sorri, vira o rostinho para o lado e pega no sono.

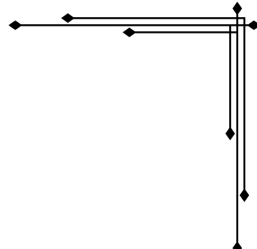
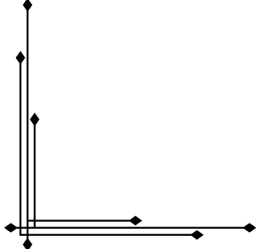
Eu me afasto dela e vou para o banheiro, tranco a porta atrás

de mim, me encosto nela e escorrego até o chão enquanto tapo minha boca para abafar o choro.

Eu amo Sebastian Di Maccio. Eu não posso, mas o amo.

Não sei quanto tempo permaneço no chão, mas finalmente resolvo me levantar e tomar um banho, quando me sinto mais calma, saio do box e de toalha vou até o quarto, Lis continua dormido como um anjinho, passo por ela, sorrio e vou até a cômoda, pego uma camisola de algodão fina, visto-a e me deito em minha cama.

Só tenho certeza de uma coisa, eu preciso esquecer Sebastian Di Maccio.



24

Aurora Stuart

CAPÍTULO 24

Acordo com uma sensação estranha, como um mal pressentimento. De repente começo a ouvir um barulho estranho, como se algo estivesse tremendo. Colo os pés para fora da cama para ir até Lisbella, quando sinto meus pés afundarem em...

— Água. — Imediatamente acendo a luz e para meu pavor o quarto está inundado, a água já está bem acima do meu tornozelo.

Olho para o canto da parede e percebo que a rachadura simples que havia ali agora está enorme, vindo na direção da cama de Lisbella e minando muita água. Corto o espaço entre nós duas e a tiro às pressas da cama, é nesse momento que a fenda na parede arrebenta e parece que um hidrante explodiu dentro do meu quarto.

Grito apavorada porque o jato de água me prende à parede oposta do quarto, fazendo uma barreira entre mim e a porta, não me deixando passar com Lisbella, que agora chora apavorada, percebo que a parede vai se rompendo ao passo que o cano que agora está visível está tremendo, anunciando uma próxima explosão.

Eu me desespero, Lisbella quase morreu afogada, agora isso?

— SOCORRO! ALGUÉM TIRA A GENTE DAQUI! — grito em desespero.

Ouço a porta do quarto ser aberta com brusquidão, então ouço vozes do outro lado.

Valery, Jamie, Célia e Manfred, até que uma voz se sobressai.

— AURORA! — a voz de Sebastian me chama e Lisbella chora apavorada, vendo essa quantidade de água.

— SEBASTIAN. TIRA A GENTE DAQUI, POR FAVOR! — imploro, já com lágrimas nos olhos.

Estou com medo, pois apesar da água escorrer para fora do quarto, o volume só aumenta, já chegando quase aos meus joelhos.

— JAMIE, DESLIGA A GERAL DA ÁGUA. — O ouço falar. — AURORA, ME OUVI. EU VOU TIRAR VOCÊS DAÍ.

— Senhor, o cano vai romper e a água vai chegar até elas. Não vai dar tempo de Jamie chegar até o registro.

Acho que é Manfred que fala e fico mais apavorada porque o cano treme muito, ameaçando uma nova enxurrada de água.

— DROGA! — Ouço Sebastian gritar. — AURORA, ME OUVI! PRECISO QUE VOCÊ SEJA RÁPIDA. EU VOU TENTAR ENTRAR ENTRE O FLUXO DA ÁGUA E A PAREDE, VOU FORMAR UMA ESPÉCIE DE ESCUDO, E VOCÊ TEM QUE PASSAR ENTRE MIM E ELA. MAS VOCÊ PRECISA SER RÁPIDA, EU NÃO SEI O QUANTO VOU AGUENTAR!

— ISSO É MUITO ARRISCADO, SEBASTIAN, A ÁGUA ESTÁ MUITO FORTE, VOCÊ PODE SE MACHUCAR.

— SENHOR, É LOUCURA, A PRESSÃO DA ÁGUA PODE ESMAGAR O SENHOR.

— FODA-SE, EU NÃO VOU DEIXÁ-LAS LÁ! AURORA, ESTOU INDO.

Ouço Célia e Manfred gritarem e me angustio, não quero que ele se machuque. Nesse momento outro cano menor, se solta, fazendo mais água invadir o quarto, e eu e Lisbella gritamos desesperadas.

— NÃO TEMOS TEMPO. AURORA, ESTOU INDO, VOCÊ PRECISA SER RÁPIDA, ESTÁ ME OUVINDO?

— SIM! — grito por cima do barulho da água.

— AHHHHH! — Ouço o grito de Sebastian e logo começo a vê-lo.

Não sei como ele faz isso, pois a força da água é absurda, mesmo assim ele consegue abrir passagem por ela que o prende na parede, no entanto ele flexiona os braços e consegue abrir um espaço com muito esforço. Vejo jatos de água fazerem uma pressão enorme em suas costas, a cena é sobre-humana, qualquer um já teria sucumbido, mas Sebastian se mantém firme, e é quando sua voz me tira do transe.

— AURORA, AGORA! — ele grita.

Obedecendo seu comando passo por baixo dos seus braços e só tenho tempo de chegar até a porta, quando outra parte do cano explode e a água aumenta a pressão fazendo Sebastian gritar e ficar preso a parede.

— AHHHHHHHHHHH! — Seu grito me apavora.

— Segura, Lis. — Passo Lis para Manfred, que a passa para o braço de Célia e vem me ajudar com Sebastian. Em meu desespero seguro sua mão e o puxo, mas ele nem sai do lugar. — VEM,

SEBASTIAN.

— AHHHHH, NÃO DÁ, A ÁGUA NÃO DEIXA.

Não, não, não! Ele vai se ferir se continuar mais um minuto aí.

— AURORA, ASSIM ELE NÃO VAI SAIR DO LUGAR. —
Manfred toma a frente. — EU VOU TENTAR FAZER UMA BARREIRA
COM MEU CORPO ENTRE ELE E A ÁGUA E VOCÊ O PUXA, OK?

— OK.

— SENHOR, NO TRÊS EU VOU ENTRAR E AURORA LHE
PUXA.

— OK! — Bash grita, ofegante.

— VAMOS LÁ, BASH! — grito.

— 1...2...3, AGORA!

Manfred entra com metade do corpo atrás de Sebastian e eu o
puxo e na brusquidão do movimento, o corpo de Sebastian vem de
encontro ao meu e vamos os dois ao chão, assim como Manfred é
atirado do outro lado pela força da água.

Sebastian está sobre mim, e de repente o jato de água para,
mas meu olhar fica grudado no dele. Ele está ofegante, seu rosto está
vermelho, seu cabelo está grudado na testa e sua camisa preta, assim
como sua calça de moletom, estão grudadas em seu corpo. Percebo
que ele avalia meu rosto, até que a voz de Célia nos tira do transe.

— Vocês estão bem?

— Sim — Manfred responde, se levantando.

— Mas que diabos aconteceu aqui?

Acho que é David quem pergunta e posso ouvir vozes se
juntando a ele, mas não presto atenção, pois ainda mantenho meu
olhar preso em Sebastian, até que ele responde a Célia.

— Sim — Sebastian fala, levantando o olhar e olhando na
direção de Célia, e quando seu olhar volta para mim, recai sobre meu
corpo e sua expressão vai de espanto à desejo, e por fim raiva. — Mas
que droga, Aurora! Se cobre. — Ele tira a camisa preta molhada e me
estende.

Só então olho para meu corpo e percebo que minha camisola
branca de algodão está transparente e colada no meu corpo, me
deixando totalmente exposta. Agarro sua camisa com toda força e olho
espantada para ele, que me olha novamente em um misto de desejo e
raiva.

— E vocês, o que fazem aí parados? Virem já de costas — ele
fala e só então percebo que Jamie voltou e que os outros seguranças
devem ter corrido para cá após o caos instalado, porque estão todos
parados na porta.

Gostaria de um belo buraco para enfiar minha cara nesse momento, mas no lugar disso me enfio na camisa preta e molhada de Sebastian. Bem, é melhor que essa bendita camisola transparente. Assim que visto a camisa, ele levanta e me estende a mão que eu aceito, ignorando o choque passar pelo meu corpo, fico de pé ao seu lado e constato que estão todos aqui, Valery, os seguranças, Jamie, Célia com Lis no colo que olha tudo com um misto de curiosidade e medo. Sebastian logo sai do meu lado e vai até ela.

— Eiii, minha princesa, vem aqui, vem. — Ele pega Lis no colo que logo o agarra pelo pescoço, assustada, o que faz meu coração apertar. — Xiiiiiii, tá tudo bem, meu amor, estou aqui.

Vou até minha filha e acaricio suas costas.

— Está tudo bem, meu amor, mamãe está aqui. Já passou. — Ela logo se acalma e Sebastian olha para o quarto e fala:

— Droga, o que foi isso que aconteceu aqui? — ele questiona para ninguém em específico.

— O cano estourou, senhor — David fala de maneira banal e o olhar frio de Sebastian vai para ele.

— Eu vi que o cano estourou, senhor Smith, o que não entendo é o porquê? — Sebastian fala com uma calma assassina, fulminando David com o olhar.

— Senhor, eu acredito que houve a obstrução de um dos canos centrais da casa e a água acabou voltando pelo cano da piscina. Eu não sei ao certo, mas acho que a pressão em excesso fez os canos explodirem — Jamie fala de forma segura e paciente. — Quando fui desligar a geral o medidor estava girando com muito mais força que o normal.

Vejo Sebastian suspirar, pesado.

— OK, me ouçam — ele fala olhando para todos os empregados. — Jamie, amanhã cedo quero uma equipe especializada em hidráulica aqui. Todos os quartos foram invadidos pela água?

— Sim, senhor — Valery responde. — Todo esse compartimento inundou, só não chegou na minha cozinha, porque graças a Deus há a elevação e essa área é a mais baixa.

Realmente, para quem vem da cozinha para cá tem que descer 3 pequenos degraus, sendo a área da cozinha mais elevada um pouco.

— Certo — Sebastian fala com autoridade. — Todos vocês ficarão alojados na casa de visitas. Aurora e Lisbella ficarão no andar de cima junto comigo e Célia.

Meu queixo quase vai ao chão. Como assim vamos ficar no andar de cima? Tudo bem que Célia dorme lá, mas ela é quase sua mãe. Agora eu e Lis não somos nada dele, por isso imediatamente o

interrompo.

— Senhor Di Maccio, desculpe, mas eu Lis podemos ficar com os outros empregados... — Antes que eu possa continuar ele me corta.

— Você e Lisbella ficarão no andar de cima, Aurora, está decidido.

Mas que homenzinho petulante. Quem ele pensa que é para mandar em mim?

Quando vou abrir minha boca para responder ele continua.

— Olha o estado da Lisbella, eu não vou deixá-la assim em qualquer lugar. Além do mais a casa de visitas só tem dois quartos, um ficará para Valery o outro para os seguranças. Quantos temos de plantão hoje, Manfred? — ele se dirige ao chefe da segurança.

— Temos 16, senhor, 8 em cada turno. Trocamos às 3 da manhã.

— Certo. Acomodem-se na casa de visitas. E também quero avisá-los que caso tenham perdido objetos e pertences de valor devido a esse incidente, me avisem que irei restituí-los. Por hora estão todos dispensados.

Todos começam a se dispersarem e Sebastian sai caminhando com Lisbella que tem a cabeça repousada em seu ombro, e que ainda soluça um pouco devido ao susto, vou caminhando atrás com Célia, subimos as escadas e vamos em direção ao quarto do senhor Di Maccio.

Ele entra na frente e coloca Lis em pé na cama.

— Fica aqui, princesa, eu vou buscar uma toalha e já volto — ele fala com carinho. — Ele sai e Lis me olha com os olhinhos cansados, vou até ela e a beijo.

Meu Deus, ela já passou tantos sustos em tão pouco tempo.

— Acho melhor eu preparar um chá de camomila pra Lisbella, filha — Célia fala comigo, e balanço a cabeça de forma afirmativa.

— Faz isso sim, Bá. Ela está bem assustada e não quero que ela tenha febre emocional novamente — Sebastian fala saindo do seu closet.

Olho pra ele que me estende uma toalha com um pequeno sorriso nos lábios, Célia sai e eu nem percebo perdida em sua beleza.

— *Tô fio*, mamãe — Lisbella fala me despertando e logo minha atenção vai totalmente pra minha filha.

— Oh, meu amor, vamos tirar essa roupa molhada. Isso não faz bem a você. — Só então me dou conta de um fato. — Espera. — Bato a mão na testa. — O que vamos vestir? Todas as nossas roupas foram molhadas.

E sem falar nada o senhor Di Maccio sai de perto, entrando em seu closet novamente e logo volta com algo em mãos.

— Aqui. Por hora deve servir. — Ele me estende duas camisas, uma camisa social azul, uma cueca box preta e uma t-shirt branca menor. — Veste a branca na Lis, ela é menor, a azul fica com você.

Eu me sinto constrangida em ter que usar suas roupas, e ao mesmo tempo surpresa com sua atitude.

— Senhor Di Maccio, eu... — Meus olhos se prendem nos dele até que o espirro de Lisbella nos faz olhá-la.

— Melhor trocá-la logo. Vou fazer o mesmo, já volto. — Ele sai e me deixa sozinha com Lis. — Eu a troco e a coloco deitada na cama.

— Mamãe *tô cansadi*, soninho, mamãe... — Acaricio seu rosto e o beijo.

— Tudo bem, amor. Já, já nós vamos para o outro quarto, mas por enquanto acho que o senhor Di Maccio não se importa de você ficar deitadinha aí.

— Não me importo mesmo, ela pode ficar deitada aí a noite toda se quiser. — Não sei como ele chegou tão próximo de mim, sua voz grossa me traz arrepios, assim como seu cheiro me embriaga.

— Melhor você ir trocar de roupa, Aurora — ele fala baixo e sensual, próximo ao meu ouvido, fazendo algo se aquecer no centro da minha feminilidade. Tremo pela sua aproximação, mas me obrigo a me afastar dele.

— Tu-tudo bem... ehbbb... você, olha Lis um momento? — Viro-me para olhá-lo e não poderia ter feito coisa pior, seus olhos estão sobre mim, em um misto de desejo e algo mais que não posso descrever, ele pisca e me dá um sorriso safado de canto e fala:

— Pode ir, eu fico com ela — Acho que minhas pernas ficaram fracas.

Aurora, para já com isso! Sebastian Di Maccio está fora do seu alcance.

Sinto um aperto no coração com esse último pensamento e por isso me afasto dele com brusquidão.

— Tudo bem, vou me trocar — falo sério e me afasto apressada em direção ao seu banheiro.

Entro fechando a porta atrás de mim, como se assim meus fantasmas não possam entrar nesse recinto. Olho para frente e dou de cara com meu reflexo no espelho, meu cabelo está parcialmente molhado, a camisa de Sebastian que vai até metade das minhas coxas se encontra colada em meu corpo. Suspiro, ao observar o rubor em minha face.

— Aurora, Aurora, você não pode continuar nutrindo esse

sentimento por Sebastian Di Maccio, isso é loucura! — Eu me apoio na pia e encaro meu reflexo.

Mas como resistir àqueles olhos incrivelmente lindos? Ao seu sorriso que me tira o fôlego? Ao seu perfume que me embriaga? E os seus beijos?

Lembro-me da noite no escritório, logo após o aniversário de Lisbella e dele, e minhas mãos vão instintivamente para os meus lábios. Ainda posso sentir seu gosto e me questiono o que significou aquele beijo para ele? Certamente ele só o fez pela emoção do momento, pois nunca mais tocou no assunto, como se não se lembrasse do ocorrido.

Penso com tristeza.

— O que posso fazer se o amo? Deus, como eu o amo. — Meus olhos ficam marejados. — E como posso não amá-lo se ele ama Lisbella? Se ele demonstra toda hora seu carinho e atenção com ela e comigo. Sei que ele só está sendo gentil — Suspiro e baixo a cabeça, permito uma pequena lágrima escorrer.

Só estou cansada de lutar sozinha, de me sentir só, de não poder amar e ser amada, de me sentir suja e indigna de ter um amor em minha vida.

Lágrimas insistem em cair, então me seguro na bancada da pia e falo olhando para o meu reflexo.

— Já chega, Aurora! Seja grata por tudo que o senhor Di Maccio está fazendo por você e por Lisbella e guarde esse amor no fundo do seu coração.

Sem pensar mais, arranco sua blusa e minha camisola molhada do meu corpo, vestindo em seguida a camisa e a cueca box que ele me deu.

— E quando eu tento esquecê-lo, ele resolve impregnar na minha pele. Ótimo! — falo com ironia sentindo seu perfume que emana da camisa que agora estou vestida.

Respiro fundo e dou uma última olhada em meu reflexo, meus cabelos estão horríveis, por isso amarro-os em um coque frouxo.

— Assim está bem melhor. — Olho para o meu rosto no espelho e avalio. — Sem marcas de lágrimas. É isso aí, Aurora, vamos voltar para perto do seu tormento em forma de homem.

Respiro fundo mais uma vez, e abro a porta, mas a cena que vejo me surpreende.

Sebastian está sentado na cabeceira da cama contando uma história para Lisbella que segura sua mão que está sobre sua barriga.

— Então chapeuzinho perguntou: e por que essas orelhas tão grandes, vovó? E o lobo mau respondeu: “É para te ouvir melhor

minha, netinha.” — Ele faz uma voz engraçada e Lisbella tem os olhinhos presos nele. — Então novamente chapeuzinho vermelho perguntou: e por que esses olhos tão grandes, vovó? E o lobo respondeu: “é para te ver melhor, minha netinha.” — E lá está a voz engraçada que faz Lis sorrir. — Então chapeuzinho pergunta: e para que esse nariz tão grande, vovó? E o lobo responde: “é para te cheirar melhor, minha netinha.” E chapeuzinho pergunta mais uma vez: e para que essa boca tão grande, vovó? Então o lobo responde: “essa boca grande? É para te devorar.” — Ele faz uma voz grossa e agarra Lisbella que rir das cosquinhas que recebe.

A risada dos dois é sonora e não tem como não rir deles, é simplesmente a cena mais linda do mundo vê-los juntos assim, minha risada chama a atenção deles e Lisbella é a primeira a me ver.

— Mamãe, me *judi*. *Judi* eu, mamãe — ela fala se contorcendo e nesse momento Sebastian olha pra mim sorrindo, mas logo o sorriso morre em seus lábios e o vejo me devorar com os olhos. Fico sem jeito, e mordo o lábio, pois não sei o que fazer diante do seu olhar de desejo.

É quando a voz de Lisbella nos traz à realidade.

— A mamãe tá *biiti* e fofo. — Ela senta na cama me chamando com as mãozinhas e insegura me aproximo dos dois, sentindo-o observar todos os meus movimentos, quando chego mais perto sento na cama com cuidado.

— Realmente, você está linda — ele fala com naturalidade e pigarreia sem jeito ao perceber o que acabou de dizer, me fazendo sorrir e corar violentamente. — Acho que essa blusa fica melhor em você do que em mim — ele brinca travesso.

— O chá está pronto e eu acrescentei mel para ficar docinho. — Célia entra distraída até que nos olha e acho que percebe o clima, pois pigarreia e sorri. — Bem, eu trouxe uma bandeja para caso os dois — fala se referindo a mim e Sebastian — queiram também, talvez seja bom, pois acho que esse quarto está pegando fogo.

Olho para Célia e Sebastian faz o mesmo, só que minha cara é de assombro e vergonha já a dele tem um sorriso cínico parecendo se divertir com a situação.

— *Cofu*? Eu *tein medi* de *cofu* — Lisbella fala vindo para o meu colo.

— Calma, filha, não tem fogo aqui. A vovó Célia só está brincando, tá? — Ela me olha assustada e concorda. — Que tal tomarmos nosso chazinho de camomila com mel?

— *Camila cum miel*, mamãe? — Eu rio do seu jeitinho, assim como Célia e Sebastian.

— Sim, filha. Fica aqui. — Antes que eu a coloque na cama, Sebastian a pega no colo.

— Deixe-a aqui. — Nossas mãos se tocam e eu olho em seus olhos, mas logo me atento ao olhar de Célia sobre nós, por isso me levanto rápido.

— Você não vai tomar, Célia? — pergunto para desviar sua atenção.

— Tomei na cozinha, querida. — Seu olhar sobre mim é no mínimo questionador, mas ignoro, pois nem eu sei explicar o que está acontecendo aqui.

Eu me aproximo da cama onde Lisbella está no colo de Sebastian brincando com o relicário que dei a ele, objeto que ele não tira do pescoço.

— Aqui, filha. — Estendo o copinho rosa com tampinha de sucção dela que o segura deitando no colo de Sebastian e suga todo o conteúdo.

Ficamos um tempo em silêncio até que Célia parece se assustar com algo.

— O que houve, Célia? — Sebastian pergunta vendo a reação dela.

— Meu Deus! Não tem como Autora e Lis irem para o quarto de hóspede hoje, Bash.

— O quê? — falo em choque.

— Como assim, Célia? — Sebastian pergunta calmo.

— Filho, hoje Jamie pôs em todos os quartos o veneno anti-mofo e acnes, como todos os meses. E o tempo de ação é 24hs, ou seja, só amanhã Aurora e Lis podem entrar nesses quartos.

Eu fico sem reação, e quando vou dizer que vamos ficar com os outros empregados, Sebastian fala dando de ombros:

— Tudo bem, elas dormem aqui essa noite e amanhã vocês arrumam o quarto em frente ao meu para acomodá-las.

Acho que meu queixo foi no chão, como assim dormir no quarto dele? Na cama dele?

— Senhor..., isso, isso não é necessário, eu e Lisbella podemos ficar com os outros empregados. Além do mais, onde o senhor irá dormir?

— Isso não é discutível, Aurora. E quanto a mim, não se preocupe, posso dormir naquele divã ali — ele aponta com o queixo para o belo divã moderno do seu quarto. — Será apenas uma noite, amanhã tudo irá se organizar.

— Sebastian tem razão, filha. Olha só, Lis já dormiu. — Olho

para minha filha que repousa tranquila no colo do senhor Di Maccio, segurando o copinho que está prestes a cair da boca, que tem um biquinho lindo. — Não vamos levá-la até a casa de visitas no relento, além do mais não há espaço para vocês lá. Aqui vocês estarão mais confortáveis.

— Exatamente, Célia. — Ele retira o copinho da mãozinha de Lis e delicadamente a deposita na cama, para em seguida se levantar. — Célia, onde fica os cobertores?

— Estão no armário, eu pego pra você, filho. — Ela sai nos deixando a sós e eu fico sem reação diante de tudo, no entanto, ainda tento argumentar.

— Senhor Di Maccio, de verdade, eu e Lis podemos... — E para meu total espanto, ele coloca seu dedo em meus lábios de maneira delicada.

— Xiiii, tudo bem, Aurora. — Ele acaricia meu rosto delicadamente. — Quando amanhecer vocês irão para o outro quarto, não se preocupe, mas por hoje, por favor, só fiquem aqui. — Em seus olhos há uma súplica velada e sem que eu possa evitar, cedo ao seu pedido com um leve aceno de cabeça.

Ele retira a mão do meu rosto no exato momento que Célia adentra o quarto.

— Aqui, filho. Uma coberta e um travesseiro. Bem, eu já vou me recolher. Minhas costas estão me matando e amanhã de manhã precisamos arrumar muitas coisas. Agora venham aqui... — Ela vem até nós e me beija no rosto, depois puxa Sebastian que sorri ao ser beijado.

Quando vai saindo, vira e fala:

— Ah, e juízo os dois. — Sebastian ri, mas eu gostaria de um buraco para enfiar minha cara.

Célia finalmente sai nos deixando a sós, e como se lesse meus pensamentos, Sebastian fala:

— Enfim sós. — Olho pra ele com cara de espanto e ele ri. — Acho melhor você se deitar, Aurora, já tivemos muitas emoções por hoje. — E para meu espanto ele beija meu rosto, se afastando enquanto sinto minha pele queimar.

Ele deita no pequeno divã que fica próximo à enorme janela do quarto e fica olhando para o teto. Eu fico parada olhando-o até que resolvo me mover e deitar ao lado de Lisbella.

— Boa noite, sr. Di Maccio — falo apagando a luz do abajur.

— Tenha bons sonhos, Aurora. — Fico em silêncio.

Não sei quanto tempo se passa, mas simplesmente não consigo pregar o olho, e tenho certeza que Sebastian tão pouco. Já perdi as

contas de quantas vezes ele se virou no divã, que com certeza está pequeno e desconfortável para ele. Imediatamente a lembrança da força da água nas costas dele me vem à mente. *Ele deve estar com dor...*

Como se lesse meus pensamentos, o vejo sentar, ficando de costas para mim e Lisbella. Ele toca as costas e imagino que faz uma careta de dor, suspira e apoia os cotovelos nos joelhos e abaixa a cabeça. Sem aguentar mais um segundo, me levanto devagar e vou até ele e devagar toco suas costas cobertas pela sua camisa.

— Está doendo? — pergunto suavemente.

Ele parece se sobressaltar um pouco e me olha por cima do ombro.

— Tá tudo bem, desculpa se acordei você — ele fala me dando um pequeno sorriso que logo retribuo.

— Na verdade, não consegui pregar o olho. Você ficou se mexendo e imaginei que estivesse com dor nas costas. — Ele vira o corpo, agora me encarando.

— Achei que esse divã fosse mais confortável, mas acho que me enganei — ele fala sem jeito coçando a nuca.

— Então deita na cama comigo e com Lisbella — falo em um impulso e só então me dou conta da besteira que acabei de falar. Coloco a mão na boca e logo me apresso em falar. — De-desculpa, senhor Di Maccio, eu não quis ser... ser... agir assim... só, só falei porque vi o senhor com dor e sua cama é muito grande, e eu, eu não quero que o senhor me entenda mal...

Para minha surpresa ele levanta e sorri.

— Eu entendi, Aurora. Jamais pensaria mal de você. — Seu olhar vai para Lisbella. — Não precisa se incomodar, não quero que você ou Lis fiquem desconfortáveis — fala sincero e por algum motivo sou impelida a fazê-lo mudar de ideia.

Dormir na mesma cama que ele? Tá maluca, Aurora?

OK, mas Lis estará ali pra me proteger! Pronto, agora estou usando minha filha de escudo humano. Bela mãe você, Aurora.

Independente dos meus dilemas seria muito abuso da minha parte dormir tranquila com minha filha em sua cama, que é gigante por sinal, enquanto ele que nos salvou, passa a noite em claro sentindo dor.

— Aurora? Owwww! Você está me ouvindo? — ele fala divertido.

— Si-sim, quer dizer, não. O que você disse? — Ele ri e vejo que ele se diverte com meu constrangimento.

Bobo.

— Eu disse que é melhor você se deitar e tentar dormir. A noite já foi bastante agitada e você precisa descansar.

— Preciso descansar tanto quanto você, Senhor Di Maccio, não é justo eu e Lis ficarmos em sua cama, que é enorme por sinal, e você dormir nesse negócio minúsculo pra alguém do seu tamanho. — Aponto distraída pra ele. — Por tanto, sugiro que o senhor deite naquela cama ao lado de Lis, eu deito do outro lado e dormiremos os três perfeitamente bem e confortáveis.

É o que espero.

Penso internamente.

Ele me olha interrogativo e então pergunta:

— Tem certeza, Aurora? Eu...

— Sim, tenho. Agora vamos, antes que toda essa nossa tagarelice acorde Lisbella. — Sem esperar mais nada, me dirijo para cama e me acomodo do lado em que estava deitada antes. — E então, vai ficar parado aí? — falo em um sussurro esganiçado ao perceber a expressão de choque dele.

Logo ele parece sair do transe, então vem até a cama, puxa a coberta e se deita e eu faço o mesmo. Ficamos um em frente ao outro com Lis em nosso meio e o vejo observá-la.

— Ela é linda

— É sim — concordo.

— Obrigado, Aurora...

— Pelo quê? — falo sem entender.

— Por ter trazido luz à minha vida. — Ele me olha nos olhos e fico sem saber o que dizer, opto por ficar calada e concordar em silêncio.

Sinto sua mão tocar a minha e permito que assim fiquemos embalados em um silêncio reconfortante. Aos poucos sinto o sono chegar e sob o olhar de Sebastian Di Maccio, adormeço.

CAPÍTULO 25

Desperto sentindo um toque leve no meu rosto, uma mãozinha quente acaricia minha barba e ouço um risinho baixinho, que me faz abrir um sorriso involuntário. Abro os olhos e me deparo com um lindo par de esmeraldas azuis me encarando com um sorrisinho de dentinhos de leite travesso nos lábios.

— *Baum* dia, papai. — ela fala baixinho.

— Bom dia, princesa do papai. — falo sorrindo.

— Shiii, papai. — Ela coloca o dedinho pequeno na boca em sinal de silêncio — A mamãe tá *mimindo*. — Ela olha para trás e sigo seu olhar, vendo Aurora dormir serenamente com a mão próxima ao rosto.

Observo cada detalhe dela, seus cílios longos e escuros, o nariz pequeno e arrebitado, os lábios vermelhos, cheios e suculentos, e é impossível não lembrar o sabor deles, o desejo de beijá-la novamente queima em mim, mas tenho a consciência que preciso ir com calma, Aurora é uma mulher sensível, frágil e marcada. Marcas essas que eu deixei nela!

Deus, não há um dia sequer que eu não me sinta o pior dos miseráveis por tê-la machucado.

Deus, até pouco tempo atrás, para mim, se Ele existia era um tirano infeliz que me deixou à míngua, passando pelos piores infernos que um ser humano poderia viver. Eu me recusava a acreditar na existência de um ser divino e *bondoso*, isso até ter Lisbella quase morta em meus braços e descobrir que ela é minha filha e que Aurora foi a garota que machuquei. Eu me vi tendo uma segunda chance e sinceramente passei a acreditar que o Deus que minha babá tanto fala existe e resolveu me olhar. Por isso decidi agarrar com todas as minhas forças essa nova chance, me comprometendo a fazer as

mulheres da minha vida feliz.

Eu amo minha filha acima de tudo e descobri que amei Aurora desde que pus meus olhos, mas infelizmente estava tão cego de ódio e mágoa e acabei ferindo o meu pequeno anjo.

A pessoa certa no momento errado.

Foi assim que começou minha história com Aurora, mas não vai ser assim que ela vai terminar, porque não importa o tempo que leve, irei conquistá-la e fazê-la minha, assim como já sou seu, e no momento certo irei revelar toda verdade. Sei que corro um risco de perdê-la, mas não importa, irei até o inferno para conseguir seu perdão, e mesmo que não o tenha, ainda assim irei dedicar minha vida a vê-la feliz, mesmo que sua felicidade esteja longe de mim. Só o pensamento de ficar longe de Aurora e minha filha me sufoca, mas sou capaz de qualquer coisa para vê-las feliz.

Se não conto a verdade para Aurora agora, é porque quero mostrar que não sou aquele monstro que a feriu, quero ter a chance de contar a verdade a vendo olhar para o Sebastian que estou me tornando, graças a ela e a Lis, quero que ela veja o homem que a ama. Porque porra! Eu amo essa mulher.

Mas se no final a imagem do monstro prevalecer e ela não me perdoar, ainda assim saberei que lutei e irei continuar a lutar pela sua felicidade.

— Mamãe é *biíti*, fofo e *teosi* né, papai? — Minha filha me encara com os cabelinhos bagunçados e sorrio para ela.

— Sim, filha, sua mamãe é a mulher mais linda do mundo. — Eu me aproximo dela e a beijo no rosto e ela se encolhe rindo.

— Aiii, papai, *coquinha*. Isso *fazi* coquinha *neu* — ela fala da minha barba e eu rio do seu jeitinho.

Deixei a barba crescer há algumas semanas depois de ouvir Aurora comentar com Célia que achava bonito homem de barba bem-feita e aparada.

Pois é, tô tentando agradar, né? Como já diria o velho ditado, no amor e na guerra vale tudo.

— Ah, é? Então eu farei muitas cosquinhas em você — Começo a beijá-la e a mesma solta um gritinho agudo e uma gargalhada gostosa que faz meu coração vibrar.

— Mamãe, me *judi* — Só então levanto a cabeça e me deparo com um par de olhos castanhos lindos me encarando com um lindo sorriso no rosto.

— Bom dia para vocês também, e pelo jeito a bagunça *tá* boa aí — ela fala apertando a barriguinha da filha.

— Bom dia, princesa Aurora? — falo com a voz rouca, sem

tirar meus olhos dela e a vejo corar.

— *Baum* dia, mamãe *lindi* — Lis agarra Aurora e a beija sendo retribuída pela mãe.

— Bom dia, anjinho da mamãe. Ai, Jesus, que abraço gostoso. — Ela enche a filha de beijo e não posso deixar de sorrir com essa cena.

— Bom dia, sr. Di Maccio — Aurora fala sorrindo e retribuo, logo Lis larga a mãe e vem para os meus braços passando as mãos pela minha barba e rindo, fazendo Aurora franzir o cenho e rir.

— *Fazi coquinha*, mamãe, a *baba* do papai. — Lis nem percebe que me chamou de *papai* e ao que parece nem Aurora, pois sorri para a filha e logo seus olhos estão em mim. — *Fazi coquinha* na mamãe *pambém*, Bashinho. — Olho para minha filha surpresa com o pedido dela.

— Lisbella. — Ela olha para Lis e depois pra mim. — Desculpa, senhor Di Maccio, Lis, ela. Ai, meu Deus! — Aurora fala ficando corada e colocando as mãos no rosto com vergonha e gargalho pela sua reação.

Ela me encara e cerra os olhos.

— Ei, não ria de mim. — Ela me dá um tapinha no braço.

— Você fica linda corada. — falo e ela cora ainda mais, eu rio do seu jeito.

— HAHABA, muito engraçadinho o senhor. — Ela faz bico e é lindo.

E então antes de me controlar eu falo:

— Olha só, Lis, sua mãe está bravinha, que tal desfazermos esse bico dela? — Lis me olha cúmplice, dando um risinho, balançando a cabeça afirmativamente com os cachinhos revoltos.

— O QUÊ? — Aurora fala olhando para nós dois. — Vocês nem pensem em...

Antes que ela possa falar algo, estou sobre ela apertando sua cintura, a fazendo gargalhar e se contorcer.

— PA-PA-RAAAAAA, SEBAS-SEBASTTTTTIIANNN-PAAAAAAA! — ela gargalha e Lis assiste ficando vermelhinha de tanto rir da mãe dela.

Eu paro um pouco para deixar Aurora tomar fôlego.

— Você vai desfazer esse bico? — falo olhando para ela que fecha a cara e faz bico novamente, e quando ela pensa em dizer algo. — OK. Você quem pediu.

— O QUÊ? AHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH — Novamente agarro sua cintura e começo a fazer cócegas, e dessa vez desço minha

barba pelo seu pescoço.

Sua gargalhada enche meus ouvidos e seu cheiro me embriaga, vejo sua pele arrepiar, mas não paro.

— Isso, papai, passa a *baba* na mamãe, *fazi coquinha* nela. — Lis pula na cama rindo de nós dois.

— O Q-QUÊ? — Aurora fala ofegante e diminuo as cócegas para ela respirar. — SU-SUA PEQUENA TRIDORAAAA — Aurora me surpreende sentando na cama de repente, e antes que tenha tempo de reagir, ela agarra Lis e ambas caem no meu colo, onde viramos uma bagunça de risos e gritos em que Aurora faz cócegas em Lis eu nela e em algum momento as duas em mim.

Então isso é ser feliz? Isso é felicidade? É essa sensação de tocar o céu? Pois é assim que me sinto, tocando o céu com as duas mulheres da minha vida em meus braços.

— Vovó Celinhaaaaaaaaa — Lis grita e eu e Aurora viramos para porta onde encontro uma Célia com um enorme sorriso no rosto e os olhos marejados.

E eu sei bem o porquê de sua emoção, isso aqui foi o que ela sempre desejou para mim, *uma família*.

— Pelo jeito a farra tá boa, hein!

Ela olha para nós três com a sobancelha erguida e só então me dou conta que Aurora e Lis ainda estão no meu colo, Aurora se dá conta do mesmo e levanta, como se tivesse levado um choque, e instantaneamente sinto falta do calor do seu corpo.

— Ce-Celinha, Deus, que horas são? Caramba, dormi demais, mas também quem não dorme numa cama dessas que mais parece uma nuvem de tão fofinha. Ah! — Ela arfa e coloca a mão na boca percebendo que desatou a tagarelar, ela sempre faz isso quando fica nervosa e é inevitável rirmos dela que fica vermelha como tomate.

— Ora, filha, imagino que realmente a cama do Bash seja muito confortável. — Celia olha para mim com a sobancelha levantada e eu dou de ombros fazendo minha melhor cara de inocente.

— Eh-Eh... Melhor eu me arrumar para o trabalho — Aurora fala.

— Bem, era sobre isso que vim falar. — Celia olha para a Aurora com pesar. — Filha, suas roupas e de Lis foram todas estragadas, a água e depois a lama que se formou no quarto destruiu tudo.

— Tu-tudo? — Vejo Aurora arfar e sentar novamente na cama.

— Sim. O que sobrou foi essa muda de roupa que já estava na lavanderia. — Celia trazia algumas roupas e colocou sobre o colo de

Aurora.

— Deus, e agora? — Aurora fala com um suspiro triste.

— Agora compramos tudo novo — falo na mesma hora.

— Hein? — Aurora me olha confusa.

Porra, ela e minha filha tinham tão poucas coisas e graças ao incidente da noite passada agora elas perderam tudo. Mas olhando por outro lado, esse incidente veio a calhar, afinal me dá a desculpa perfeita para presentear-las sem que Aurora se oponha.

Logo um plano se forma em minha mente.

— É isso mesmo que você ouviu, Aurora, vamos comprar tudo novo para vocês.

— Ma-mas, sr. Di Maccio, isso, não, eu não posso aceitar.

— Não só pode como vai! Você me ouviu ontem? Eu disse que qualquer um dos meus funcionários que tivessem bens danificados me procurassem para serem ressarcidos. Então tomem um banho e se arrumem que saímos em... — Olho pro relógio sobre meu criado mudo que marca 9:30 am — 40 minutos! — Eu me levanto vendo Aurora boquiaberta e Célia com um sorriso no rosto, beijo Lis na testa e saio, mas antes aviso:

— Estarei no escritório, mas logo as encontro para sairmos. Célia, ajude Aurora no que precisar e depois me encontre no escritório. E Aurora — Viro-me para ela que me olha boquiaberta. — Por favor, não se atrase, odeio atrasos. — Pisco o olho e saio, deixando para trás uma Aurora chocada e uma Célia risonha.

Desço as escadas sorrindo feito bobo, assim que chego em meu escritório pego meu celular que havia deixado ali e ligo para minha secretária.

— *Di Maccio Holding.*

— Marta?

— *Sr. Di Maccio.* — Percebo o nervosismo em sua voz, mas ignoro.

— Marta, desmarque todos os meus compromissos para hoje.

— *Sim, senhor.*

— E mais uma coisa.

Passo uma tarefa para ela e tenho certeza que será bem executada, assim que desligo Célia entra com um sorriso enorme no rosto que logo retribuo, e quando se aproxima de mim, ela coloca a mão na cintura.

— Posso saber o que o senhor está aprontando, Bash?

— Ué? Como você sabe que estou aprontando algo? — Me faço de inocente.

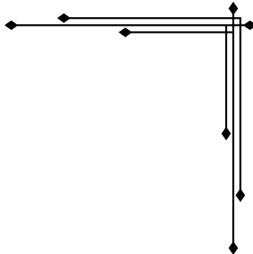
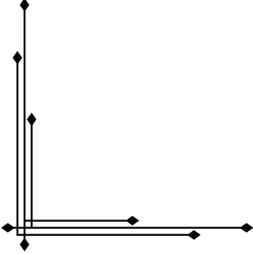
— Porque você tem o mesmo sorriso travesso de quando era criança e aprontava algo. — Gargalho, porque Célia é incrível.

— Você tem razão, e já que insisti em saber. — Ela levanta a sobancelha. — Ok, Ok, Ok eu preciso da sua ajuda. — Ela ri.

— Se tiver a ver com aquelas duas você já a tem. — Sorrio porque sei o quanto Célia ama Aurora e Lis, e mesmo sem que eu precise falar algo, sei que ela sabe que eu sinto o mesmo.

Imediatamente conto meu plano para ela que fica muito feliz em me ajudar. Após explicar tudo para Célia, me dirijo ao quarto que está vazio e suponho que minhas princesas tenham ido tomar café da manhã. Olho para cama e vejo a camisa que Aurora usou, a pego e inalo seu perfume.

Ah, minha Aurora. Que Deus me ajude a ganhar seu coração, pois o meu você já tem.



26

Aurora Stuart

CAPÍTULO 26

Estou na cozinha tomando café enquanto meus pensamentos estão longe, repassando tudo o que aconteceu essa manhã.

Deus, o que foi aquilo? De repente parecíamos uma família feliz. Família? Aurora, acorda! Sebastian Di Maccio é seu patrão e você é só a empregada!

Suspiro triste.

Sei que levarei a lembrança desse momento para sempre. Seu sorriso, sua gargalhada grave, sua barba em meu pescoço e seu cheiro. Sinto algo se aquecer no meio das minhas pernas com a mera recordação do seu toque, por mais inocente que fosse, em meu corpo.

Depois do que houve comigo no passado, achei que minha feminilidade tinha morrido. Mas descobri que não poderia estar mais enganada, pois basta ouvir sua voz, sentir seu cheiro, que eu já sinto minha pele arrepiar e um incômodo úmido se formar na minha calcinha como agora.

— Aurora, você está me ouvindo? — Sou desperta pela voz que faz cada pelinho do meu corpo se arrepiar.

Olho para ele e quando acho que o ser humano não pode ficar mais bonito ele me aparece com uma camisa polo preta, uma bermuda branca e mocassim preto. E agora para acabar de arrasar com a minha vida ele está de barba, sim senhor, e que barba, minha mão chega a coçar pra tocá-la.

Ai, minha nossa senhora da bicicletinha sem freio, livrai-me dessa tentação de barba, amém. Mas e o perfume? Precisa ser tão cheiroso assim?

— E então, Aurora? — Ele parece esperar uma resposta e eu acho que perdi a capacidade de falar. O meu Tico e Teco se recusam a trabalhar olhando para esse homem. *Vamos lá reage, Aurora.*

Ouçõ uma risadinha e sou tirada dos meus devaneios pelas gracinhas de Valery e Celia que observam tudo com risinhos cúmplices. Pigarreio e reúno o que restou da minha dignidade, que digo logo, não foi muita coisa que sobrou não, hein.

— Hein? O que voc-Digo, o senhor falou? — Ele sorri de lado debochado.

O miserável sabe o efeito que causa em mim e parece se divertir com isso, o que me deixa irritada comigo, por não conseguir controlar minhas reações perto dele.

— Eu perguntei se vocês já haviam terminado de tomar café para irmos — ele fala ainda sustentando aquele sorriso torto.

Idiota lindo.

Levanto-me irritada, empino o nariz e respondo:

— Sim, terminamos senhor Di Maccio.

Nesse momento vejo seus olhos percorrerem meu corpo e me sinto queimar. Estou usando um vestido soltinho de alcinha azul marinho com algumas flores delicadas que chega até o meio das minhas coxas. E estou realmente feliz em tê-lo colocado para lavar antes daquela tragédia, pois o olhar do sr. Di Maccio sobre mim é impagável. Parece que vai me devorar com seus olhos azuis gelo.

— Eita, será que esse passeio sai hoje? — A voz de Valery nos tira do transe e Sebastian olha para ela, fazendo-a se encolher.

— Me expulsando da minha casa, dona Valery? — ele pergunta com a sobrançelha erguida e vejo-a ficar sem jeito.

— Não-não, se-senhor. Me desculpe, eu só... — Sebastian levanta a mão parando a explicação dela. Um silêncio pesado recai na cozinha, até que ele fala sério:

— Só desculpo se você me der um pedaço daquele bolo de chocolate com nozes que você fez ontem e que estava maravilhoso — ele fala com um sorriso no rosto direcionado a ela que o encara chocada e depois pisca confusa até lhe retribuir com um sorriso amarelo.

— Cla-claro, sr. Di Maccio!

Valery vai até o armário e pega um pratinho e um talher, e serve Sebastian que sentou ao meu lado. Ele olha para meu prato, depois para o copo que está na minha mão com suco e o pega bebendo em seguida e dando uma piscadinha sacana para mim.

— Eiiii, meu suco — falo irritada.

— Negativo. Você disse que tinha terminado e eu sou totalmente contra desperdício de comida, mocinha. — fala apontando o garfo para mim.

— Mocinha é sua avó e eu não tinha terminado meu suco coisa nenhuma. — Ele bebe o suco e dá de ombro.

— Problema seu, o que vale é a primeira resposta. — Sem me conter dou língua e ele.

— Chato — falo e ele gargalha.

— Pelo amor de Deus! Você sabe falar palavrão, Aurora? — Olho pra ele e cerro os olhos.

— Claro que sei. Só não te xingo porque você é meu chefe e minha filha está nesse recinto. — Ele ergue a sobancelha e levanta as mãos em *rendição*.

— Ok. Senhorita *boca suja*. — Cerro os olhos e vou respondê-lo quando Célia nos interrompe.

— Parem já os dois de implicância! Parece que não saíram da 5ª série. E *chispem* logo da minha cozinha que eu tenho mais o que fazer. — Ela coloca a mão na cintura fingindo chateação. Sebastian me olha, eu o olho de volta e caímos na gargalhada. — Ora, mas que petulância. — Celia pega o pano de prato e joga em Sebastian que levanta rindo e pega na minha mão.

— Vamos, Aurora, ultrajante isso. Estou sendo expulso da minha própria cozinha, que absurdo! — ele fala olhando para Célia colocando a mão no peito de maneira dramática, mas sem largar a minha mão, o que faz borboletas voarem no meu estômago.

— Ultrajante vai ser os tapas que vou lhe dar se não pegarem o rumo de vocês. — Rimos dela e Bash vai até Lis que ri de tudo sem se envolver.

— Vamos, pequena. — Bash olha pra porta no exato momento que o sr. Jamie vem entrado com flores nas mãos. — Vamos que a vovó Célia quer privacidade para namorar o vovô Jamie. — Na velocidade da luz Sebastian pega Lisbella da cadeirinha e sai correndo, e eu faço o mesmo antes que sobre para mim.

— ORA, SEU MOLEQUE! VOLTA AQUI, SEBASTIAN DI MACCIO, QUE EU VOU TE ENSINAR A ME RESPEITAR. — Ouço os gritos de Célia e as gargalhadas de Valery.

Sebastian desce as escadas com Lis que gargalha alto, a Land Rover já está nos esperando e Bash coloca Lis na cadeirinha, enquanto encosto-me no carro, rindo e segurando minha barriga. Ele fecha a porta de Lis e me puxa pela mão para abrir a minha.

— Vamos logo antes que Célia venha e tire nosso coro. — Entro no carro e ele coloca meu cinto, imediatamente seu cheiro invade minhas narinas me fazendo suspirar. Ele me olha com um sorriso nos lábios e dá a volta no carro, quando entra encosta a cabeça no encosto do banco fechando os olhos com um sorriso nos lábios.

— Você é maluco, cutucar a fera com vara curta? Não tem amor a vida, não? — prgunto, ele me olha e gargalha.

— Medrosa! — aponta pra mim.

— Medrosa uma ova. Célia brava dá mais medo que Fera e Brutus com fome. — dessa vez gargalhamos juntos.

— Vou ter que concordar com você. Mas que foi engaçado foi, você viu a cara dela?

— Ela parecia que aí explodir como panela de pressão. E ficou vermelha como tomate, mas você viu a cara do pobre do seu Jamie?

— Não deu tempo de olhar, eu estava preocupado demais em correr e livrar minha pele.

— O pobre do Jamie ficou mais perdido que cego em tiroteio, até que entendeu a situação e também ficou todo sem jeito.

— Ah, qual é? Eles tem uma queda um pelo outro há séculos, não sei por que não se assumirem logo.

— Eles realmente são bonitinhos juntos. — Olho atentamente para a boca dele e vejo que está sujo de chocolate no cantinho. — Tá sujo de chocolate aqui. — Toco o cantinho da sua boca e sem tirar os olhos de mim ele pega meu dedo que estava sujo com o chocolate e lambe de leve, mandando para o meu corpo ondas de choque e calor.

Fecho minhas pernas as esfregando, sentindo minha calcinha encharcada e meu coração parece que vai explodir de tão acelerado.

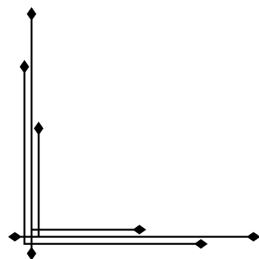
— A *zente* ainda vai *ciar*? — A voz de Lis nos tira do nosso torpor e eu me afasto de Sebastian, vermelha de vergonha.

Ele me olha de maneira indecifrável e responde Lis.

— Vamos sim, meu amor. E vamos agora, antes que a vovó Célia apareça e queira fazer sopa de Sebastian para o almoço. — Rio do seu exagero enquanto coloca o carro em movimento.

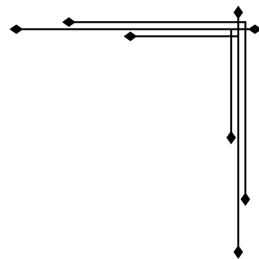
— Exagerado! — Ele sorri e não responde.

Deus, quem é esse homem e o que fez com o carrasco do meu patrão? Se eu não morasse na casa diria que esse é o gêmeo bom e que o que eu conheci quando cheguei aqui era o gêmeo do mal. Rio com o pensamento e o noto me olhar pelo canto do olho, mas não diz nada.



27

Aurora Stuart



CAPÍTULO 27

Logo que chegamos ao shopping, Sebastian deixa o carro no estacionamento e seguimos cada um segurando uma mão de Lis em direção às lojas, e fico encantada com tudo ao meu redor, o lugar é bem luxuoso, as lojas chamam atenção pela sua beleza e requinte. Depois de alguns minutos andando e conversando com Lis que não para de tagarelar, empolgada com o passeio, meus olhos são capturados por uma vitrine mais à nossa frente, e acabo encarando em um vestido lindo de seda vermelho longo e elegante.

Nunca gostei de roupa muito colado no corpo, sempre ficava tímida nesse tipo de traje, mas acho que com esse modelo eu abriria uma exceção, e como se lesse meus pensamentos, Sebastian fala:

— Gostou, Aurora? — A voz de Bash me tira dos meus devaneios.

— É sim, é muito bonito — respondo sem tirar os olhos da vitrine.

— Ótimo, então vamos comprar. — Ele pega minha mão, mas eu o paro.

— O quê? Não! Está louco, sr. Di Maccio? Esse vestido deve custar o valor de um rim.

— E daí? Você não precisa se preocupar com o valor, eu quero que você compre tudo o que precisa e mais, afinal, por minha culpa você perdeu seus pertences.

Suspiro.

— Olha, sr. Di Maccio, nem todos os meus pertences juntos daria o valor desse vestido, e o que aconteceu foi um incidente, você não tem culpa de nada. Que eu saiba você é empresário, não bombeiro hidráulico. — Ele me olha e ri.

— Ok. — Suspiro aliviada. — Entra lá e compra o vestido. — Ele retira o cartão da carteira e me entrega. — Pode ter sido um incidente, mas vocês perderam tudo e hoje eu quero dar tudo o que vocês merecem, Aurora, não só o que tinham, mas muito mais.

— Sr. Di...

— Sebastian ou Bash, Aurora, por favor, não estamos na minha casa. — Ele suspira, cansado. — Olha, Aurora, realmente dinheiro não é um problema pra mim. O valor desse vestido não vai nem arranhar minha conta bancária — ele fala sem arrogância, apenas constatando um fato. — E hoje, só quero cuidar de vocês, então, por favor, só por hoje deixe seu orgulho de lado e aceite tudo que tenho a oferecer, sim?! — Ele toca meu rosto com carinho e sinto minhas pernas ficarem bambas e meu corpo se arrepiar. — Só hoje me deixa cuidar de vocês, Aurora? — Olho em seus olhos e vejo sinceridade em seu pedido, minando minha coragem de lhe negar algo.

Só por hoje. Só por hoje deixarei que ele cuide de mim e da minha filha.

Sorrio sem dentes para ele e respondo:

— Tudo bem, só por hoje. — Ele assente me presenteando com aquele sorriso que me faz precisar trocar a calcinha.

— Papa... — Lis olha para mim e a sinto se encolher. — Bashinho, *queilo pipoca*.

Ele olha para Lis e depois para mim, sinto meu peito se apertar, pois noto a pontada de tristeza em seus olhos e não entendo o porquê?! Será porque proibi Lis de chamá-lo assim? Mas não faz sentindo algum. De qualquer forma o melhor é cortar o mal pela raiz, e se for preciso terei outra conversa com minha menina.

— Eu vou comprar a pipoca para ela, enquanto vai lá e compra o vestido e tudo o que lhe agradar. — Assinto e ele sai com Lis.

Respiro fundo e me dirijo à loja que por dentro é enorme e muito luxuosa. Suas roupas são lindas com cortes e caimentos que realçam bem o corpo. A convivência com Gaby me ensinou um pouco sobre esse mundo da alta costura e posso afirmar que os modelos aqui expostos são de ótimo gosto e boa qualidade.

— Bom dia, em que posso ajudá-la? — Uma vendedora loira, muito bem vestida e simpática vem me atender, sorrio para ela e falo:

— Eu gostaria de experimentar aquele vestido — aponto para o modelo na vitrine.

— Claro, ele é um modelo exclusivo e foi posto há poucos minutos ali. Por favor, me acompanhe até o provador que irei levar para você. Qual o seu tamanho?

Falo e ela assente me direcionando as cabines. Fico aguardando

e em alguns minutos ela volta com o vestido e me entrega. Entro na cabine e logo estou olhando para meu corpo, me sentindo linda com o vestido que abraçou todas as minhas curvas, ele realçou minha cintura fina e meu busto com seu caimento leve, a frente contrastando com as costas nuas, e dando um toque final a fenda na perna. *Será que Sebastian aprovaria?* Mordo o lábio com o pensamento bobo.

— Senhora. — Ouço a voz da vendedora e abro a cortina da cabine.

— Sim?! — Tomo um susto ao dar de cara com Sebastian que agora me olha como se pudesse me devorar, me fazendo sentir a mulher mais linda do mundo.

— Você está perfeita! — fala com a voz rouca, sem tirar os olhos de mim.

— Devo concordar com seu esposo, senhora, o vestido ficou perfeito. — A vendedora concorda e me sinto ruborizar tanto pelo elogio como pelo equívoco dela.

— Ah, ele não...

— Sim, minha mulher ficou perfeita nesse modelo, então vamos levá-lo.

O quê? Peraí, ele acabou de afirmar que sou mulher dele?! Acho que estou em choque, pois não consigo reagir, ele por outro lado simplesmente me ignora e continua falando com a vendedora. — Você teria outros modelos assim? Na verdade, você teria peças para o dia a dia, para noite, para momentos casuais?

Vejo o sorriso da mulher se alargar com a possibilidade da comissão exorbitante que virá.

— Si-sim, senhor. Trago tudo em um instante.

— Perfeito! Aguardamos. — Ele sorri e vejo a mulher corar.

Reviro os olhos e quando ela se afasta penso em repreendê-lo, mas me dou conta de algo.

— Onde está Lisbella? — pergunto assustada.

— Ei, Lis ficou brincando no Playgraund com uma cuidadora exclusiva para ela. — Suspiro parcialmente aliviada e ele coça a nuca. — Quando passamos em frente ela me implorou para entrar e não consegui dizer negar, mas antes verifiquei se o local é seguro, procurei as avaliações do lugar e a recomendação do mesmo, e só depois de ter certeza que é confiável deixei ela lá. Fiz errado? — Olho para ele e sorrio.

— Não, está tudo bem.

— Ufa!

A vendedora logo volta acompanhada de mais duas, cortando

nossa interação, elas oferecem champanhe para Sebastian que nega e aceita um café enquanto ele me assiste trocar de roupa aprovando ou reprovando.

Confesso que o momento foi muito divertido, no começo sentia mil borboletas voando no meu estômago a cada vez que abria a cortina, do meio pro fim eu apenas ria das suas reações exageradas, assim como as vendedoras que suspiravam por ele e ficavam elogiando o quanto *meu esposo* é atencioso e depois da terceira vez que ele me cortou quando tentei desfazer o mal-entendido, desisti e simplesmente deixei elas acharem o que quisessem.

No final, saímos da loja morrendo de fome e cheios de sacolas que estão sendo carregadas por Sebastian, tornando a cena engraçada, pois quem vê achar que estamos diante da madame e o guarda-costas. Rio com o pensamento.

Ah, Bash, o que eu faço com você, meu ogro favorito?

Guardamos as compras no carro, voltamos para pegar Lis e vamos almoçar na praça de alimentação, depois do almoço é a vez de comprar as coisas de Lis. E Deus me livre, mas minha filha é impossível, e o pior é que o Sebastian dá corda. Ele não pode ver nada rosa das princesas que já quer comprar, é brinquedo, roupa, calçado, tudo!

— Aqui, mamãe, *quelo* esse *vitido* da *plicesa* Jamin.

— Lis, já chega. Você já comprou o vestido de todas as princesas da Disney. Meu pai! Você vai levar o sr. Di Maccio à falência!

— Vai nada! — Ele toma o vestido da minha mão e vai até a vendedora que já está passando tudo no caixa. — Aqui, moça, esse aqui vai também — Rolo os olhos e vou até ele.

— Bash, você não pode fazer tudo que ela quer! — Coloco a mão na cintura enquanto ele pega Lis no colo e ela coloca a cabeça em seu ombro com a cara mais lavada.

Cara de pau a dessa menina!

— Poxa, Anjo, olha só essa carinha. — Ele olha para Lis beijando o nariz dela que ri. — Dizer *não* é complicado. Além do mais, é só hoje. — A vendedora ri.

— Ah, senhora, na minha casa é do mesmo jeito, meu esposo faz o mesmo que o seu. Eles mimam e a gente sai de ruim da história por sermos quem põe limite, as vilãs que dizem sempre o *não*. — Ela tem razão, exceto pelo fato de achar que Sebastian é meu esposo.

— Ah, nós não...

— Isso é injusto. Poxa, mimar um pouquinho não nos torna os vilões da história, não é, meu anjo? — Ele me corta novamente na hora de

reparar o erro de outra vendedora.

O que diabos ele está fazendo? Por que deixar as pessoas acreditarem que somos um casal quando não somos?! Já estou ficando irritada com sua atitude, quero esganá-lo, mas em vez disso, respiro fundo e falo entre dentes:

— Ah, claro! Depois que a criança está fazendo o que quer a culpa é da mãe que *deixou* — falo cerrando meus olhos.

— Claro que não! Os dois são responsáveis pela criação dos filhos, responsáveis tanto pelos erros, como pelos acertos. — Sua resposta me surpreende e me inquieta, porque quem olha pensa que somos pais discutindo sobre a educação dos filhos. Só que não somos um casal e não temos filhos.

A voz da vendedora me tira das minhas questões internas, e eu pisco tentando acompanhar o que ela fala.

— Nossa, a senhora tem sorte por ter um esposo tão consciente das responsabilidades da criação dos filhos pelo casal.

— Ah, mas ele não... — Balbucio, mas novamente sou cortada.

— Terminou, moça? Sabe como é, minha esposa ainda tem que comprar lingerie — ele fala em tom de segredo com a mulher que solta um risinho cúmplice.

— QUÊ? — Eu quase grito sentindo minha cara ficar vermelha como um pimentão. *Que filho da mãe atrevido!*

— Claro, terminei sim. Imagino a pressa para agradar um marido assim tão — Ela olha pra Sebastian e baba, e como se possível minha irritação vai a níveis estratosféricos, por isso pigarreio, cruzo os braços e levantando a sobancelha. A mulher fica visivelmente constrangida e se apressa em guardar nossas compras.

— Tão compreensivo, senhora. Éh, aqui estão as suas compras, voltem sempre. — Olho para Sebastian e tem um sorrisinho cínico nos lábios. *Babaca!*

Já não bastou todas as vendedoras e clientes da loja anterior babando nele, agora mais essa. Teve um momento mais cedo, que estava escolhendo uma blusa e vi quando uma vendedora morena peituda foi servir café pra ele, e jurava que a mocreia ia pedir pra ele tomar nos peitos dela de tanto que se inclinou pra cima dele, mas rapidinho cortei o barato dela chegando perto e lançando um olhar mortal, que fez a vaca recuar visivelmente constrangida. Ciúmes! A palavra pisca em neon na minha mente, mas me faço de doida e apenas encaro minha atitude como uma imposição de respeito, afinal, nós não temos nada, mas ele está me acompanhando, poxa.

Pego as sacolas da mão da vendedora e saio marchando para fora da loja enquanto ele segura a Lis.

— Eiiii, coisinha brava. — Ele segura meu braço e minha vontade é de socar a cara dele e acabar com esse sorrisinho idiota que ele sustenta.

— Coisinha brava é sua avó! — Ele ri e coloca Lis, que se agita no chão e me olha sério, ele se aproxima de mim e fala perto do meu ouvido:

— Não precisa sentir ciúmes, coisinha brava, eu só tenho olhos para você. — Acho que meu coração vai sair pela boca. Ele deixa um beijo no meu pescoço e sinto minhas pernas virarem gelatina e minha calcinha dá PT. Ele continua com a voz grossa, me causando arrepios. — A loja de lingerie está atrás de você, irei levar Lis na loja de brinquedos e te encontro aqui em meia hora, não tenha pressa, escolha cada peça com calma. A propósito, *imagino* — ele dá ênfase à palavra: *imagino* — que branco e vermelho ficam muito bem em você. — Ele se afasta e me olha daquele jeito quente que parece me deixar nua diante dele e com o sorriso cafajeste nos lábios, vira de costas, pega Lis que está entretida com uma boneca, erguendo-a no ar, fazendo-a soltar um gritinho gostoso e gargalhar, eles se vão e fico aqui, de pernas bambas, a boca seca e o corpo em chamas.

— Socorro Deus! — Eu me abano e viro entrando na loja de lingerie.

Meia hora se passa e estou com várias lingerie vermelhas e brancas à minha frente. Não que a opinião do Sebastian tenha alguma coisa com isso, jamais! Não tenho culpa se as brancas e as vermelhas são as mais bonitas. E de qualquer maneira, não escolhi só branca e vermelha, tem duas rosas, duas pretas, uma amarela e as demais brancas e vermelhas.

A quem eu quero enganar? Desde que entrei nessa bendita loja meus olhos foram como ímãs para as peças vermelhas e brancas. A vendedora que me ajudou a escolhê-las é muito simpática e me deu várias dicas para usar com o *boy delícia*. *Céus, que boy delícia o quê?*

— Sebastian nunca vai me ver usando nada disso mesmo — falo levantando uma calcinha minúscula branca de renda. — Nem sei se tenho coragem de usar isso!

— Que bobagem! A senhora tem um corpo lindo e essa peça vai valorizar demais as suas curvas, vai por mim, quando seu esposo ver você usando essa calcinha, ele vai ficar maluco, o Malaquias vai ficar em posição de sentido rapidinho e acredite, no outro dia a senhora nem senta. — Encaro chocada. *Que menina louca!*

Fico vermelha com o que essa baixinha de cabelos cor-de-rosa fala, mas é inevitável não imaginar Sebastian me olhando usando penas isso. Imagino aquele olhar quente que só ele sabe lançar, aquele sorriso cafajeste, aquelas mãos enormes tocando minha pele nua, os

dedos tocando a renda dessa calcinha.

— Pronto, senhora. Aqui estão suas compras.

— Hã? Oi? — Olho para a moça e ela me estende as várias sacolas com lingerie, e me encara divertida como se soubesse o que eu estava pensando, pego minhas sacolas, constrangida, agradeço seu atendimento e saio da loja.

Agora me explica como o simples pensamento de Sebastian me tocando me deixa quente, ofegante e desejosa desse jeito? Eu nunca senti isso por homem nenhum, na verdade, sempre evitei contato mais íntimo com qualquer homem depois de tudo o que aconteceu comigo, mas com Sebastian é diferente. A simples imaginação de suas mãos sobre mim, do seu corpo colado ao meu, do seu cheiro, seu toque, seu sabor, me deixam quente, me fazem desejar ardentemente que isso seja real.

Suspiro perdida em pensamentos, e só desperto quando esbarro em alguém, olho para frente e me deparo com o rapaz que deve ser um pouco mais velho que eu, branquinho, com algumas espinhas no rosto, óculos quadrado e moletom, um estilo bem nerd.

— Desculpa, moço — falo sem graça.

— Imagina, eu que estava distraído — fala descontraído até que olha para baixo.

— Humm, acho que isso é seu — Meu olhar o segue quando ele abaixa e me estende um sutiã vermelho. Sinto meu rosto queimar de vergonha e me obrigo a responder.

— Si-sim é meu sim, obrigada.

— Ótima escolha! — fala me dando uma piscadinha, me fazendo ficar vermelha como um pimentão.

— Concordo plenamente. Minha mulher sempre segue minhas sugestões. — Ouço a voz que tem sido a razão do meu tormento e sinto suas mãos quentes envolverem minha cintura e me apertarem de encontro ao seu corpo, fazendo meu corpo inteiro se arrepiar.

— Oh, desculpe. Eu não sabia que você tinha namorado, — O rapaz gagueja e fica pálido ao encarar Sebastian ao meu lado, também pudera, o homem é um armário se comparado ao garoto diante de nós. — Bem, moça, sutiã entregue, se vocês me dão licença. — O garoto sai praticamente fugido.

Olho para Sebastian sem entender sua reação.

Isso foi ciúmes? Impossível!

— Entendeu, Aurora? — A voz dele me chama atenção.

— Q-quê? — pergunto meio confusa e ele bufa e passa a mão pelo rosto.

— Você deve prestar mais atenção por onde anda. Ficar distraída assim só te deixa à mercê desses babacas galanteadores — fala sério, me encarando e só então percebo que ele está me reprechendo. Bufo e resolvo colocá-lo em seu devido lugar.

— Oi? Eu não estava distraída. — Mentira, tava sim, mas isso ele não precisa saber. — Aliás — coloco a mão na cintura e continuo —, eu não sou nada sua para você achar que pode mandar em mim. — Ele me olha surpreso e fica momentaneamente sem reação. Ótimo, porque eu continuo. — E outra coisinha, senhor Di Maccio, pode parar já com essa historinha de dizer que sou sua mulher, esposa, namorada e o escambau a quatro, porque eu não sou sua nem de ninguém. Sou apenas sua empregada e você meu patrão, então ponha-se no seu lugar, baixa a bola e para de agir como um homem das cavernas. Passar bem!

Sebastian continua a me encarar, chocado com minha atitude, ele abre e fecha a boca, mas não diz nada, até porque eu nem dou tempo para isso, pois saio em busca da minha filha. Mas antes que eu possa dar dois passos, sinto meu braço ser puxado e sou empurrada para um corredor privativo de funcionário que se encontra deserto.

Sou prensada na parede e ele cola seu corpo no meu, sinto sua respiração em meu rosto, assim como seus olhos que parecem em chamas, só não sei se de raiva ou de desejo, ou dos dois. Tento respirar procurando recuperar um pouco da minha capacidade de fala.

— O q-que você *tá* fazendo, Sebastian? *Tá* maluco? — Ele me olha e sem responder aproxima seu rosto do meu, colando nossas testas.

— Sim. Estou maluco por você, minha Aurora. — Ele segura meu rosto e beija no cantinho da minha boca, me fazendo arfar e sentir minhas pernas bambas. — Eu não suporto a ideia de outro homem tocando você. — Sua mão toca minha cintura, me fazendo arfar. — Eu não suporto a ideia de outro homem sentindo o teu cheiro. Ah, eu sou louco pelo seu cheiro, meu anjo. — Ele leva o rosto ao meu pescoço e sem resistência alguma dou passagem, ele cheira inalando meu perfume, roça a barba, beija e morde de leve, fazendo um gemido involuntário sair pelos meus lábios.

— Eu te quero, Aurora! — Seu tom é convicto, rouco e carregado de luxúria. — Te desejo assim como você me deseja. — Ele sobe os beijos e morde o lóbulo da minha orelha. — Seu corpo responde ao meu toque, às minhas carícias. Me diga, Aurora, por que resistir ao que sentimos um pelo outro? — fala enquanto passa a barba em meu pescoço.

— Bash... — Tudo que consigo fazer é gemer, ouço ele grunhir e o sinto apertar minha cintura com mais força, fazendo nossos corpos

colarem mais e me deixando ciente da sua ereção.

Eu não sinto medo ao sentir seu membro rígido em minha barriga, muito pelo contrário, sinto-me mole, queimando de desejo. Meu sexo lateja implorando por um alívio que não sei como posso ter. Agarro-me em seus braços, inalando seu cheiro másculo que tanto me enlouquece.

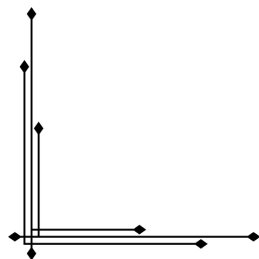
— Seja minha, Aurora?! — Sebastian morde o lóbulo da minha orelha e me dá um beijo no cantinho da minha boca, e antes que eu possa responder algo ele me solta, me deixando desorientada. Olho-o confusa, mas tudo o que ele tem no rosto é um sorriso cafofo e um olhar cheio de promessas.

— Vamos buscar a Lis. — Ele pega minha mão e sai me puxando como se nada tivesse acontecido e fico sem entender nada, desejosa e extremamente frustrada com sua atitude. Quando estou prestes a questioná-lo, ele para e fala:

— A propósito, amei saber que você ouviu minha sugestão quanto às suas lingerie. — Ele se aproxima novamente e minha vontade é de mandá-lo para o quinto dos infernos abraçar o capeta, mas meu corpo, esse traidor de uma figa fica mole e arrepiado, ao sentir a proximidade da barba dele próximo à minha orelha. — Não vejo a hora de vê-la com cada uma delas, minha Aurora. Essa noite tenho certeza que meus sonhos serão povoados por imagens suas usando uma calcinha vermelha minúscula que deve fazer par com aquele sutiã. — Ele morde minha clavícula e se afasta. — Agora vamos pegar nossa pequena e jantar, porque estou morrendo de fome. — Novamente ele me puxa, me deixando completamente sem reação e ainda mais frustrada e puta da vida.

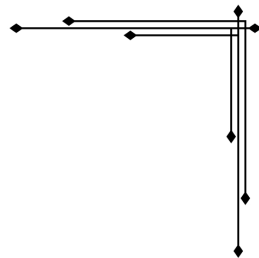
Minha vontade é mandá-lo ir jantar com o capeta e se explodir. Filho da mãe, como ele é capaz de me acender desse jeito e depois me deixar com cara de pamonha requentada?

Suspiro frustrada, cheia de dúvidas, medos e desejos. Encosto a cabeça na janela do carro enquanto ele dirige não sei pra onde.



29

Aurora Stuart



CAPÍTULO 29

O silêncio se faz presente dentro do carro, a única coisa que se ouve é o som do desenho animado que Lis assiste no celular de Sebastian.

— Chegamos! — A voz dele me tira dos meus devaneios.

Bufo irritada, e sem esperar retiro meu cinto e desço do carro, só para ficar impressionada com a visão do restaurante que está à nossa frente. É simplesmente lindo, uma mistura de rústico e chique, ornamentado com flores delicadas e arranjos com lindas luminárias, o lugar parece ter saído de um conto de fadas.

— Vamos? — Sinto os dedos de Sebastian entrelaçar os meus, olho para nossas mãos e para ele que agora tem uma Lis quietinha em seu colo.

Suspiro

É impossível ficar com raiva desse homem por muito tempo, vendo-o assim com minha bebê, de mãos dadas comigo, qualquer um que vê dirá que somos uma família.

Uma família

— Vem, temos um jantar nos esperando. — Ele me tira dos meus devaneios, me puxando delicadamente em direção à entrada do restaurante.

— Boa noite, seja bem-vindos, sr. e sra. Di Maccio. — Fico sem jeito por ouvir a moça me chamar de senhora Di Maccio.

Por mais que sinta meu coração se aquecer com essas insinuações eu não posso me deixar levar. Por mais que ele tenha dito que me queria, ainda não sei como?! Afinal, ele pode me querer apenas na sua cama, para se divertir comigo e depois me descartar.

— Me acompanhem, por favor. — Sou retirada dos meus

pensamentos pela voz do maître que nos guia inicialmente a ala infantil, onde Lis irá ficar.

Em seguida, seguimos reto e ao fim do último salão subimos uma escada, onde é impossível não sentir seu olhar em meu bumbum. *Safado!*

— Como o senhor solicitou. — Olho ao redor e sinto minha boca formar um O.

Nós estamos em uma espécie de terraço cercado de orquídeas e luminárias, *Potograph* do Ed Sheeran está tocando baixinho, deixando o ambiente romântico e intimista. No centro apenas uma mesa para dois onde somos conduzidos.

— Espero que tenha gostado da surpresa. — Sua voz rouca e ansiosa me faz encará-lo e com sinceridade respondo:

— Eu amei. Esse lugar é lindo!

Ele não fala nada, apenas toma a minha mão e me conduz puxando a cadeira para que eu me sente. Tão cavalheiro, nem parece o ogro de meses atrás, e é impossível não rir do pensamento.

— Posso saber de que a senhorita está rindo? — ele pergunta sentando à minha frente, então me questiono se o respondo ou não, mas opto por ser honesta.

— Estou rindo do seu cavalheirismo, nem parece o ogro de alguns meses atrás. — Ele ergue a sobrancelha.

— Ogro? — Dou de ombros dando pouca importância. — Bom saber que me tem em tão alta conta, senhorita Stuart. — Rio do jeito dele.

— Bobo. — Olho para o lado onde lá no alto a lua se estende majestosa. — A lua está incrivelmente linda hoje.

— Não mais linda que você!

Olho para ele que me encara de maneira séria e penetrante, baixo o olhar corando violentamente. Um silêncio se instala entre nós enquanto o sinto me avaliar.

— Senhores, o menu. — Agradeço internamente a interrupção do garçom.

Sebastian pede um vinho e me ajuda a escolher meu prato. O jantar transcorre tranquilo, conversamos de tudo um pouco e é incrível como a conversa flui entre nós. Ele não tirar seus olhos de mim, assim como acaricia minha mão suavemente. No início fiquei sem jeito, mas decidi aproveitar ao máximo essa noite, amanhã eu volto a ser Aurora, a empregada, e ele o sr. Di Maccio, o patrão. Mas por hoje quero sentir seu toque, seu cheiro, seu olhar me queimar.

Quando termino a sobremesa sua voz me surpreende.

— Dança comigo? — Reconheço o toque da música *Dusk to Down* da cantora Sia.

Sebastian levanta e para ao meu lado, me estendendo a mão, olho para ela e depois para os seus olhos, e sem pensar duas vezes aceito. Ele me leva para onde apenas as flores e as luzes nos cercam e a lua nos ilumina. Bash envolve minha cintura e eu o seu pescoço.

— Eu nunca dancei assim.

— Assim como, anjo? — Sua voz é baixa, rouca e sexy, mandando ondas de calor para o meu corpo.

— Co-com um homem — falo sem graça. — Espero não pisar no seu pé. — Faço piada tentando dissipar a tensão de estar assim de forma tão romântica nos braços do meu patrão.

— Não se preocupe, acho que aguento um pisão seu, desde que você continue assim, em meus braços, eu suporto qualquer coisa — fala olhando nos meus olhos.

Sua afirmação tem um tom profundo, como se ele não se referisse apenas a dança, mas a algo muito maior, que não consigo compreender. Sinto meu corpo se arrepiar quando ele desce os lábios em direção ao meu ouvido, enquanto canta baixinho a música que fala exatamente do que sinto, do que quero ter e ser com Sebastian Di Maccio.

Somos embalados pela música de sai e sinto Sebastian rir em meu pescoço ao cantar o novo trecho e rio concordando, que *éramos fechados como uma jaqueta*, ele nas suas carrancas, mal humor e amargura e eu em meus medos e traumas.

Sem sombra de dúvidas essa música fala muito de nós dois. Ele toca meus braços seguindo o que a música diz, fazendo meu corpo se aquecer com as carícias suaves na pele desnuda. Sebastian inala meu cheiro, enquanto continua a cantar baixinho em meu ouvido. De repente, ele me solta fazendo meu corpo se afastar, me girando e rio boba, ele puxa de volta e agora fico de costas para ele enquanto sorrio, nos balançamos ao som da música, ele coloca o rosto na curva do meu pescoço, me fazendo dar passagem para seus beijos que me deixam em êxtase.

Sussurrando a canção no meu ouvido e descendo uma das mãos pela lateral do meu corpo, voltando a subir os dedos deixando um rastro que me incendeia, começando na pele exposta da lateral da minha coxa e sobem delicadamente sobre o vestido, passando pela lateral dos meus seios e os sinto sensíveis, pesados e intumescidos. Fecho os olhos e imagino as mãos de Sebastian ali, me tocando, fazendo amor comigo. Tal pensamento me deixa surpresa e assustada, por um segundo me dou conta que nunca, depois de tudo que me aconteceu, absolutamente nunca me imaginei ou desejei fazer amor

com um homem. E agora me dou conta que estou totalmente e irrevogavelmente entregue a Sebastian Di Maccio.

Ele me gira para ficar frente a frente com ele novamente. Seu olhar me queima e no segundo que a voz angelical de Sia ressoa a frase, “*Mas você nunca ficará sozinha*”, Sebastian Di Maccio faz o que há muitas noites venho sonhando que ele faça. Ele envolve minha cintura com um braço e a outra mão ele prende em meus cabelos, me trazendo para mais perto dele, nossos corpos colados, nossos olhos conectados, e ao sentir em meu rosto sua respiração, apenas fecho os olhos e me entrego e ele me beija.

Um beijo quente. Selvagem. Faminto. Cheio de saudade. Carinhoso e Sensual.

Sua língua pede passagem por entre meus lábios que se abrem de bom grado entregando tudo a ele. Nosso beijo tem o encaixe perfeito, uma intensidade avassaladora. Desejo e paixão crus se misturam a tantos outros sentimentos secretos e indecifráveis. Constato que é muito melhor do que me lembrava, melhor do que tudo que eu já imaginei que um beijo pudesse ser.

A música chega ao fim, assim como aos poucos nosso beijo avassalador não passa de pequenos selinhos que Sebastian espalha pelos meus lábios. Abro os olhos enquanto sua testa está colada na minha e nos encaramos, e aqui eu sei que isso é um caminho sem volta.

— Seja minha, Aurora?! Seja minha, meu anjo — Sua voz é rouca, baixa, mas intensa, mandando choques e arrepios por todo meu corpo. — Ah, minha doce Aurora “você nunca ficará sozinha. Ficarei com você do anoitecer até o amanhecer. Eu te segurarei quando tudo der errado”.

Ele canta o refrão da música até que se afasta de mim, me deixando confusa. Então o vejo retirar do bolso uma pequena caixinha de veludo e quando abre, vejo um pequeno colar com asas de anjo.

— Aurora, Você aceita ser minha namorada? — Sinto meus olhos marejarem.

Coloco as mãos na boca sem acreditar que isso seja real. Tudo o que sonhei e fantasiei nos últimos meses está bem diante de mim e é inevitável não sentir um medo absurdo tomar conta de mim. Por um momento eu penso em sair correndo, afinal, isso é loucura, certo? Ele é meu patrão e eu sou sua empregada, não é?

Então me lembro das noites de solidão, dos dias frios, do choro escondido, quando Lis dormia, de como o observava ao longe, enquanto ele falava com Célia ou com Lis, de todas as vezes que ia limpar seu quarto e passava alguns minutos agarrada ao seu travesseiro, apenas sentindo seu cheiro. Do momento que me dei

conta que o amava e agora eu o tenho diante de mim, me pedindo em namoro. Então o porquê do medo?

Uma parte minha mostra tudo o que nos separa, dinheiro, classe social, mundos completamente diferentes. Mas a outra parte que o ama em secreto, que gostaria de viver um amor verdadeiro, que sonha com um príncipe encantado e só quer ser amada, protegida, cuidada, grita em minha mente que essa é a hora de deixar todos os medos pra trás e escolher ser feliz, e sei que Sebastian Di Maccio é minha felicidade.

Suspiro e olho para ele, segura.

— Se isso é um sonho, por favor, não me acorde. — Ouço a gargalhada de Sebastian e só então percebo que falei alto demais e fico vermelha de vergonha.

— Você fica linda quando cora, meu anjo, mas será que você pode me dar uma resposta porque eu tenho um coração frágil e não vou aguentar tanta ansiedade. — Agora é minha vez de rir.

Olho para esse homem à minha frente e me lembro de todas as minhas orações. De tudo que pedi a Deus em um homem. De todas as vezes que gostaria de me sentir protegida, cuidada e amada, e é isso, exatamente isso que Sebastian tem feito no último mês.

Nosso começo foi estranho, eu tinha medo dele e ele parecia não me suportar. Eu queria ficar longe e sempre algo me puxava para perto. Ele me fez chorar e querer odiá-lo, mas soube se redimir com muito sacrifício e eu pude ver isso, ele foi baixando a guarda, retirando a máscara da frieza, indiferença e amargura, e dando espaço para o homem bom, gentil, altruísta se sobressair. A máscara de mau caiu e tudo o que vi foi um homem machucado, ferido, assombrado em busca de redenção.

E se sua redenção está em mim, sei que minha felicidade está nele.

Olho para tudo o que passamos nos últimos meses e me dou conta que em todos os momentos que precisei ele sempre esteve lá, cuidando e protegendo, sem exigir nada em troca.

Sebastian Di Maccio é de longe um homem perfeito descrito nos livros. Ele é lindo, mas é quebrado. Ele é forte, mas é frágil. Ele é carinhoso, mas é bruto. Ele é paz, mas é tormenta. Ele é corajoso, mas teme seus fantasmas. Ele é doce, mas é amargo. E tudo isso só o torna mais perfeito, perfeito para mim. E eu o amo, com todos os seus defeitos e qualidades, por isso o respondo:

— Sim! Eu aceito ser sua namorada, Sebastian — Toco seu rosto — Pois sua eu já sou desde a primeira vez que te vi.

Vejo uma pequena sombra passar pelo seu olhar, mas é tão

rápido que acho que imaginei coisas. E sem esperar ele me beija, agarra minha cintura, tirando meus pés do chão e me gira no ar, me fazendo soltar um pequeno gritinho de susto.

— AHHHHHHH, EU SOU O HOMEM MAIS FELIZ DO MUNDO PORRAAAAA!

— Sebastian! — Ele gargalha e me dá um selinho ainda me mantendo com os pés fora do chão.

— Desculpa, meu anjo! Mas você tem noção que me faz o homem mais feliz do mundo nesse exato momento? — Ele me coloca no chão, segura meu rosto com delicadeza e fala olhando nos meus olhos: — O que eu sinto por você, Aurora, nunca senti por mulher alguma, assim como você aceitou ser minha, quero que você saiba que sou seu. — Ele pega minha mão e coloca sobre seu coração onde posso senti-lo acelerado. — Eu te prometo gastar todos os dias da minha vida para te fazer feliz e apagar toda e qualquer marca que deixei em você. Você me tem, Aurora, hoje e para sempre.

Seu olhar é transparente e tudo o que vejo nesse momento é sinceridade e entrega total, e isso me assusta e me entenece. Sebastian é intenso e eu amo isso nele. Ele chegou como um furacão arrastando tudo na minha vida. Em um dia eu era uma órfã com uma filha para criar, desempregada e sem rumo. E de repente esse homem entrou na minha vida com sua grosseria, seu olhar gélido, sua voz firme, sua postura imponente fazendo tudo e todos estremecerem, e agora me vejo diante de um Sebastian entregue ao que sentimos um pelo outro sem reservas, sem receio, e claramente disposto a tudo e qualquer coisa, por mim, por nós.

— Me deixa colocar seu presente em você — ele pede e eu aceno me virando e levantando meus cabelos para que ele coloque o colar em mim.

Quando ele finaliza seus dedos deslizam pelo meu pescoço mandando arrepios gostosos pelo meu corpo. Sorrio e olho para a correntinha com o pingente de asas de anjo, me viro pra ele e sorrio.

— Obrigada, eu amei. — Fico na ponta do pé e dou um selinho em seus lábios.

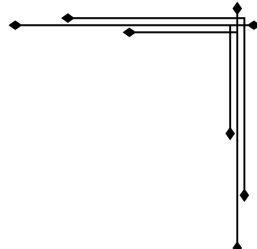
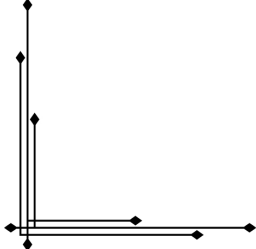
— Você merece muito mais, meu anjo. — Ele segura minha cintura e espalha beijos pelo meu rosto, me fazendo gargalhar e assim permanecemos mais algum tempo olhando a lua e nos curtindo.

Meu namorado. Sebastian Di Maccio é meu namorado. Nem em meus melhores sonhos poderia imaginar viver um momento como esse, provar essa felicidade era algo que estava totalmente fora da realidade para mim. Por isso prometo a mim mesma que assim como ele está disposto a tudo por mim, estarei disposta a tudo por ele. Estou disposta a espantar seus fantasmas e a livrá-lo dessa dor que sempre

vejo no fundo dos seus olhos. Não sei quanto tempo irá levar, mas sei que irei desvendar todos os seus segredos.

Às vezes acho que Sebastian parece sentir que não merece ser feliz, como sei disso? Porque apesar de estar feliz o sentimento de *não merecimento* continua ali, no fundo dos seus olhos transparentes, e eu quero livrá-lo disso, quero que ele se sinta merecedor de ser feliz. Todos nós merecemos, Deus nos fez para sermos felizes, por isso irei me empenhar e mostrar para esse homem incrível, *que agora é meu namorado*, o quanto ele merece toda a felicidade do mundo.

Ficamos juntos por mais um tempo trocando beijos, carícias, brincadeiras bobas, e finalmente resolvemos pegar nossa pequena e irmos para casa.



30

Aurora Stuart

CAPÍTULO 30

O caminho de volta a mansão foi feito em meio as tagarelices de Lis, nossos olhares furtivos e mãos entrelaçadas, enquanto ríamos das gracinhas da minha filha.

— Deus, colocaram o que no jantar dela? A garota *tá* ligada no 360 wltz. — pergunto assim que paramos em frente a mansão e Sebastian gargalha e me dá um selinho rápido que Lis não percebe.

— Bem, que bom que ela não dormiu ainda, porque assim ela pode ver a surpresa que preparei para vocês.

— Surpresa? Que surpresa, Sebastian?

— Se eu falar deixa de ser surpresa — Ele dá de ombros.

— SUPEZA, SUPEZA, SUPEZA — Lis grita, animada.

Definitivamente o que colocaram na comida da minha filha?

Sebastian dá a volta no carro abrindo a porta para mim e me ajudando a descer, e logo abre a porta de trás, tirando Lis da cadeirinha e a colocando no chão, e ela não perde tempo e corre em direção as escadas da entrada.

— LIS, VOLTA AQUI! VOCÊ VAI SE MACHUCAR. — Corro atrás dela, mas Sebastian é mais rápido e a agarra no segundo degrau.

— AHHHHH, PEGUEI VOCÊ, SUA PESTINHA! — Ele a agarra e começa a beijá-la, fazendo cócegas nela com a barba e minha pequena gargalha alto.

Entramos em casa assim com os dois fazendo a maior zoadá.

— *PALIIIIIIIIIIII PAPAIII, COQUINHA PALIII!* — Bash para aos poucos a deixando respirar

— Tudo bem, eu vou parar, mas você vai prometer nunca mais subir as escadas sem um adulto por perto. — Ele a arruma no colo e olha sério para ela que o encara. — Filha, você é pequena, subir as

escadas sozinha é muito perigoso e você pode acabar caindo, se machucando e vai ter que ir ao médico tomar injeção, é isso que você quer?

— Não, papai, não *queo* toma *geção* não, doi *muítiii* e *neném chola*. Eu *pomete* não *fubir* mais a *icada sojinha*. Pá bom? — ela fala tocando o rosto dele.

— Mais ou menos, pra ficar bom mesmo só se você der um beijão no papai. — Minha filha não o espera terminar e já está agarrada ao pescoço dele beijando-o, nos fazendo rir.

“Só se você der um beijão no papai” Deus, que proporção isso está tomando?

Sebastian chamando Lis de filha abertamente, assim como ela o chama de pai.

Sinto meu coração apertar porque uma parte de mim quer impedir isso, pois se um dia algo der errado entre nós, Lis pode sofrer. Mas ao mesmo tempo, como impedir essa ligação que eles têm? Está além das minhas forças, está além do que Sebastian sente por mim, e eu vejo isso nitidamente.

Ele olha para Lis com uma verdadeira devoção, um amor que está além do que ele parece se dar conta. Minha razão diz que esse tratamento entre os dois é errado, é precoce, mas como mandar no coração dos dois ou como afastá-los? Eu vejo a dor nos olhinhos da minha filha sempre que peço para ela não chamá-lo de pai, assim como noto o pesar nos olhos dele quando a repreendo. Estou confusa, e talvez conversar com Sebastian sobre isso em outro momento seja o melhor a ser feito.

Balanço minha cabeça afastando esses pensamentos e presto atenção na cena que se desenrola na minha frente e sinto meus olhos marejarem.

Assim fica difícil.

Lis rindo nos braços de Sebastian e ele sorri como se só existissem os dois ali, em uma bolha apenas deles. O amor e a ligação entre os dois é tão intensa que parece palpável. Não sei como isso é possível, mas existe entre eles. E eu não sei o que fazer quanto a isso, mas no momento quero apenas ficar aqui, admirando os dois e esse amor lindo que um sente pelo outro.

Olho para o lado e vejo Célia parada na porta da sala também admirando os dois, e uma lágrima escorre em seu rosto. Ela ama Sebastian como um filho, sempre esteve ao lado dele e sabe de tudo que ele passou, coisas que eu não faço ideia quais sejam, mas que parecem pesadas demais para alguém carregar sozinho. E espero sinceramente um dia descobrir e ajudá-lo a se livrar desse fardo

— Ei, Bá, vem cá. — Ele também percebe a presença dela que se apressa em enxugar o rosto. — Por que você está chorando? Aconteceu algo? Você está com dor, Bá? — Ele se apressa em chegar até ela, mesmo com Lis ainda em seu colo.

— Oh, meu menino, são lágrimas de felicidade, você sabe que essa velha sempre foi uma manteiga derretida.

— Ah, Bá. — Ele a abraça e beija sua cabeça, ela me olha e sussurra um “*obrigado*” sem som para que só eu veja.

Eu apenas assinto.

— Bem, já que você está aqui e está chorando de felicidade, eu vou fazer você feliz mais um pouquinho. Mas não vale chorar, hein?! — ele fala para ela com a sobancelha erguida.

Ele me chama e sinto borboletas no estômago, obrigado meus passos vacilantes irem até ele que segura e me abraça.

— Bem, Celinha, gostaria de lhe apresentar minha namorada, Aurora Stuart — Sinto-me corar ao perceber como ele fala isso com tanto orgulho e prazer.

— OHHHHHHH, MEU DEUSSSSS — Célia leva as mãos à boca em choque. — Deus, que alegria! — Ela vem até nós nos beijando e abraçando — Oh, Deus ouviu minhas preces, meu menino. — Ela toca no rosto dele com carinho enquanto lágrimas caem pelo seu rosto deixando Sebastian com os olhos marejados. — Deus sabe o quanto orei para que Deus colocasse um anjo em seu caminho, para te guiar de volta à sua essência. — Ela toca o peito dele. — E Deus foi tão bom, tão perfeito que não mandou um, mandou dois, ela olha para mim e para Lis que tem a cabeça no ombro de Bash observando tudo quietinha. — Obrigado, minha menina, obrigada. — Ela me abraça forte. — Você trouxe meu menino de volta para mim.

Olho e vejo Sebastian limpar uma lágrima que fugiu.

— Ok, Ok, Ok, vamos parar de chororô porque ainda temos coisas a fazer. — Ele olha para Célia que sorri de maneira cúmplice pra ele.

— Sim, sim. Vamos logo antes que um certo pinguinho de gente acabe dormindo sem ver a surpresa dela.

— Mais surpresas? — pergunto sentindo um frio na minha barriga.

— Sim! — Celia e Bash falam ao mesmo tempo.

— Vamos, vamos logo. — Bash pega minha mão e subimos a escada com Célia nos seguindo radiante.

Paramos na primeira porta na parede direita oposta ao quarto do Sebastian que fica centralizado no final do corredor.

— Filha, o papai tem uma surpresa pra você — fala olhando

para Lis e sinto meu coração se encher de ternura com a cena.

— *Supeza?* — ela pergunta já com os olhinhos baixinhos de sono.

— Sim, fica aqui na frente da mamãe e abra a porta com ela.
— Ele me olha com um sorriso. — Abra, Aurora. — Olho para ele e para Célia que me instiga a abrir.

Assim que o faço, coloco as mãos na boca e quase caio para trás ao me deparar com um quarto infantil todo decorado, digno de uma princesa. Com uma cama com dossel e cortinas brancas presas por laços de cor-de-rosa.

— Que lindí. — Lis fala olhando tudo, chocada.

É quando percebo Sebastian se aproximar e se abaixar para ficar na altura dela.

— Você gostou, princesa? — Ele parece realmente ansioso pela resposta dela.

— Sim, papai. É *muiti biiti*. — Os olhinhos dela brilham e os meus acho que estão inundados.

— Que bom que você gostou, minha princesa, porque esse será seu novo quartinho.

— Meu catinho? *Zula*, papai?

— Juro, meu amor.

— EBAAAAAAAAAAAAA — Ela salta no pescoço dele e ele a beija.

— Vem, vamos ver tudo e mostrar tudo à mamãe também.

Ele começa a mostrar todo o quarto e percebo que todas as roupas de Lis já estão organizadas no closet. Deus amado, minha filha tem um closet só dela. Sebastian explica que pediu para os seguranças buscarem as compras para poderem ser devidamente organizadas em seus lugares. Logo ele abre uma porta que é interligada ao quarto de Lis nos deparamos com uma brinquedoteca incrivelmente linda e organizada com vários brinquedos e sua bicicleta.

Eu não posso aceitar tudo isso, posso? Ok que sou namorada dele — ainda preciso me acostumar com isso. — Mas não quero abusar da sua bondade e carinho. Olho para Lis e seus olhinhos brilham ao começar a mexer em tudo, e é nesse momento que me sinto totalmente incapaz de dizer *não*.

Intenso! O que eu disse sobre Sebastian Di Maccio? Em menos de 24hs o furacão Sebastian virou minha vida pacata de cabeça para baixo.

— Um beijo pelos seus pensamentos. — Ele me agarra por trás e beija meu pescoço mandando arrepios gostosos pelo meu corpo,

sorriso boba com o poder que esse homem tem sobre meu corpo.

— Só estou pensando no furacão Sebastian Di Maccio e em como você fez tudo isso em um dia — Ele se afasta um pouco ainda sem soltar minha cintura e fala:

— Furacão Sebastian, é? *Taí*, gostei. E você ainda não viu nada, anjo — ele fala mordendo o lóbulo da minha orelha, me fazendo morder o lábio para prender o gemido que quer escapar da minha garganta, mas logo emenda. — Quanto a tudo isso — ele circula o dedo indicador demonstrando o ambiente, e depois dá de ombros — eu tenho meus contatos. Sou quase o gênio da lâmpada em uma versão mais gostosa — Ele me dá um selinho nos lábios e eu reviro os olhos, quando ouço a risada da minha filha.

— Convencido. — Dou um tapa na mão dele que circunda minha cintura.

— Convencido, eu? Jamais! Humildade é meu nome.

— E ironia o sobrenome, não é, meu bem? — Ele gargalha mais.

— Ok, ok, ok, eu não tenho culpa se sou gostoso pra caralho e você não resistiu ao meu charme. — Saio dos braços dele e coloco a mão na cintura o desafiando

— Charme? Desde quando Ogrobastian tem charme? — falo petulante

— Ogro quê? Que diabo de apelido é esse, Aurora? — Ele ergue a sobrancelha.

— O que acabei de criar pra você no caminho do restaurante. — Dou de ombros o desafiando e ele serra os olhos.

— Tudo bem, coisinha brava, mas você tem que admitir que todo ogro tem seu charme. Príncipe encantado para quê se você pode ter o Lobo Mau? — Ele me puxa para os seus braços e me beija.

— Eca! — Ouvimos Lis falar e rimos nos separando.

— Você diz eca agora, quando você for maior não vai pensar assim, meu amor — falo indo até minha filha e a beijando.

— O quê? Que história é essa, Aurora? *Tá* louca, mulher? Minha filha só vai namorar depois dos 50 anos. — Eu e Celia nos olhamos e rimos da sua loucura, mas ele continua. — Oh, mulheres desalmadas essas que tenho na minha vida. Acho que vou precisar dos serviços do Eduardo mais cedo do que imaginei. Sinto até palpitação só de imaginar minha bebezinha nas mãos de algum marmanjo babaca. Preciso urgente voltar para os treinos na Foux, isso sim — ele divaga, sério.

— Não conhecia essa sua veia dramática, senhor Di Maccio — falo levantando minha sobrancelha de maneira interrogativa.

— Você não conhece muitas coisas ainda, *baby*, mas vai descobrir. — Ele pisca e me lança aquele sorriso cafajeste que faz minha calcinha encharcar. Célia ri e eu fico vermelha feito tomate.

— Ora, menino, você está deixando Aurora sem jeito. Larga de safadeza, Sebastian.

— Celinha! — Reclamo e Sebastian ri.

— Tudo bem, tudo bem, mais isso me lembra que ainda não terminamos. Vamos, dona Aurora, ainda temos a última surpresa.

— Outra surpresa? — indago.

— Claro! Eu sou um homem que adora surpreender. — Ele pisca e eu preciso de todo meu autocontrole para não pular no pescoço dele e beijar esse sorriso cafajeste que eu tanto amo.

— Mas, tem a Lis, eu preciso dar banho nela, e...

— Ah, menina, deixa comigo. Vai lá ver sua surpresa que eu cuido da Lis e a coloco para dormir.

— Eu não sei, ela nunca dormiu longe de mim. — Meu coração aperta em deixar minha bebê em um quarto sozinha.

— Relaxa, princesa, você terá uma babá eletrônica para monitorá-la durante toda a noite. — Ele pega minha mão.

— Você pensou em tudo mesmo não é, sr. Di Maccio?

— Claro! Posso ser um ogro, mas sou um ogro gato e inteligente. — Ele toca a cabeça.

— E convencido também — falo com a mão na cintura.

— Convencido nada. Convicto das minhas qualidades, isso sim. — Rolo os olhos.

— Estou quase me arrependendo de namorar você e pensando seriamente mandar você casar com seu ego, Ogrobastian.

— Não fala isso nem de brincadeira, meu anjo. Pronto, parei. — Ele me agarra e me dá um selinho.

— Já não era sem tempo.

— Mas que eu sou gostoso isso eu sou. — Bufo.

Ele está impossível, mas não posso reclamar, que estou amando cada segundo dessa versão do Sebastian leve e descontraída. Saio dos seus braços fazendo bico, mas longe de sentir qualquer chateação com ele e vou até minha filha.

— Ok. Filha vem cá dar um beijo na mamãe — Lis vem e me beija e Bash abaixa para ela beijá-lo também.

— *Bou oite*, mamãe. *Bou oite*, papai.

Levanto-me com Bash que me conduz segurando em minha cintura.

— Lis, obedeça a Celinha. Escove os dentinhos direitinho. Ore antes de dormir. E chega de brincar por hoje.

— Tá *baummmm*, mamãe. *Xauuu* vai *namolar* com o papai, vai!

— LIS! — grito e Celia e Sebastian gargalham assim como ela.

— Com quem essa menina anda aprendendo essas coisas? — indago olhando pro Sebastian que ainda sorri.

— Já chega, vamos logo, Aurora. — Ele me puxa e saímos do quarto com ele fechando a porta atrás de nós.

Sinto borboletas no meu estômago e um tanto ansiosa por estarmos sozinhos, esse tempo todo Lis sempre estava entre nós, então agora não sei como agir, acho que ele percebe porque pergunta..

— O que houve, princesa?

— Na-nada. — Desvio meu olhar dele e percebo que ele cerra os olhos.

— Aurora? Você sabe que pode confiar em mim para falar qualquer coisa, não sabe? — Sorrio e assinto. Ele me olha como se buscasse algo então fala: — Abra essa porta — pede indicando a porta na parede esquerda em frente ao quarto da Lis.

Quando abro a porta fico em choque diante do quarto digno de uma rainha, com uma decoração branca clean em uma mistura de luxo e delicadeza.

— Esse será seu quarto — Bash fala atrás de mim e segura minha mão. — Vem, deixa eu te mostrar tudo como ficou. Aqui é o banheiro — Ele abre a porta do banheiro tão luxuoso quanto o quarto com espaço para ducha, uma banheira enorme. — Aqui fica o seu closet. Pedi que organizassem suas coisas aqui como as da Lis. — Ele sai mostrando cada detalhe e quando finaliza me encara em expectativa e eu não sei o que dizer, o meu silêncio parece deixá-lo constrangido.

— Bem, se você não gostou de algo é só pedir para Célia falar com a equipe que projetou e decorou, eles podem mudar o que você quiser. — Vejo um Sebastian totalmente desconsertado à minha frente; será que ele acha que não gostei? — Hmm eu vou deixá-la descansar. Boa noite, Aurora — Ele vai se dirigindo à porta, e antes que ele possa abri-la eu o chamo:

— Sebastian! — O vejo suspirar e voltar a me encarar, e sem esperar mais nada corro até ele e salto em seus braços e ele me segura, enlaço minhas pernas em sua cintura e seguro seu rosto.

— Eu amei! Obrigada! — Começo a encher seu rosto de beijos. — Obrigada. Obrigada. — Ele me aperta e ri.

— Você gostou mesmo? — ele me pergunta, apreensivo.

— Amei, Bash! Mas confesso que fiquei um pouco assustada e

constrangida. Você já me deu tanta coisa hoje, Sebastian, e — olho para baixo tímida. — Eu não tenho como retribuir isso, não tenho nada de valor para te dar de volta, Bash — digo e desço do seu colo, mas antes que eu me afaste ele me segura.

— Aurora — ele levanta meu queixo para que eu o encare —, você já me deu o presente mais rico e mais valioso que um homem poderia ganhar.

— Eu? O que eu te dei?

— A chance de ser seu namorado. Isso dinheiro algum paga. Essa honra de cuidar de você e de ser pa... — Ele trava e sei que iria falar da Lis, mas reformula a frase. — Presente na vida da Lis. Isso é o que de mais precioso você poderia me dar. E isso — ele aponta para as coisas ao redor —, não é nada comparado ao que você me deu.

Sinto meus olhos marejarem e o abraço forte.

— Obrigada, Bash, obrigada por me deixar conhecer esse homem incrível que você é. Não sei o que seria de mim e da Lis se não fosse você cuidando de nós, mesmo sendo um ogro frio e bem malvado às vezes, falo sorrindo. Vejo uma sombra de dor em seus olhos, mas ele logo põe um sorriso nos lábios e fala:

— Ainda com essa história de ogro, dona Aurora? — brinca colocando as suas mãos nos quadris, ficando extremamente charmoso.

— Sim. E vou continuar com essa história sempre, meu ogro gostoso favorito. — Não acredito que falei isso? E claro que ele não ia deixar passar.

— Ah, quer dizer que sou seu ogro gostoso favorito? — Assinto travessa. — Pois muito bem, vou te mostrar quem é ogro aqui! — Percebo a intenção dele e antes que ele me pegue, eu corro, mas não chego muito longe, já que ele agarra minha cintura e me joga na cama, começando sua sessão de tortura com cosquinhas.

— PARA! BESHHHHHH! PARAAAAA!

— SÓ PARO SE VOCÊ DISSER QUE EU SOU UM PRÍNCIPE E ACABAR COM ESSA HISTÓRIA DE OGR0.

— NÃO MESMO! NO MÁXIMO POSSO TE PROMOVER A SAPO.

— AH, É? POIS MUITO BEM! NÃO DIGA QUE NÃO LHE AVISEI, POIS, MINHA VINGANÇA SERÁ MALIGNA. — fala com uma voz mais grossa engraçada e investe pesado nas cócegas e dessa vez peço arrego.

— TÁ, TÁ, TÁ. PRÍN-PRÍNCI-PRÍNCIPE. MEU NA-MORA-DOOOO É UM PRÍNCI-PRÍNCIPE — falo ofegante e ele para ofegando também.

Sebastian está sobre mim e aos poucos nosso riso vai

morrendo, ele toca meu rosto com carinho sem tirar os olhos do meu.

— Você é linda, Aurora. — Imito seu gesto e toco seu rosto.

— Você também é lindo, Bash.

Devagar nossos lábios se tocam e todo o desejo reprimido nos últimos meses cobra seu preço. Sebastian me beija de maneira intensa e selvagem, ele suga minha língua e morde meu lábio inferior. Esfrego minha intimidade em sua coxa em busca de alívio e um gemido escapa pelos meus lábios. Posso sentir sua ereção dura na minha barriga e isso me enlouquece. Seus beijos descem para o meu pescoço, onde sua barba bem-feita roça, me fazendo gemer de prazer.

— Sebastian

— Porra, Aurora. Você me deixa louco! — Ele morde e suga meu pescoço, descendo para minha clavícula. Sua mão acaricia minha coxa e vai subindo aos poucos meu vestido, e é nesse momento que travo.

— PARA! — grito um pouco mais alto o empurrando de cima de mim.

Estou arfando, a sensação de nojo e desejo se misturando, mas não o desejo e medo por Sebastian, mas por aquele monstro, instintivamente encolho-me na cama e sinto meus olhos arderem e lágrimas ameaçam cair.

Droga! Será que esse pesadelo nunca vai acabar? Deus, será que serei capaz de ser uma mulher completa algum dia? Como eu fui do céu ao inferno em segundos? Como estava nas nuvens, me sentindo segura, amada, excitada e agora estou amedrontada, chorando e encolhida na minha cama, longe do homem que amo? Eu só queria ser normal.

— Aurora — Ele tenta chegar perto.

— Não! Não chega perto, Sebastian — Olho pra ele e me sinto sufocar. — Is-Isso nunca vai dar certo. Eu-eu não posso namorar você. Eu sou suja, imunda eu, Deus, eu nunca vou ser uma mulher de verdade. — Sinto um nó na minha garganta que parece me sufocar.

Sem que eu perceba estou chorando compulsivamente enquanto Sebastian me embala. Choro todo o medo que ainda estava preso em mim e quando finalmente me acalmo, sinto lágrimas molharem meu braço, só então me dou conta que ele chora baixinho sem me olhar. Quando sua voz sai é tão angustiada que sinto meu peito apertar.

— Me perdoa, Aurora, me perdoa, eu-eu fui um monstro, um desgraçado, me perdoa! Deus, me perdoa! Você não merecia. Eu nunca serei digno de você. — Suas palavras me deixam confusa.

Por que ele me pede perdão se ele não me faz nada? Muito

pelo contrário, ele só me fez bem, só tem me feito sentir especial a cada segundo. Como poderia não amá-lo? O que eu teria para perdoar o homem que tem feito cada sonho secreto de menina se tornar realidade? Levanto meu rosto e quando vejo a angustia no olhar dele, me sinto quebrar. Deus! Ele está sofrendo por mim. É como ver o reflexo da minha dor em seu olhar. Por isso seguro seu rosto e o faço me encarar

— Bash, para! Você não tem culpa de nada! — Ele não me olha nos olhos, mas eu levanto seu rosto.

— Aurora, foi eu quem... — O corto, não vou permitir ele se culpar por algo que não fez.

— O que aquele monstro fez comigo não foi culpa sua. E você, Deus, você foi incrível! A forma como você me tocou, como eu te desejo. Eu só não consigo, Bash, eu não sei — Sinto um nó em minha garganta e um duelo se trava dentro de mim, entre esconder e revelar um dos meus maiores temores.

Minha mente está confusa, mas no final opto por confessar, o que há bastante tempo vem me assombrando. Afinal, se ficarmos juntos, mais cedo ou mais tarde terei que falar, e quanto antes melhor, assim ele terá tempo de decidir se quer realmente seguir com um relacionamento com uma pessoa quebrada como eu.

— Eu só não sei se consigo ter relações com um homem como toda mulher normal. — Baixo meu olhar e sinto meus olhos marejarem.

— Aurora — Sua voz é baixa e carregada de sentimentos. — Eu não me importo com isso, por você eu espero o tempo que for necessário. — Ele parece novamente o Sebastian confiante de sempre e gosto disso, me sinto segura com ele assim. — Além do mais, eu sou seu primeiro namorado, certo? — Aceno com a cabeça. — Ótimo! Vamos fazer isso do jeito certo, sem atropelar nada. Quando você resolver se entregar pra mim, será a sua real primeira vez. Aquilo que ocorreu no passado não foi da maneira correta, e o que faremos quando chegar o momento será com amor, desejo, paixão, entrega e confiança. Eu quero que você confie em mim, que me diga sempre que se sentir desconfortável com algo, com um toque ou palavra dita por mim — diz olhando nos meus olhos. — Quero que você me diga como gosta que eu te toque. — *Como assim?* Milhares de perguntas se passam pela minha mente e acho que faço uma expressão de dúvida porque ele logo emenda: — Ao passo que nosso relacionamento for amadurecendo, você vai descobrir o que gosta e o que deseja em momentos íntimos, e acredite, minha princesa — ele acaricia meu rosto —, estarei aqui pronto para te dar tudo o que você quiser. A única coisa que peço é para não desistirmos um do outro, nunca.

Estou disposto a tudo para te fazer feliz, Aurora, e em troca, só peço que você confie em mim e me deixe provar todos os dias que posso um dia ser digno do seu amor e perdão.

Sinto um frio na minha barriga e a excitação voltar com tudo.

— Eu confio em você, Bash — falo tímida.

Ele é tão seguro, tão forte, tão másculo, que toda insegurança que me tomou minutos atrás, vai embora sem deixar rastro. Não sei quanto tempo pode demorar, mas sei que a única pessoa que pode apagar as marcas do meu passado se chama Sebastian Di Maccio, e eu serei mulher dele em todos os sentidos da palavra, mais cedo ou mais tarde.

CAPÍTULO 31

Lentamente abro olhos e me deparo com o quarto iluminado pela luz do sol que entra pela janela, olhando nessa direção não posso deixar de notar o quão azul está o céu, dando um ar de magnitude e graça, sorrio comigo mesmo. Que viagem é essa, Sebastian? Se os caras ouvissem o que acabei de pensar, certamente irão dizer que passei a jogar no time das *Meninas Superpoderosas*. Rolo os olhos e rio com o pensamento.

A realidade é que notar a beleza do céu e pela primeira vez em anos me sentir feliz e grato por respirar tem uma razão, uma não, duas na verdade. *Aurora e Lisbella*. E é pensando nas duas mulheres da minha vida que jogo a coberta para o lado e salto da cama, me dirijo ao meu banheiro para fazer minha higiene, porque sei que muito trabalho me espera na empresa e hoje não vai dar para fugir.

Lavo o rosto e sorrio ao me lembrar de ontem, quando pedi a minha secretária para encontrar uma equipe que montasse dois quartos e uma brinquedoteca, sabia que o trabalho ia ficar bom, tinha em mente a intenção de fazer Aurora ceder e ficar no andar de cima com Lis e não voltar mais para a ala dos empregados. Inicialmente era apenas isso, mas ao passo que nosso passeio foi se estendendo, percebi que não poderia mais adiar o pedido de fazer Aurora minha.

Quando a deixei próximo à loja de lingerie, passei em frente a uma joalheria e vi o colar com pingente de anjo e imediatamente a imagem de Aurora me veio à mente, não pensei duas vezes em comprá-lo. E foi ao ver Lisbella brincando na loja de brinquedos e olhando para o pingente que resolvi tomar uma atitude.

Eu sabia que Aurora não era imune a mim. Sempre observei como ela me olhava, como ela sentia o cheiro das minhas camisas quando ia colocá-las para lavar. Sim, eu vi isso várias vezes pelas

câmeras. Sabia que ela nutria algo por mim e foi por isso que decidi tomar a atitude de pedi-la em namoro. Quase infarto com medo de ela me rejeitar, mas graças ao bom Deus ela aceitou, e mesmo que não tivesse aceitado, eu iria continuar insistindo até tê-la para mim.

Agora eu posso sorrir enquanto visto meu terno italiano de três peças, porque sei que ao sair desse quarto irei encontrar as razões da minha vida, e não importa o dia que terei que enfrentar, quando chegar em casa elas ainda estarão aqui para me fazer o homem mais feliz do mundo.

Saio do meu quarto e passo pelo de Aurora que não está, o que já era de se esperar, já que ela acorda cedo. Vou ao quarto de Lis e ela também não está, só podem estar na cozinha tomando café. Vou direto para lá e no meio do corredor já é possível sentir o cheiro do café da Valery, o que faz minha boca salivar. E quando me aproximo da cozinha, ouço a voz de Célia.

— Menina, o Bash não vai gostar nada disso.

Antes que Aurora responda eu falo:

— O que eu não vou gostar? — Sinto Aurora se assustar, ela estava de costas para mim e não me viu chegar.

— PAPAIIIIIIIIIIIIIIIIIIII — Lis grita na cadeira e sorrio indo até ela.

Observo todos os funcionários que estão aqui olharem com espanto para a reação de Lis que nunca foi tão aberta assim. Manfred, David, James, Valery, e outros dois seguranças Timothy e Brendon.

— Bom dia, princesa linda. — falo beijando seu rosto. — Bom dia a todos. — Eles parecem despertar do transe pela minha voz e tímidos me respondem.

Claro, é no mínimo estranho, não estão acostumados a me ver na cozinha, muito menos a ser chamado de pai por Lis, mas ignoro a surpresa de todos e me volto para as duas mulheres da minha vida que me encaram.

— E então, vocês vão me dizer o que eu não vou gostar? — Olho para Célia e Aurora que me olha descaradamente, cerro meus olhos e ela percebe que foi pega no flagra ficando vermelha.

Ah, minha doce Aurora, não me olhe assim que tenho vontade de te colocar no meu ombro, te trancar no meu quarto e só sair de lá depois de ter provado tudo de você. *Foco, Bash. Foco e paciência, cara, ela será sua no momento certo.* E eu vou esperar o tempo que for para amar cada pedacinho desse corpo lindo que fica perfeito nesse...

— Então, menino, eu estava dizendo a Aurora que...

— O que você está fazendo vestida com esse *uniforme*, Aurora? — corto Célia, encarando Aurora que agora me encara em um misto

de raiva e desafio.

— Viu! Era disso que estava falando — Célia fala apontando para mim, mas Aurora parece ignorar e emenda.

— Estou nesse *uniforme*, porque é meu traje de trabalho, sr. Di Maccio.

— E você acha mesmo que vou permitir que minha namorada continue trabalhando como faxineira? — retruco desafiando-a, e nesse momento ouço algo caindo no chão, e algumas expressões dos empregados.

— Santo Deus! — Valerie fala colocando a mão na boca.

Um assobio e acho que foi Manfred.

— Graças a Deus — Jamie fala juntando as mãos com um sorriso no rosto que só não retribuo porque estou encarando minha namorada que agora me fulmina com o olhar.

— Sebastian, o-o q-que você? — ela gagueja furiosa, e eu ignoro sem tirar meus olhos dela.

— O quê? Era para ser segredo nosso namoro? — Ergo a sobrancelha em desafio. — Desculpe, querida, mas não tenho idade para namorar escondido, e é bom que todos saibam que agora você tem dono e não fiquem de gracinha pro seu lado. — Olho para David esperando que ele entenda a indireta, porque já notei diversas vezes ele se engraçando pro lado dela, mas Aurora é inocente demais para perceber que esse cara quer entrar na calcinha dela.

Ele me encara por um instante, mas desvia o olhar parecendo furioso.

Tá chateadinho, cara? Pede pra sair, babaca.

— Você não é meu dono, Sebastian, é meu namorado, e posso saber qual o problema de eu ser faxineira? Se isso te envergonha tanto, por que me pediu em namoro? — Olho para ela e *puta merda*.

Vejo seus olhos marejados e percebo que falei besteira. *Droga!*

— Não. Claro que não, Aurora. — Bufo. — Será que podemos conversar a sós no meu escritório? — Ela cruza os braços e faz bico, mas gira nos calcanhares e sai pisando duro.

Como foi que minha manhã perfeita se tornou esse caos?

— Filho, tenha paciência, Aurora é uma menina orgulhosa, então vá com calma. — Célia aconselha e eu assinto.

— Tudo bem, Bá. — Suspiro frustrado e vou até Lis e beijo sua cabeça, mas ela me olha e fala:

— Não *biga* com a mamãe, papai. Ela fica *tixti* e eu *pambém* — Ouvir minha filha falar assim me parte o coração.

Eu me abaixo para ficar na altura dela e falo:

— Não vou brigar com a mamãe, filha, a gente só vai conversar e vai ficar tudo bem. Agora toma seu leite todinho pra ficar forte, tá bem? — Ela balança a cabecinha, eu beijo seu cabelinho e vou atrás da minha marrentinha.

Entro no escritório e a vejo parada perto da janela, olhando pro jardim. O silêncio reina no recinto e sei que ela sabe que estou no local, mas não se move ou mesmo me olha. Aproximo-me ficando atrás dela e falo:

— Me desculpa por ter me expressado mal, meu anjo. — A vejo suspirar e baixar a cabeça, virando pra mim sem me olhar.

— Não sei como isso pode dar certo, Sebastian, você é o CEO de uma multinacional e eu uma faxineira.

— Ei! Não fala assim. — Seguro seu rosto para que ela me olhe, vejo seus olhos marejados e me amaldiçoou porque tudo que quero na vida é fazê-la sorrir, e lá estou eu já fazendo merda de novo.

— Aurora, eu não me importo se você trabalha como faxineira, eu me apaixonei por você não pela sua profissão.

— Sebastian, você não entende — Ela se afasta de mim. — Somos de mundos completamente diferentes, você sempre teve tudo e...

— Não fale o que você não sabe, Aurora! — digo sem olhá-la e sei que fui grosso, mas ela não pode me julgar assim, acho que ela percebe, pois se cala.

— Desculpa, mas o ponto é que eu preciso do meu emprego, tenho uma filha pra criar e não posso me dar ao luxo de achar que porque sou sua namorada tenho algo. Tudo isso — fala apontando ao redor — é seu, e não posso e nem quero que pensem que porque namoro o patrão tenho privilégios.

— Primeiro, Aurora, você não precisa trabalhar porque eu posso dar tudo a você e a Lisbella. — Ela tenta me interromper, mas prossigo. — Segundo, você tem privilégios sim por ser minha namorada, e terceiro, se não quero que você trabalhe mais limpando minha casa é porque quero cumprir o que te prometi, que cuidarei de você e da Lis. — Ela suspira.

— Bash — Ela se aproxima de mim e toca meu rosto. Seu toque é leve em contato com minha barba. — Eu entendo que você queira cuidar de nós duas, e sinceramente admiro e agradeço de todo meu coração por isso, mas não posso deixar de trabalhar, não me sentiria bem com isso, seria como se estivesse abusando do seu carinho por nós duas — Tento interrompê-la, mas ela prossegue. — Sei que você vai dizer que não abuso, que você quer fazer isso, mas se você não me deixar trabalhar aqui eu vou procurar trabalho em outro lugar.

Desculpa, mas não vou abrir mão da minha independência e de me sentir responsável pela minha filha, você sabe que eu sou apaixonada por você, mas não posso permitir que você tome todas as decisões por mim, eu quero e vou trabalhar, então você escolhe: ou aqui pra você ou vou procurar trabalho em outro lugar.

Onde foi que essa mulher aprendeu a ser tão convincente? Deus me livre de ela trabalhar em outro lugar. Vai que aparece algum velho ou filhinho de papai querendo se engraçar pro lado dela? Linda como ela é isso não é nada difícil. Quando penso em respondê-la, meu celular toca, olho o visor e é da empresa, atendo no terceiro toque, mesmo que a contra gosto.

— Di Maccio.

— *Bom dia, Sr. Di Maccio* — minha secretária fala de maneira polida. — *Desculpe o incômodo, mas o senhor está atrasado para sua reunião com os gregos e eles estão bem chateados com a situação.*

— Merda! — praguejo. — Peça para aguardarem, estarei aí em 20 minutos.

— *Sim senhor.*

Desligo sem mais, olho para Aurora que me olha curiosa e suspiro frustrado.

— Preciso ir para a empresa, tenho uma reunião e já estou atrasado, mas essa conversa não acabou, srta. Stuart. — Ela ergue a sobrancelha e dá de ombros, como quem diz que não vai mudar de opinião.

Oh, mulherzinha geniosa.

— Mais tarde conversamos — Pego minha maleta e vou saindo, quando chego na porta ela me chama.

— Bash. — Eu me viro e ela vem em minha direção, rapidamente segura meu rosto e me surpreende com um beijo. — Tenha um bom dia, querido — fala ao me soltar.

Sorrio e balanço a cabeça, saindo do escritório.

David vai dirigindo chegamos na metade do tempo. Quando piso no andar da presidência, vejo o caos instalado no lugar. Os empresários gregos falando alto e gesticulando, enquanto minha secretária tenta acalmá-los em meio aos dois telefones da recepção tocando sem parar.

— MAS QUE PALHAÇADA É ESSA AQUI? — brado alto o suficiente para que todos me ouçam e se calem, o que acontece prontamente.

— Ora, ora, finalmente se prontificou a nos prestigiar com sua presença, sr. Di Maccio. — Olho para Orfeu, um homem na casa dos quarenta e cinco anos, cabelos grisalhos e magro. *Uma cobra*

peçonhenta.

— Bem, não sou eu que estou apressado para tirar minha empresa da lama, Orfeu, por tanto não tenho *porque* ter pressa, ao contrário de você. — O vejo ficar vermelho e seus sócios baixarem a cabeça. — Mas em respeito aos seus sócios — Olho para os homens — Senhores, lamento meu atraso e sem mais delongas me sigam até a sala de reunião, por favor, Marta, peça para a copeira nos servir um café, e os relatórios e a pauta de reunião já estão prontos?

— Si-Sim, sr. Di Maccio, estão todos na mesa da sala de reunião.

— Ótimo! E atenda esses telefones, pelo amor de Deus. — Os telefones não param de tocar.

— Si-Sim senhor.

Sigo para a sala de reunião dando início sem demora a mesma, nos primeiros três segundos que coloco meus pés na sala só tenho um pensamento.

Putaquepariu! O dia vai ser longo.

E como previsto o dia foi um inferno na terra, sequer tive uma refeição decente hoje, café com biscoito foi o mais próximo de alimento que coloquei no estômago. Entrei e saí de reuniões, fiz mais três videoconferências, além de vários relatórios sobre a fusão da Xspace que tive que analisar e assinar para dar liberação a alguns procedimentos.

Olho para o relógio e já são quase 22:00hs, suspiro frustrado, pois ainda tenho mais três relatórios para analisar e não posso deixar para amanhã.

Ouçou uma batida na porta.

— Entre!

— Desculpa, sr. Di Maccio, mas vim avisá-lo que como não pude transferir para hoje sua reunião com o Simeão D'Ávila eu a transferei para amanhã às 08:00hs, mas devo avisá-lo que às 08:40 os russos chegam para discutir a construção do novo centro tecnológico em Moscou.

— Sério isso, Marta? Não tinha como agendar o D'Ávila para outro horário? Eu ainda tenho os relatórios financeiros de Paris para amanhã e você sabe o quanto os franceses são minuciosos e não posso deixar passar nada.

— Eu sei, senhor, mas ontem mesmo fiquei até às 23:00 aqui tentando organizar toda a sua agenda. E ainda há várias análises que precisam ser feitas pelo senhor de algumas sedes daqui dos Estados Unidos mesmo. Hoje cheguei mais cedo para colocar tudo em pauta, mas a verdade é que a fusão da Xspace está sendo mais demorada do

que o previsto, tomando muito tempo e exigindo bastante de todos.

Suspiro e coloco a mão no meu rosto, ao baixá-la olho para minha secretária. Ela é uma mulher loira, baixinha, na casa dos 38 anos, muito respeitável e acima de tudo, uma ótima funcionaria, a única que durou mais tempo comigo. Afinal, eu nunca fui uma pessoa muito fácil de lidar.

— Me diga, Marta, há quanto tempo você trabalha pra mim?

— Ela parece surpresa com minha pergunta, mas responde:

— Há três anos, senhor.

— Hoje você chegou que horas aqui? — Ela novamente se surpreende.

— À-às 06:00hs, senhor. — Olho para o relógio e marca 22:17hs. Olho para minha secretária e noto as olheiras em seus olhos e a expressão cansada em seu rosto.

— Marta, vou lhe fazer uma pergunta e gostaria que você fosse sincera comigo, ok?

— Sim, senhor — fala parecendo nervosa, mas ignoro e prossigo.

— O trabalho como minha secretária está te sobrecarregando? — Ela me olha por um instante parecendo analisar meu rosto que nesse momento se encontra inexpressivo.

A vejo suspirar e fala:

— Sr. Di Maccio, eu gosto muito do meu trabalho, o senhor paga muito bem, além de eu nunca poder retribuir o que você fez pelo meu filho. — Olho para ela, surpreso.

Há mais de um ano eu estava de passagem pela copa e a ouvi chorando enquanto desabafava com outra empregada dizendo que o filho estava doente, e que precisava de um tratamento muito caro, mas que o plano não cobria, ela estava desesperada, já havia até mesmo pedido empréstimo ao banco, mas foi negado. Aquilo mexeu comigo e pedi ao setor pessoal que oferecesse custear o tratamento do filho dela, mas claro que pedi para que ninguém contasse que eu havia pedido e autorizado aquilo, então como ela sabe? Acho que ela nota minha dúvida, pois logo responde:

— Eu vi o senhor naquele dia na copa, achei inclusive que o senhor me chamaria atenção, mas não, você saiu e alguns minutos depois o setor pessoal me chamou informando que a empresa custearia o tratamento do meu filho. Juntei um mais um, e bem, soube que o senhor havia autorizado. — Apenas assinto para sua explicação. Digamos que não sou uma pessoa muito dada a elogios e agradecimentos, faço o que acho certo fazer e não espero aplausos por isso. — Bem, como ia dizendo, sou grata ao senhor, e gosto demais do

meu trabalho, mas não posso negar que a fusão com a Xspace está me sobrecarregando muito, e não só o meu setor, mas como aqueles que estão diretamente ligados com as negociações, afinal essa fusão está trazendo muitos outros contratos e parcerias para a empresa. Às vezes consigo que uma ou outra secretária de outro setor me ajude, mas está bem complicado organizar tudo sozinha, estou dando o meu melhor, sr. Di Maccio, quero deixar isso claro, mas não temos só o contrato da Xspace. E não nego que temo deixar a desejar em outras demandas e isso possa a vir a prejudicar a manutenção do meu cargo. Por tanto, sim, sr. Di Maccio, me encontro sobrecarregada.

Olho para a mulher à minha frente e admiro sua coragem, não só por me falar tudo isso, mas por me aguentar durante esses anos. Porque sim, Marta aguentou muitos rompantes de fúria da minha parte. E se nunca a mandei embora foi porque ela sempre fez seu trabalho com excelência, além de nunca ter sido indiscreta ou tentado se insinuar para mim, porque chego a perder as contas de quantas secretárias demiti por insistirem em deixar os botões da camisa mais abertos que o necessário, cruzarem as pernas na minha frente para que eu nitidamente visse suas calcinhas, algumas chegaram a falar claramente em estender seus serviços até minha cama, e claro, minha reação não foi outra, demissão. Simples assim. Mas Marta sempre se portou decente e profissional, e mesmo sem admitir claramente, sua postura sempre me agradou e por isso ela mantém seu trabalho até hoje.

Observo a figura baixinha e cansada diante de mim e de repente é como se uma lâmpada se acendesse na minha mente.

— Me diga, sra. Marta, você acha que se houvesse outra pessoa para lhe ajudar o trabalho fluiria melhor?

— Sim, senhor, acredito que sim — responde sem pestanejar.

— Ótimo! Obrigado pela franqueza, sra. Marta. — Ela me olha chocada, acho que pelo meu *obrigado*, mas ignoro e continuo. — Irei providenciar alguém para auxiliá-la, e assim podermos colocar em dia tudo o que é necessário. Agora pode ir pra casa, você está liberada.

— Mas senhor...

— Pode deixar, Marta, eu consigo me virar aqui. Já está tarde, boa noite.

Ela me olha, abre e fecha a boca algumas vezes, e por fim assente.

— Obrigada. Boa noite, sr. Di Maccio.

Quando ela sai um sorriso brota no meu rosto.

Encontrei a solução para os meus problemas.

CAPÍTULO 32

Prossigo examinando os relatórios e quando dou por mim, já passa das 23:00hs. Encerro por hoje e sigo para casa me sentindo cansado, física e mentalmente, o dia não foi fácil, mas o que me deixa mais triste é que ao chegar em casa meus bens preciosos estarão dormindo, mesmo assim irei passar no quarto de cada uma para dar um beijo de boa noite.

Assim que desço do carro dou boa noite a David, tiro meu terno, entro em casa que está imersa em silêncio. Passo em frente dos meus amores e minha vontade é ir até cada um delas e beijá-las, mas resolvo tomar um banho antes. Abro a porta do meu quarto distraído e me sobressalto quando noto a silhueta pequena de Aurora próxima à janela olhando a lua, ela parece notar minha presença, pois vira em minha direção. Observo que ela veste um robe rosa clarinho de magas curtas que vai até o meio de suas coxas, deixando boa parte das suas pernas grossas à mostra, para completar o conjunto da obra ela está descalça, seus pés pequenos e delicados fazem o conjunto perfeito. Minha mulher é uma tremenda gostosa! A vejo me olhar e ficar corada.

— Des-desculpa invadir seu quarto, Bash. — Sorrio e sinto meu coração se aquecer, me aproximo e a abraço forte e ela logo retribui meu abraço e encosta a cabeça no meu peito. Inalo o perfume de seus cabelos sentindo todos os meus músculos relaxarem e é como se todo o caos do dia tivesse ido embora e só ficado a paz que os braços de Aurora me traz.

— Você pode entrar e sair a hora que quiser do meu quarto, minha linda, só fiquei surpreso por você ainda estar acordada, afinal está tarde. — Olho para meu relógio de pulso e constato que já passa da meia noite. Desfaço nosso abraço e toco seu rosto com carinho.

— Não consegui dormir, fiquei preocupada com você.

Vejo a sinceridade no seu olhar e sua preocupação comigo, e isso aquece meu coração, me fazendo sorrir como um bobo. Lembro que Lorena jamais deixou de dormir para me esperar chegar da empresa, ao contrário da minha Aurora.

— Você parece cansado. — Ela me tira dos meus devaneios e sorrio de leve.

— Sim, hoje o dia foi bem estressante.

Para a minha surpresa ela tira o terno das minhas mãos e o dobra, colocando sobre o *divã assassino* que tem aqui. Não esqueci a parte da noite que passei nesse troço duro, faço uma nota mental que preciso trocá-lo.

— Você parece bem cansado mesmo, Bash. Vai tomar um banho, vou esquentar seu jantar. Você pelo menos comeu direito hoje? — pergunta, vindo até mim e retirando meu colete de maneira distraída, enquanto tagarela.

Acho que posso facilmente me acostumar com isso.

Ela puxa o colete pelos meus ombros e espera minha resposta, enquanto dobra a peça.

— Bem, se café com biscoito é considerado uma refeição. — Dou de ombros e ela para e coloca a mão na cintura.

— Não acredito, Sebastian. Você não almoçou? — Balanço a cabeça negativamente achando seu jeito de cuidar de mim adorável. Parecemos um casal que já convive há tempos.

— Você não pode fazer isso, Bash, se não vai acabar doente, aí nem trabalho nem nada. — Ela vem até mim e tira as minhas abotoaduras. — Onde já se viu isso, Sebastian, você é o dono daquilo tudo, tem que parar para se alimentar. Já diria a Madre, saco vazio não para em pé. — Ela coloca a abotoadura sobre a mesinha e seguro o sorriso. Até que ela se vira e me encara colocando a mão na cintura.

— Posso saber do que o senhor está rindo, sr. Di Maccio? — Ela ergue a sobancelha.

— De nada, meu anjo. Só estou achando adorável a sua preocupação. Ninguém nunca se preocupou comigo assim, além de claro, a melhor parte — ela me olha interrogativa e eu completo —, ter você me ajudando a me despir — Abre em um O perfeito, até que ela pisca adoravelmente e fala:

— Acho que imaginei isso tantas vezes que agora fiz sem perceber. — Ela coloca a mão na boca na sua típica atitude de quando percebe que falou demais e eu gargalho.

— Ah, então quer dizer que você tem sonhos eróticos comigo? — Eu me aproximo dela e enlaço sua cintura. — Você fica se

imaginando tirando minha roupa, senhorita Aurora? — Ela abaixa a cabeça, vermelha de vergonha, mas não a deixa fugir. Ergo seu queixo para que ela me olhe. — Me responda. — Ela abre e fecha a boca, suspira e por fim rola os olhos.

— Não são bem sonhos eróticos — Ergo a sobrançelha e ela ignora. — É que sempre te via chegar nesses ternos sobre medida que te deixam lindo, e você sempre parecia cansado e eu queria poder ajudar a tirar, mas não com segundas intenções. — Ergo novamente a sobrançelha segurando o riso — Quer dizer, algumas vezes tinha segundas intenções, mas não era sempre. Ai, droga, lá estou eu falando demais de novo. Vou esquentar seu jantar — Ela sai dos meus braços e corre em direção à porta, mas sou mais rápido e a agarro.

— Ei, ei, ei, mocinha — Eu a viro para mim, mas ela continua tentando fugir de maneira engraçada.

— Sebastian, eu, droga! Me deixa ir que eu já passei essa vergonha no crédito. — Gargalho do seu jeito engraçado de falar, ela cerra os olhos e tenta sair dos meus braços novamente.

— Ow, pode parar aí! — Então fico sério e pergunto: — Você não está esquecendo de nada não, hein? — Ela me olha com o cenho franzido.

— Esquecendo de quê?

— Ainda falta a blusa e a calça, meu anjo — falo piscando e lançando um sorrisinho de lado, ela me olha chocada e logo dá um tapa no meu braço.

— Ogro.

— Marrentinha. — Ela se solta de mim e sai correndo e dessa vez eu deixo.

Ah, Aurora, eu tenho paciência, meu anjo, você ainda será minha e eu irei curar todas as marcas que deixei em você, eu prometo.

Após um banho relaxante sigo para a cozinha, e ao entrar me deparo com uma imagem no mínimo deliciosa. Aurora está inclinada dentro da geladeira me dando uma bela visão de sua bunda linda e redondinha, fazendo meu *Capitão América* despertar dentro da minha calça de moletom.

— Meu anjo, se você quer manter minha sanidade e minhas mãos longe dessa sua bunda linda, sugiro que você não fique tão empinada assim. — Ela se sobressalta e fecha a porta de geladeira com força, me fazendo rir.

— Aiii, quer me matar do coração, Sebastian?! — Ela coloca a mão no peito e nesse momento a vejo me devorar com o olhar.

Estou usando apenas uma calça de moletom, afinal a noite está quente e resolvi não usar uma camisa, ela traça o caminho por todo

meu peitoral e abdômen, descendo pela minha barriga, indo até o *Capitão América* que está em modo combate.

— Se você quer que eu cumpra a minha promessa de esperar seu tempo, meu anjo, sugiro que você pare de me olhar desse jeito, ou vou te colocar sobre essa mesa — aponto para a mesa e ela segue com o olhar — e farei amor com você até você esquecer seu nome. — A vejo ficar vermelha e apertar as pernas.

Porra, ela está excitada? Será que está molhadinha? Adoraria sentir seu gosto em minha boca.

Porra, foco, Sebastian! Você prometeu ter paciência.

E vou cumprir, caralho. Mas fica difícil com ela me olhando assim.

Respiro fundo.

— Você deve estar com fome. Senta que eu vou te servir. — Ela muda de assunto e vejo que está tão afetada quanto eu.

— Sim, estou faminto — falo com a voz rouca encostando meu peitoral em suas costas, já que ela está tentando pegar o prato no armário que é alto demais pra ela.

— Se-sebastian — Pego o prato e deixo um beijo em seu pescoço.

— Tudo no seu tempo, minha Aurora. — Eu me afasto dela e vou em direção à mesa, me sentando. — Como a Lis passou o dia? — Resolvo mudar de assunto, pois a tensão sexual é palpável no ambiente, e a última coisa que quero é forçar uma barra com ela e falar de Lis, além de ser um jeito de fazer meu *Capitão América* voltar a ficar congelado, é também um jeito de me distrair dos pensamentos pecaminosos que essa camisola sobre seu corpo me faz ter.

Percebo que ela suspira e responde vindo me servir uma sopa.

— Bem, perguntou por você antes de dormir e eu expliquei que você estava trabalhando, mas que lhe daria um beijo de boa noite quando chegasse. — Assinto provando um pouco da sopa que está ótima e logo descubro que foi ela quem fez.

Conversamos e logo deixamos de lado os assuntos sexuais e a conversa flui leve, como sempre. Apesar das nossas diferenças é incrível como conseguimos partilhar de opiniões, histórias, pontos de vista sobre quase tudo. Aurora é muito inteligente e me ouve com atenção, além de sempre observar os detalhes de tudo o que falo.

Após terminar minha refeição ela coloca as louças na máquina e então resolvo abordar um assunto que não posso deixar para amanhã.

— Aurora, vem aqui. — Sento e a chamo para sentar no meu colo, me olha sem jeito, mas vem e senta no meu colo.

É tão bom tê-la assim perto de mim, repouso minha mão em

sua coxa, fazendo um carinho leve e a vendo se arrepiar. Passo meu nariz pelo seu pescoço e ela me dá passagem de bom grado, inala seu perfume, beijando ali.

Suspiro e reúno todo o resto de autocontrole que ainda possui e falo:

— Aurora, deixamos um assunto pendente na manhã passada.

— Bash, se você vai...

— Ei, calma tá? Me ouve, por favor — Ela me olha desconfiada, mas assente. — Bem, você disse que quer continuar a trabalhar porque quer ainda ter sua liberdade financeira e poder dar o melhor a Lis, certo? — Ela assente ainda em silêncio. — Pois bem, não serei contra você trabalhar, mas com uma condição.

— Qual? — pergunta com a sobrancelha erguida.

— Que você venha trabalhar comigo na minha empresa.

— Quê? — Vejo a expressão de choque em seu rosto. — Ma-
Mas

— Aurora, me ouve. Minha secretária está sobrecarregada, na verdade, a empresa está um verdadeiro caos devido a uma transação importante que estamos fazendo. Bem, o fato é que minha secretária precisa de uma assistente e não vejo pessoa melhor para esse cargo que você. — Ela me olha, assustada.

— Ma-mas, Sebastian, eu nunca trabalhei em um escritório antes. Eu-Eu não tenho qualquer formação, e...

— Presta atenção, meu anjo. Você é esperta, inteligente, vai pegar o trabalho rápido, e sei que vai executá-lo muito bem, você nunca deixou a desejar em seu trabalho aqui em casa, sei que fará o mesmo no escritório.

— Tá, mas aqui na sua casa é uma coisa.

— Aurora. — Suspiro cansado e olho em seus olhos. — Estou fazendo isso porque o que você me disse me deixou pensativo. Você não quer depender de mim, e mesmo não gostando, concordo com você. Você deve ter seu dinheiro e sua liberdade. Mas pensa, se um dia algo acontecer e não estivermos mais juntos e por alguma razão você não quiser mais o emprego na Holding, você poderá conseguir outro emprego facilmente em qualquer outra empresa de grande porte, devido ao peso que a Holding Di Maccio tem no mercado. Eu prometi que cuidaria de você e da Lis, e é isso que estou fazendo, cuidando para que o futuro de vocês seja o melhor. Além do mais, quero que você volte a estudar e iremos providenciar a escola da Lis também, porque ela já está na idade. E então, o que você me diz?

Ela me olha com atenção e sua expressão é indecifrável, até que um sorriso surge em seus lábios.

— Você sempre consegue fazer as coisas do seu jeito, não é, senhor Di Maccio? — gargalho e beijo seus lábios.

— Sempre baby. Então? Isso foi um sim? — Ela sorri e assente.

— Sim, eu aceito, mas você vai me prometer que vai me tratar como qualquer outro funcionário e que não terei privilégios por ser sua namorada.

— Bem, aí eu não vou prometer, porque vai depender da situação.

— Sebastian! — ela me chama atenção.

— Aurora, na empresa meu comportamento será profissional com você, assim como qualquer outro funcionário, mas se em algum momento eu precisar me impor como seu namorado e não como seu chefe, eu farei. — Ela me olha sério e depois um pequeno sorriso se abre em seus lábios.

— Você não tem jeito mesmo. — Dou-lhe um selinho.

— Não mesmo.

— Bem, mas tem uma questão importante aqui.

— Qual? — pergunto desconfiado.

— Lisbella. Quem vai ficar com ela enquanto eu estiver na empresa?

— Verdade, não havia pensado nisso. Bem, mas isso não é difícil de se resolver, Célia pode ficar com ela e depois contratamos uma babá, pelo menos até ela ir para a escolinha, tudo bem?

— Tudo sim, senhor mandão — Ela me agarra e enche meu rosto de beijos, me fazendo rir. Eu me levanto com ela no meu colo que solta um gritinho fino.

— Seu louco, me coloca no chão, Bash!

— Nada disso. Fica quietinha que vou levar você assim até seu quarto.

— Quê? Tá louco?

Ignoro sua reclamação e sigo para o quarto. Antes paramos em frente ao quarto de Lis e só então coloco Aurora no chão, e entro e dou um beijo de boa noite na minha pequena, aproveito para cobri-la direitinho, inalo seu cheirinho e saio do quarto.

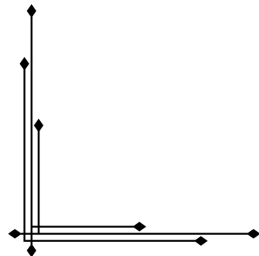
Logo agarro Aurora pela cintura, fecho a porta do quarto de Lis atrás de mim e a prenoço contra a porta do meu quarto, tomando-a em um beijo voluptuoso, que ela prontamente corresponde emaranhando seus dedos nos meus cabelos, e não me faço de rogado, encosto minha ereção em sua barriga e ela solta um gemido gostoso que eu abafa com um beijo. Beijo esse que logo sai dos seus lábios e desce pelo meu pescoço, beijo e mordisco a fazendo gemer e se esfregar mais na

minha ereção, me fazendo gemer rouco. Desço meu nariz pela curva do seu pescoço em direção ao vale dos seios que está levemente expostos pela camisola.

Passo minha língua entre eles e subo minha mão até abaixo deles, sem tocá-los diretamente, Aurora involuntariamente arqueia o corpo, me dando mais acesso, mas não subo a mão, não agora, preciso ser paciente e tão pouco quero assustá-la.

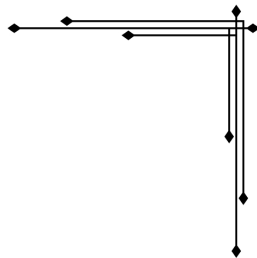
Com um esforço hercúleo deslizo minha mão pela sua cintura apertando seu quadril, trazendo para mais perto do meu pau, roçando nela, enquanto a ouço gemer manhosa. Subo meus beijos pelo seu pescoço e tomo sua boca em um beijo esfomeado, enquanto afundo a mão em seus cabelos macios, a outra que estava em sua cintura, desço lentamente pela sua coxa, onde começo a fazer um carinho leve, subindo lentamente meu polegar pela parte interna dela, quase chegando à sua intimidade, mas não avanço, aperto leve o interior de sua coxa e ela geme cravando as unhas em meus ombros.

Sei que ela quer mais, seu corpo pede por mais, assim como o meu, mas eu prometi e irei cumprir, não posso correr o risco de tocá-la em algum lugar que seja um gatilho e a faça se afastar novamente. Tocar em Aurora como mulher é como pisar em um campo minado, qualquer descuido e posso ativar um gatilho. Preciso de tempo para descobrir seus pontos de prazer e seus pontos vulneráveis, para assim desarmá-los com novas e boas experiências. Por essa razão eu me controlo, e assim como tomei a iniciativa de agarrá-la eu a solto, lhe desejando boa noite e seguindo para o meu quarto, com uma puta ereção que só baixou depois que tomei um banho gelado e *bati uma* pensando na minha morena linda.



33

Aurora Stuart



CAPÍTULO 33

Faz dois meses que estou trabalhando na Holding Di Maccio auxiliando Marta, a secretária de Sebastian. Caramba, em dois meses minha vida deu um giro de 360° graus, efeito do furacão Di Maccio que passou e não deixou nada no lugar.

Começando pelo meu trabalho, sim, no dia seguinte a aceitar sua proposta conversamos com Célia e ela logo se prontificou a ficar com Lis. Bash inclusive sugeriu que seria por *alguns dias*, até ele contratar uma babá para Lis, e foi aí que estourou a 3ª guerra mundial na Mansão Di Maccio. Célia virou uma fera com a mera sugestão de outra pessoa cuidando de Lis que não fosse ela, eu e Sebastian até tentamos dissuadi-la da ideia em virtude da sua idade e suas dores nas articulações, e quem disse que ela ligou? Muito pelo contrário, ficou virada no *Jiraya* a velhinha.

Que ela não me ouça a chamando de velhinha que ela faz sopa de Aurora.

(...)

— *Como é? É isso mesmo que eu estou ouvindo? Vocês estão insinuando que eu estou velha demais para cuidar da minha netinha?*

— *Bá. — Bash começou.*

— *Bá, uma ova, SEBASTIAN DI MACCIO. Me respeita, garoto. Eu te criei, troquei suas fraldas, te dei banho, te ensinei a amarrar os cadarços dos teus tênis e agora você vem insinuar que sou incapaz de cuidar da minha netinha? — falou com os olhos marejados e vi Sebastian ficar em pânico.*

— *Celinha, não é isso — Eu tentei também.*

— *Não é isso? Me admira você, menina, querer colocar uma*

estranha dentro de casa para cuidar da sua filha. Eu não digo nada. Você quer colocar outra mulher pra cuidar de Lisbella, tudo bem, vai em frente, coloque. Só cuidado para essa zinha não queira cuidar do seu homem também.

— CÉLIA! — eu e Sebastian falamos juntos.

— O quê? É a verdade. Sebastian bonito do jeito que ele é. Eu já te contei quantas empregadas, antes de você trabalhar aqui, deram em cima dele?

— O QUÊ? QUE HISTÓRIA É ESSA, SEBASTIAN? — Cerrei os olhos olhando na direção do meu digníssimo namorado.

— Hein? Aurora, amor, não é nada disso...

— NÃO É NADA DISSO O QUÊ, SEBASTIAN? QUER DIZER QUE O SENHOR FICOU DE ASSANHAMENTO PRA OUTRAS ZINHAS, ANTES DE EU TRABALHAR AQUI? SIM, PORQUE PARA DAREM EM CIMA DE VOCÊ DEVEM TER TIDO ALGUM TIPO DE LIBERDADE.

— O QUÊ? NÃO. NÃO, AURORA... CELINHA, FALA PRA ELA... AIII MEU DEUS! — Ele passou a mão no rosto e eu cruzei os braços, zangada.

— Você tem toda razão, Celinha, não vou colocar nenhuma oferecida que queira cuidar da minha filha e do meu homem dentro da minha casa coisa nenhuma. Lis vai ficar muito bem só com você.

— Meu Deus! — Sebastian jogou as mãos pro alto e se jogou na poltrona do escritório, se dando por vencido.

— Claro, filha! Eu te dou total apoio — ela falou como se me apoiando em uma causa nobre.

Mas pude ver a sombra do seu sorrisinho. Como no final ela inverteu o jogo e pareceu que tava me fazendo um favor? Credo, Célia é pior que Gaby indo e voltando.

Fui tirada dos meus pensamentos pela voz zangada de Bash.

— É claro que dá! — Bash fuzilou Célia com o olhar e ela não deu o menor moral.

— Sabe, Aurorinha, estava pensando, se vocês querem tanto alguém para me ajudar, porque não contratam a Margareth para ficar aqui em tempo integral? Ela está precisando de um emprego fixo e já é de casa, além de Lis gostar dela.

— Por mim vocês façam o que quiserem. Eu desisto de entender a cabeça de vocês. Agora eu preciso ir para a empresa, assim como você, dona Aurora, ou pretende chegar atrasada no primeiro dia também? — Bash falou se levantando.

Olhei pra ele e cerrei os olhos.

— Ogro.

— Olha como você fala com seu chefe, srta. Stuart — ele me advertiu, mas vi a sombra de um sorriso nos seus lábios e bufei.

— Célia, fala com a Margareth e qualquer coisa que acontecer com a Lis pode me ligar. Por favor. Eu vou ligar mais tarde para saber como ela está. Ah! Quando ela acordar não esquece de dar o leite dela.

— Pode ir tranquila, filha. Quando eu deixei de preparar o leitinho da minha netinha? — Sorri pra ela assim como Bash.

Célia estava toda boba chamando Lis de netinha, ela já fazia isso, mas depois que assumirmos o namoro, ela pareceu ter tomado o papel e a responsabilidade para si com todo carinho e devoção. E eu não poderia me sentir mais grata e feliz por saber que minha filha está cercada de amor. Nós nos despedimos e viemos para a empresa.

Confesso que estava com o estômago revirado de nervoso devido a nova experiência de trabalhar em um lugar como a Holding Di Maccio. Sebastian ao notar meu nervosismo segurou minha mão e assim que descemos do carro, ele me parou, olhou nos meus olhos e disse com todo carinho:

— Confio em você, meu anjo. Hoje você começa uma nova fase da sua vida e eu vou estar lá ao seu lado o tempo todo para tudo o que você precisar. Não precisa ter medo, eu vou estar com você. — Ele beijou minha testa e seguimos de mãos dadas para dentro da empresa.

(...)

Suas palavras foram um alento para mim, ali eu soube que não importava o que iria acontecer, dali para frente ele estaria comigo.

E foi como ele disse, ao subirmos conheci sua secretária a quem iria auxiliar. Marta foi muito gentil e atenciosa em me ensinar tudo e graças a Deus eu peguei tudo direitinho, em uma semana já estava executando todas as tarefas sem sua supervisão. Meu serviço nas primeiras semanas foi organizar os contratos que necessitavam da revisão, assinatura ou correção que deviam ser feitas por Sebastian, bem como posteriormente encaminhar cada contrato ao setor competente, fiz tudo isso em três dias, enquanto Marta se concentrava nas reuniões de Sebastian, organização delas, assim como participar com ele enquanto eu me encarregava da recepção da presidência.

E a cumplicidade incrível no trabalho entre mim e Marta acabou se tornando uma singela amizade, acabamos criando a rotina de almoçarmos juntas, sempre que não vou com Bash, o que acontece na maioria das vezes e por isso passei a providenciar o almoço dele nesses dias que ele não sai do escritório, já que Marta me falou que ele nunca almoçava e eu passei a *obrigá-lo* a comer. No fim ele acabou cedendo, e dependendo de como está a agenda no dia, escolho o

cardápio, indo de algo mais simples a algo mais reforçado.

Uma das surpresas que tive em um dos dias que fui almoçar com Marta fora da empresa foi encontrar Joanne. Estava distraída, conversando com Marta sobre as peripécias da Lis e ela ria, assim como eu. Naquela semana Lis descobriu, não sei como, que Kal, um dos seguranças, tinha medo de ratos e advinha o que a princesa fez?

Ela tinha um ratinho de brinquedo e enquanto o segurança estava no horário de descanso dele, ela entrou no alojamento dos seguranças, que agora é na casa de visitas, e colocou o brinquedo rente ao rosto do homem, e adivinhem a primeira coisa que o coitado viu quando acordou? Sim, o bendito rato.

Só sei que o pobre do homem saiu gritando feito um louco pela mansão, e logo o protocolo de segurança foi ativado, já que todos achavam que a casa estava sendo atacada. Enquanto isso a meliante da minha filha assistia tudo de camarote em cima de um banquinho que ela colocou estrategicamente embaixo da janela do quarto.

Foi um Deus nos acudam na mansão, os seguranças ligaram para o Sebastian que ficou apavorado achando que algo sério estava acontecendo, pois o homem só sabia gritar e tremer, enquanto isso Lis ria de tudo.

Claro que assim que chegamos encontramos a meliante bem sentadinha na escadaria de entrada rindo da confusão toda. E eu como não sou boba nem nada e conheço minha cria, sabia que ela tinha aprontado.

Cheguei perto dela cerrei os olhos e falei:

(...)

— *Lisbella Maria! O.que.a.senhora.tem.a.ver.com.isso?* — *Ela fez uma carinha de assustada e baixou a cabeça como se estivesse arrependida. Só como se estivesse mesmo, porque conhecendo a filha que tenho ela ainda ia aprontar muito.*

Então ela me contou o que fez e me levou até o alojamento dos seguranças, onde vi o ratinho de borracha na cama do pobre homem e olhei pra ela bem séria, baixei a sua altura e falei:

— *Lisbella Maria, você tem noção do que acabou de aprontar, mocinha? Por causa desse ratinho aqui você tirou a mim e seu pai do trabalho, colocou a mansão abaixo e assustou alguém que está aqui responsável por cuidar de você e de todos.*

— *Ah, mamãe é xó um ratinho fofinho.*

— *Lisbella...* — *Ela baixou a cabeça e finalmente pareceu arrependida.*

— Diculpe, mamãe.

— Você vai pedir desculpas ao Kal e a todos pela sua brincadeira, assim como ao seu pai, por ter interrompido o trabalho dele, entendeu? — Ela balançou a cabecinha.

Saí com ela até o jardim, onde Sebastian estava reunido com os seguranças e o homem que se assustou com o rato e estava mais branco que papel.

Pigarreei para chamar a atenção de todos.

— Bem, senhores, acho que encontrei o terrorista — Levantei o ratinho de borracha e o homem gritou.

— AIII MEU PAI DO CÉUUUUUU! — E se escondeu atrás de Manfred fazendo todos rirem.

— Você só pode estar de sacanagem, Kal. Você arrumou essa confusão toda por um — Manfred se aproximou de mim e pegou o ratinho das minhas mãos. — Um ratinho de borracha?

— De borracha ou não mantenha esse demônio longe de mim! — Kal se escondeu atrás de David.

— EHHHHH, meu chapa, tá me estranhando? Vira homem, porra!

— DAVID! — todos o repreendemos por Lis estar ali e Sebastian lhe lançou um olhar mortal.

— Bem, rapazes, acho que Lis tem algo a falar — falei e Sebastian me olhou erguendo uma sobrancelha.

Lis olhou pra mim e pra ele, depois pra mim novamente como se pedindo socorro, porque sabia que estava encrocada, mas fui firme, pois ela tem que aprender a arcar com as consequências dos seus erros.

Ela suspirou, baixou os ombros — parecendo gente grande — e todos prenderam o riso diante da sua atitude.

Lis foi até Kal e o olhou com seu melhor olhar de baby Yoda.

— Kalzinho, me dipulpe. Eu coloquei o ratinho fofinho na sua caminha. Não quilia tustar voxê. Você guitou com muitiiii medo palecendo a vovô Valie quando deuba as panela — Todos seguraram a gargalhada e Sebastian virou o rosto, porque não estava aguentando. E minha filha continuou com a cena.

Sinceramente, Hollywood está perdendo essa menina.

— Olhe, Kalzinho, Vem qui. — Ela chamou com as mãozinhas e ele abaixou na altura dela, que colocou sua mão no ombro dele e quando pensei que ela finalmente ia pedir desculpas adequadas ao Kal, Lisbella mostrou a que veio — Você precisa vilá colajoso, fancamente. — Ela balançou a cabeça de um lado a outro com pesar.

Daquela vez não teve escapatória, a gargalhada foi geral, Sebastian ficou vermelho, David colocou as mãos nos joelhos de tanto rir e eu não

sabia se ria ou se dava umas palmadas na minha filha, mas resolvi me posicionar.

— LISBELLA — a repreendi e olhei fuzilando a todos os marmanjos que logo se calaram e Bash pigarreou tentando se manter sério.

— Dipulpe, mamãe, Kalzinho, — O pobre homem já estava morrendo de vergonha. — Dipulpe. Eu prometi não colocar mais ratinho na sua caminha. — Ela virou e deu um beijo no rosto do homem que logo se derreteu, assim como todos os marmanjos presentes.

Francamente, não sabia que poder era aquele que Lisbella tem sobre esse bando de marmanjo que coloca todos no bolso.

Ela finalmente virou para Sebastian e caminhou até ele, novamente fazendo sua melhor carinha de baby Yoda e o babão do meu namorado pareceu que ia derreter de tanto amor.

— Papaizinho, dipulpe, eu tapeiei seu pabaio. — Ele suspirou e abaixou, ficando na altura dela.

— Tudo bem, filha, só não faça mais isso. O que você fez foi feio e você não só assustou o Kal como atrapalhou o trabalho de todos aqui, meu e da sua mãe.

— Exatamente! — Eu me abaixei ficando ao lado de Sebastian. — O que você fez foi muito feio, mocinha, e por conta disso a senhorita vai ficar de castigo.

— Mamãe.

— Nada de mamãe. Uma semana sem andar de bicicleta na pracinha com seu pai e uma semana sem assistir Barbie.

— Mas mamãe. — Ela fez bico e tremeu os lábios.

— Linda... — Sebastian me olhou tentando interceder, mas o calei com um olhar mortal e ele logo entendeu que não devia me contrariar.

— Papai. — Ela apelou pra ele e o vi tremer na base, ele me olhou e eu cerrei os olhos, ele suspirou cansado. — Sinto muito, filha. Você aprontou e agora deve arcar com as consequências dos seus atos.

Ela abaixou a cabeça, cruzou os braços e saiu pisando duro, brava.

— Lis! — Sebastian tentou ir atrás dela.

— Deixa. — Eu o segurei. — Se você for atrás e passar a mão na cabeça dela, ela vai fazer isso muitas vezes, e não vou permitir que minha filha haja como uma garotinha mimada que mais na frente vai estar pisando nos outros, Sebastian. Ela deve aprender desde cedo que toda ação gera uma reação.

— Eu sei, mas odeio vê-la triste.

— Aquilo não é tristeza, Sebastian, é manha. Francamente, eu não sei a quem essa menina puxou pra apontar tanto e ter esse gênio impossível?!

— Ao pai, claro! — Célia falou e eu tomei um susto, pois não a vi se aproximar, mas foi inevitável não sentir um nó na garganta. Vi Sebastian olhá-la com cara de espanto e ela encará-lo. — Sebastian quando era pequeno vivia me fazendo arrancar os cabelos, nunca vi moleque tão traquina como esse. — Ela me olhou sorrindo e sorri de volta, aliviada por ela se referir a Bash e não ao progenitor de Lis. — Lis pode até não ter o sangue do Sebastian — ela olhou para ele de maneira estranha, que imaginei ser “sugestivo”, como uma advertência que não entendi de quê, mas vi Bash engolir em seco, até que ela me olhou com um sorriso doce. — Mas convivência é osso, minha filha. Lis está aprendendo com o pai a ser explosiva, determinada e querer fazer as coisas ao seu modo. Além da tendência forte de aprontar deixando todos malucos. Essa menina parece uma versão de saia do meu Bash quando era criança. — Ela riu e foi impossível não rir da forma que ela falou.

Olhei para Bash e ele estava sério, acho que não gostou de ser entregue por Célia, já que ele era sempre tão sério, ou pelo menos era.

Então resolvi brincar para descontraír.

— Então quer dizer que o senhor adorava aprontar quando era criança? — Eu o empurrei de leve com o ombro e ele falou sem me olhar.

— Enquanto me foi permitido ser criança, eu fui — falou olhando pra Célia e a vi fechar o sorriso, eles se encararam com uma tensão palpável no ar. — Se vocês me derem licença, vou atrás da Lis.

E ele saiu sem olhar para trás, olhei pra Célia sem entender a reação de Sebastian.

— O que ele quis dizer com isso, Célia? — Ela suspirou e me olhou triste.

— Ah, menina! Bash não teve o privilégio de ser criança por muito tempo.

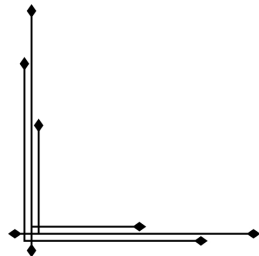
— O quê?

— Aurora, minha menina, tenha paciência. No momento certo Bash vai se abrir com você e contar aquilo que tanto lhe atormenta. Eu não sou a pessoa certa para isso, espere, tenha calma, quando ele se sentir seguro, ele mesmo te contará esse passado que tanto o marcou.

Ela suspirou e saiu andando, me deixando sozinha.

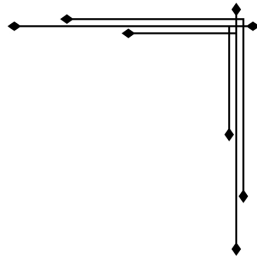
Eu nem havia notado que os seguranças já haviam retornado aos seus postos. Suspirando, voltei para o meu quarto e passei a tarde pensando no que Célia havia me contado.

Uma coisa que tinha certeza, Sebastian tinha marcas profundas causadas pelo seu passado.



34

Aurora Stuart



CAPÍTULO 34

No dia que estava contando a traquinagem da Lis para Marta, enquanto íamos ao restaurante, acabei esbarrando na rua com Joanne.

Estava tão distraída que nem percebi que era ela ali, somente no momento em que ia pedir desculpas e olhei para a pessoa me dei conta de quem estava à minha frente.

Fiquei tão emocionada ao reencontrar minha amiga que quase não nos largamos do abraço de urso que demos uma na outra, a emoção era visível em nós duas, a saudade pareceu finalmente cobrar o seu preço pelos meses separadas.

Jamais irei esquecer que Anne — como carinhosamente à chamamos —, foi uma das pessoas que mais me ajudou nos momentos mais difíceis que passei.

Depois da trágica noite na boate e do meu estado de depressão, ela esteve lá, me animando, me dando forças, me mostrando que a vida ia continuar e que eu ainda iria viver coisas maravilhosas, e ela não poderia estar mais certa.

Então veio a notícia da gravidez de Lis, e ela e sua mãe, mesmo debilitada, me ajudaram muito no início, me dando dicas, e quando Lis nasceu, ensinando pacientemente a mim e a Gaby como cuidar de um bebê.

Depois de toda emoção, logo me encarreguei de apresentá-la à Marta, aproveitei a chance e convidei Anne para almoçar conosco, e ela logo aceitou, para minha felicidade. Quando estávamos entrando no restaurante o celular da Marta tocou e após alguns minutos de conversa ela veio nervosa avisando que teria que ir buscar o filho na escola que estava com muita febre. Óbvio que a mandei ir e disse que avisaria ao Bash, e também daria conta de tudo na recepção da presidência, ela me agradeceu e saiu super preocupada.

Então aproveitei a oportunidade para colocar os papos em dia.

Após 40 minutos de conversa onde contei a reviravolta que minha vida deu nos últimos 8 meses — até aquele momento — e a reação não poderia ser outra, que não fosse uma Anne de boca aberta, chocada com tudo que ouviu.

— Menina, que loucura! Seu patrão carrasco e sem coração agora é seu namorado e um pai pra Lis? É isso mesmo? — ela falou chocada.

— Isso mesmo, amiga. Nunca pensei em viver uma situação assim, a verdade é que Sebastian entrou como um furacão na minha vida e com ele trouxe muitas mudanças.

— Tô vendo — ela apontou para o modo de me vestir.

Isso porque devido ao meu trabalho na Holding Di Maccio, tive que adotar um estilo mais social e sofisticado, além dos saltos, que passei a gostar porque meu namorado já me confessou várias vezes que sente tesão ao me ver de salto, o que não me deixa de outra forma que não seja molhada e cheia de desejo por ele. Como um homem consegue ser tão safado e gostoso, assim? Aquelas mãos. Aquele abdômen com aquele V que indica o caminho do paraíso. Aquele barba. E aquele cheiro? Misericórdia, Deus me livre, mas quem me dera.

Sou tirada dos meus devaneios pela voz de Anne.

— E você está gostando do seu novo trabalho como assistente da secretária dele?

— Si-sim, muito na verdade — falei pigarreando pelos meus pensamentos impuros e foquei na conversa. — No começo achei que não ia conseguir pegar o trabalho, mas em uma semana já estava fazendo tudo direitinho. Também pensei que pelo fato de ser namorada do Sebastian as pessoas iam me olhar estranho e me julgar, no começo pode até ter até rolado alguns comentários desagradáveis pelos corredores, mas aos poucos estou provando com meu trabalho que estou aqui por mérito meu e não por capricho do meu namorado — falei orgulhosa de mim mesma.

A verdade é que no início estava com muito medo dos julgamentos errados, coisa que Sebastian insistiu em afirmar que eu não deveria me importar, mas não foi bem assim. Nas primeiras semanas me senti desconfortável com os comentários e cochichos por onde eu passava, mas conforme as semanas foram passando e eu fui me adaptando ao meu trabalho, executando-o com maestria e fazendo amizade com os outros funcionários, eles foram percebendo que nem de longe eu era alguma interesseira, alguém chata ou arrogante por ser namorada do chefe, mas que estava ali para trabalhar igual a qualquer um.

— Você sempre soube conquistar o coração e a admiração de todos ao seu redor, amiga — falou Anne, segurando na minha mão.

— Assim como você. Agora me fala de você, já falamos muito de

mim, como anda dona Moly e a pequena Amy? — Vi Joanne suspirar.

— Bem, mamãe continua com a saúde frágil, ainda à espera de um transplante que ainda não teve sinal de doador compatível — ela contou, triste. — Quanto Amy, está uma pequena sapeca, completou agora 6 aninhos e está cheia de energia — falou mudando de assunto e sorrindo ao falar da irmã mais nova.

A verdade era que Anne é mais mãe de Amy que Dona Moly, devido ao seu estado de saúde a senhora mal pode se dedicar à filha mais nova que é muito apegada à irmã mais velha, a tratando como mãe.

Joanne desde muito cedo teve que se responsabilizar pela mãe e pela irmã, o que a faz deixar sua vida de lado para lutar pelo bem-estar das duas. Apesar de só ter 22 anos e ser uma linda ruiva, minha amiga parece não se importar com a sua beleza e os olhares masculinos dirigidos a ela, quando tudo o que importa são sua mãe e irmã. Joanne carrega o mundo nas costas sem reclamar.

Penso com pesar.

— Bem, e quanto a mim, estou trabalhando como bargirl em um bar de gente chique. A verdade é que lá eles pagam muito bem, o que faz com que eu não precise de um segundo emprego, e me sobra mais tempo para cuidar da minha mãe e de Amy — ela logo emendou.

— Que ótimo, amiga! Bem que você poderia ir lá em casa levar Amy para brincar com a Lis enquanto nós jogamos conversa fora. — Foi naquele momento que olhei para o relógio de pulso e vi que já passava mais de meia hora do meu horário de almoço, a recepção da presidência estava sozinha e Bash tinha uma reunião em 30 minutos. — Merda!

— O que houve, amiga? — Joanne questionou, preocupada.

— Nada miga, só perdi a hora.

— Ai, caramba! Desculpa, miga.

— Nada, a culpa não foi sua, vou pedir a conta.

Após pagar a conta, anotei seu novo número e prometemos marcar para a semana seguinte o nosso encontro lá na casa do Bash, ou melhor, nossa casa, como agora ele faz questão de falar.

Depois disso eu voei pra presidência e assim que cheguei entrei como um furacão na recepção que estava silenciosa, olhei para o relógio e vi que ainda faltava uns 20 minutos para primeira reunião da tarde começar. Corri para sala de reunião e preparei tudo. Aparentemente Bash não notou nossa ausência. Uffa!

Quando estava voltando para minha mesa o telefone tocou.

— Senhorita Stuart, na minha sala agora! — falou e desligou o telefone.

— Merda! Tô muito ferrada!

Sentindo minha espinha gelar, fui a passos vacilantes em direção à sua sala, bati na porta e como não ouvi resposta, resolvi entrar. Olhei para ele que pareceu concentrado no relatório que provavelmente seria pauta da próxima reunião.

— Se-Senhor Di Maccio?

— Entre e feche a porta. — Engoli em seco e fiz o que ele mandou.

Eu me aproximei lentamente da sua mesa e fiquei em pé á sua frente, quando ele finalmente ergueu a cabeça, e me olhou de cima abaixo com uma expressão indecifrável.

— Posso saber onde você e a senhora Marta estavam até essa hora? — falou sério, não deixando transparecer nada na sua expressão.

Engoli em seco, olhando para ele assim, recostado na sua imponente cadeira, chegava a escorrer uma lágrima, só não disse de onde? Putz! Ele fica tão sexy com aquela cara de mau. Cara de lobo mau que quer devorar a chapeuzinho vermelho. O que me fez lembrar do que fizemos na noite anterior no meu quarto. Instintivamente apertei minhas pernas na tentativa fajuta de aliviar o aquecimento global que estava rolando no meu baixo ventre.

Foco, Aurora, você está diante do seu chefe.

Pigarreei.

— Bem, sr. Di Maccio — sim, aqui na empresa eu o trato de maneira formal como todos os funcionários. Coisa que impus e ele concordou prontamente —, Marta recebeu uma ligação da escola do seu filho informando que ele está doente e por tanto irá precisar se ausentar agora no período da tarde, e acabei ficando encarregada de avisá-lo devido a urgência da situação, e quanto a mim — Respira Aurora, respira, que vai dar tudo certo. — Peço desculpas, acabei perdendo a hora. — Para meu desespero ele levantou e veio até mim, e eu sequer tive qualquer intuito de sair do lugar.

— Perdeu a hora? — Podia sentir seu peitoral em minhas costas e outra parte da sua anatomia cutucando meu bumbum. E não menos importante, ele falou próximo ao meu ouvido de maneira rouca e sexy, fazendo o aquecimento global no meio das minhas pernas virar um incêndio.

Engoli em seco.

— En-Encontrei uma ami-amiga. — Tentando manter a dignidade me forcei a me explicar.

— Amiga? — Suas mãos foram para minha cintura e ele mordeu o lóbulo da minha orelha. — Posso saber que amiga é essa, srta. Stuart? — Sua mão direita desceu pela lateral da minha saia, passando de maneira a apertar levemente minha coxa.

Engoli a saliva e fechei os olhos sentindo uma mordida no meu

pescoço, seguida de uma lambida que fez um pequeno gemido escapar dos meus lábios.

— Estou esperando uma resposta, srta. Stuart — Sua voz rouca e pausada me trouxe de volta à realidade, mesmo ainda me sentindo uma massa mole nas mãos dele e tendo a mente nublada pelo desejo.

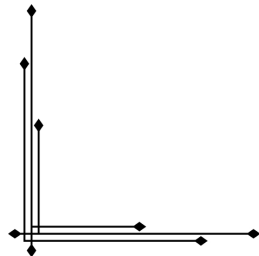
— Joanne, e-ela trabalhou comigo na lan-lanchonete do sr. Bartolomeu. — Consegui responder com muito custo.

— Srta. Stuart, você conhece as regras da empresa. — Sua mão subia por dentro da minha saia, avançando gradativamente em direção ao meu sexo encharcado e tudo que eu queria era que ele me tocasse, que aliviasse aquela sensação que estava me queimando, mas para minha frustração, ele tirou a mão e falou: — Espero que não se repita, srta. Stuart. Você sabe que não tolero atrasos, mas por hoje passa.

Eu virei e olhei chocada para ele, que descaradamente caminhou para sua mesa como se nada tivesse acontecido.

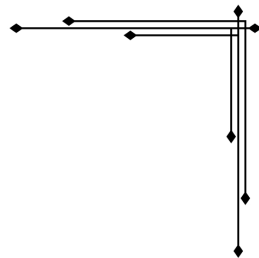
Quêêêêêêêê? Ogro desgraçado! Como ele me atíça e depois me dá uma bronca assim? Ahhh, mas ele me paga!

— Sim, sr. Di Maccio, não se preocupe que isso não voltará a acontecer — falei entre dentes e saí pisando duro e batendo a porta atrás de mim tão forte que acho que até os seguranças da portaria devem ter ouvido.



35

Aurora Stuart



CAPÍTULO 35

Sorrio com a lembrança no momento atual em que digito a ata da próxima reunião e mesmo assim, nada impede de me aprofundar nas lembranças dos últimos 2 meses. Sim, estou em um momento de nostalgia e puro êxtase com tudo que vem acontecendo entre mim e Sebastian. A verdade é que nesses dois meses que passaram minha relação tem ganhado novas nuances, não só sentimentais como físicas também. Ao passo que temos um relacionamento cheio de carinho e romantismo, também temos nossos momentos de intensidade.

Eu imaginava ser incapaz de me permitir ser tocada de maneira mais íntima por um homem, pensei que sempre travaria, que não poderia ou não conseguiria ter um relacionamento normal, e eu não poderia estar mais enganada, pois Sebastian vem mostrando dia após dia o quanto isso é possível e real, me ensinando de maneira deliciosamente prazerosa a ser mulher.

O safado não precisa de muito para despertar em mim uma mulher, uma devassa cheia de desejos por ele. Basta um toque seu, um olhar safado, um beijo e já sinto meu corpo incendiar. Sebastian no começo parecia mapear o meu corpo de maneira delicada e sem pressa testando meus pontos sensíveis ou meus pontos de receio. Aos poucos foi me fazendo descobrir o prazer que uma relação entre homem e mulher pode proporcionar sem necessariamente precisar de penetração.

Sim, em dois meses não fizemos sexo de fato, primeiro porque ainda não me sinto pronta, e Sebastian pacientemente sempre trata de me acalmar quando penso que estou sendo um fardo para ele. Na verdade, ele é o primeiro a frear nossos rompantes quando a coisa ameaça sair do controle. Ele tem se mostrado sensível, romântico,

delicado e paciente, sem nunca avançar o sinal, conhecendo e descobrindo meus limites e me mostrando que posso ir, um pouquinho de cada vez, além deles.

A primeira vez que tivemos nosso contato mais íntimo foi em um fim de semana, após eu, ele e Lis passarmos a manhã na piscina, depois assistimos filme e jantamos pizza, ela logo adormeceu e ele a colocou na cama. Bash age como um verdadeiro pai, dividindo comigo todas as responsabilidades quanto aos cuidados e a criação de Lis.

Após uns quinze dias em que estávamos oficialmente namorando, o relacionamento dele e de Lis e o tratamento *pai e filha* já era aberto, e me sentindo insegura com isso, resolvi chamá-lo para conversarmos. Expus para ele meus medos, tais como: se terminássemos minha filha sofreria, ou de ser precoce o fato de estarmos juntos e Lis chamá-lo de pai. Fui sincera ao falar que temia está pondo sobre ele uma responsabilidade que não lhe pertencia. Tinha medo de pensarem que eu estivesse forçando um relacionamento entre ele e Lis.

A verdade é que a reação de Sebastian me surpreendeu, acredito que ele já esperava aquela conversa ou mesmo pretendia tê-la comigo, pois a todo momento foi muito sincero e firme em seu posicionamento. Dizendo entender meus medos, mas me pediu para entender que o que ele sente por Lis nada tem a ver com nosso relacionamento, que o desejo de tê-la o chamando de pai veio bem antes de começarmos a namorar — coisa que eu já havia notado. Disse que independente do nosso futuro, seu amor por Lis não irá mudar, pois ele será pai de Lis com ou sem Aurora.

Não vou mentir que doeu um pouco a forma como ele falou, mas ao mesmo tempo senti que seu amor pela minha filha é verdadeiro e estará acima de qualquer coisa que puder haver entre nós dois. Depois de tudo esclarecido ele passou a ser tratado como *pai* sem receios por Lis e por mim, e consequentemente por todos na mansão. Exceto por David que no início pareceu resistente ao tratamento de Lis e Sebastian, ele ficou estranho comigo por um tempo e resolvi conversar com ele, que me confessou seus sentimentos por mim, fiquei triste por ele, afinal deve ser horrível não ser correspondido por quem se gosta, mas fui sincera quanto aos meus sentimentos por Sebastian e ele entendeu, e por fim me desejou felicidades.

Com Bash conversei depois sobre minha conversa com David e com tudo esclarecido o clima *na nossa casa* não poderia ser melhor.

Não vou nem falar que Sebastian como pai mima bastante Lisbella, mas está aprendendo — sob pressão minha — a colocar freio naquela pequena sapeca.

Ele estava cobrindo-a e desejando boa noite, enquanto eu

observava tudo babando na porta do quarto. Todo carinho e amor que emana daqueles dois, que quando entram na sua bolha, fica impossível de alcançá-los.

Lis e Sebastian tem uma estranha ligação que eu francamente desisti de entender, o amor que um tem pelo outro está além de qualquer explicação. Sebastian é um pai presente, que faz tudo pela minha filha e não pensa duas vezes em largar o que estiver fazendo para ficar com ela.

Como no dia que ela pegou um pequeno resfriado e ele se negou veementemente a sair de casa durante dois dias, onde sua atenção foi totalmente de Lis, *e aí de quem o contrariasse*. Desisti de insistir que ele poderia trabalhar quando notei em seus olhos a angústia por ver nossa pequena molinha e com febre. Eu não sabia de quem ficava com mais dó, se da minha pequena ou dele que não saia do lado dela, como se tivesse medo que ela sumisse. Até o Eduardo ele tirou de casa tarde da noite para vir examinar Lis, mesmo não sendo a especialidade dele e eu dizendo que era apenas um resfriado.

De qualquer forma, foi naquela noite, após colocar Lis para dormir que ele veio até mim, como um lobo que encurrala sua presa, e ele sabe fazer isso como ninguém. Me olhando de cima a baixo com desejo evidente no olhar, vi que o momento ternura havia acabado e que o módulo *meu homem intenso e safado* estava ativado em potência máxima.

Sem a menor vergonha ele me olhou como se fosse literalmente me devorar, tornando minha pele quente e trazendo um incêndio no vão de ligação entre minhas pernas, me fazendo esquecer de todo e qualquer pensamento meigo que tive segundos antes e ativando em mim o módulo — até então desconhecido por mim — safada.

Mas naquele momento eu que esperava ser atacada e prensada na parede mais próxima, fui surpreendida com um beijo carinhoso, e após fechar a porta do quarto de Lis, pediu que eu o acompanhasse até seu quarto, mas claro que não sem antes me atiçar.

O infeliz consegue ir de meigo à cafajeste safado em segundos.

(...)

— Não me olha assim, meu anjo, que eu tenho vontade de arrancar essa sua camisolinha indecente no dente e beijar cada pedacinho desse teu corpo gostoso que me deixa de pau duro. — Senti meu rosto arder e minha boceta molhar. A verdade era que aos poucos estava me acostumando e adorando, esse jeito desbocado e sexy dele de ser. Ele pegou minha mão e falou, me tirando do torpor de desejo que me colocou. — Vem comigo. Tenho um presente pra você. — Ele me puxou

delicadamente.

— Presente, Bash? — Entramos no quarto e ele fechou a porta.

— Shiu! — Ele colocou o dedo indicador nos meus lábios, me calando, me deu um selinho e foi até seu closet me deixando com o coração aos saltos. Logo ele voltou e trouxe na sua mão uma caixinha preta quadrada.

— Espero que você goste, quando vi só pensei em você. — Ele colocou a caixinha na minha mão e quando abri, meus olhos só faltaram saltar da órbita diante do que vi. Um conjunto de colar e brincos lindos, cravejados delicadamente de esmeraldas azuis.

— Bash, isso — Olhei para o presente e para ele. — Bash é lindo, mas não posso aceitar. Isso deve ter custado os olhos da cara — falei fechando a caixinha e vendo o sorriso do seu rosto morrer.

— Você não só pode, como vai aceitar, meu anjo. Acredite, isso não é nada perto de tudo o que eu quero dar a você. Por favor, princesa, aceita. Escolhi com tanto carinho. — Ele fez uma carinha de cachorro que caiu da mudança, suspirei e sorri.

— Obrigada, amor. Eu amei, é um presente lindo. Mas, Bash — Coloquei a caixinha na mesinha ali próximo e me aproximei dele. — Eu realmente só preciso do seu amor. — O vi titubear e continuei colocando a minha mão em seu coração. Ele ainda não havia dito abertamente que me ama, e se isso me incomodava? Sim, mas logo esqueci o incômodo quando me lembrei de cada demonstração de amor feita por ele todos os dias. — Eu só preciso de você, Bash. Ter você é tudo o que eu e Lis precisamos. — Fiquei na ponta dos pés e de maneira ousada lhe beijei e ele logo retribuiu.

Lentamente sua língua ganhou espaço dentro da minha boca, sugando a minha, chupando-a, explorando meus lábios como se quisesse beber do meu sabor.

Ele me beijou como fode. Quente, intenso, forte. Simulando um sexo cru e gostoso com a sua língua na minha.

Aos poucos seus lábios iam em direção ao meu pescoço, onde ele mordeu e logo após chupou fazendo um misto de dor e prazer atravessar meu corpo e deixar minha calcinha lambuzada. Seu braço trouxe minha cintura para mais perto dele onde podia sentir sua ereção roçar minha barriga, e um gemido escapou dos meus lábios.

Seus beijos e mordidas foram para minha clavícula, seguindo para o lóbulo da minha orelha, enquanto agarrei com força os cabelos da sua nuca, embriagada pelo prazer do momento.

— Você me deixa louco, meu anjo. Cheio de tesão por ti. Sinta como você me deixa. — Ele esfregou sua ereção em mim e eu só queria mais, gemi e permiti que ele continuasse com a fricção gostosa. Seu pau estava duro feito rocha, e saber que eu era a causadora daquilo me fez

sentir poderosa. Me fez sentir mulher. — Meu pau baba por você, meu anjo. Baba por essa sua bocetinha pequena e apertada.

Gemi baixinho e mordi meu lábio com força em delírio pelas suas palavras desbocadas. Minha mente estava turva de desejo e logo o senti atacando meus lábios novamente e sem qualquer pudor era a minha vez de me esfregar na sua ereção. Precisava de mais, Bash, era tudo o que pensava.

Suas mãos subiam pela lateral dos meus seios, eu desejava que ele os tocasse, necessitando sentir o alívio que sabia que só suas mãos podiam trazer a eles que estavam intumescidos e pesados, mas ele não o fez e isso me frustrava, me fazendo encostá-los em seu peitoral em busca de alívio que suas mãos não me davam.

Logo ele desceu a mão pela minha cintura e passou lentamente para trás, apertando minha bunda no exato momento que mordia meu lábio inferior, e aquilo me levou à loucura. Suas duas mãos apertavam meu bumbum, fazendo me esfregar mais em sua ereção potente. Senti minha calcinha úmida, e precisava de alívio, chegava a ser insuportável.

Eu preciso de mais, muito mais de Sebastian Di Maccio.

Esse pensamento rodava em minha mente, mas para minha total frustração, ao invés de intensificar nosso momento, lentamente ele retirou as mãos do meu bumbum as trazendo para a minha cintura e foi parando nosso beijo que logo se tornou um selinho delicado.

— É melhor pararmos aqui, meu anj...

— Não. — o interrompi e o impedi de se afastar de mim.

Naquele momento Bash me olhou em um misto de surpresa e desejo, e eu? Bem, eu fiquei vermelha feito um pimentão, afinal não sei o que me deu.

Fogo no Rabo, more!

— Não? — Bash levantou meu rosto que nem eu percebi que havia abaixado de vergonha. — Não precisa ter vergonha, meu anjo. Basta me dizer o que você quer e eu darei — disse sem largar meu queixo, deixando um leve selinho em meus lábios.

E agora, Aurora, o que você quer?

Bem, eu sabia que ainda não estava pronta para ser de fato mulher dele, mas também não queria que ele agisse como se eu fosse uma bonequinha de cristal que fosse se quebrar a qualquer momento. Eu sei que o que aconteceu comigo no passado foi grave, e ainda carrego na minha mente muitos medos. Mas preciso me livrar deles, e eu sei, no fundo do meu coração, que posso confiar em Sebastian e que para me livrar desses medos preciso me permitir.

Frustrada, saí dos seus braços sentando na cama.

— Eu não sei o que quero, Bash. E-eu não me sinto pronta pra ser sua totalmente, mas também não quero que você haja como se eu fosse

quebrar a qualquer momento. Eu tenho sim muitos medos, mas quero me livrar deles, quero ser sua, mas não sei como fazer isso. — Senti meus olhos marejarem e pisquei para tentar espantar as lágrimas que ameaçavam descer.

Bash se ajoelhou na minha frente e tocou meu rosto novamente o erguendo para que eu o olhasse nos olhos.

— Meu anjo — ele acariciou meu rosto —, você é linda, e Deus sabe o quanto eu preciso me segurar toda vez que te vejo para não te arrastar para a primeira parede ou superfície plana e te fazer minha mulher. — Mas você também entende que precisamos ir com calma, não entende? — Apenas assenti. — Então vamos fazer isso do jeito certo — falou rouco, com suavidade tocou meu rosto sem tirar os olhos dos meus e me beijou, um beijo que começava lento, mas logo se tornou cru e intenso, como só ele sabe fazer.

Sebastian fodia minha boca com sua língua experiente e gostosa, em meio ao beijo ele mordeu meu lábio inferior e falou olhando nos meus olhos:

— Você confia em mim, meu anjo?

Sem pestanejar eu respondi:

— Eu confio, Sebastian. — Ele me olhou por um segundo e se ergueu estendendo a mão para que eu a pegasse.

Olhei para sua mão, em seguida para seus olhos e sem pensar duas vezes eu a segurei e levantei, ele me olhou de maneira intensa e falou:

— Vamos começar pelo início. Suba na cama e fique de joelhos, de costas para mim. — Eu olhei para ele sem entender, mas logo obedeci.

Subi na cama me posicionando em seu centro, ficando de joelhos de costas para ele. Alguns segundos se passaram e logo senti a cama afundar e Sebastian se encaixou de joelhos atrás de mim, me permitindo o deleite de sentir seu peitoral contra minhas costas, sem a barreira da camisa e sua ereção poderosa, que me fez arfar. Suas mãos foram para minha cintura apertando de leve, me encaixando mais a ele, que logo estava lentamente beijando, mordendo e lambendo meu pescoço que deixei exposto ao seu bel prazer. Fechei os olhos e mordi meu lábio inferior para reprimir um gemido baixinho e me entreguei às sensações de tê-lo assim, tão próximo a mim. Ele apertou mais minha cintura moendo seu pau contra minha bunda, mordi o lábio mais forte sentindo um leve gosto de sangue.

— Ah, meu anjo, tenha certeza que não vou fazer nada que você não queira, mas não garanto que não irei provocar até você querer. — Ele mordeu o lóbulo da minha orelha e em reação à sua provocação eu rebolei lentamente em seu pau, o que o fez soltar um gemido rouco. — Aurora, não brinca com fogo que você pode se queimar!

— E se eu quiser me queimar? — respondi atrevida e ganhei uma

mordida no ombro seguida de uma deliciosa lambida que provocou arrepios gostosos em minha pele.

— Cuidado com o que deseja, meu anjo. — Suas mãos saíram da minha cintura e passaram para minhas coxas, as apertando e subindo vagarosamente minha camisola em direção à minha intimidade, que clamava por alívio. Senti seu polegar roçar levemente na minha buceta e desejei desesperadamente que ele fosse além. O que ele não fez e soltei um som de frustração que o fez sorrir contra meu pescoço.

— O que você quer, meu anjo, hum? — Ele mordeu o lóbulo da minha orelha. — Quer que eu toque sua bocetinha? — Em sinal positivo eu apenas apertei minha bunda em sua ereção o fazendo soltar um som rouco. — Aurora, estou tentando ir com calma e fazer isso do jeito certo, baby.

— Não quero que você vá com calma, Bash, quero que você me toque — falei frustrada e virando a cabeça o olhando nos olhos, que me olhava sério, como se estudasse meu rosto em busca de alguma hesitação, e ao parecer não encontrar, logo o sorriso cafejeste que tanto amo surgiu em seus lábios.

— Muito bem. — Ele mordeu meu lábio inferior. — Mas antes me responda, você já se tocou? — Por um segundo olhei para ele confusa e logo ele emendou. — Você já se masturbou, Aurora? — Minha boca se abriu e acho que meu rosto tingiu um tom de vermelho escarlate e ele sorriu. — Você fica linda quando cora. — Novamente ele mordeu meu lábio. — Vamos, meu anjo, me responda se você já tocou essa bocetinha linda que estou salivando para provar. — Ele me deu um selinho e eu fiquei por um segundo sem reação, mas ainda assim me obriguei a responder.

— Na-não — Abaixei o rosto. — Antes de você, eu nunca senti essas coisas.

— Que coisas, meu anjo? — Ele ergueu meu queixo para que eu o olhasse. — Desejo? Tesão? — Apenas balancei a cabeça em concordância. — Fico feliz em saber que sou o primeiro homem a te causar isso e quero que saiba que pretendo ser o único.

Ele voltou a me beijar com intensidade e posse, fazendo minha boceta escorrer de tesão por ele.

— Hoje eu vou te ensinar a se dar prazer, meu anjo — sussurrou rouco

Sebastian conduziu minhas mãos até minhas coxas e fez com que eu as apertasse.

— Sinta como sua pele é macia, meu anjo. Como é quente e me deixa assim. — Ele roçou a ereção na minha bunda novamente, me fazendo gemer.

— Suas coxas são maravilhosas e muito em breve pretendo me perder no meio delas, baby. Mas agora vamos dar uma atenção especial aos seus lindos e deliciosos seios que estão com os biquinhos durinhos, implorando por atenção, implorando pra ter minha boca brincando com eles, chupando forte, mordendo gostoso um, enquanto minha mão brinca com o gêmeo dele. Tenho que confessar que sinto muito tesão neles, meu anjo. — Apertei minhas coxas em busca de alívio. Imaginar Sebastian fazendo essas coisas é demais pra minha intimidade carente — Não vejo a hora de mamar forte neles deixando minha marca, como um lembrete de a quem eles pertencem — Bash beijou minha nuca e falou rouco no meu ouvido: — Mas agora você vai tocá-los pra mim. — Com suas mãos sobre as minhas ele as levou até meus seios e me fez apertá-los, a sensação era tão intensa que gemi e curvei a cabeça, encostando-a sobre seu peitoral.

Ele continuou a me fazer esmagar meus seios, e aos poucos foi retirando suas mãos, me deixando fazer o trabalho sozinha, enquanto gemia de olhos fechados, suas mãos voltaram a apertar firme minhas coxas enquanto beijava meu pescoço.

— Isso, baby. Agora aperta os biquinhos pra mim, aperta. — Eu como boa aluna fiz o que ele me pediu e torturei prazerosamente os bicos entumecidos dos meus seios. — Isso, boa menina! Logo, logo, minha boca vai estar sugando esses biquinhos durinhos, enquanto acaricio sua bocetinha molhadinha como ela está agora. — Novamente ele levou a mão à minha intimidade e para o meu delírio seu polegar pressionou um pontinho que me fez gemer alto e rebolar em busca de mais contato. — Tão molhadinha, baby. — falou rouco na minha orelha e parou o toque afastando a mão, me deixando frustrada. — Fala pra mim, minha linda, diz pro seu homem o que você quer? — Ele provocou inalando o cheiro do meu pescoço, subindo os beijos molhados. — Eu não vejo a hora de sentir o cheiro da sua bocetinha no meu nariz.

— Bash — implorei em um gemido.

— Sim, meu anjo. — Sua mão direita subiu ficando sobre a minha, que ainda estava no meu seio, apertou e arfei. — Sei que você quer me sentir tanto quanto eu desejo sentir você, mas hoje você vai se descobrir, linda. Descobrir o seu prazer. — Ele retirou minha mão do meu seio e levou-a em direção à minha intimidade. Com a mão sobre a minha ele me fez apertar minha boceta e eu gemi seu nome.

— Sebastian. — Estava arfando.

— Eu sei, baby. Eu sei. — Me guiando fez pressão no meu dedo médio e o anelar sobre um ponto que me fez ver estrelas. — Seu montinho está muito sensível, não é, meu anjo? — Ele mordeu minha orelha e seguindo os movimentos dele comecei a mover os dedos, enquanto senti sua ereção dura cravar mais na minha bunda e ele gemer rouco. Sebastian retirou minha mão de onde estava e em um movimento rápido puxou o

elástico da minha calcinha e ainda me guiando ele a colocou sobre meu sexo que estava muito quente e molhado, me fazendo morder o lábio para reprimir um gemido. — Puta que pariu, amor. Como você está quente e molhadinha. — Mesmo sem tocar diretamente meu sexo sabia que meus fluídos melaram seus dedos que estavam sobre os meus. — Assim, baby. — Novamente ele me fez mover os dedos sobre um pontinho em específico e ali esqueci de qualquer pudor e comecei a rebolar. Nossos dedos na minha boceta e seu pau em minha bunda, me fez perder qualquer controle.

— Sebastian — descontrolada, gemi seu nome.

— Isso, minha linda. Se masturba pra mim. Toca essa bocetinha só pra mim, toca. — Lentamente ele retirou sua mão de sobre a minha, saindo da minha calcinha, e sem interromper meus movimentos eu continuei como ele mandou, sem perder o ritmo e empregando mais pressão. — Tão linda, enquanto se toca pro seu homem. Isso, baby, rebola pra mim, rebola. — Ensandecida rebolei sobre meus dedos e esmagando seu pau em minha bunda o fazendo soltar um som gutural. — Puta que pariu, eu vou gozar se você continuar assim, amor. Isso, linda. — Suas mãos subiram em direção aos meus seios, mas ele pareceu se deter no caminho, deixando apenas que os dedos se encaixassem abaixo deles, e não foi o suficiente eu precisava dele, do toque dele.

— Bash — implorei —, por favor...

— O quê, linda? — Ele pressionou os dedos abaixo dos meus seios me fazendo arquear as costas enquanto meus dedos circulavam firmemente meu ponto de prazer. — Diz pra mim o que você quer, Aurora, fala.

— Sebastian

— Fala, meu anjo. Preciso que você fale o que deseja. — Ele parecia suplicar por algum tipo de permissão que eu concedi sem qualquer resistência.

— Por-por fa-favor, Sebastian, toca meus seios. Eu preciso... Ah-Ah, Bash preciso do seu toque.

— Seu desejo é uma ordem, meu anjo.

Em um movimento rápido ele saiu de trás de mim, se postando à minha frente.

— Não pare de se tocar — Ele não tirou seus olhos dos meus.

De maneira lenta e tortuosa suas mãos foram até meus ombros onde ele desceu as alças da minha camisola deixando meus seios nus. Sebastian os olhou e engoliu em seco, e quando sua voz saiu rouca e cheia de desejo, tive certeza que seria para sempre daquele homem.

— São lindos, amor. — Seus dedos resvalaram suavemente nos biquinhos entumecidos e eu gemi diminuindo a velocidade do toque em minha intimidade, e ao perceber ele falou: — Continue se tocando, carinho.

Olhando nos meus olhos, ele apertou meus seios de leve observando atentamente minhas reações, mas sem esconder a luxúria e o tesão que queimavam em seus olhos. Um som rouco saiu de sua garganta se juntando ao meu gemido de prazer.

— É isso que você queria, amor? — Seus olhos estavam cheios de luxúria. — É isso o que você queria, minha gostosa? — Ele apertou os bicos e eu arqueei as costas, dando mais acesso às suas mãos experientes.

— Si-Sim — Era tudo que minha mente nebulosa de desejo conseguiu expressar e Sebastian continuou mordendo, lambendo e sugando com avidez meus seios. — Bash.

— Eu sei, amor. Você quer gozar, não quer? — Ele chicoteou o biquinho do meu seio direito com a língua e apertou o esquerdo. — Você vai gozar, meu anjo, comigo mamando seus peitos lindos. — falou beijando o vale entre meus seios.

— Bash, si-sim. Ahhhhhh, isso... Ah..., Bash!

Sebastian me olha nos olhos e falou:

— Deita. — O olhei confusa, mas fiz o que ele pede deitando, minha camisola estava embolada na minha cintura deixando meus seios expostos para ele que me olhava com luxúria e desejo. — Abra as pernas e volte a se tocar, Aurora. — Sua voz de comando mandava arrepios por todo meu corpo, e sobre seu olhar faminto fiz o que ele pediu, abri as pernas e levei meus dedos para dentro da minha calcinha, voltando a massagear meu ponto durinho. — Caralho de visão do paraíso!

Sebastian veio sobre mim e me beijou de maneira selvagem, mordeu meu lábio e gemi contra sua boca que desceu pelo meu pescoço, lambeu meu colo e abocanhou meu seio direito chupando de maneira gulosa, e depois aplicando um mordida deliciosamente dolorosa que logo foi esquecida por uma lambida delicada. Enquanto apertava o esquerdo e torcia o biquinho, logo ele alternou e foi a vez do esquerdo receber sua boca e o direito ser esmagado pela sua mão enorme. Eu apenas gemi de olhos fechados, implorando por mais.

— Bash... Aiiinnn... — Ele mordeu o bico do meu seio esquerdo e depois soprou, espalhando uma sensação de prazer pelo meu corpo.

Olhando nos meus olhos e cheio de luxúria ele ordenou:

— Goza pra mim, Aurora. — Lentamente sua mão foi de encontro à minha que estava dentro da minha calcinha, intensificando os movimentos, ao passo que voltou a abocanhar o meu seio esquerdo me fazendo gritar de prazer e puxar o cabelo de sua nuca com minha mão livre. — Goza, porra, goza pro teu homem, goza, minha gostosa.

Suas palavras obscenas em tom de ordem me levaram à borda do abismo, onde me joguei chamando seu nome.

— SEBASTIANNNN! Ah, ah, ah...

Chicoteando com a língua o bico do meu seio ele me assistia gozar chamando seu nome, enquanto continuava os movimentos sobre meus dedos em minha buceta, me levando até a última gota de prazer. Desabei na cama sentido minhas pernas tremerem e minha respiração acelerada, quando o observei retirar minha mão da minha intimidade e levar aos lábios, sugando todo o meu fluido que lambuzava meus dedos.

— Deliciosa. — A cena era tão erótica que me fez sentir excitada novamente.

Lentamente Bash se afastou, ergueu as alças da minha camisola e deitou ao meu lado, apoiando a cabeça na mão, ele me deu um pequeno selinho e tocou meu rosto com carinho.

— Podem se passar mil anos e vou levar essa imagem para sempre em minha memória. A primeira vez que te fiz gozar lindamente chamando meu nome.

— Bash! — Fiquei vermelha pelo jeito que ele falou e o safado riu.

— Ah, minha doce Aurora, você fica linda quando cora, mas mais linda ainda quando cora gozando.

— Sebastian! — Encostei a cabeça em seu peito escondendo meu rosto o fazendo rir mais.

— Eiii, olha pra mim, meu anjo. — Ergui minha cabeça e ele falou: — Não quero que você sinta vergonha de mim. Eu sou seu homem, assim como você é minha mulher. — Ele me deu um beijo breve, apenas degustando meus lábios de leve e se afastando um pouco em seguida para falar olhando nos meus olhos. — O que aconteceu aqui foi só o começo, meu anjo, você ainda tem muito o que experimentar e a aprender.

— Humm, vou adorar ter você como professor — falei me espantando com minha ousadia e o fazendo me lançar um sorrisinho cafajeste.

— Eu prometo ser um ótimo professor, minha gostosa. — Ele me beijou e apertou meu bumbum. Coisa que não me gerou nenhum desconforto, muito pelo contrário, me fez ficar acesa novamente, e notar que não era a única, rocei de leve na sua intimidade, e ele gemeu rouco em meus lábios.

— A senhora está se saindo uma bela de uma provocadora. — Ele mordeu meu lábio.

— O que posso fazer? Estou aprendendo com o melhor. — Ri em seus lábios.

— Deus, estou criando um monstro. Ou melhor, uma monstrixinha safada e cheia de tesão pelo homem dela. — Dizendo isso ele subiu em cima de mim, equilibrando seu peso para não me machucar e distribuindo selinhos nos meus lábios, sua ereção maravilhosa cutucando minha intimidade me provocava, me fazendo mexer em busca de mais contato. —

Aurora! O que eu faço com você, hein, pequena provocadora?

— Me ensina mais coisas, já estou pronta para a próxima lição professor. — Fiz um biquinho que sei que ele ama e ele gargalhou, me deixando com vergonha.

— Quem é você e o que fez com minha namorada tímida e recatada?

— Ah, Bash. — Cruzei os braços desajeitadamente e ele riu.

— Eiii! — Ele tocou meu queixo e descruzou meus braços. — Estou adorando descobrir esse seu lado safada e insaciável. Eu te quero como mulher, Aurora, de todas as maneiras que você puder imaginar. — Descendo os lábios para minha orelha. — Eu quero te comer de todas as formas possíveis, vou adorar comer todos os seus buraquinhos, e você vai gozar todas as vezes chamando meu nome. Ainda quero te comer em todos os lugares dessa mansão e onde você menos imaginar, estarei fodendo gostoso essa bocetinha. — Ele esfregou sua ereção em mim, e eu cravei minhas unhas em suas costas e soltei um gemido baixinho. Ele arrastou a barba pelo meu rosto e voltou a me olhar nos olhos. — Eu te desejo, Aurora, muito além do seu corpo. Quero que você saiba e tenha a certeza que não quero só seu corpo, te quero inteira. Seu coração, sua paixão e seu amor, e vou lutar dia após dia para merecê-los, e quando chegar o momento de você ser inteiramente minha, você saberá que não é só sexo, nunca será só sexo, por mais selvagens e intensas que possam ocorrer algumas transas, ainda assim terá amor. No final, sempre você me terá te acariciando e adorando cada pedacinho do seu corpo, meu anjo. — Ele me deu um selinho e sorri.

— Uau! Quem é você e o que fez com meu lobo mau? — Ele rolou saindo de cima de mim, caindo de costas na cama e gargalhou.

— Você perde o namorado, mas não perde a piada, não é mesmo, gostosa? — Novamente ele apertou a bochecha da minha bunda com gosto.

— Não mesmo. — Dei um selinho nele.

— Muito bem, gostosinha, agora vamos dormir que amanhã temos trabalho. — Ele me agarrou e me fez virar, ficando de conchinha com ele. Foi quando senti sua ereção cutucando minha bunda.

— Ele nunca abaixa? — perguntei descontraída, estranhamente sem vergonha alguma.

— Não quando ele tem essa bunda gostosa roçando nele descaradamente, safada. — Ele mordeu meu ombro e deu um tapa na lateral da minha coxa, o que me fez soltar um gritinho surpresa para em seguida rir.

Diminuí o riso e falei:

— Hmmm, mas e você, Bash? Você me deu prazer, mas — Virei a cabeça olhando pra ele por sobre meu ombro.

— Shiiii! — Ele colocou o dedo indicador em meus lábios. — Não se preocupa, essa noite foi sua!

— Mas eu queria, não sei? Te ajudar? — Ele riu divertido.

— Não precisa se preocupar agora, carinho. Eu só quero ter você assim, em meus braços. — Ele me apertou. — Vamos aos poucos, não se preocupe que irei te ensinar a me dar prazer, mas hoje eu só quero que você curta esse momento e sua descoberta. Agora dorme, que eu quero você bem-disposta amanhã para novas descobertas. — Ele me deu um selinho.

— Achei que fosse para o trabalho? — Fiz graça.

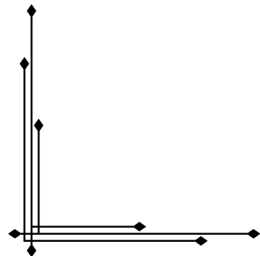
— No trabalho também, você vai ficar linda sendo fodida sobre minha mesa.

— Sebastian! — Ele gargalhou safado.

— Dorme, meu anjo. — Ele beijou meu cabelo.

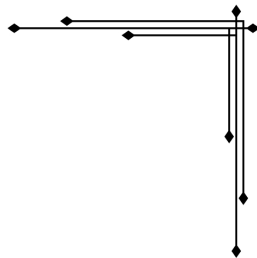
Eu sabia que tinha dado o primeiro passo para curar as marcas que ficaram em mim. Sebastian me mostrou que sou uma mulher em todos os sentidos da palavra, capaz de sentir prazer e despertar tesão em um homem. E agora que comecei estou disposta a ir até o fim, não haverá trauma nem medo que me impedirá de pertencer única e absolutamente a Sebastian Di Maccio.

Sorrindo com o pensamento, fechei meus olhos e adormeci.



36

Aurora Stuart



CAPÍTULO 36

— **AURORA?** — Sebastian me chama estalando os dedos, pisco e só então percebo que ele está parado à minha frente com um sorriso cafajuste nos lábios — Posso saber por que a senhorita está com essa cara de quem quer ser fodida? — Arregalo os olhos e observo ao redor vendo que estamos só nós dois no andar da presidência.

— *Tá louco, Sebastian?* — falo me levantando e ela ri.

— Em que estava pensando? — fala com a sobrançelha erguida e eu bufo.

— Não estava pensando, estava lembrando, é diferente.

Ele vem até mim e me agarra pela cintura.

— Hum. E posso saber de quais das nossas *fodas* você estava lembrando?

— Sebastian! Meu Deus, você é um pervertido!

— Ah, claro, era eu que estava redigindo um relatório e pensando na minha pegada. Só espero que não tenha nenhuma frase comprometedoras nesse relatório, não quero correr o risco de estar explicando a criptografia do novo sistema de segurança para os russos e encontrar algum “*amo quando ele chupa minha boce...*”

— **SEBASTIAN!** — Dou um tapa no braço dele e o desgraçado gargalha alto, me fazendo ficar vermelha. — Para sua informação eu fiz meu trabalho muito bem, e irei revisar como sempre, ogro.

— Bravinha. — Ele volta a me agarrar. — Estou brincando, princesa, você sabe que confio no seu trabalho, não é? — Ele me olha sério.

Sebastian é isso, ele tem essa capacidade de ir de um assunto a outro em segundos.

De safado a sério.

E sempre que o assunto é me deixar segura quanto ao meu trabalho ele não tem medo de falar, seja para me repreender, ensinar ou elogiar, ele é um ótimo chefe, bem, na verdade, segundo seus funcionários ele tem se tornado um ótimo chefe.

— Sei sim, querido. Mas você está precisando de algo? — falo tocando seu rosto.

— Tô sim!

— De quê? — falo distraída agora tocando nos seus cabelos.

— Da minha mulher linda, dos seus beijos e carinhos.

— Oh, meu Deus, que homem carente!

— Muito! Sempre serei carente dos seus carinhos, meu anjo. — Ele me beija de maneira lenta e carinhosa, e quando finaliza com selinhos o percebo tenso.

— O que você não está me falando, amor? — falo e ele me olha com a sobrancelha erguida.

— Como você sabe que tenho algo a falar? — Dou de ombros.

— Eu só sei. Mas não enrola, o que houve? — Ele me analisa e por fim fala:

— Vem, vamos à minha sala.

— Mas e a recepção?

— Marta logo estará de volta, ela foi apenas deixar um relatório no financeiro.

— Certo.

Vamos até sua sala e sentamos lado a lado no sofá, Sebastian pega minhas mãos como se decidindo por onde começar o assunto.

— Você está me assustando, Bash.

— Não precisa se assustar, amor. Apesar do assunto ser sério não é nada que você deve se preocupar. — Ainda sim me sinto apreensiva.

— Então fala.

Ele parece engolir em seco, mas logo assume uma postura séria.

— Bem, na última consulta de Lis ao médico, eu notei algo que não havia visto antes.

— O quê, Bash? Algo de errado com Lis? — falo com medo de que algo possa estar acontecendo com minha filha.

— Não, com Lis não. Mas com os documentos dela, sim.

— Os documentos dela? Como assim, Bash? Não estou entendendo. — Ele suspira e fala segurando minhas mãos:

— Aurora, percebi que Lis não tem o nome do pai em sua certidão de nascimento. — Surpresa e depois confusão passam por mim.

— Tá! Não entendi o porquê da surpresa ou onde está o erro, Bash. Você melhor que ninguém sabe que Lis não tem pai. — Vejo a expressão dele mudar e ele levantar bruscamente.

— Ai é onde você se engana. Lisbella tem um pai sim! Eu sou pai dela, Aurora! E isso nunca vai mudar! — Sua reação me deixa em choque.

Por que ele está agindo assim? Olho para ele e então percebo a besteira que falei.

— Desculpa, Bash — Eu me aproximo dele e toco seu rosto. — Desculpa, amor, me expressei mal. O que acontece é que você assumiu esse papel recentemente, Sebastian. Quando Lis nasceu, não havia nenhuma figura masculina assumindo esse papel, nem mesmo permiti que Gaby o fizesse, até porque Lis é minha filha e não poderia jogar essa responsabilidade sobre ele.

— E fez bem. — Ele assevera sério. — Lis é minha filha e mesmo sendo seu melhor amigo, jamais iria admitir outro homem tomando meu lugar na vida da minha filha. — Sua reação me assusta, me fazendo soltá-lo e me afastar.

Sua expressão é uma incógnita, mas poderia jurar ter visto medo ali.

— Desculpa se estou sendo grosso, meu anjo. — Agora é ele quem se aproxima de mim e mesmo relutante o deixo me envolver em seus braços. — Desculpa — Ele me dá um selinho. — Você e Lis são as pessoas mais importante da minha vida. Não posso viver sem vocês, Aurora. — Suas últimas palavras saem em forma de súplica angustiada.

— E não vai, querido. — Toco seu rosto. — Eu só não entendo o porquê desse assunto agora? — falo sincera, ele segura minha mão e a beija, me olhando nos olhos.

— Serei direto, Aurora. — Eu assinto. — Eu quero que você me permita colocar meu nome na certidão de nascimento de Lis.

Olho para ele em um misto de surpresa e confusão, sem saber se ouvi direito, acho que ele percebe meu estado, pois logo reafirma.

— Quero que Lis seja oficialmente uma Di Maccio, Aurora. Que ela tenha meu sobrenome e direito a tudo isso — aponta ao redor. — Se um dia algo me acontecer e eu não estiver aqui, quero as duas seguras. — Ele me encara em busca de uma resposta., mas não sei como reagir ao seu pedido, afinal eu não estava esperando por ele, em momento algum algo assim passou pela minha cabeça.

— E-eu não sei o que dizer, Sebastian. — Saio dos seus braços e me afasto indo até próximo à janela que me dá vista para toda cidade.

— Aurora.

— Você tem noção do quanto isso é sério, Sebastian? — Eu me viro encarando-o. — Não estamos falando de um brinquedo, um carro ou uma casa que você coloca em seu nome. Estamos falando da minha filha.

— Nossa filha, Aurora! Nossa! E jamais pensaria em dar meu nome a Lis como se ela fosse um objeto que posso me desfazer a qualquer momento. Eu a amo mais que minha própria vida e seria capaz de qualquer coisa por ela.

Suspiro.

— Sebastian, se eu não permiti que Gaby colocasse o nome dele na certidão de Lis, é porque eu nunca quis jogar essa responsabilidade no ombro de ninguém, tal como não quero fazer com você.

Falo com sinceridade, pois quero que ele entenda que em momento algum quero que ele tome para si uma responsabilidade que não é sua. Ou que um dia, por qualquer razão que seja, ele pense que usei Lis para manipulá-lo, usando do seu amor pela minha filha, como forma de alcançar sua fortuna. Sebastian parece ler meus pensamentos pois logo me tira dos meus devaneios me fazendo olhá-lo.

— E quem disse aqui que você está jogando alguma responsabilidade nos meus ombros? Aurora, *eu* estou pedindo isso. Estou pedindo que você divida comigo a responsabilidade de cuidar, amar, proteger e educar, Lisbella. Você não está me obrigando a nada, nunca esteve, na verdade. Sou eu que quero isso. — Ele se aproxima e enlaça minha cintura sem desviar dos meus olhos. — Eu quero que Lisbella seja legalmente minha filha, mas só farei isso se você me autorizar. Só quero deixar bem claro que Lis é e sempre será minha filha, não importa o que aconteça. A única coisa que desejo de todo coração é mantê-las seguras e por isso quero regularizar a situação de Lis, e que assim ela tenha direito a tudo que me pertence. — Abro a boca para protestar, mas ele me corta. — E sei o que você vai dizer, que Lis não precisa disso, que ela só precisa de mim e do meu amor, acontece, Aurora, que Lis já tem a mim e meu amor, agora só falta meu sobrenome.

Deus, o que eu vou fazer? Isso é sério, deixar que ele registre Lis como filha é um passo definitivo.

Embora minha razão diga que é precipitado, que é loucura e que eu não tenho o menor interesse no dinheiro dele, meu coração fala que estou sendo egoísta, pois Sebastian já provou de diversas

formas o seu amor por Lis. Aliás, o amor dos dois é palpável e em nada tem a ver com nossa relação. Negar isso a Sebastian é também negar a Lis o direito de ter um pai, de ter um sobrenome, de ter um futuro, porque sei e isso é visível, que não importa o que aconteça entre nós dois, Sebastian irá garantir que Lis tenha um futuro brilhante pela frente, cheio de conforto, estabilidade e oportunidades. E isso eu não posso tirar da minha filha por egoísmo e orgulho. Uma coisa é não aceitar uma joia cara ou mimos extravagantes que volta e meia Sebastian insiste em me presentear, outra coisa é jogar o futuro da minha filha no lixo. Eu cresci sem meus pais, sem conforto, sem estabilidade e sem oportunidades, e não vou permitir que Lis passe pelo mesmo. Sei que se um dia algo me acontecer Lis estará amparada e segura como uma Di Maccio, e é pensando na minha filha e somente nela que respondo a ele.

— Sim, Sebastian, eu permito que você registre Lis com seu sobrenome.

— HAAAAA! — O maluco me agarra pela cintura e me roda no ar. — OBRIGADO, AMOR, OBRIGADO, OBRIGADO, OBRIGADO! — Ele distribui beijos em meu rosto. — Você não sabe o quão feliz estou, princesa. Obrigada por me dar mais essa chance. — Ele segura meu rosto e fala olhando nos meus olhos: — Você é a mulher da minha vida, Aurora.

Acho que vou desmaiar. Ele não disse o que eu penso que ele disse, disse?

— Repete — peço e ele me olha confuso, para logo em seguida sorrir.

— Você é a mulher da minha vida, Aurora Stuart, a mãe da minha filha e de todos os filhos que ainda teremos. — Olho para ele, surpresa, até porque nunca falamos de filhos, nem nada desse tipo.

E interrompendo meus questionamentos ele me beija, um beijo faminto e intenso, marca registrada de Sebastian Di Maccio.

Que Deus me ajude e que eu tenha tomado a decisão certa.

É a última coisa que penso antes de ser sentada sobre a mesa dele, tê-lo entre minhas pernas devorando minha boceta com sua língua habilidosa.

CAPÍTULO 37

Estou aguardando Aurora para irmos à recepção em um dos grandes salões de Nova York. O evento marca o lançamento do novo empreendimento em que uma das empresas do conglomerado Di Maccio ficará responsável em parceria com o empresário e filantropo Abrahan Hill. Será nesse evento onde finalmente irei apresentar Aurora como minha namorada perante toda sociedade nova-iorquina. Não poderia me sentir mais feliz e orgulhoso da minha mulher. No tempo em que Aurora está trabalhando no escritório vem me surpreendendo com sua produtividade, iniciativa e sede de sempre aprender algo novo. Já dominando totalmente suas funções com exímia perfeição, nas últimas semanas decidi ensiná-la mais sobre o funcionamento da Holding e sobre os nossos seguimentos empresariais. Contratos, acordos, negociações, de tudo um pouco, pois quero que Aurora se torne uma mulher de negócios, forte e independente, e acredite, isso não é um capricho meu, Aurora simplesmente leva jeito para coisa.

Na semana passada, havíamos combinado que ela me acompanharia em uma reunião com os árabes, então estudamos o negócio a ser fechado e todos os pontos abordados, no dia anterior à reunião. Aconteceu que devido a uma videoconferência de urgência com os japoneses atrasei a reunião com os árabes, que não são lá pessoas detentoras de muita paciência. E qual não foi minha surpresa ao entrar na sala após 40 minutos de atraso e ver Aurora sanando dúvidas e rebatendo contrapontos levantados por eles. Percebi de cara que estava diante de uma fera em evolução nos negócios, e o que eu fiz? Participei da reunião, sim participei, pois embora eu detivesse a última palavra permiti que Aurora se posicionasse e me representasse.

Os árabes ficaram impressionados com a postura, ousadia e inteligência da minha mulher, e eu só sabia rir internamente. E lembrar que aquela garotinha assustada que chegou na minha casa como uma simples faxineira, estava começando a se tornar uma mulher forte, decidida, e que defende com unhas e dentes seu ponto de vista em uma negociação de tanta importância.

Além de mulher de negócios — que segundo ela venho lapidando-a para tal —, Aurora também está se tornando uma mulher receptiva e desinibida na cama. Embora não tenhamos feito sexo de fato, algo que já tenho notado estar começando a se tornar inevitável, tanto para ela quanto para mim, já que nossas noites tem sido regadas a toques íntimos, sexo oral, e outros tipos de intimidade, onde sempre tomo todo o cuidado para respeitar seus limites. Não sou idiota, sei o quanto Aurora deseja ser minha, mas ainda vejo a pequena sombra do medo ali, e por isso tenho me mantido paciente e respeitando seu tempo. Quero que ela venha a mim, tudo o que faço é sempre pensando nela, no seu conforto, bem-estar e prazer, quando Aurora for minha será por querer, por se sentir pronta, até lá só me resta me conformar com nossas *brincadeiras*, banhos gelados e punhetas intermináveis.

Sou chamado atenção pelo toque do meu celular, olho para o visor e vejo o número de um dos meus advogados.

— Di Maccio. — Atendo no segundo toque.

— *Boa noite, sr. Di Maccio, desculpe a hora, mas como o senhor pediu, estou ligando para informar que já está tudo certo com a alteração do registro de nascimento da srta. Lisbella Stuart, que agora é oficialmente Lisbella Stuart Di Maccio.*

Dou um soco no ar de alegria e sorrio largo.

— Muito obrigado pela notícia, Dr. Sanches, você não sabe como fico feliz com ela. Você fez um ótimo serviço.

Realmente o homem foi bastante ágil em seu trabalho.

— *Imagina, eu só fiz meu trabalho. E que bom que ficou feliz com a notícia, sr. Di Maccio. Caso o senhor precise de algo a mais, basta me ligar.*

— Pode deixar, Dr. Sanches. Boa noite.

Sorrio feliz, pois é assim que me sinto, não poderia estar mais feliz, afinal Lisbella agora é oficialmente uma Di Maccio, e tudo que é meu pertence à minha filha.

Sei que a forma como consegui essa autorização da Aurora não foi a mais correta, porém quando chegar o momento de contar a verdade para ela, temo que pelo modo como se sinta me afaste da minha filha, e tenho noção que no início talvez tenha que aceitar sua

imposição, além do que jamais ousaria pedir a guarda de Lis ou mesmo reivindicar qualquer direito paterno em juízo. Nunca colocaria Aurora e minha filha nessa situação, por isso preferi que assim fosse feito, pois haja o que houver agora Lis é uma Di Maccio e tem direitos como tal, podendo usufruir de todos os privilégios que meu sobrenome e dinheiro poderá lhe garantir, sem que o que haja entre mim e sua mãe interfira em seu bem-estar. A reação de Aurora é uma incógnita para mim, o que muitas vezes me faz perder o sono, sei que ela me ama, mas não sei como irá lidar com a verdade de quem sou ou quem fui em seu passado, por isso prefiro me precaver de todas as formas possíveis para garantir que ela esteja segura e bem amparada, pois Aurora jamais irá aceitar meu dinheiro, sabendo o que fiz a ela.

Ela já quase não aceita as joias e outros presentes que lhe dou, imagina receber algo de mim sabendo o que eu fiz ou sem estarmos juntos? Só o pensamento faz um nó se formar em minha garganta e um aperto enorme surgir em meu peito. Não sei se vou suportar ficar longe da minha baixinha.

Por conhecê-la tão bem, sei que ela não irá aceitar meu dinheiro se sua decisão for se afastar, e é por essa razão que a coloquei como assistente da minha secretária, é por isso que tenho ensinado sobre negócios e como administrar uma empresa, se um dia eu não puder mais ser seu provedor saberei que ela estará respaldada pelo nome da minha empresa para conseguir um bom emprego, ou apta para ter seu próprio negócio se assim quiser. Tudo o que faço é sempre pensando na sua felicidade e que ela possa viver bem *com ou sem mim*.

Mesmo que me doa, mesmo que isso me destrua, mesmo que viver sem Aurora um dia signifique uma morte em vida para mim, eu sou capaz de qualquer coisa para garantir que ela seja feliz. Eu posso até não tê-la mais um dia, e que isso signifique para mim nunca mais ser completo e feliz, mas irei garantir com tudo que há em mim que ela será custe o que me custar, por ela e por Lis eu não meço esforços ou sacrifícios.

Mas por enquanto quero aproveitar o prazer de estar ao seu lado, de ajudá-la a vencer seus medos, a descobrir a vida, a descobrir-se mulher, como profissional e capaz de tocar o céu se assim o quiser.

— Nossa, mas que homem mais lindo pensativo. — Elevo meus olhos para o topo da escada, só para sentir meu coração falhar uma batida ao ver Aurora tão-tão...

Perfeita? Gostosa? Linda?Maravilhosa?

Com o cabelo preso em um coque bagunçado, uma maquiagem leve no rosto e o batom vermelho destacando seus lábios perfeitos. A diaba está usando um vestido de seda longo, vermelho, com uma fenda na perna e um caimento sensual no busto.

Essa mulher quer me enlouquecer, só pode!

Ela vem descendo as escadas delicadamente segurando o corrimão com um lindo sorriso no rosto e quando ela se aproxima de mim, engulo em seco.

— Você quer me matar, mulher? — pergunto sem conseguir desviar meu olhar do seu corpo delicioso.

Ela ri e morde o lábio, e meu pau dá sinal de vida.

Caralho de mulher gostosa!

— Você gostou? — pergunta, tímida.

— Se eu gostei? Porra, Aurora, você *tá* sexy pra caralho! — Ela sorri. — Estou seriamente pensando em desistir dessa droga de recepção, subir para o meu quarto, arrancar esse vestido e te devorar — falo mordendo seu lábio pintado de vermelho.

— Nem pensar, Bash! Nós vamos a essa recepção sim, o sr. Hill a fez especialmente para comemorar a construção do empreendimento Hill pela Holding Di Maccio, além de terem muitas pessoas importantes esperando para prestigiá-lo, então você não vai desistir de ir coisa nenhuma — ela fala, séria.

Mas sinceramente, não consigo prestar atenção em um palavra porque estou ocupado demais devorando seu corpo perfeito em cima de um salto agulha que a deixa quente como o inferno. *Diaba gostosa!* E eu que achei que minha mulher fosse um anjo, acabo de me dar conta que tenho que ser um santo para aguentar ficar ao lado de uma gostosa como essa e não arrancar esse vestido infernal e fodê-la até ela esquecer seu nome.

Porra, depois dessa eu tenho que ser canonizado, sério mesmo! Agora me expliquem, como que eu vou sobreviver a essa noite com minha mulher vestida para matar assim? Eu não sei se tenho coração para isso não, caralho. É muito tesão acumulado em um homem só. Minhas bolas roxas são testemunhas da minha aflição. Coitado dos meus dedos, é hoje que os coitados vão gangrenar de tanto que vou bater punheta pensando nessa diaba gostosa, que graças aos céus é MINHA namorada.

Não posso nem imaginar a quantidade de filho da puta que vai ficar babando na minha mulher hoje. Porra, eu vou cometer um assassinato, se alguém resolver se engraçar para ela.

— Oh, Bash! — Ela estala os dedos.

— Quê? — falo saindo do meu transe e encarando-a.

— Você está me ouvindo? — fala cruzando os braços.

— Sim, quer dizer, não! Estou imaginando o monte de filha da puta que vai desejar minha mulher hoje e já *tô* pronto para cometer uma chacina — falo em voz alta o que estava pensando.

— Ah, minha nossa senhora dos namorados ciumentos, dai-me paciência que se a senhora me der força eu mato.

— Já está matando, amor. Esse seu vestido está fazendo um estrago no meu juízo e no pobre do meu pau.

— Jura que você me achou linda vestida assim? — pergunta insegura.

— Amor — Agarro-a e a faço sentir minha ereção. — Palavras podem até serem mentirosas, mas um pau nunca mente. E esse aqui está louquinho pra entrar nessa calcinha minúscula que você deve estar usando. — Desço minha mão pela sua bunda redondinha onde aperto e ela geme. — Vestiu uma calcinha minúscula não vestiu, safada? — Dou um tapa na bunda dela e ela se sobressalta.

— Bash, não faz isso alguém pode ver. — Ela olha ao redor.

— Ninguém vai ver, além do mais, eu sei que você adora minhas palmadas nessa sua bundinha empinada. — Mordo seu lábio e ela sorri safada.

— Gosto mesmo, meu ogrostoso. — Agora é sua vez de morder meu lábio.

Rio e por fim olho para ela e falo sério:

— Não terá mulher mais linda que você essa noite, meu amor. E sem sombra de dúvidas eu serei o homem mais orgulhoso do mundo por ter a mulher mais linda da festa como minha namorada. — Envolver sua cintura e inalar o perfume do seu pescoço cheiroso. — Minha, só minha. — Ela me olha nos olhos e fala:

— Sua, apenas sua! Agora vamos deixar de conversa e ir logo que já estamos atrasados.

— Sim senhora. — Dou-lhe um selinho e entrelaçando nossos dedos seguimos para a festa.

O caminho feito até a recepção é tranquilo, informo a ela sobre a ligação do advogado e assim como eu, ela fica muito feliz com a notícia. Ao chegarmos ao local da festa somos recebidos por diversos flashes de jornais e revistas importantes. Poso para algumas fotos com Aurora ao meu lado, que no início parece tensa com tanta exposição, mas logo lhe tranquilizo e a levo para dentro do salão.

O local está cheio de empresários, políticos e algumas celebridades, e claro, como eu imaginei, Aurora ao meu lado está chamando muita atenção, os homens a olham com cobiça, mulheres com inveja e há aqueles que a olhem com curiosidade. Noto-a tensa, mas mesmo assim se sai muito bem quando cumprimenta algumas pessoas, sempre a apresentando devidamente como minha namorada, e como era esperado recebo muitos elogios pela sua beleza e simpatia. Sim, embora tensa e nervosa Aurora consegue transmitir sua simpatia

e encantar a todos por sua inteligência e perspicácia, o que me deixa a cada segundo mais orgulhoso da minha mulher.

— Ora, vejam só se não é o idealizador do grande empreendimento que celebramos essa noite, Sebastian Di Maccio! É uma honra recebê-lo, meu caro. — O sr. Hill se aproxima com seu jeito caloroso ao lado de sua esposa, me estendendo a mão. — Aurora, está belíssima, minha cara. — O Sr. Hill conhece Aurora, pois ela participou de todo o processo de negociação. — Sebastian é um homem de sorte, assim como eu, permitam-me apresentar minha esposa, Suzy Hill. — A esposa do Sr. Hill é uma mulher na casa dos 45 anos, de aparência jovem e muito bonita que me oferece a mão e um sorriso cordial que logo é também oferecido a Aurora.

— É um prazer conhecê-lo, sr. Di Maccio, Abrahan falou bastante de você. E devo dizer que o trabalho projetado pela sua empresa está magnífico.

— Obrigada, sra. Hill, fico feliz que tenhamos atendido a expectativa de todos.

— Superou, meu caro. Superou — o sr. Hill afirma.

Logo ele emenda uma conversa comigo sobre os negócios e observo a sra. Hill conversando com Aurora que logo conquista a simpatia da mulher que se encanta pela minha namorada. Conversamos distraídos e não percebemos a aproximação de uma das últimas pessoas que desejaria ver essa noite.

— Vejam só quem eu finalmente encontro. Há quanto tempo, querido. — Sem que eu tenha tempo de me esquivar, Tamara enlaça meu pescoço e por pouco não beija minha boca, que em um gesto rápido desvio da sua investida.

— O que pensa que está fazendo, Tamara? — falo entre dentes enquanto retiro suas garras de mim e a afasto.

— Cumprimentando você, claro — fala com tom de falsa inocência.

— Então atenha-se aos seus cumprimentos, pois não estamos sozinhos e se não percebeu estou acompanhado. — Vejo seu sorriso fechar e ela finalmente olha para o lado onde Aurora está estática, observando tudo.

Porrah, ela deve está muito puta!

Conheço Aurora, e sei que por trás de toda surpresa e constrangimento está surgindo uma verdadeira tempestade.

— Hum! — Tamara dá de ombros. — Sabe que nunca me importei com seus casinhos, querido, no final você sempre volta para mim. — fala com um sorrisinho cínico e vejo Aurora apertar a taça de champanhe com força.

— Não permito que se dirija a mim dessa maneira, srta. Carter, e para deixarmos tudo claro e que não haja mais cumprimentos invasivos e indesejados, deixe-me esclarecer que essa mulher ao meu lado — aponto para Aurora que apenas observa tudo —, não é meu *casinho*, é minha namorada e exijo que você a respeite como tal.

Ela parece chocada com a minha afirmação e com a maneira fria e impessoal que a trato. Bem, sempre a tratei como a vadia que é, tratá-la com formalidade é o mínimo que posso fazer em respeito à minha mulher. Sempre soube que Tamara era louca para me *enlaçar*, que nos via como um futuro casal que tinha tudo para dar certo diante dos holofotes. Ela sempre foi uma mulher fria, fútil e muito ambiciosa, nunca escondeu que seu interesse não era por mim, e sim pelo meu dinheiro, poder e influência, sendo o sexo que fazíamos um bônus para ambos. Na mesma proporção sempre deixei claro para ela que jamais iria entrar no seu joguinho de casamento por conveniência. Já vivi um casamento de mentira e de maneira alguma iria entrar em outro igual ou pior, se antes eu não queria esse tipo de união, agora com Aurora em minha vida é inconcebível.

Sou tirado dos meus pensamentos pela voz de Tamara que começa com um sussurro e logo vai se elevando, chamando a atenção de algumas pessoas ao nosso redor.

— O quê? O que você disse, Sebastian? Na-namora? Isso só pode ser uma grande piada! Essa, essa coisinha — Ela olha com desprezo para Aurora que não abaixa a cabeça, mas a encara de frente. *Essa é minha garota!* — Espera um minuto — Vejo Tamara arregalar os olhos. — Eu conheço você! — fala olhando para Aurora. — Essa mulherzinha... Não acredito que você desceu tão baixo, Sebastian. Namorar a faxineira que ainda por cima carrega uma remelenta a tira colo e...

Aurora finalmente reage dando um passo à frente e falando entre dentes para Tamara que é alguns bons centímetros mais alta que ela, mas que não parece intimidá-la.

— Lave a sua boca para falar da minha filha, sua vadia oferecida. Sim, fui a faxineira de Sebastian e sim sou a NAMORADA dele, e você é a *mulherzinha* que não passou de um *casinho* para ele, então sugiro que deixe de dar seu showzinho de mulher recalcada e pare de passar vergonha. Afinal, todos parecem estar apreciando o espetáculo armado pela riquinha mimada que perdeu o homem para uma faxineira. —Aurora joga pesado usando as palavras de Tamara contra ela mesma.

— Ora, sua, sua...

— Já chega, senhorita Carter! Esse não é local para esse tipo de discussão, faça o favor de porta-se como se deve — a sra. Hill fala de

maneira severa, fazendo Tamara fulminá-la com o olhar, em seguida dirigindo seu olhar a mim e à Aurora.

— Isso não vai ficar assim! Vocês vão me pagar muito caro por essa humilhação.

Dizendo isso ela sai, sumindo por entre os outros convidados que logo disfarçam e voltam às suas conversas paralelas.

— Desculpe, sra. Hill, não queríamos causar nenhum transtorno. — Aurora se desculpa de maneira sincera e doce.

— Oh, minha querida, não se preocupe. Nunca suportei essa garota e nem a mãe dela, são duas cobras. E se querem um conselho, fiquem longe dela. — Sra. Hill olha de Aurora para mim. — Aquela ali é uma cobra peçonhenta.

— Pode deixar que sei me cuidar, sra. Carter — Aurora fala.

— Maximaliam Carter é um bom homem, mas a mulher e a filha são intragáveis — o sr. Hill fala. — Cuidado onde pisa, Sebastian — ele me adverte sério. — Bem, preciso cumprimentar outros convidados, se nos derem licença.

— Claro! — eu e Aurora falamos juntos.

Quando finalmente nos encontramos sozinhos me viro para encarar minha baixinha bravinha, ela me olha e vejo uma gama de sentimentos passar pelos seus olhos.

— Aurora, eu...

Ela ergue a mão.

— Aqui não é hora nem lugar para discutirmos o que acabou de acontecer, Sebastian. Sinceramente não farei isso agora. — Ela suspira. — Só quero que saiba que não irei tolerar as provocações daquela mulher e pretendo responder a altura.

— E não espero menos de você, meu amor. Estou orgulhoso pelo modo como você defendeu Lis e nosso namoro como uma verdadeira dama, sem se rebaixar. — Agarro sua cintura sorrindo e ela logo suaviza a expressão me devolvendo o sorriso.

— Não faria um escândalo ou algo que lhe envergonhasse e pudesse prejudicar sua imagem, Bash. — Ela alisa minha gravata, olhando-a.

— Você jamais me envergonharia, meu amor. Você é a mulher mais linda, doce, delicada, forte, inteligente e sábia que eu conheço. Eu só sinto orgulho de você e de como você vem crescendo e se desenvolvendo como uma dama, mulher de negócios. — Aproximo meus lábios do seu ouvido e sussurro; — E uma verdadeira safada na cama. — Aperto seu corpo no meu para que ela sinta como me deixa.

A ouço gemer baixinho quando mordo o lóbulo da sua orelha e inalo o seu perfume.

— Bash — Sua voz não passa de um sussurro.

— Eu sei, amor, também te quero muito. Vamos ficar só mais alguns minutos e vamos para casa. Estou louco para arrancar esse vestido e chupar sua bucetinha gostosa. — Sinto minha boca salivar.

— Bash — um murmúrio de prazer e repreensão sai de seus lábios e eu sorrio, afastando seu corpo do meu para olhar em seus olhos que estão nublados de desejo. Acaricio seu rosto e por fim falo:

— Você é minha vida, Aurora. Eu preciso de você como preciso de ar para respirar — dizendo isso eu a beijo delicadamente nos lábios.

Embora nunca tenha dito que a amo, faço questão de demonstrar isso diariamente. Sei que Aurora deseja ouvir isso dos meus lábios, mas ainda não me sinto digno de tal sentimento e temo proferir essas palavras e manchá-lo. Sei também que Aurora me ama, embora não tenha dito com todas as letras, seu carinho, cuidado, dedicação e entrega mostra isso todos os dias, então palavras não são necessárias.

Ouçó um pigarro e me afasto de Aurora olhando para atrás dela e nesse momento sinto todo o sangue se esvaír das minhas veias.

— Boa noite, velho amigo.

Olhar para esse sujeito é como reviver aquela maldita noite.

— *Não estou falando para magoar você, amigo. Mas para adverti-lo. Não se deve confiar nas mulheres. Nunca! E você melhor que ninguém sabe disso. Tá vendo aquela garota com cara de virgem? — ele aponta para meu anjo. — Ela provavelmente já deve ter dado para metade de Nova York.*

— Lucian Belfort — falo entre dentes enquanto serro meus punhos e trago Aurora para o meu lado, enlaçando sua cintura como se assim pudesse protegê-la.

— Sebastian Di Maccio, há quanto tempo, meu caro. Não vai dar um abraço em seu velho amigo? — o desgraçado fala com um sorrisinho debochado no rosto.

Esse babaca acha que esqueci o que ele fez, o desgraçado sumiu depois do ocorrido na boate, a verdade é que desconfio que naquela noite ele não colocou algo apenas na bebida da Aurora, mas na minha também, e esse fato nunca pude constatar, porque esse rato sumiu do mapa.

— O que você faz aqui, Lucian? — pergunto entre dentes com o maxilar cerrado.

— Ora, meu caro, vim representando meu querido papai.

— Até onde sabia ele havia te deserdado — falo com deboche e o desgraçado não se abala.

— Bem, o velho voltou atrás e aqui estou eu — aponta para si, mas seu olhar se direciona à Aurora. — Ora, mas que indelicadeza, não irá me apresentar sua acompanhante? — Ele sorri subindo o olhar por todo corpo de Aurora, o que me faz contar até três para não quebrar a cara desse infeliz.

Conheço Lucian há muito tempo, muito antes de estar com ele

naquela maldita boate, e esse desgraçado sempre foi um rato covarde, por isso não me darei ao trabalho de quebrar a sua cara e tirar esse sorrisinho escroto dos seus lábios, esse desgraçado não vale tanto esforço.

— Não, Belfort, não irei apresentá-lo à minha namorada — falo segurando a cintura de Aurora de maneira protetora.

— Sempre gentil e cordial não é mesmo, Di Maccio?! — o desgraçado debocha, mas encara Aurora, o que a está deixando tensa e me deixando mais puto a cada segundo, faço um grande esforço para não fazer besteira. — Engraçado — Ele não desvia seu olhar de Aurora. — Tenho a impressão que a conheço de algum lugar. Nós já nos vimos antes, querida? — Sinto meu sangue gelar.

Esse desgraçado não pode lembrar dela. Não pode!

— Acredito que não, sr. Belfort, agora se nos der licença, meu namorado e eu precisamos cumprimentar outros convidados. Vamos, amor? — Ela segura minha mão e me puxa ao me perceber sem reação.

— Nos vemos por aí, *amigo* — O desgraçado ainda solta com um risinho.

Aurora me puxa para um canto mais reservado e me olha.

— Bash, você está bem, amor? — Ela parece preocupada. — Quem era aquele homem?

Nesse momento um garçom passa por nós e eu acabo pegando um copo de whisky, entornando-o de uma vez.

— Ninguém que você deve se preocupar, meu anjo. — Olho ao redor à procura daquele verme.

Não posso permitir que ele chegue perto de Aurora. Esse desgraçado não pode chegar perto da minha mulher.

— Bash, se eu não tenho que me preocupar, por que você está assim tão nervoso? — Suspiro.

Droga! Eu preciso me acalmar.

Porra, a presença de Lucian não pode me desestabilizar, muito menos posso permitir que isso atinja Aurora de alguma maneira.

— Amor — olho para ela que me encara atenta —, quero você longe de Lucian, entendeu? Ele não é alguém que se possa confiar, é um rato traiçoeiro e eu não o quero perto de você! — Sou enfático.

— Ok, Bash, entendi. E pode ficar tranquilo porque aquele homem me causou asco, não tenho pretensão alguma de chegar perto dele.

— Ótimo! — Suspiro aliviado.

A verdade é que a presença de Lucian me traz lembranças

indesejadas, não só aquelas vividas naquela maldita boate, como momentos vividos muito antes daquilo. Memórias que tento apagar da minha mente, embora ainda traga algumas marcas em minha alma e meu corpo que talvez não me deixem esquecer jamais.

Continuamos na recepção e a verdade é que eu já estou perdendo a paciência, já não consigo me concentrar em nenhuma conversa, pois meus pensamentos a todo momento me traem, me levando a memórias há muito tempo enterradas.

A imagem daquele desgraçado volta com tudo em minha mente. *General Devil*, como era chamado por todos. Um homem loiro, com dentes amarelados, quase dois metros de altura e um corpo grande e pesado.

“Vamos, seu verme, levante! É um mariquinha mesmo! Vamos ver se perdendo uma unha você reage...”

Sinto meus batimentos cardíacos acelerarem e começar a soar frio, conheço esses sintomas.

Merda! Se controla, Sebastian, você não pode ter uma crise aqui.

Há meses não tenho esse tipo de crise ansiosa.

Não posso tê-la no meio dessa maldita recepção.

— Amor? — Sinto o toque de Aurora em minha mão que segura um copo de whisky — ela fala sussurrando para que só eu ouça. — Você está bem? Sua mão está gelada.

Seu olhar doce embora preocupado e seu toque gentil tem o poder de me acalmar instantaneamente, sinto minha respiração voltar aos poucos ao normal, ao passo que a encaro.

Respira, Sebastian. Respira, cara.

— Sim, meu anjo, estou bem. Mas acho que devemos ir embora — falo me sentindo sufocado e louco para sair desse lugar e passar a noite com minha pequena em meus braços.

— Claro, meu amor. — Ela concorda prontamente, mas logo emenda. — Você pode esperar só um pouquinho enquanto vou ao banheiro, já retorno e podemos ir embora?

— Tudo bem, meu anjo. — Dou lhe um leve selinho nos lábios e ela sorri se afastando, enquanto volto minha atenção para os empresários que estão ao meu redor com suas acompanhantes.

Tento focar na conversa, dando minha opinião ou comentando sobre algo, enquanto espero Aurora.

Entre risos e mais conversas noto que já se passa um bom tempo desde que Aurora foi ao banheiro, estranhamente sinto um arrepio passar pela minha coluna, e instantaneamente passo meus olhos pelo salão de onde vejo Tamara vindo da direção do banheiro, imediatamente meus olhos vão para o outro lado do salão onde Lucian

conversava com alguns políticos de caráter duvidoso.

Ela sumiu!

Aurora!

Merda!

Sem dizer nada saio de perto de todos e vou em direção ao banheiro feminino onde uma funcionária da limpeza vem saindo.

— Boa noite. — A mulher me olha parecendo assustada e logo responde:

— Boa noite, senhor. Em que posso ajudá-lo?

— A senhora poderia verificar se dentro desse banheiro tem uma moça de vestido vermelho, ela está com um cabelo em um coque e... — Ela nem me deixa terminar e já me interrompe.

— Ah, eu vi essa moça sim, mas ela não está aqui dentro não, senhor, quando vinha entrando ela ia saindo parecendo muito nervosa.

Merda! O que aconteceu pra Aurora sair assim? Será que houve algo com Lis? Não, duvido muito, Célia e meus seguranças teriam me avisado primeiro. Passo a mão pelos meus cabelos e olho para a mulher.

— E a senhora viu para onde ela foi? — pergunto já ficando nervoso.

— Não senhor, infelizmente não.

— Ok, obrigado. — Saio dali em disparada e começo minha busca.

Primeiro pelo salão, rodo todo o espaço e nada, olho para o lado mais afastado e vejo uma sacada, sigo até lá e noto que dá acesso ao jardim que se encontra parcialmente escuro, uma vez que não está liberado para o acesso dos convidados. Olho ao redor e nada, e quando estou voltando para dentro ouço um grito que reconheceria em qualquer lugar, um arrepio passa pelo meu corpo e meus pés imediatamente correm na direção dele.

Desço os degraus da sacada que dá acesso ao jardim e viro à esquerda em uma área pouco iluminada e lá vejo Aurora se debater enquanto o desgraçado do Lucian tenta agarrá-la à força. Nesse momento todo o meu lado racional parece se encolher e sumir, me fazendo enxergar tudo em vermelho e como um animal avanço em direção ao verme do Lucian.

— Fica longe dela, desgraçado!

Em um movimento ágil puxo Aurora de seus braços e acerto-lhe o primeiro soco que o faz tombar para trás e sangue escorrer do seu nariz.

— Ora, ora, o justiceiro está de volta! Sempre em socorro dos fracos e oprimidos, não é, Di Maccio?

O desgraçado faz alusão ao meu antigo apelido *naquele inferno*.

— Assim como o rato está de volta, não é, Lucian?! A verdadeira essência de um homem sempre se revela, não importa que ele se vista como um lorde, uma vez rato, para sempre um rato — devolvo a zombaria usando seu antigo apelido e agora vejo seu sorrisinho idiota sumir e sua face tomar uma expressão de fúria.

— AHHHHHHH, SEU DESGRAÇADO! — Ele vem para cima de mim e em um movimento vergonhoso tenta me acertar um soco que eu desvio facilmente, acertando-lhe no estômago, fazendo-o se curvar de dor.

— É só isso que sabe fazer, Lucian? Pelo jeito ser capacho do Devil e sua trupe não te ajudou muito.

Ele ri e olha para trás de mim.

— Muito pelo contrário, justiceiro, aprendi muito com aqueles vermes. Quero ver agora você se sair dessa, meu caro.

— SEBASTIAN, ATRÁS DE VOCÊ. — Ouço Aurora gritar, mas não tenho tempo de reagir, sinto alguém agarrar meu pescoço por trás, me sufocando, enquanto outro cara acerta um soco em meu estômago.

— Enquanto você apanha eu vou me divertir com sua namoradinha, que diga-se de passagem, é uma baita puta gostosa. — Ele avança sobre Aurora que grita e tenta se desvencilhar do seu toque asqueroso.

E isso é o suficiente para que o monstro que há anos tranquei dentro de mim seja solto. Eu jurei para mim mesmo que nunca mais, NINGUÉM, ABSOLUTAMENTE NINGUÉM tocaria em Aurora novamente e Lucian vai aprender que Sebastian Di Maccio nunca descumpre uma promessa.

O outro *armário* tenta acertar mais um soco no meu estômago, mas sou mais rápido e me aproveitando do apoio daquele que aperta meu pescoço, impulsiono meu corpo acertando um chute na cabeça do infeliz parecido com o *Aquaman*.

O que me aperta se desequilibra e é minha deixa que piso em seu pé e acerto uma cotovelada em sua costela seguida de uma cabeçada, fazendo-o me soltar e segurar o nariz que agora jorra sangue.

O *Aquaman* paraguaio se levanta e vem na minha direção tentando me acertar com um soco, que eu desvio facilmente acertando-lhe um soco na costela que o fazer se curvar me permitindo acertar uma cotovelada nas costas. Girando por trás dele agarro seu

coque ridículo e usando suas costas curvadas para impulsionar um chute no peitoral do outro que tem o nariz quebrado, deixando-o visivelmente sem ar. O cabeludo se aproveita de uma leve distração e soca minha costela, me acertando um tapa com as costas das mãos.

Ouçõ Aurora gritar, mas não tenho tempo de olhá-la, pois o desgraçado vem em minha direção, e em um movimento rápido giro para que ele agarre meu terno que desprendo com facilidade dos meus braços amarrando os seus e acertando-lhe uma cabeçada, seguida de dois socos no rosto e um na costela, o empurro em direção a uma árvore fazendo sua cabeça se chocar forte no tronco e o desgraçado apagar.

Sinto um chute em minhas costas, me fazendo ir ao chão, o desgraçado de nariz quebrado que mais parece uma montanha negra, vem para cima de mim e tenta pisar na minha cabeça, mas sou mais rápido e giro para o lado, ele tenta novamente e seguro seu pé com as duas mãos, agindo rápido, tiro uma das mãos e antes que seu pé me esmague acerto atrás do seu joelho esquerdo o fazendo se desestabilizar e cair no chão, me levanto em um salto e acerto-lhe dois chutes seguidos na costela e um na cara, fazendo-o apagar.

Eu me viro para onde o rato está com Aurora e vejo-o segurando-a pelo cabelo com força, enquanto aponta um punhal em seu pescoço, fazendo-a chorar copiosamente.

— Pelo visto o justiceiro continua em forma, acho que o subestimei, meu caro — ele debocha.

— Solta *ela*, Lucian, isso é entre mim e você — falo entre dentes.

— Negativo, meu caro. — Ele sorri e vejo Aurora olhar para trás de mim e arregalar os olhos, mas já havia sentido o que iria acontecer.

Desvio meu corpo da investida do brutamontes negro, giro meu corpo e o pego por trás, aplicando-lhe um mata-leão, enquanto olho Lucian nos olhos e o seu capanga se debate em meus braços como uma galinha que tem o pescoço torcido.

— Solta. Ela. Enquanto. Você. Ainda. Tem. Tempo. — Largo o corpo do brutamontes apagado no chão, e vejo Lucian tremer na base, ele está assustado e posso sentir o cheiro do medo desse covarde de onde estou.

Sei que poderia facilmente ter matado o verme do seu capanga, fui treinado pra isso, mas não o faria na frente dela. Sinto seu medo e pavor, e não a quero com medo de mim.

— Nem um passo ou eu corto o pescoço da sua namoradinha.
— Ele treme, e sabendo o covarde que ele é, uso de uma tática

estupidamente velha.

Olho para trás fingindo-me de surpreso e sorrio.

— Acho que sua festa acabou, rato! — Ele olha para trás e aproveitando-me da sua distração, avanço nele, mas para minha surpresa Aurora é mais rápida e pisa com seu salto agulha no pé dele, fazendo o desgraçado soltá-la e gritar.

Essa é minha garota.

— Bash! — Eu a agarro e a coloco atrás de mim.

Lucian me olha, assustado, depois olha para os lados verificando qual a melhor direção para fugir e eu rio com escárnio.

Ah, seu desgraçado, você não vai fugir mesmo!

— Agora somos eu e você, rato.

Ele ri nervoso.

— Que isso, justiceiro? Nós podemos... — Sentindo o cheiro do seu medo e covardia sei o que ele fará, e como previ, ele sai correndo pela direita do jardim.

Perfeito, ratinho.

— Saia daqui e chame Manfred, Aurora, agora! — Ela assente e sem olhá-la vou atrás do rato de esgoto.

Se tem uma coisa que aquele inferno me ensinou foi a caçar e encurralar minhas presas, e é exatamente isso que faço agora. Corro na direção contrária e saltando a murada de uma das sacadas do lugar, caio em frente a ele.

— Vai a algum lugar, meu caro rato?

— Just-Sebastian! Nós...

— NÓS VAMOS ACERTAR NOSSAS CONTAS AGORA, SEU DESGRAÇADO FILHO DA PUTA!

Falando isso acerto-lhe o primeiro soco e o maldito cai de bunda no chão.

Fracó!

Odeio esse tipo que precisa de subterfúgios covardes para atingir seus oponentes ou agride e maltrata os mais fracos. Esse é Lucian Belfort, mas hoje ele terá uma liçãozinha que não irá se esquecer jamais.

Agarrando-o pelo colarinho, o desgraçado me acerta um soco — ou pelo menos era para ser um soco — próximo ao meu olho direito e consegue se desvencilhar de mim. Com o rosto virado, lentamente volto a encará-lo.

— Você bate como uma mulherzinha, vou te ensinar a bater como homem, rato.

Acerto-lhe, dois, três socos em vários locais diferentes e o

desgraçado tenta se defender, mas é inútil, pois sou muito mais rápido.

Um soco por ter me induzido a drogar Aurora. Outro por ter me drogado. E mais um por ter tocado na minha Aurora!

Agora ele está no chão cuspidando sangue e com a cara inchada, acho que nem a melhor plástica vai dar jeito no estrago que fiz.

— Vamos, rato, estamos apenas começando!

Vejo que ele quer apagar, mas não vou deixar!

Ah, mas não vou deixar mesmo!

Olho para os lados e vejo uma fonte ali próximo, então uma ideia me vem à cabeça. Pegando-o pelos cabelos e o arrasto até lá enquanto ele geme como uma puta.

— Vamos esfriar a cabeça porque quero que você me tire algumas dúvidas. — Ele tenta abrir os olhos em uma expressão de pavor e eu apenas sorrio com escárnio.

Ele sabe o que virá. Perfeito!

E sem pensar uma única vez afundo a cabeça do desgraçado na fonte, o infeliz se debate feito louco, retiro sua cabeça da água e o faço me encarar.

— Bem melhor assim. Agora me responda, rato, quatro anos atrás, naquela boate em que nos vimos a última vez você colocou algo na minha bebida também?

Vejo seus olhos tentarem se abrir e ele treme.

— Qu-quê? Do-do que vo-você tá falando? Eu não lembro de nada disso! Boate? Q-que boate? — Ele treme e percebo que o desgraçado está mentindo.

— Então vamos refrescar sua memória. — Afundo novamente sua cabeça na água e o desgraçado se debate. O ergo e ele tosse desesperado. — E então, lembrou?

— Eu-eu... Não!

Não o deixo terminar e mergulho a cabeça dele na água, e por ter sido mais rápido ele não tem tempo de respirar direito, tornando o seu desespero por ar mais frenético que anteriormente.

— E agora, lembrou?

— Eu — Ele tosse — E-Eu não...

— Ok, então vamos dar mais um mergulho. — Antes que possa novamente afogá-lo ele grita:

— Não! Não! ok, ok, ok! Eu só coloquei um comprimido de LSD no copo da garota — o desgraçado confessa.

— Então quer dizer que você não lembrava de nada e agora lembra até que droga usou no copo da garota? Ótimo, acho que mais

um mergulho e você lembra que droga colocou no meu também.

Sem dar tempo para que ele argumente, afundo novamente sua cabeça na fonte, e ele se debate desesperado, dessa vez deixa mais um pouco de tempo e seu desespero se torna maior. Quando o puxo ele tosse forte e faz ânsia de vômito, mas não deixa que vomite.

— Ou você fala que porra colocou na minha bebida ou seu próximo mergulho vai te levar direto pro inferno só com passagem de ida — falo olhando em seus olhos para que ele entenda que não estou brincando.

— Eu-eu... não coloq... — Quando percebo que ele vai continuar mentindo o corto para que ele entenda que não estou brincando.

— Ok, você que pediu! — Antes que eu possa afundá-lo ele grita:

— ECSTASY! FOI ECSTASY, eu coloquei ecstasy no seu copo quando você se distraiu olhando para a garota antes de ir até ela.

Eu sabia! Sempre soube que havia algo errado comigo naquela noite.

Eu já havia usado muita cocaína na vida para saber exatamente os efeitos que ela causaria em mim, e com certeza alucinar como alucinei e ter me tornado um monstro violento não era efeito dessa droga.

Agora misture cocaína e ecstasy, o desgraçado queria me foder de verdade.

Ah, mas ele me paga! Ah, se me paga!

— VERME DESGRAÇADO! — Acerto-lhe um tapa com as costas da mão e ele tomba batendo a testa na borda da fonte. Pego-lhe pelo pescoço. — Você vai me pagar muito caro pelo que você me fez aquela noite.

Aperto seu pescoço e o desgraçado começa a rir.

— Você é patético, Di Maccio — fala rouco pela falta de ar. — Quer me matar, mata! Não se preocupe que mandarei lembranças a Stephano por você.

Quê? Como ele... Como ele sabe sobre Steph?

Solto o desgraçado que cai no chão tossindo em busca de ar.

— O que você disse? Co-Como você sabe sobre Stephano? — Ele ri, e o pego pela camisa. — FALA, DESGRAÇADO! — Ele me encara desafiador.

— Fui eu, justiceiro! Eu, o rato de esgoto como você e o Guerreiro Negro que tanto zombavam, que entreguei a fuga patética de vocês ao Devil — ele gargalha. — Eu ouvi vocês planejando tudo

de madrugada atrás do alojamento e depois entreguei vocês ao Devil e ao Travis, que me recompensaram muito bem ao me deixarem comer com eles. Mas o melhor de tudo foi saber que seu querido amiguinho morreu e você não pôde fazer nada, NADA!!!

Se existia algum resquício de lucidez na minha mente, foi embora nesse momento.

Stephano foi morto por culpa desse verme. Esse maldito consegue ser pior do que eu imaginei.

Sem pensar muito subo em cima dele defiro-lhe soco atrás de soco, ele tenta reagir debilmente e me socar, e sem qualquer remorso me desvio, agarro seu braço e o quebro, fazendo-o urrar de dor.

É pouco, muito pouco perto do que ele fez à Aurora e ao Stephano. Esse verme merece sofrer muito antes de morrer.

Piso em seu braço quebrado e o desgraçado grita de dor, se debatendo em busca de ar, enquanto observo a cena.

— Justiceiro, não era assim que me chamavam?! Pois bem, farei jus ao apelido que carrego. Farei justiça pelo meu melhor amigo que deu a vida por mim e a uma inocente que pagou caro pela sua covardia e minha fraqueza.

Sem qualquer remorso o ergo do chão e como um boneco de trapo velho aperto seu pescoço. O aperto vai ficando cada vez mais forte devido a intensidade do ódio que sinto, ao reviver as cenas da noite em que eu e Stephano iríamos fugir daquele inferno.

Seu grito ainda ecoa na minha cabeça.

(...)

Fomos pegos em uma emboscada, estava tudo certo para fugirmos da base na madrugada daquele dia, mas de alguma maneira eles conseguiram descobrir nossa fuga, o que resultou numa embosca de quatro soldados do diabo contra eu e Steph.

Acontece que eu e Steph éramos os melhores daquele inferno, e isso enfurecia Devil, o General que comandava tudo por ali, porque ele nos queria como seus soldadinhos, no entanto, eu e Steph jamais nos submetíamos às suas sujeiras e por isso éramos considerados indisciplinados e constantemente castigados.

Quando conseguiam alguém a altura para nos impor castigo, claro.

Um exemplo disso eram os quatro que foram mandados para nos “buscar”, eram os relativamente mais fortes e que tinham ousadia para nos enfrentar. Eu já havia derrubado dois, Stephano um, e só restava o asqueroso do Travis, que estava escondido em algum lugar, quando percebeu que os “amiguinhos” estavam apanhando.

Covarde!

Estava lutando com Marcus, enquanto o apagava com um soco, Stephano cuidava de Sansão. Foi quando tudo aconteceu muito rápido, estava de costas, acertando o último soco no sádico do Marcus, quando ouvi o grito de Steph.

“SEBASTIAN, CUIDADO!”

Foi a última coisa que ouvi antes de me virar e ver uma flecha disparada em minha direção pela besta de Travis acertar o peito do meu amigo e ele cair no chão, cuspido sangue.

— Não, não, não, você não pode me deixar, cara! Reage, Steph ! Reage! — Caí no chão enquanto o segurava em meus braços.

Ele tossia e uma grande quantidade de sangue saía de sua boca, mesmo assim ele ainda arranjava forças para agarrar meu casaco e me puxar para que o olhasse nos olhos.

— Fuja! Fuja e faça o que combinamos.

— N-não posso! Não sem você, cara! — falo sentindo as primeiras lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

— Olha pra mim! — Ele agarrou minha cabeça e me fez olhar em seus olhos. — Você va-vai sair daqui com vida. Você é o justiceiro! Me prometa que vai impedir que ou-tros pa-passem po-porisso. — Ele respirava com dificuldade. — Me prometa que fará justiça. Me prometa, Seb-Sebastian. Prometa! — Àquela altura minha vista já estava embaçada e minhas lágrimas banhavam meu rosto e molhavam o seu.

— Eu-eu prometo, Steph, eu prometo, irmão! — Ele me sorriu débil e puxando o ar com força falou:

— Seja feliz, irmãozinho. — Seus olhos perdem a luz enquanto me encarava.

— NÃO, NÃO, NÃOOOOOOOOOO! STEPHHHH!

Chorei em seu peito desesperadamente, até que ouvi palmas.

— Ah, que ceninha mais patética! Como você quer que eu escreva na lápide dele? Deixa-me ver — Ele colocou a mão no queixo. — Já sei! Que tal: Aqui jaz meu querido irmão? Não, não, melhor, aqui jaz o Guerreiro Negro! — Ele suspirou dissimulado enquanto eu o encarei com ódio. — Ah, é verdade, lembrei! Ele vai parar em uma cova rasa, isso se eu não deixar aqui para os urubus terem um banquete.

Fechei minhas mãos em punhos.

— Mas não se preocupa, Di Maccio, seu amigo não vai só, VOCÊ VAI FAZER COMPANHIA A ELE! — Erguendo a besta ele disparou em minha direção, mas fui mais rápido e desviei, consegui me levantar e correr para trás de uma árvore, me desviando de outra flecha.

— Ora, justiceiro, vamos lá!? Você não quer vir aqui e brincar de

se vingar pela morte do seu amiguinho?

Mesmo com todo ódio que eu sentia por aquele ser, minha mente sempre consegue raciocinar em momentos de tensão de maneira rápida e precisa, e foi isso o que me manteve vivo naquele lugar.

Eu sei o que ele quer de mim, e eu vou dar. Ou pelo menos é o que ele irá pensar.

Sabendo a forma como ele atira, quantas flechas ele ainda tem, assim como a velocidade que a flecha corta o ar e quanto tempo eu levaria para me mover de uma árvore a outra, respirei fundo, esvaziei minha mente e fiz.

Comecei a correr de árvore em árvore, sentindo as flechas zunindo próximo a mim ou se chocando nas cascas delas. Quando finalmente o desgraçado ficou sem munição ele sacou minha estratégia.

— Ah, então o justiceiro acha mesmo que pode me enganar? Patético, moleque! Vamos, saia daí! — Ainda me encontrava escondido. — Eu vou te ensinar a nunca mais tentar enganar a Alcateia. Vou torcer seu pescoço e terei prazer em ver cada osso seu estalando.

— Isso é o que veremos. — Saí de trás da árvore que estava me servindo de refúgio e parti em direção ao meu oponente.

Travis tinha 22 anos e eu apenas 16, na época, mas aprendi da pior maneira possível que no campo de batalha não tem diferença de tamanho, peso ou idade, é matar ou morrer.

É ir além das suas forças. É acima de trabalhar com os músculos, trabalhar com a mente e, diga-se de passagem, a minha sempre foi brilhante, coisa que fez com que Travis me odiasse, pois, mesmo sendo braço direito de Devil, era a mim que o desgraçado queria. Ele era um prêmio de consolo, muita força bruta, mas nenhuma inteligência, ao contrário de mim que possuía os dois.

E foi o que fiz, permiti que Travis me atacasse, por ser maior e mais forte ele teve vantagem no início, isso mesmo, no início, pois enquanto ele achava que estava me fazendo “apanhar” eu o estava o cansando.

— Fracote! — Ele me acertou um soco no estômago e um tapa em meu rosto que me levou ao chão. — Não sei o que Devil viu em você, seu verme? Você não passa de um filhinho de papai fraco. — Ele chutou meu estômago e riu. — Vai chorar no colinho do papai a morte no amiguinho preto, vai? Cadê o justiceiro, hã? — Outro chute. — Não era você que defendia os garotinhos para não serem enrabados por mim?

Eu sabia que o desgraçado abusava de outros garotos, sempre o impedia de fazê-lo e muitas vezes retalhava seus abusos, mesmo que isso implicassem em castigos e torturas a mim, por isso me apelidaram de “Justiceiro”. Outro chute. Merda!

— Ah, você não sabe como me diverti com aquele negrinho. Uma pena eu nunca tê-lo comido. Se bem que nunca gostei de puta preta. — Meu nojo aumentava a cada segundo. — Mas foi prazeroso fazê-lo comer o próprio vômito. Ou quando o fiz ficar de joelhos por 24 horas sem se mover, naquelas pedras pontudas dos fundos do celeiro. — Meu sangue ferveu e procurei manter minha respiração enquanto fui atingido por outro chute. — Não é você, seu metido de bosta, que tentava evitar que os novatos fossem para o armário de pregos? Ué, onde está o valentão que me enfrentou para defender o rato de ser caçado? Onde está o único que nunca foi pego em uma caça? Ah é, hoje foi pego por mim. — Outro chute.

“Resistência!”

“Suporte a dor.”

“Negocie com sua mente.”

“Agente firme quando seu corpo implorar por socorro, sua mente sempre vai resistir!”

A voz de Stephano ressoava em minha mente. Suas lições giravam como um mantra na minha cabeça. Ele me ensinou, eu aprendi e aperfeiçoei seus ensinamentos.

Respirei enquanto me curvava e me ergui ficando de quatro, me apoiando com apenas um braço enquanto o outro segurava a minha costela esquerda que com certeza estava quebrada, o que dificultava pra caralho minha respiração.

Respire com calma, a dor está na sua mente.

“Você pode controlá-la.

’Respire e observe o inimigo.”

Olhei para o idiota do Travis que continuava a zombar da morte de Stephano, o chamando de diversos nomes pejorativos.

Observei seus movimentos mais lentos, sua respiração ofegante, o idiota finalmente estava cansado, foi quando percebi que chegou a minha vez de atacar, o que o assustou, pois eu apenas estava me defendendo “debilmente”.

— Eu vou te dizer o que o velho asqueroso do Devil viu em mim, Travis. — Fiquei de pé e isso o assustou.

Sentia o sangue escorrer pelo meu rosto, mas não me importei.

— Ora, seu verme metido, você vai aprender a não brincar comigo. — Ele veio em minha direção e em um movimento rápido desviei, agarrei seu braço torcendo e o encostando em uma árvore, fazendo seu rosto se chocar com a madeira áspera.

— Como não brincar se você não passa de uma piada, Travis?! — Dizendo isso eu o soltei. — O capacho do Devil, um mero lambedor de saco, a mulherzinha do chefe. — Fiz uma vozinha fina e ele veio em minha direção com ódio.

Dali foi uma sequência de ataques e contra-ataques, ele conseguiu me acertar mais duas vezes, mas nada que eu não revidei em dobro, trípulo, em quádruplo.

— Cansou de apanhar, Travis? — Estava ofegante e minha costela doía pra caralho, mas ainda assim, nenhuma careta de dor era expressada por mim.

Fui tirado dos meus pensamentos quando o desgraçado riu, ele simplesmente gargalhou, mesmo estando de joelhos e ofegante.

— Ai, ai, Di Maccio. Você é patético, sabe?! Você pode até fugir daqui, mas vai sozinho, porque seu amiguinho agora é um pedaço podre de carne. Um cadáver fétido que será comida pelos vermes semelhantes a ele. Aquele negrinho metido a guerreiro — bufa — morreu aqui e vai apodrecer nesse lugar. E você, hã? Acha mesmo que vai ter uma vida normal depois que sair desse lugar? Ah, meu caro, deixe-me informá-lo que você está podre por dentro. Esse lugar ano após ano matou um pouco de você como a cada um de nós. Você pode sair da base, mas a base jamais sairá de você! — Sem que eu perceba o desgraçado tira uma adaga da bota e atira em minha direção.

Por ter ótimos reflexos consegui me desviar o suficiente para que ela só acertasse de raspão meu braço, nessa pequena distração, Travis estava novamente em cima de mim, ele socou furiosamente minha costela ferida, enquanto tentava me defender.

— QUER ME MATAR, HÃ? — ele gargalhou — seu destino moleque, você vai ser a vala como aquele negro imundo! — A forma como se referiu a Steph com palavras ditas com tanto ódio e desprezo foi a gota d'água para mim.

Eu me esquivei de mais um soco e passou a ser eu a atacar.

Uma força de mil homens me invadiu e eu apenas o soquei na costela, rosto, abdômen, em uma sequência frenética, por último em um momento de distração seu, agarrei seu pescoço e o lancei no chão, o problema era que não vi onde iria jogá-lo, e quando o fiz, foi sobre um tronco de árvore que tinha um galho pontiagudo erguido, que com o impacto pude ouvir o exato momento que sua coluna partiu e ele urrou de dor ao ser atravessado pelo galho.

Não, o desgraçado não morreu de imediato, mas ficou imóvel, me encarando com os olhos arregalados enquanto começava a sangrar como um porco.

Vi o pânico em seu olhar ao perceber o que estava acontecendo e por um momento fiquei assustado. Então olhei mais adiante e vi o cadáver de Steph com a flecha cravada em seu peito e seu olhar sem vida. Lembrei de cada garoto que ele abusou, de cada menino que ele torturou, e fui incapaz de sentir remorso pelo que tinha acabado de fazer.

Sentindo um frio invadir minha alma, apenas me abaixei olhando em seus olhos e ele sussurrou:

— Ma-mate-me de uma vez! — Ele segurou minha jaqueta debilmente.

— Acho que poderia torcer seu pescoço e acabar com essa tortura, não é? — Estalei a língua e ri sombriamente. — Não será dessa vez, verme maldito, você vai agonizar até a morte e enquanto isso quero que lembre de cada criança que você abusou. De todas as surras e torturas executadas, de todas as caçadas e de ter matado, Steph.! — Ergo-me e antes de dar um passo, olho-o de cima e falo: — Ah, só mais uma coisa, irei enterrar Steph e um dia voltarei para buscá-lo, mas você será comido pelos urubus e animais dessa floresta. Afogue-se em agonia, maldito!

Não demonstrei fraqueza e segui para preparar a cova do meu irmão de alma.

(...)

Ao longe, como se afastando toda a escuridão daquela lembrança a voz de um anjo parece me chamar, um anjo que parece suplicar por algo, que não consigo entender.

Pisco e me dou conta que ainda tenho o pescoço de Lucian em minha mão.

— SEBASTIAN! — Ouço a voz de Aurora, mas não posso desviar minha atenção porque estou focado em fazer esse verme desaparecer. — PARA, SEBASTIAN! VOCÊ VAI MATÁ-LO!

— Essa é a intenção — falo entre dentes sem desviar meus olhos do verme que já está com os olhos vermelhos saltando de órbita.

— PARA, SEBASTIAN! ELE NÃO VALE A PENA, AMOR! POR FAVOR, PARA! — Tocando meu rosto ela me faz olhá-la e um conflito surge dentro de mim.

A fera que estava enfurecida de ódio se encanta pelo olhar doce do anjo, que mesmo assustada, lhe encara com amor.

— Por favor, meu amor, por mim. Não faz isso! — Olho para o desgraçado que está quase perdendo a consciência, fecho meus olhos e quando os abro largo-o como se estivesse pegando em algo imundo.

O desgraçado rasteja no chão tossindo em busca de ar.

Aurora suspira e para meu espanto, me abraça pela cintura. Fico algum tempo sem reação até que sem pensar duas vezes a agarro de volta e beijo o topo da sua cabeça.

— Me-meu anjo. — Minha voz sai rouca e entrecortada.

Beijo e inalo o cheiro dos seus cabelos e seu perfume parece arrastar para longe de mim toda a escuridão que ainda me cerca.

Ela ergue a cabeça e toca meu rosto.

— Está tudo bem agora, amor! Está tudo bem. Acabou! Vamos pra casa! — Ela pega minha mão e me puxa, mas antes de ir eu me viro e falo olhando para aquele verme:

— Da próxima vez que entrar no meu caminho nada irá me impedir de terminar o que comecei aqui. — Ele me olha assustado, mas posso ver seu ódio ali também. —Manfred, limpe essa bagunça.

Sem pensar duas vezes passo pelos meus seguranças, que irão se encarregar de se livrar e deixar os idiotas avisados de que mais um vacilo e eu não perdorei.

Respiro fundo.

Deus, mais um pouco e eu teria acabado com aquele maldito.

Olho para Aurora que segura minha mão de maneira firme, como se eu pudesse fugir a qualquer momento e agradeço a Deus por tê-la ao meu lado.

Aurora é meu equilíbrio.

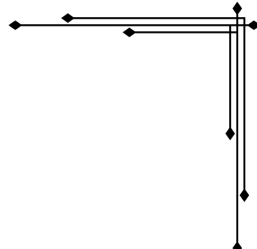
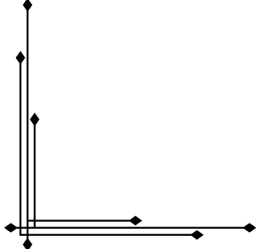
Minha paz.

A calmaria no meio da tempestade.

É meu porto seguro.

Não sei se conseguirei viver sem ela um dia, pois a amo mais que minha própria vida.

Continua...



Agradecimentos

AGRADECIMENTOS

A Deus pela inspiração preciosa. A minha BFF Leidiane, por sempre embarcar nas minhas loucuras e acreditar na minha escrita. E as minhas leitoras que me fazem pirar, surtam comigo e me instigam a continuar com todo seu carinho.

SEGUIE A AUTORA NO GRUPO: [WHATSAPP](#)

^[1] Time de basquete da NBA.